

**LEANDRO ZANETTI LARA**

**UM ESTUDO ACERCA DA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-  
LEXICAL NO MODELO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-  
FUNCIONAL**

**PORTO ALEGRE  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO**

**UM ESTUDO ACERCA DA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-  
LEXICAL NO MODELO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-  
FUNCIONAL**

**LEANDRO ZANETTI LARA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> SABRINA PEREIRA DE ABREU**

Tese de Doutorado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**UM ESTUDO ACERCA DA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-  
LEXICAL NO MODELO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-  
FUNCIONAL**

**LEANDRO ZANETTI LARA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> SABRINA PEREIRA DE ABREU**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Valdir do Nascimento Flores  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Prof. Jorge Campos da Costa  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

**Prof. Daniel Ángel García Velasco  
Universidad de Oviedo – Espanha**

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

**à Professora Sabrina Pereira de Abreu,**

pelo apoio, dedicação, por me ensinar Linguística, mas também por me ensinar Humanidade, Ética e Amor à Ciência, à Pesquisa, ao Ensino e às Pessoas; por me ensinar a ser Pesquisador, Professor, Profissional. Dizer que a Professora Sabrina é a professora mais importante na minha carreira é verdade, mas é pouco, é a Pessoa mais influente na minha trajetória e no que é mais importante na minha vida. É por isso, e por mais do que eu possa expressar, que é à Prof<sup>a</sup> Sabrina, a quem tanto admiro, que dedico esta Tese de Doutorado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Paulino Rodrigues de Lara e Maria Clarita Zanetti Lara, pelo amor, carinho, respeito, cuidado e esmero que sempre tiveram e têm para comigo.

Agradeço ao Professor Daniel Ángel García Velasco, pela inestimável contribuição à minha formação em Linguística em geral e em Gramática Discursivo-Funcional em especial, pelas aulas brilhantíssimas, pela atenção e interesse para comigo.

Agradeço às Professoras Marize Mattos Dall'Áglio Hattner e Sandra Denise Gasparini Bastos e ao Professor Roberto Camacho, que me acolheram com tanto carinho na UNESP, em São José do Rio Preto, e com quem aprendi muito sobre a pesquisa em Gramática Discursivo-Funcional.

Agradeço à Professoras Hella Olbertz, pesquisadora associada da Universidade de Amsterdã, e Elena Martínez Caro, da Universidade Complutense de Madrid, pela atenção, carinho e interesse e pelo exemplo de dedicação à pesquisa em Gramática Discursivo-Funcional.

Agradeço ao Professor Marcos Goldnadel pelas aulas e pelo carinho e atenção que demonstrou para comigo ao longo do Curso de Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradeço às minhas queridas alunas e amigas o incentivo e o carinho. Muito obrigado, Anelena Belzer Paz, Edileni Pereira, Elizete Maria Baldo, Ivani Muller Reichert, Jerusa Cuty, Jessica Colvara Chacon, Patrícia Albertina Lopes e Vera Pivetta.

Agradeço às minhas colegas do Curso de Gramática Discursivo-Funcional e grandes amigas Joyce Brunetti Scarduelli e Katia Rodrigues Mello.

Agradeço à minha mais importante amiga, Melissa Moura Mello.

Agradeço aos meus amigos pelo incentivo, amor e dedicação. Muito obrigado, Alexandre Marques Velho, Elaine Juliana Souza, Jaques Beck, Leandro Oliveira dos Santos, Lessara Aguiar, Liane Maria de Oliveira, Lourival Souza, Luiz Carlos de Quadros, Luís Francisco Wasilewski, Marcelo Verzoni, Rogério Ienczak Gomes, Rosângela Medeiros Fachel, Rozane Terezinha Costa da Silva e Samir Rogério Cardoso Rahman.

*What's in a name?*  
William Shakespeare.

## RESUMO

Esta tese objetiva apresentar um estudo acerca da representação lexical, de uma forma geral, e do tratamento da semântica lexical, em específico, no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD, 2000, 2004a, 2006; HENGEVELD e MACKENZIE, 2006; 2008), tomando como crivo para este estudo os dados em português brasileiro, sobretudo no que tange ao comportamento sintático dos adjetivos com respeito a seu conteúdo semântico. Uma vez que a Gramática Discursivo-Funcional foi erigida sob a égide da adequação pragmática, perseguida desde os tempos da GF de Dik (1978, 1997), que estipula que a configuração morfossintática e fonológica, ou seja, a codificação estrutural é uma decorrência das representações pragmático-semânticas, nossa indagação girou em torno do papel que a semântica dos itens lexicais apresenta neste modelo. Tal se deve ao fato de identificarmos fenômenos linguísticos de codificação sintática, por exemplo, que estão mais ligados ao conteúdo dos itens do léxico do que a uma semântica frasal ou textual, enfim, composicional. Nosso ponto de apoio para a análise foi o comportamento sintático dos adjetivos do português brasileiro, que se mostra intimamente atrelado ao sentido por eles vinculado. Recolhemos um *corpus* textual de crítica de arte em português brasileiro, para analisar que subclasses semânticas estavam atuando nos exemplos e como eram expressas sintaticamente. Os dados apontam que a representação do léxico na Gramática Discursivo-Funcional ganharia em poder explanatório se evidenciasse a organização interna do léxico, que parece apresentar regras de formação lexical, bem como uma definição semântica que motiva diretamente o comportamento morfossintático de seus itens.

## ABSTRACT

This dissertation aims to present a study on lexical representation, in general, and on the treatment of lexical semantics, in particular, within the framework of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD, 2000, 2004a, 2006; HENGEVELD; MACKENZIE, 2006, 2008) using data of Brazilian Portuguese, especially in relation to the syntactic behavior of adjectives regarding their semantic content. Since Functional Discourse Grammar is based on pragmatic adequacy, pursued since the FG by Dik (1978, 1997), which stipulates that the phonological and morphosyntactic configuration, that is, the structural encoding, is a result of pragmatic-semantic representations, our inquiry discussed the role performed by the semantic of lexical items in this model. The reason for this choice is the identification of linguistic phenomena of syntactic encoding, for instance, which are more linked to the semantic content of the lexical items instead of to phrasal or text semantics, that is, compositional semantics. Our point of support for the analysis was the syntactic behavior of Brazilian Portuguese adjectives which is closely related to the sense they present. We collected a corpus of art criticism in Brazilian Portuguese in order to analyze adjectival semantic subclasses that were acting in the examples and the way they were expressed syntactically. The data indicate that the lexical representation in Functional Discourse Grammar would be more precise in terms of explanatory power if it showed the internal organization of the lexicon, which seems to present rules of lexical formation as well as meaning definitions that directly motivate the syntactic behavior of the adjectival lexical items.

## RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo presentar un estudio sobre la representación léxica, en general, y el tratamiento de la semántica léxica, en particular, en la Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD, 2000, 2004a, 2006; HENGEVELD; MACKENZIE, 2006, 2008), tomando como base para este estudio datos del portugués de Brasil, especialmente en relación con el comportamiento morfosintáctico de los adjetivos con respecto a su contenido semántico. Una vez que la Gramática Discursivo-Funcional fue construida bajo los auspicios de la adecuación pragmática, perseguida desde los días de la GF de Dik (1978, 1997), que estipula que la configuración fonológica y morfosintáctica, es decir, la estructura de codificación es el resultado de las representaciones pragmático-semánticas, nuestra investigación ha girado en torno al papel que la semántica de las unidades léxicas presentan en este modelo. Esto se debe al hecho de que identificamos fenómenos lingüísticos de codificación sintáctica, por ejemplo, que están vinculados directamente al contenido de la semántica léxica, y no solo de la semántica composicional. Nuestro punto de apoyo para el análisis fue el comportamiento sintáctico de los adjetivos del portugués de Brasil, que está estrechamente ligada al influjo del contenido léxico. Hemos recogido un *corpus* de crítica de arte en portugués de Brasil, para analizar las subclases semánticas presentes en los ejemplos y la forma en que se expresan sintácticamente. Los datos indican que la representación léxica de la Gramática Discursivo-Funcional ganaría en poder explicativo si tuviera también una representación de la organización interna del léxico, que parece contener reglas léxicas de formación, así como definiciones semánticas que motivan el comportamiento sintáctico de los elementos léxicos adjetivales.

## LISTA DOS QUADROS

QUADRO 1: Organização <i>Top-Down</i> , a partir de Hengeveld e Mackenzie (2008) .....	24
QUADRO 2: Níveis de Representação e Componentes Comunicativo e Cognitivo, a partir de Hengeveld e Mackenzie (2008) .....	24
QUADRO 4: Configuração <i>Top-Down</i> da GDF, adaptado de Modesto (2006, p. 7) .....	33
QUADRO 5: Níveis do Modelo Sentido-Texto. Fonte: Barque (2003, p. 11).....	34
QUADRO 6: Informação Pragmática, adaptado de Souza (2009, p. 16).....	37
QUADRO 7: Modelo da GDF, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13) .....	39
QUADRO 8: Estrutura Hierárquica do Nível Interpessoal, adaptado de García Velasco (2011a).....	43
QUADRO 9: Atos Discursivos. Fonte: García Velasco (2011a) .....	48
QUADRO 10: Tipos de Ilocução. Fonte: García Velasco (2011a) .....	50
QUADRO 11: Categorias Semânticas. Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 131) .....	55
QUADRO 12: Estrutura Hierárquica do Nível Representacional, adaptado de García Velasco (2011a).....	56
QUADRO 15: Traços de Controle e Dinamismo do Estado-de-Coisas. Fonte: Mackenzie e García Velasco (2005, p. 9) .....	72
QUADRO 16: Organização da G(D)F. Elaboração: Lara (2012), na presente tese.....	81
QUADRO 18: Codificação do <i>Corpus</i> .....	113
QUADRO 19: Excerto do <i>Corpus</i> e da Base do <i>Corpus</i> .....	114
QUADRO 20: Etiquetagem com PoSTree-Tagger .....	115
QUADRO 22: Excerto dos Resultados do PoSTree-Tagger .....	116
QUADRO 20: <i>Output</i> da ferramenta Word Frequency Counter .....	117
QUADRO 21: <i>Output</i> da ferramenta Word Counter .....	121
QUADRO 22: <i>Output</i> da ferramenta Mechanic Words .....	138
QUADRO 23: Comparação dos <i>Outputs</i> das três ferramentas .....	138
QUADRO 24: Ordenamentos não Coincidentes .....	139
QUADRO 25: Exemplos Comuns aos <i>Outputs</i> .....	139
QUADRO 26: Resultados Reordenados em função das Flexões .....	140
QUADRO 27: Quadro dos Adjetivos mais Frequentes.....	140
QUADRO 28: Quadro dos Adjetivos mais Frequentes.....	143
QUADRO 30: Distribuição Sintática dos Adjetivos .....	163
QUADRO 29: Fatores Semânticos Motivadores das Restrições Sintáticas dos Adjetivos Portugueses .....	166

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1. A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL .....	28
1.1. ORIGENS DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL.....	29
1.2. GDF: DEFINIÇÃO E APROXIMAÇÕES COM OUTROS MODELOS .....	32
1.3. GDF: A ARQUITETURA DO MODELO.....	35
1.4. OS NÍVEIS DO MODELO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL .....	40
1.4.1. O NÍVEL INTERPESSOAL .....	43
1.4.2. O NÍVEL REPRESENTACIONAL .....	52
1.4.3. OS NÍVEIS MORFOSSINTÁTICO E FONOLÓGICO .....	60
1.5. SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	65
2. A REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NA GDF .....	67
2.1. A REPRESENTAÇÃO LEXICAL NO ÂMBITO DA GF .....	69
2.1.1. CRÍTICAS À REPRESENTAÇÃO LEXICAL NA GF .....	74
2.2. A REPRESENTAÇÃO LEXICAL NA GDF.....	79
2.2.1. UMA CRÍTICA À REPRESENTAÇÃO LEXICAL NA GDF .....	83
2.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	91
3. CARACTERIZAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS DO PB .....	93
3.1. SINTAXE ADJETIVAL .....	95
3.1.1. ADJETIVOS CENTRAIS .....	101
3.1.2. ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE PREDICATIVOS .....	103
3.1.3. ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE ATRIBUTIVOS.....	103
3.2. SEMÂNTICA ADJETIVAL.....	105
3.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	110
4. DADOS DA PESQUISA.....	111
4.1. SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	141
5. ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA.....	142

5.1.	ADJETIVOS CENTRAIS .....	144
5.2.	ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE PREDICATIVOS .....	147
5.3.	ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE ATRIBUTIVOS .....	156
5.4.	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	163
6.	DISCUSSÃO DA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NA GDF .....	167
6.1.	NÍVEL REPRESENTACIONAL E NÍVEL MORFOSSINTÁTICO EM INTER-RELAÇÃO... ..	167
6.2.	DUAS CONCEPÇÕES DE LÉXICO .....	174
6.3.	POR UMA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL .....	180
6.4.	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	187
	CONCLUSÃO .....	189
	REFERÊNCIAS .....	192

## INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se nos estudos de semântica lexical, no sentido de que visa a investigar a representação semântico-lexical no âmbito da teoria da Gramática Discursivo-Funcional<sup>1</sup> (HENGEVELD, 2000, 2004a, 2006; HENGEVELD; MACKENZIE, 2006; 2008), tomando como crivo para este estudo dados do português brasileiro (doravante, também abreviado como PB), sobretudo no que tange à relação conteúdo semântico / comportamento sintático dos adjetivos. O modelo teórico objeto da presente investigação foi idealizado numa perspectiva em que se dá primazia, na sua descrição gramatical, ao nível pragmático e ao semântico, relegando a morfossintaxe e a fonologia a uma posição de dependência em relação à pragmática e à semântica. A representação linguística proposta pela Gramática Discursivo-Funcional concebe a estruturação gramatical a partir do uso discursivo e da semântica composicional da sentença (que não corresponde aqui, necessariamente à oração (verbal) clássica, podendo, antes, ir desde uma minissentença até um período composto) ou de um conjunto de sentenças, equivalendo aproximadamente ao turno de conversação. Assim, trata-se de um modelo teórico que põe em primeiro plano uma pragmática e uma semântica de elementos mais próximos ao frasal e ao textual do que ao lexical propriamente dito, donde nosso interesse em observar de que forma se dá a contribuição da semântica dos itens lexicais para a descrição gramatical na Gramática Discursivo-Funcional.

O argumento subjacente à escolha deste formato de modelo radica no fato de que as configurações morfossintáticas e fonológicas são uma consequência da intenção (pragmática) e do sentido (semântica) – ponto de vista perseguido pelo Funcionalismo e expresso na *adequação pragmática* proposta por Dik (1977a, b) e que remonta às concepções

---

<sup>1</sup> Adota-se esta designação, em vez de Gramática Funcional do Discurso, seguindo o argumento de Souza (2008): “Em Gasparini-Bastos (2004), Penhavel (2005) e Souza (2007), a tradução de *Functional Discourse Grammar* adotada inicialmente para o português foi “Gramática Funcional do Discurso”, no entanto, em razão de algumas discussões dos próprios mentores da teoria em congressos dentro e fora do Brasil, chegou-se à conclusão de que a melhor tradução, até mesmo por conta da natureza das proposições do modelo teórico, seria “Gramática Discursivo-Funcional”, uma vez que o que se analisa de fato é a gramática da língua que sofre influência do discurso, e não o discurso como um todo.”

originais do funcionalismo, a ser encontradas na noção última de função (uso) dos estudos do Círculo Linguístico de Praga e nas funções Bühlerianas. Neste sentido, devemos observar que há, também, muitos fenômenos, citados na literatura em semântica lexical, que redundam na afetação do nível morfossintático e que partem não das semânticas frasal ou textual, mas do conteúdo semântico dos próprios itens lexicais. Assim sendo, buscaremos aqui demonstrar a tese de que a contribuição do léxico e de sua semântica para a representação gramatical como um todo não foi inteiramente contemplada na Gramática Discursivo-Funcional, mas que, no entanto, é importante para um modelo que se pauta por um critério que estipula que somente aqueles fenômenos semântico-pragmáticos que, de alguma forma, influenciam o nível gramatical devem ser incorporados à sua descrição linguística.

Holmes (2005, p. 11) cita que a posição lexicalista – de que as propriedades combinatórias (no sentido de sintáticas) das palavras são determinadas pelas suas representações lexicais – não é incontroversa, mas que muitos teóricos aderem àquela, como Chomsky (1981, p. 29), para quem “em cada nível sintático (LF e Estruturas-D e –S), as representações são projetadas do léxico, a fim de que sejam observadas as propriedades de subcategorização dos itens lexicais”<sup>2</sup>. O autor acrescenta uma lista considerável de estudos que tomam como base a posição lexicalista, entre estes: Croft (1998, 2001), Cruse (1986), Faber e Mairal Usón (1999), Fillmore (1982), Geeraerts, Grondelaers e Bakema (1994), Goldberg (1995, 1998, 2003), Jackendoff (1987, 1990), Lakoff (1987), Langacker (1987), Lemmens (1998), Levin (1993), Perlmutter (1978), Pustejovsky (1991), Rappaport e Levin (1988), Wierzbicka (1972, 1998). Poderíamos acrescentar ainda os trabalhos de Döllig e Heyde-Zybatow (2007), Bierwisch e Schreuder (1992), Blutner (2002), Goy (2000), entre outros que serão citados nesta tese. Ainda, cabe mencionarmos a extensa produção sobre a relação semântica lexical / sintaxe no português brasileiro levada a efeito pelo Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical, liderado por Márcia Cançado (ver, entre outros, Cançado (1995)).

Como indicamos, tomaremos como ponto de análise a semântica lexical dos adjetivos do português brasileiro, a fim de verificar se as diferentes questões envolvidas na descrição da semântica dessa classe lexical encontra na Gramática Discursivo-Funcional uma representação teórica eficaz. A opção pelos adjetivos é devida ao fato de que devíamos selecionar um tema de análise dentre as diversas classes lexicais, ressaltando-se a relevância, para a GDF, dos estudos semântico-lexicais dos nomes, verbos e outras classes que sejam de interesse do ponto de vista lexical. Citemos um importante trabalho acerca da semântica das preposições (ou adposições, na terminologia da GDF) do inglês levado a efeito por Keizer (2008). Assim, estaremos visando, nesta tese, ao seguinte objetivo: contribuir, tomando como base a análise dos dados (dos adjetivos) do português brasileiro, com subsídios para a validação (ou aperfeiçoamento, se os dados assim indicarem) da modelização da representação semântico-lexical na teoria da Gramática Discursivo-Funcional.

Para a consecução da análise que nos propomos, devemos recorrer a uma revisão da literatura linguística centrada em dois pontos: de um lado, numa visão geral do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, que compreenderá um aprofundamento específico no que tange ao papel da representação semântico-lexical nesta teoria; e, de outro, no estudo dos adjetivos do português brasileiro, sobretudo no que diga respeito a aspectos relevantes para uma representação semântica desta classe lexical.

Para efetuarmos a análise pretendida, deveremos observar estes pressupostos teóricos à luz dos dados, que, no nosso caso, consistem em uma seleção de exemplos de grupos nominais com modificadores adjetivais e de predicções adjetivais extraída de um *corpus* textual de críticas de teatro e cinema, composto por 216.680 palavras, automaticamente etiquetadas, distribuídas em 9.311 sentenças e com 15.304 ocorrências de adjetivos.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa do original inglês: “Representations at each syntactic level (LF, and D- and S-structure) are

Os dois conjuntos de pressupostos teóricos (GDF e adjetivos), a descrição do *corpus* (dados da pesquisa), bem como o objetivo, determinam a organização geral da tese, que está assim estruturada: o Capítulo 1 será dedicado ao modelo da Gramática Discursivo-Funcional; o Capítulo 2, ao papel do Léxico na Gramática Discursivo-Funcional; o Capítulo 3, à semântica lexical dos adjetivos do português brasileiro; o Capítulo 4, à descrição da metodologia e do *corpus* da pesquisa; o Capítulo 5, à análise dos dados; e o Capítulo 6, à discussão dos resultados.

O problema de pesquisa da presente tese originou-se da discussão da análise dos dados da nossa Dissertação de Mestrado (LARA, 2005<sup>3</sup>), que, ao tratar a descrição semântico-lexicográfica dos adjetivos do Dicionário Explicativo-Combinatório do Francês Contemporâneo (Teoria Lexicológica Explicativo-Combinatória<sup>4</sup> de Mel'čuk e outros), encaminhou-se no sentido de que tanto nas obras lexicográficas de língua portuguesa quanto no Dicionário Explicativo-Combinatório (doravante DEC), os autores/pesquisadores esquivavam-se de adentrar a questão da semântica adjetival de uma forma mais rigorosa. Os dicionários gerais do português brasileiro (e gerais de outras línguas também) valem-se muitas vezes de círculos viciosos, definindo, por exemplo, *belo* como *bonito* e *bonito* como *belo*. Já os criadores do DEC se propõem desviar deste tipo de fazer lexicográfico, buscando tratar o léxico de uma forma científica, seguindo regras estritas para a elaboração das definições, entre outros. Exemplo são as regras de standardização<sup>5</sup>:

---

projected from the lexicon, in that they observe the subcategorisation properties of lexical items.”

<sup>3</sup> LARA, Leandro Zanetti. *Da descrição lexicográfica: o caso dos adjetivos estéticos no português brasileiro*. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. 311 pp. Dissertação (Mestrado em Letras).

<sup>4</sup> A Teoria Lexicológica Explicativo-Combinatória constitui desenvolvimento de um projeto formulado por Mel'čuk e Zholkovsky em 1965 (MEL'ČUK, ZHOLKOVSKY, 1965). Trata-se do *Dicionário Explicativo e Combinatório do Russo Contemporâneo*, objeto de estudos por dez anos de vinte pesquisadores em Moscou (1966-1976). Tais estudos foram utilizados nas descrições lexicográficas dos lexemas do francês. Afora o russo, surgiram trabalhos na mesma perspectiva para outras línguas, tais como o polonês (JANUS, 1971), o francês (ŽOLKOVSKIJ-RAZLOGOVA, 1971,1974), o inglês (ŽOLKOVSKIJ; MEL'ČUK; ŠALJAPINA, 1971), o somáli (ŽOLKOVSKIJ, 1970) e o alemão (REUTHER, 1978).

<sup>5</sup> Tradução nossa do original francês:

#### Regra de Estandarização

Devido à natureza formal e ao rigor lógico do DEC, segue-se que a definição das lexias principais deve ser feita com uma metalinguagem uniforme, que siga restrições explícitas, aplicáveis de maneira homogênea ao conjunto do léxico [...] expresso pela seguinte regra que compreende duas restrições:

A definição deve ser feita de forma que se evite, no definiendo, a) termos ambíguos e b) termos sinônimos. (MEL'ČUK et al., 1995, p. 86)

Assim, a elaboração de verbetes deveria evitar ambiguidades e o recurso à mera sinonímia, apresentando, além da zona semântica, uma zona sintática e uma zona combinatória. Quanto à zona semântica, as acepções são cunhadas utilizando-se, para uma dada lexia, lexias mais simples / mais abstratas. De regra, tais lexias citadas nas definições deverão também ter suas próprias definições no DEC, até chegar-se, supostamente, aos primitivos semânticos. Tal proceder assemelha-se em larga escala à *stepwise lexical decomposition* das definições dikianas (DIK, 1978) (da Gramática Funcional), na medida em que visa a obedecer à regra de decomposição semântica seguinte<sup>6</sup>:

#### Regra de Decomposição

A definição da lexia principal L deve ser feita mediante as lexias  $L_1, L_2, \dots, L_n$  (neste sentido,  $L' = L'_1 + L'_2 + \dots + L'_n$ ), que são, cada uma, SEMANTICAMENTE MAIS SIMPLES do que L. (MEL'ČUK et al., 1995, pp. 79-80)

---

#### “Règle de Standardisation

Étant donné la nature formelle et la logique rigoureuse du DEC, il va de soi que la définition des lexies vedettes doit être faite dans un métalangage uniformisé, soumis à des contraintes explicites, applicables de façon homogène à l'ensemble du lexique. [...] exprimé par la règle suivante comprenant deux contraintes:

La définition doit être faite de façon à éviter, dans le définissant, a) les termes AMBIGUS et b) les termes SYNONYMES. (MEL'ČUK et al., 1995, p. 86)”

<sup>6</sup> Tradução nossa do original francês:

#### “Règle de Décomposition

La définition de la lexie vedette L doit être faite par des lexies  $L_1, L_2, \dots, L_n$  (en ce sens que  $L' = L'_1 + L'_2 + \dots + L'_n$ ) qui sont chacune SÉMANTIQUEMENT PLUS SIMPLE que L.” (MEL'ČUK et al., 1995, pp. 79-80)

Ressalve-se que, entretanto, no caso do DEC, não se chega a precisar, nem a enumerar, nem a descrever quais sejam tais primitivos. Caso de destaque são justamente os adjetivos no DEC, tema da dissertação acima referida: apenas constam adjetivos derivados (em geral deverbais), cuja definição da zona semântica remete diretamente ao verbo de que advêm. Assim, adjetivos simples ou não derivados, ou ainda primitivos, nos termos de Dixon (2004), não são tratados no DEC e não encontram em geral uma descrição que vá além de uma suposta sinonímia nas obras lexicográficas gerais, constituindo, talvez, primitivos linguístico-semânticos não passíveis de definição. Adjetivos não derivados, cuja semântica aponta para propriedades, são citados em García Velasco (2007, p. 172) (referindo-se aos estudos de Laurence e Margolis (1999) e Rey (1999)) como exemplos de conceitos difíceis de definir. Neste ponto, pôs-se a seguinte indagação: a semântica dos adjetivos não derivados é indecomponível (donde o furtar-se a analisá-los), constituindo tais itens lexicais já primitivos semânticos em si?

No que tange à polissemia, além do fato de que o conteúdo semântico destas formas resista a ser apreendido ou delimitado, este muitas vezes mostra-se cambiante de acordo com a posição em relação ao núcleo nominal e variável conforme o conteúdo semântico do mesmo núcleo nominal. Este tipo de polissemia foi tratado com profundidade nos estudos de Pustejovsky (1995), sendo tais câmbios de sentido denominados, algumas vezes, como no caso de Döllig e Heyde-Zybatow (2007), de *variações não sistemáticas*, do tipo *bela herança / belo sanduíche / belo filme*, em que *belo* tem seu sentido modificado conforme o nome a que se aplica (exemplos de Lara (2005)). Dados referentes à polissemia destes adjetivos (a que retornaremos em detalhe no Capítulo 3) e à sua distribuição sintática (que parece ser semanticamente motivada) apontam, entretanto, que se deve considerar que tenham um conteúdo não simplista – ou estruturado, como diriam os lexicalistas de viés pustejovskiano.

Em suma, partimos da dificuldade de definição dos adjetivos não derivados, que nos conduziu em direção à análise do conteúdo semântico dos adjetivos em si. Deparamo-nos

com uma vasta gama de fenômenos motivados ou vinculados à semântica adjetival. Ou seja, uma preocupação lexicográfica/metalexicográfica levou-nos a observar o fundamento das definições lexicográficas, ou seja, a própria semântica lexical. A definição semântica, nos termos de Dik, ou seja, a representação do sentido (*meaning*) talvez seja a mais difícil dos temas em semântica linguística, sendo também objeto de estudo da filosofia da linguagem. Muitas são as alternativas para esta questão de árduo tratamento, porém podemos resumi-las em duas linhas básicas: a) a primeira é aquela cujas teorias pressupõem a existência de alguma espécie de postulado de sentido (*meaning postulate*) e que tendem a conceber o sentido lexical como uma entidade estruturada e passível de decomposição em unidades primárias (muitas vezes, estabelecendo-se para tal um conjunto de primitivos semânticos, indefiníveis e constitutivos da metalinguagem da definição) e que, portanto, assumem alguma espécie de distinção analítico/sintético, que corresponde, em termos de semântica linguística, à distinção lingüística/enciclopédica; b) a segunda é aquela que segue de forma mais estrita a negação (assentada na filosofia a partir de Quine (1953 *apud* LAURENCE; MARGOLIS, 1999)) da distinção analítica/sintética, optando por entender os itens lexicais como entidades atomísticas e, portanto, não decomponíveis, que participam de inferências, mas que não trazem em seu bojo características (ou feixe de características) pré-determinadas e definitórias, sendo um exemplo de concepção atomística do léxico a proposta de Fodor (1975) e Fodor *et al.*(1980). A posição das teorias do primeiro grupo muitas vezes está ligada à noção de holismo e, por vezes, à de molecularismo, enquanto as teorias do segundo grupo são ditas atomísticas, como citamos mais acima. Haveria ainda um terceiro grupo, ou seja, uma terceira alternativa, que seria a de desconsiderar a distinção lingüística/enciclopédica a partir de outro ponto de vista, o que implicaria que não há limites definidos entre o semântico e o enciclopédico, havendo um contínuo, uma gradação, entre ambas as categorias, que não apresentam entre si uma divisão estanque. Este é o entendimento das teorias de base cognitivista, porém não investigaremos esta possibilidade, na medida em que estaremos seguindo a Gramática Discursivo-Funcional, que concebe o componente conceitual disjuncto do componente gramatical, ou seja, não há uma interface explícita entre os lexemas, de um lado, e a informação não lingüística, ou não gramatical, enfim, conceitual, enciclopédica, de

outro. Retornaremos a estas noções e aos diferentes posicionamentos dos teóricos frente à semântica lexical no Capítulo 2, quando investigaremos em mais detalhe qual a tendência teórica a que se filia a Gramática Discursivo-Funcional.

Em princípio uma teoria funcionalista buscaria observar as funções a que os itens lexicais se prestam, se estabelecermos um paralelo com os estudos funcionalistas que investigam as funções da sentença (como Dik (1997a, b)) ou as funções da linguagem como um todo, que não deixam de ser funções textual-discursivas, como as célebres análises de Bühler ou de Jakobson. Podemos antecipar aqui que o léxico, na Gramática Discursivo-Funcional, foi pensado neste sentido, ou seja, no sentido de seus possíveis usos, como em García Velasco (2007), que toma a definição dos itens lexicais como irrelevante para a representação linguística (bem à maneira atomística), na medida em que os usos referencial e inferencial, nos termos de Marconi (1997) respondem pela maioria dos fenômenos linguísticos vinculados ao léxico (à semântica lexical), tais como alternância de sentido. Não desconsiderando a interface léxico/pragmática, tencionamos nesta tese ressaltar a interface léxico/gramática, ou representação semântico-lexical / sintaxe, que, parece-nos, é fundamental para a descrição proposta pela Gramática Discursivo-Funcional e que, ao contrário da concepção atomística do uso lexical, aponta para uma concepção não atomística das entradas lexicais.

Em suma, este é o problema que definimos a partir das questões suscitadas em Lara (2005): da análise das definições em um modelo funcional (Teoria Sentido-Texto / Dicionário Explicativo-Combinatório de Mel'čuk e seus colaboradores) de itens lexicais não derivados (adjetivais), voltamos nosso olhar para outro modelo funcionalista (Gramática Discursivo-Funcional), buscando mais uma vez investigar que tipo de representação semântico-lexical é pressuposto para um modelo teórico que se pauta por conferir primazia à pragmática e à semântica, da qual se alega decorrer a codificação gramatical (morfofossintática). Neste sentido, tomada esta delimitação de problema, e se conseguirmos lograr o que nos propomos nesta tese, estaremos buscando contribuir para uma discussão mais

ampla, qual seja, o tratamento teórico do léxico nas teorias funcionalistas em geral, que pode ser resumida na seguinte questão: dadas as premissas da abordagem funcionalista, que focaliza a comunicação – e portanto, a pragmática de um modo geral – como ponto de partida e crivo último para o desenvolvimento da linguagem humana, qual modelização da semântica lexical seria mais adequada para bem representar os fenômenos a esta vinculados seguindo-se tais premissas?

Uma vez delimitado o problema da tese, vejamos uma breve menção às linhas gerais desta teoria à guisa de uma introdução ao pensamento da Escola de Amsterdã de viés discursivo-funcionalista, que será, conforme já anunciado, visto em detalhe no capítulo inicial da tese.

O referencial teórico que embasará a investigação desta tese será a abordagem funcionalista denominada Gramática Discursivo-Funcional (doravante também abreviada como GDF<sup>7</sup>). Esta é uma teoria relativamente recente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2006 e 2008), que se baseia na teoria conhecida como Gramática Funcional (DIK, 1978, 1997), muitas vezes sendo chamada de a terceira versão da Gramática Funcional (doravante, também abreviada como GF), como no estudo de Auwera e Brisard (2010, p. 1).

A GDF é, a um tempo, uma extensão e uma reformulação da GF. Os autores da GDF frisam que a noção de *discurso* ou *discursivo*, no âmbito da sua teoria funcionalista, não corresponde àquela da Análise do Discurso Francesa, na medida em que a pesquisa em linguística por eles encetada se prende a uma concepção que restringe tal termo àqueles elementos do discurso que afetam a configuração morfosintática/fonológica. Assim, a GDF parte do nível discursivo-semântico, também denominado nesta teoria de interpessoal-representacional, porém baliza-se, em última instância, pela morfosintaxe, ao elevá-la à

---

<sup>7</sup> Nesta tese, seguindo a praxe da literatura funcionalista, quando a referência for à Gramática Funcional dikiana, utilizar-se-á a sigla GF, quando a referência for à Gramática Discursivo-Funcional, GDF, e, em outros momentos ainda, quando ambas as teorias estiverem sob o foco de atenção, caberá à sigla G(D)F o duplo papel de referi-las.

condição de crivo para o discernimento de quais elementos do discurso são de interesse ou não para a pesquisa linguística.

A GDF conserva os fundamentos funcionalistas sobre os quais se erige a GF, porém inova ao distinguir de forma explícita os níveis de análise interpessoal e representacional (delineados na GF como regras pragmáticas e semânticas, respectivamente, porém não desenvolvidas de forma expressiva como o foram os níveis morfológico e sintático). Uma vez que a corrente linguística de que se trata aqui é a de cunho funcionalista, cabe ressaltar que a GF visava a desenvolver uma gramática do discurso no sentido de que a *função* da língua é apenas apreensível no âmbito do discurso, ou, em outras palavras, no nível da comunicação posta em prática, da também denominada situação de comunicação: uma teoria funcionalista concebe a língua como instrumento de comunicação, não sendo possível entendê-la como objeto autônomo independente de qualquer situação comunicativa (discurso). Em relação a este ponto, NEVES (1997, p. 3), em sua obra *A Gramática Funcional*, afirma que

[...] a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

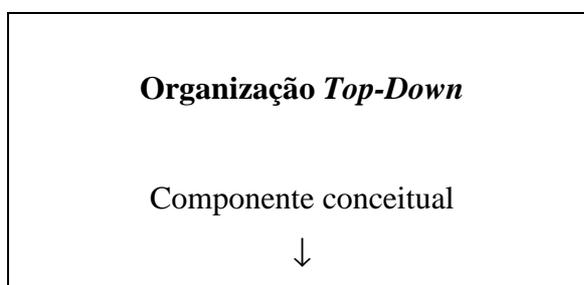
Entretanto, a GF acabou por não alcançar o fim teórico a que se propunha, no sentido da adequação pragmática que asseverava perseguir, pois constituía, antes, um modelo de gramática da sentença, e não uma gramática do (no) discurso. A incorporação do nível discursivo representou para os discursivo-funcionalistas, pois, a pedra de toque a que a visão funcional da linguagem não poderia se furtar, o que redundou na priorização da adequação pragmática, que passou a nortear os estudos que constituíram a gênese da GDF. Tal relevância está estampada no próprio termo que passa a designar a teoria: *discursivo-funcional*. Porém, *discurso* para a GDF não está relacionado tão somente à análise dos aspectos extralinguísticos: na sua abordagem, a noção de discurso é entendida como sendo este um produto, e não um processo.

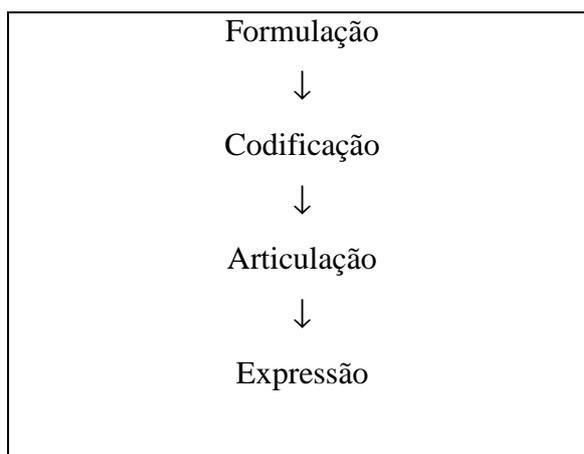
Considerar aspectos pragmáticos não significa desconsiderar a expressão linguística em si. Antes, os lexemas são tidos como as unidades básicas para as unidades linguísticas. E esse é um ponto importante para escolha dessa teoria para fundamentar a presente tese: os itens lexicais, sobretudo no que se referem à sua categorização, são analisados no quadro teórico da GDF em todos os seus aspectos pragmáticos, semânticos, sintáticos, morfológicos e fonológicos concomitantemente devido à configuração dessa teoria em níveis de análise que se inter-relacionam simultaneamente.

De acordo com Levelt (1989), teoria em que se inspiram Hengeveld e Mackenzie (2008) para configurar a arquitetura do seu modelo, o processo de produção da fala é feito de acordo com um esquema *top-down*, indo desde a intenção (pragmática) até a articulação (fonética). Nos termos do referido teórico, as etapas de produção da fala são as que se seguem:

- 1) o falante decide qual vai ser seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais);
- 2) seleciona a informação mais adequada para atingir seu objetivo;
- 3) codifica a informação em termos gramaticais e fonológicos e, por fim,
- 4) realiza o processo de articulação.

O quadro a seguir resume essa organização:





QUADRO 1: Organização *Top-Down*, a partir de Hengeveld e Mackenzie (2008)

Segundo Hengeveld (2000):

A Gramática Funcional do Discurso considera três componentes essenciais: o conceitual (força motriz que dá suporte ao componente gramatical), o contextual (domínio discursivo a partir do qual são produzidas novas expressões linguísticas no componente gramatical) e o de expressão (gerador de expressões acústicas e ortográficas).

Um quadro sintético de tais considerações seria:

Cognição	NÍVEL INTERPESSOAL	Contexto Comunicativo
	NÍVEL REPRESENTACIONAL	
	NÍVEL DA EXPRESSÃO	

QUADRO 2: Níveis de Representação e Componentes Comunicativo e Cognitivo, a partir de Hengeveld e Mackenzie (2008)

O nível interpeessoal corresponde à pragmática, o nível representacional está relacionado com a semântica, e o nível das expressões vincula-se à morfossintaxe e à

fonologia. O quadro abaixo, adaptado de Souza (2009, p. 13), exemplifica a relação entre os níveis citados com as etapas de produção da fala de Levelt (1989):

Conceitos	Níveis de organização da GDF	Operações da GDF
Pragmático	Nível Interpessoal <sup>8</sup>  (1) A: Saia daqui.  B: Não fale <i>assim</i> comigo.	Formulação
Semântico	Nível Representacional  (2) A: Há muitos cachorros nas ruas.  B: Eu não notei <i>isso</i> .	
Morfologia  Sintaxe	Nível Morfossintático  (3) A: Eu comi <i>chuletas de cordeiro</i> no almoço.  B: É assim que se diz costelas de cordeiro em espanhol?	Codificação
Fonologia	Nível Fonológico  (4) A: Eu comi /tchu'letasdekor'dero/ no almoço.  B: <i>Isso</i> não deveria ser '/tchu'letasdekor'dero/'?	

QUADRO 3: Produção da Fala proposta por Levelt (1989), adaptado de Souza (2009, p. 13)

É-nos sobremaneira relevante, como veremos em mais detalhe no Capítulo 1, a operação da Formulação, uma vez que esta apresenta entre outras características a de inserir no fluxo da produção linguística os *lexemas*, que constituem primitivos que alimentam tanto o

<sup>8</sup> Convencionamos, nesta tese, marcar sempre com maiúsculas os termos, conceitos e unidade de análise da GDF para facilitar a sua identificação, distinguindo-os de termos técnicos similares que porventura outra teoria utilize, como a GF, por exemplo.

Nível Interpessoal (pragmático) quanto o Nível Representacional (semântico) do modelo, ou seja, alimentam a composicionalidade pragmático-semântica, adquirindo sua codificação morfossintática e fonológica em etapas posteriores da derivação, com vistas à articulação final. No Capítulo 2, veremos em detalhe, que a noção de *lexema* em GDF está historicamente ligada à de *predicados* na GF.

Explicitados os pressupostos teóricos, cabe agora mencionar como se apresentarão os dados analisados nesta tese. Foram selecionadas críticas de teatro e de cinema (a partir de Braga (2007), Michalski (2004), do *site* Questão de Crítica e do *site* Cineplyaers) para comporem um *corpus* a partir do qual se observará o comportamento dos adjetivos. A escolha deste tipo de textualidade deu-se em função de que é um gênero que contém em geral muitas formas de adjetivações. O *corpus* final reúne os dois blocos de críticas (um com as críticas teatrais e o outro com as críticas fílmicas), cada um contando 120 textos, compondo ao todo uma base com 240 críticas, perfazendo 216.680 palavras, distribuídas em 9.038 sentenças, que foram delimitadas por aspas angulares simples (< >), etiquetadas e analisadas quantitativamente. Os exemplos retirados do *corpus* sempre apresentarão, ao longo da tese, as aspas angulares, para diferenciá-los dos exemplos dos autores citados, que são grafados em itálico quando transcritos isoladamente ou mantidos no grifo escolhido pelo autor quando das citações longas. Pautar-nos-emos pela seguinte metodologia: após a apresentação teórica dos aspectos relativos à semântica adjetival, consultaremos os dados do *corpus* para verificar se as categorias teóricas se verificam nas ocorrências. Em caso afirmativo, voltaremos à análise da representação semântico-lexical na GDF, argumentando a partir dos resultados da pesquisa com dados do português brasileiro, para apresentar uma síntese das discussões. Em caso negativo, argumentaremos em favor de que se corrobora a concepção de léxico da versão atual do modelo em estudo.

Nos capítulos que se seguirão, teremos como base, portanto, a hipótese de que há fenômenos linguísticos de afetação do comportamento sintático de determinados itens lexicais (adjetivos, entre outros) que são semanticamente motivados, fato este que carece de uma

representação no âmbito da GDF, que, para bem retratar a interface léxico/sintaxe deveria conceber os itens lexicais como portadores de uma representação semântico-lexical estruturada.

Cabe ainda, antes de encerrarmos esta introdução, justificar o presente trabalho, com o argumento de que ainda não são frequentes os estudos em semântica lexical de cunho discursivo-funcionalista. À investigação mais usual na GDF de como o discurso interfere, determina e molda a morfossintaxe, que dele é dependente, deve também somar-se, acreditamos, uma pesquisa mais detalhada de como a semântica lexical pode suscitar certos processos morfológicos e sintáticos, ou, de uma forma mais simples, em outras palavras, tomamos como relevante evidenciar a existência de processos que pressupõem uma relação de interface entre uma possível representação semântico-lexical e o Componente Morfossintático.

Tendo introduzido o tema e o problema de pesquisa, bem como o objetivo, hipótese, justificativa, metodologia e *corpus*, passemos ao Capítulo 1, para que adensemos o delineamento dos pressupostos teóricos da presente tese.

## 1. A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A teoria objeto de estudo da presente tese, consoante já observamos na Introdução, é a Gramática Discursivo-Funcional. Neste capítulo, trataremos de suas origens e de sua caracterização.

Ao conjunto de estudos teóricos em linguística geral desenvolvido por Simon C. Dik, Kees Hengeveld, Lachlan Mackenzie, bem como por seus colaboradores, e centralizado, na sua maior parte, na Universidade de Amsterdã, denomina-se Gramática Funcional. O chamado Funcionalismo Holandês, ou Escola Funcionalista de Amsterdã, tem como fundador Simon Cornelis Dik, que ocupou a cátedra de Linguística Geral, na mencionada universidade, por vinte e cinco anos, de 1969 a 1994, dedicando-se neste período à construção de um modelo linguístico de viés funcionalista, cujas linhas básicas haviam sido delineadas em sua tese de doutoramento, de 1968, versando sobre o papel da coordenação para a teoria da linguística geral<sup>9</sup>.

A Gramática Funcional apresenta-se em três versões (1978, 1997 e 2008), havendo ainda, nos termos de Auwera e Brisard (2010, p. 1), elementos de uma protoversão nos estudos do período pré-1978. A primeira dessas versões<sup>10</sup>, de 1978, cujo título é *Functional Grammar*, constitui um trabalho de partida, na medida em que servirá de esteio às pesquisas em GF que se desenvolverão na integralidade da década de 1980 e nos inícios da de 1990, enquanto o texto<sup>11</sup> de 1997 é considerado um trabalho de finalização, síntese geral da pesquisa até então realizada, constituindo, portanto, a referência mais importante da GF. Já a terceira versão terá um cunho inovador, na medida em que alterará muito da organização geral da GF, incluso aí até mesmo o nome dado à nova formulação: GDF, Gramática Discursivo-Funcional.

---

<sup>9</sup> DIK, Simon. C. *Coordination: its implications for the theory of general linguistics*. Amsterdã: North-Holland, 1968.

<sup>10</sup> DIK, Simon. C. *Functional Grammar*. Amsterdã: North-Holland, 1978.

<sup>11</sup> DIK, Simon. C. *The Theory of Functional Grammar*. 2 volumes. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

A concepção de linguagem que subjaz às pesquisas da Escola de Amsterdã é de cunho funcional, no sentido de que as línguas naturais, antes de qualquer outra propriedade que as caracterize, têm uma *função*, ou seja, são instrumentos de interação social, a serviço de fins comunicativos. Dessa definição inicial, segue-se que a pesquisa linguística deverá estar voltada não só para o sistema de regras de formação das expressões linguísticas, mas também para o sistema de regras que regem os padrões de interação verbal. Tal corresponde a dizer que a *estrutura* linguística não é tomada, neste modelo, como forma abstrata, estanque, autônoma; antes, deve ser sempre considerada como inextricavelmente vinculada a uma *função* comunicativa. Uma vez que o ponto de partida para a descrição e análise das línguas está na função comunicativa, a GDF articula-se situando o estudo da pragmática como de maior relevância, ao qual se seguirão a semântica, a morfossintaxe e a fonologia. Em outras palavras, a semântica é instrumental à pragmática, e a morfossintaxe o é em relação à semântica.

### 1.1. Origens da Gramática Discursivo-Funcional

Para entendermos como se deu a criação e o desenvolvimento da escola teórica que se convencionou chamar Gramática Discursivo-Funcional, há que voltar-se às origens deste modelo, cuja base é a Gramática Funcional de Simon C. Dik, expendida nas três versões citadas. O desenvolvimento da GDF deu-se em função da necessidade de se buscar soluções para determinados problemas teóricos detectados no modelo da GF.

Conforme Neves (1997, pp. 75-6)<sup>12</sup>, o funcionalismo de Dik funda-se, em última instância, na Escola Linguística de Praga, na medida em que se reveste de um caráter teleológico da linguagem, ao qual Halliday fornece a seguinte definição: “a língua é como é, em função daquilo que tem de fazer” (Halliday, 2003, p. 309)<sup>13</sup>. Porém, segundo os estudiosos do funcionalismo, é difícil determinar em que medida se deu uma influência direta da Escola

---

<sup>12</sup> NEVES, Maria Helena de Moura. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

de Praga nos trabalhos de Dik, uma vez que seu mestre, Prof. Antos Reichling, recebeu influências evidentes da teoria pragmática da Escola de Oxford e do Interacionismo Simbólico de G. H. Mead. Ambas as influências são determinantes na configuração final do modelo dikiano: a herança da Teoria dos Atos de Fala de um lado e, de outro, do pragmatismo norte-americano, que persegue a proposição de Hegel de que o mundo simbólico só se constrói por meio da interação entre dois ou mais indivíduos (interação) – permitirá consubstanciar a abstração do conceito *teleológico* na concretude dos meios gramaticais, justamente mediante a arquitetura do modelo da G(D)F, que prevê níveis de análise linguística pragmático (GF) e interpessoal (GDF) vinculados inextricavelmente ao nível gramatical. Ambas as versões do modelo funcionalista centram suas atenções na pragmática: a GF tomando-a como fim último da linguagem (orações entendidas como estruturas de marcos predicativos que, num crescendo, acumulam funções sintáticas, semânticas e, por fim, pragmáticas) (organização *bottom-up*); e a GDF tomando-a como propulsora primeira de toda atividade linguística, modelo de linguagem organizado a partir de um nível interpessoal-retórico (discursivo, intencional), onde se dá a formulação linguística e de onde parte todo o processamento, que culminará na codificação/articulação linguística(s) (organização *top-down*).

Já em sua tese de doutoramento sobre coordenação (DIK, 1968), intitulada *Coordination: Its Implications for the Theory of General Linguistics*<sup>14</sup>, Dik inaugura sua trajetória como criador de uma teoria gramatical, lançando as bases para a GF, ao criticar, em um dos capítulos de sua tese, aspectos da abordagem gerativista da linguagem. Em 1969, viria a ocupar a cátedra de Linguística Geral, no lugar de seu mentor, Prof. Anton Reichling, carreira docente que veio somar-se às suas atividades de pesquisador.

Após um longo período de pesquisa em gramática funcional durante as décadas de 1970 e 1980, Dik, em inícios da década de 1990, convergiria seus estudos para a elaboração de

---

<sup>13</sup> Tradução nossa do original inglês: ““language is as it is because of what it has to do” HALLIDAY, Michael Alexander Kirwood. *On Language and Linguistics*. Editores Jonathan J. Webster. 3.º v. Série Collected Works of M.A.K. Halliday. Londres, Nova Iorque: Continuum, 2003.

<sup>14</sup> DIK, Simon C. *Coordination: Its Implications for the Theory of General Linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1968.

uma obra fulcral para os futuros estudos em linguística funcional, que veio a ser denominada “The Theory of Functional Grammar”<sup>15</sup>, a Teoria da Gramática Funcional (doravante TGF), publicada postumamente, em 1997. Em função dos desenvolvimentos da teoria funcional, sobretudo com o surgimento da Gramática Discursivo-Funcional, é comum a referência ao trabalho de 1997 como Modelo Padrão da Gramática Funcional.

No subcapítulo *Standards of Adequacy* da TGF, define-se o objetivo da Gramática Funcional, como se pode observar abaixo<sup>16</sup>:

“O objetivo da teoria da GF é fornecer meios e princípios pelos quais as gramáticas funcionais das diversas línguas possam ser desenvolvidas. E a meta mais importante de uma gramática funcional de uma determinada língua é dar conta de uma forma plena e adequada da organização gramatical do discurso da língua em questão. Tal gramática deveria ser capaz de especificar todas as expressões linguísticas da língua por meio de um sistema de regras e princípios ao qual as generalizações mais significantes sobre a língua sejam incorporadas. Assim, uma gramática funcional deveria ajustar-se aos padrões de adequação (sobretudo, adequação descritiva), tal qual formulado para as gramáticas transformacionais de Chomsky.” (DIK, 1997, pp. 12-13)<sup>17</sup>

Assim, Dik define gramática como um sistema de regras que contempla de um lado as generalizações das línguas particulares e, de outro, as diferenças entre as línguas particulares, em outras palavras, uma gramática funcional deve ter adequação teórica, semelhantemente à configuração das adequações teóricas do modelo gerativista, mas não iguais àquelas, pois, ainda que a adequação descritiva conste em ambas as abordagens gramaticais, no que tange à adequação explanatória, diferentemente do paradigma chomskiano, que se fundamenta no mentalismo/inatismo, Dik desdobra a noção de adequação explanatória da GF, fazendo-a equivaler a três *standards*, a saber: 1) adequação pragmática, 2) adequação psicológica e 3) adequação tipológica.

<sup>15</sup> Em português, *A Teoria da Gramática Funcional*: DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Editado por Kees Hengeveld, 2. edição, revisada. Berlin, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

<sup>16</sup> Tradução nossa do original inglês: “The aim of the theory of FG is to provide the means and principles by which functional grammars of particular languages can be developed. And the highest aim of a functional grammar of a particular language is to give a complete and adequate account of the grammatical organization of connected discourse in that language. Such a grammar should be able to specify all the linguistic expressions of a language by means of a system of rules and principles in which the most significant generalizations about the language are incorporated. Thus a functional grammar should conform to the standards of adequacy (in particular, descriptive adequacy) such as have been formulated for transformational grammars by Chomsky.”

Na próxima subseção, será demonstrado como se deu a passagem do modelo de Dik para o da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2006, 2008), definindo as características e diferenciações destes modelos, sobretudo no que tange à alteração que se operou no seio da pesquisa funcionalista, ao preterir um modelo fundado na oração (DIK, 1997) em função de um modelo que entende a linguagem a partir do nível do discurso, nível este que extrapola o oracional.

## 1.2. GDF: Definição e Aproximações com Outros Modelos

A Gramática Discursivo-Funcional é a teoria sucessora da Gramática Funcional, sistematizada no texto de 1997 de Dik, sendo que um importante delineamento da configuração geral das características do modelo nos é apresentado em Hengeveld e Mackenzie (2006<sup>18</sup>, 2008<sup>19</sup>). Segundo Souza (2008, p. 13):

O novo modelo proposto por Hengeveld (2005) é descrito como um processo *top-down* (descendente), que parte da intenção do falante (do componente conceitual) para a expressão das formas linguísticas. Essa análise sugere, segundo o autor, que o falante primeiro decide qual vai ser o seu propósito comunicativo (sua intenção) para depois selecionar e codificar essa informação gramaticalmente.

Ilustra-se com o quadro abaixo a configuração *top-down* da GDF. Como se vê no quadro, o componente interno tem em seu entorno os Componentes Conceitual e Contextual. A dimensão interna (nas elipses) corresponde à gramatical, que é caracterizada pelas três principais operações gramaticais: a formulação (pragmático-semântica), a codificação (morfossintática) e a articulação (fonológica). Já a intenção é o nível extralinguístico que aciona, dá início, motiva a produção linguística, sendo a expressão a manifestação física da língua (fonética, sinais das línguas de sinais, etc.).

---

<sup>17</sup> DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Editado por Kees Hengeveld, Parte II, revisada. Berlin, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997. pp. 12-13.

<sup>18</sup> HENGEVELD, K., MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: BROWN, K. (Ed.). *Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Amsterdã: Elsevier, 2006. pp. 668-676.

<sup>19</sup> HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford University Press: 2008.



QUADRO 4: Configuração *Top-Down* da GDF, adaptado de Modesto (2006, p. 7)

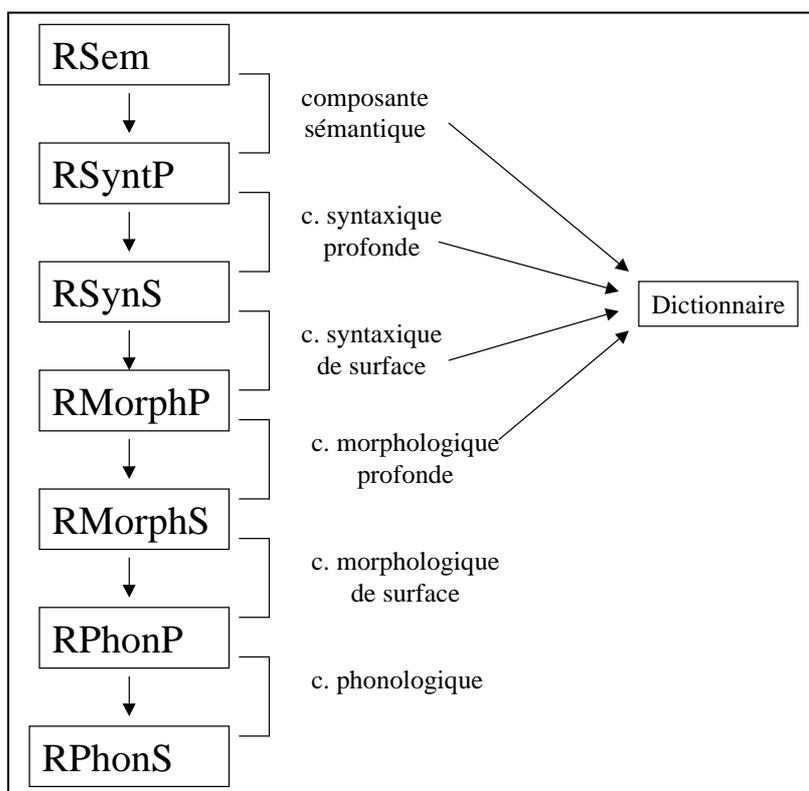
Alguns autores traçam paralelos entre este modelo e outros modelos funcionalistas. Para alguns estudiosos do funcionalismo, uma estrutura em camadas ou subsistemas, espelhando um processo de produção linguística a partir de um nível semântico(-pragmático), passando por níveis intermediários morfossintáticos e tendo por *output* um nível articulatorio, de expressão (fonético), ocorrem também em outros modelos funcionalistas.

Um primeiro exemplo que pode ser citado de aproximação da abordagem de Hengeveld e Mackenzie com outras teorias gramaticais funcionais é a Teoria Sentido-Texto, de Mel'čuk, que concebe um modelo de língua também estruturado segundo uma hierarquia de níveis gramaticais, que parte do nível do sentido, passando pela morfossintaxe, tendo como último nível o fonológico/fonético (articulação). Tal abordagem teórica corresponde a uma:

...gramática [que] reúne as regras necessárias ao estabelecimento das correspondências entre os [...] níveis de representação [...], estabelecendo [...] a correspondência entre os sentidos e [a articulação] [...] A gramática é, pois, dividida

em componentes, sendo que cada componente possui um conjunto de regras que permitem a passagem de um nível (adjacente) a outro. (LARA, 2005, p. 34)

Para ilustrar a analogia que se estabelece aqui entre as arquiteturas do modelo lexicológico-funcional de Mel'čuk e da GDF, reproduziremos o quadro a seguir, adaptado de Barque (2003, p. 11)<sup>20</sup>, em que se representam os níveis do referido modelo, acrescidos dos componentes de transição de nível e da inter-relação destes com o nível lexical (denominado nesta teoria *dictionnaire*).



QUADRO 5: Níveis do Modelo Sentido-Texto. Fonte: Barque (2003, p. 11).

Souza (2008)<sup>21</sup> também coteja a GDF com outros modelos funcionalistas, buscando explicitar regularidades entre as diferentes concepções teóricas funcionalistas (a

<sup>20</sup> BARQUE, L. *Opérations Sémantiques sur une Base de Définitions Sens-Texte*. Mémoire de DEA, UFR de Linguistique, Paris 7, 2003.

<sup>21</sup> SOUZA, Edson Rosa Francisco. A noção de discurso em modelos teóricos. *Signum: Estud. Ling.* Londrina, n. 11/1. pp. 237-256. julho, 2008.

comparação é feita com Traugott, como se verá a seguir). Neste estudo, o autor aprofunda-se na noção de *discurso*, que, no âmbito da GDF, reveste-se de outros sentidos, bem distintos dos usuais em estudos de Análise do Discurso. A importância desta distinção residiria no fato inequívoco de que a GDF não constitui um modelo ou gramática *do discurso*: antes, é um modelo de gramática funcionalista que não pretende limitar-se aos confins da oração, pretendendo explicitar qual é o papel que o discurso exerce sobre a morfossintaxe da língua. Neste sentido, constitui-se este em um modelo que tem por meta espelhar a relação discurso/gramática. Na visão de Souza, seria esta uma gramática baseada em conceitos linguísticos mais próximos das teorias de um Traugott (1989), por exemplo, ou de Traugott e König (1991), em que se concebe o discurso como um *componente* da gramática, e não vice-versa. Em suma, estamos diante de um modelo que visa a analisar a língua seguindo a noção de que o discurso é um promotor de configurações morfossintáticas. A síntese de Souza (2008, pp. 238-9) é a seguinte:

Nesse sentido, a GDF preocupa-se apenas com as informações de ordem discursiva que “literalmente” são codificadas na gramática de uma língua e que, por sua vez, são relevantes em termos de estrutura morfossintática. Olhando por esse prisma, observa-se, portanto, que a GDF caminha em sentido diferente ao dos modelos de Análise do Discurso (linha francesa), que tendem a priorizar as formações discursivas, o caráter ideológico e a historicidade da língua.

Este e outros modelos que são considerados funcionalistas apresentam arquiteturas, intenções e métodos bem distintos dos da GDF. Então, cabe a pergunta: ainda que tais modelos pertencentes ao paradigma funcionalista se aproximem em muitos aspectos, inclusive quanto ao fato de valerem-se da noção de discurso ou de níveis de análise, em alguns casos, quais são as especificidades da GDF? Vejamos, em mais detalhe, como se estrutura o modelo da GDF na próxima subseção.

### **1.3. GDF: A Arquitetura do Modelo**

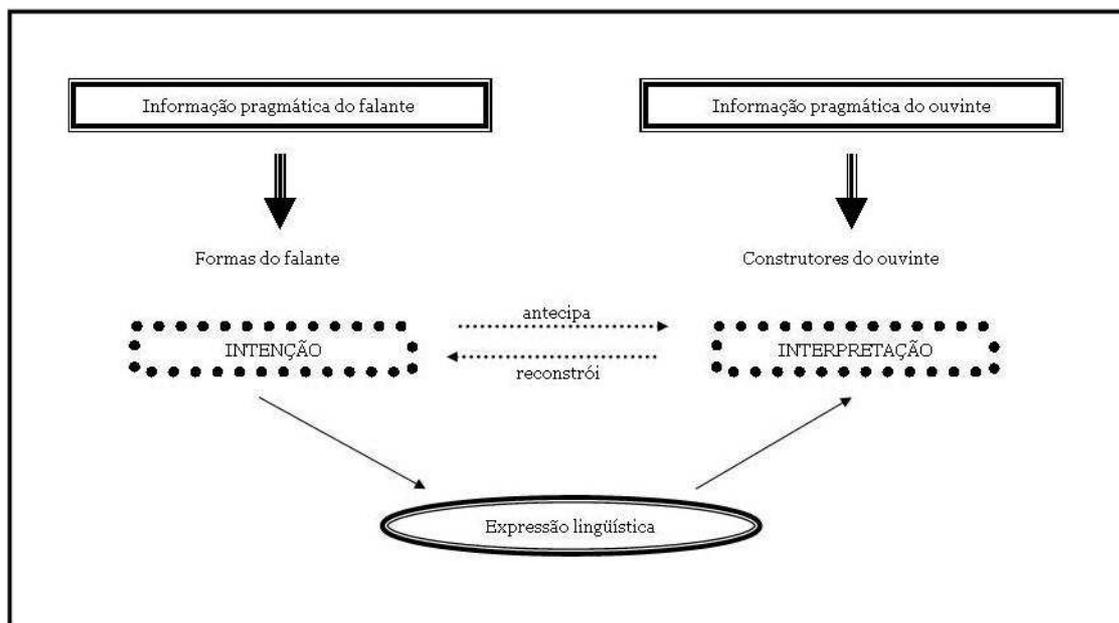
Os inícios da GDF tiveram lugar no ano de 1997, quando da publicação do texto *Cohesion in Functional Grammar*, fruto das pesquisas de Hengeveld estimuladas pelos

conceitos presentes no último capítulo de Dik (1997a, b), cuja temática centralizava as questões relativas ao discurso, bem como ao papel da pragmática, que deveriam fazer parte de um modelo que se baseasse no discurso.

Cabe citar que a preocupação de base tipológica, que está presente em todo o estudo dikiano de 1997 perdura na pesquisa em GDF, e foram justamente os fenômenos que abarcavam a comparação de mais de uma oração, ou seja, que extrapolavam o nível oracional, que forneceram as condições para pensar-se num modelo discursivo, transoracional.

A orientação *top-down* (da intenção/pragmática para a expressão linguística) da teoria da GDF justifica-se, sobretudo, em função de esta versão da teoria da gramática funcional objetivar levar às últimas consequências os princípios pragmáticos que nortearam a pesquisa no modelo padrão da GF. Se a adequação pragmática era o esteio da GF, é apenas na GDF que seu lugar de relevância absoluta será garantido. Na GF, a preocupação principal era, sobretudo, dar conta da adequação tipológica e, ainda que não se descuidasse da pragmática, esta estava reduzida a regras que se aplicavam após as regras morfossintático-semânticas nos marcos de predicado (estrutura de base para as análises).

Na GDF, opera-se uma inversão do sentido das etapas de modelização linguística constante do modelo: se a pragmática é o mais importante dos níveis, não é a ele que devem convergir as operações, mas dele que devem partir todas as análises. García Velasco e Rijkhoff (2008) apontam para a mudança ocorrida em relação à adequação explanatória, salientando, justamente, que a GDF tem uma natureza pragmaticocentrista, que se contrapõe à abordagem gerativista, sintaticocentrista, conforme demonstrado no quadro abaixo, onde informação e intenção (pragmática) determinam a expressão linguística na relação falante/ouvinte (pragmática). Vejamos o quadro abaixo, adaptado de Souza (2009), que traduz o ponto que estamos discutindo:

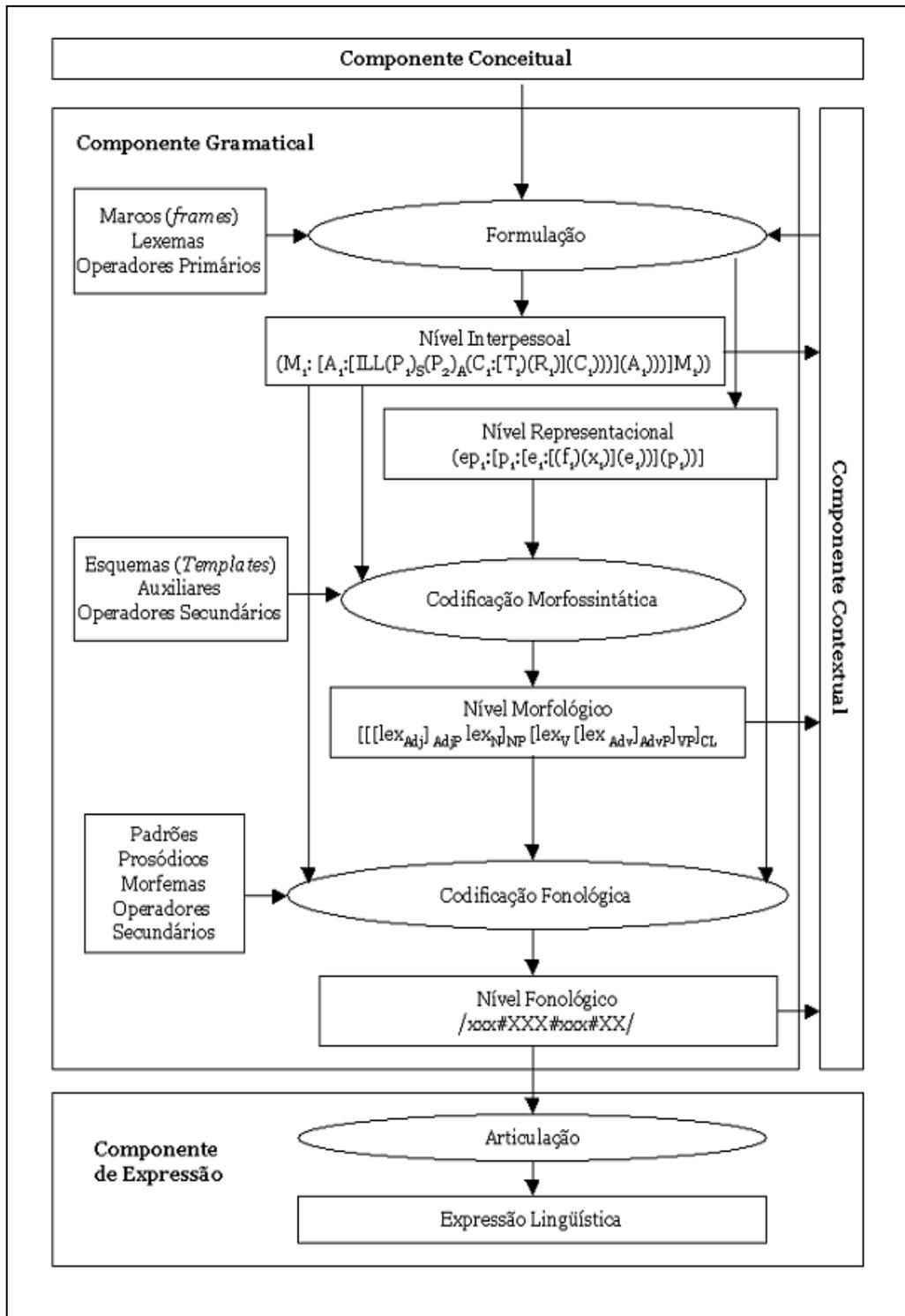


QUADRO 6: Informação Pragmática, adaptado de Souza (2009, p. 16)

Quando se fala em modelo *top-down*, está-se referindo pontualmente à estrutura geral do modelo em comento, também chamada de *arquitetura* por Hengeveld (2004b)<sup>22</sup>, que se organiza em níveis: nível interpessoal, representacional, morfossintático e de expressão, que, por sua vez, ostentam várias camadas de análise.

Enquanto a GF segue uma organização *bottom-up*, na medida em que as estruturas subjacentes da oração vão-se construindo a partir de unidades menores (termos e estados-de-coisas) rumo às unidades maiores, tais como a proposição (fato possível) e a oração (ato de fala), a GDF faz o percurso inverso, tomando a intenção ou pragmática como o ponto de partida e indo em direção à estrutura/materialidade da morfossintaxe e da fonologia. Veja-se o seguinte quadro representando o modelo da GDF como um todo.

<sup>22</sup> HENGEVELD, K. The Epilogue. In: MACKENZIE J. L. & GÓMEZ-GONZÁLEZ. M. A. (orgs.). *A new architecture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004b.



QUADRO 7: Modelo da GDF, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

Da imagem anterior, pode-se sintetizar o esboço geral da GDF, cuja arquitetura apresenta o componente gramatical representado ao centro, ladeado pelo componente conceitual acima, pelo componente de expressão na base e pelo componente contextual à direita.

Estes componentes de “entorno”, digamos assim, estão fora do que é considerado gramática na GDF, ou seja, não são propriamente do âmbito da linguística, mas a esta estão vinculados e com esta apresentam interfaces.

Conforme podemos ver da representação, temos diferentes tipos de representações no modelo da GDF:

- a) Componentes: conceitual, contextual e gramatical (representados nos retângulos externos).
- b) Operações: Formulação, Codificação e Articulação (representadas nas elipses).
- c) Níveis (representados nos pequenos retângulos centrais, e que, conforme veremos, apresentam uma organização interna em camadas).
- d) Primitivos (representados nos retângulos maiores bem à esquerda).

De acordo com o que já comentamos até aqui e com o demonstrado na última figura, a GDF estrutura o componente gramatical de seu modelo em três níveis, quais sejam, o Nível Interpessoal, o Nível Representacional e o Nível Estrutural, sendo que cada um deles apresenta uma organização interna, em camadas. Os dois primeiros níveis estão relacionados à operação de Formulação, responsável pela modelização da configuração pragmática e do conteúdo semântico. No terceiro nível, por outro lado, atua a operação de Codificação, que associa às representações pragmático-semânticas a contraparte sensível dos signos, a materialidade dos morfemas, fonemas e ordenamentos sintáticos.

Vejamus na próxima subseção, de forma mais detalhada, cada um dos níveis de análise linguística da GDF.

#### 1.4. Os Níveis do Modelo da Gramática Discursivo-Funcional

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 14), todos os níveis (*levels*, no original) de descrição apresentam uma organização interna estruturada em camadas (*layers*, no original), que pode ser sintetizada na seguinte fórmula máxima (contendo todas as possibilidades, em abstrato):

$$(1) \quad (\pi v_1: [\text{head } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])_\Phi$$

Segundo os autores,  $v_1$  representa a variável da camada em questão (por exemplo, no Nível Representacional, conforme ainda veremos, há uma camada para a propriedade configuracional (f); assim, teremos, no lugar de  $v_1$ ,  $p_1$ ) que é restringida por um modificador  $\sigma$ . A camada pode ser especificada por um operador  $\pi$  e ainda ostenta uma função determinada ( $\Phi$ ). Importante frisar a distinção que os autores fazem entre, de um lado, os núcleos e os modificadores e, de outro, os operadores e as funções: os primeiros são de natureza lexical, e os segundos, de natureza gramatical. Uma especificação mais sutil poderia ainda ser acrescentada: as funções são relacionais, valendo entre uma unidade inteira e outras unidades da mesma camada, enquanto os operados têm a sua ação restrita, aplicando-se apenas à unidade em si.

Há um sentido para o uso dos colchetes na representação acima e nas representações em geral na GDF: uma vez que o modelo é orientado em função das hierarquias entre as unidades, havia a necessidade de marcar justamente os casos em que não há uma obrigatoriedade de hierarquização entre duas ou mais unidades, sendo tal tarefa marcada pelo uso dos colchetes.

Além dos níveis e camadas, operações e componentes, há outro tipo de elemento constante na representação e de suma importância para o que avaliaremos na tese: os primitivos. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 19) apontam que as operações, para criarem os níveis, valem-se dos primitivos, que servem de base para os níveis a que se aplicam.

Na Formulação, são criados dois níveis de representação: o Interpessoal e o Representacional, para os quais se necessitam primitivos muito semelhantes, ainda que distintos. Primeiramente, há os marcos (ou *frames*<sup>23</sup>), que nos darão as combinações possíveis (vinculadas, mais tarde no processamento, aos papéis temáticos e à distribuição dos argumentos na sintaxe) que um determinada língua faculta. Depois, há os lexemas, que entrarão no nível semântico, na sua maioria, sendo alguns deles, entretanto, mais próprios do nível pragmático. Ainda, há os operadores tanto pragmáticos quanto semânticos, ou, em terminologia da GDF, operadores interpessoais e representacionais.

Cabe referir que, na GDF, mantém-se a preocupação da GF de pesquisar-se a tipologia das línguas, observando-se um variado número de línguas tipologicamente diversas, a fim de estabelecerem-se hierarquias tipológicas válidas translinguisticamente. No caso dos primitivos chamados *frames*, poder-se-ia argumentar que são específicos de cada língua, porém as pesquisas em GDF buscam detectar, mesmo para os primitivos que parecem ser idiossincráticos (entre eles, contam-se também os lexemas, assunto da nossa tese), o que há de comum nas línguas.

O segundo tipo de primitivos são os lexemas. Seriam representados em forma fonêmica, porém, para simplificação da representação, na GDF são usadas as formas ortográficas correspondentes. Importante registrar a distinção entre os tipos de lexemas que os autores estabelecem em sua teoria entre aqueles que entrarão no Nível Interpessoal (como interjeições, nomes próprios, advérbios ilocucionários, expressões performativas, etc.) e aqueles que entrarão no nível semântico (geralmente os que correspondem aos chamados

---

<sup>23</sup> Em algumas traduções do termo para o português brasileiro, mantém-se a palavra *frame* no original em inglês, talvez para não confundir-se com o termo *marco* (*predicativo*), utilizado para a tradução da terminologia da GF.

predicados na GDF: nomes, adjetivos, verbos, alguns advérbios e algumas preposições<sup>24</sup>). No próximo capítulo, quando detalharemos mais pontualmente o *status* dos lexemas na GDF, comentaremos por que, diferentemente da GF (em que os marcos predicativos eram, a um tempo, lexema e esquema combinatório), na GDF os lexemas são independentes dos marcos (*frames*). Por enquanto, devemos deixar explícito que tal independência pressupõe que os lexemas e os marcos sejam associados no processamento linguístico, conforme analisam García Velasco e Hengeveld (2002), estudo de que ainda trataremos. Antecipemos apenas que a prioridade no processo é dos marcos: estes são escolhidos e só então os lexemas, fato que traduz a possibilidade que o falante tem de descrever a mesma entidade mediante uma diversidade de lexemas (muitas vezes com conotações e denotações distintas).

O terceiro e último tipo de primitivos vinculado à Formulação são os operadores, que podem ser tanto interpessoais quanto representacionais e que correspondem a expressões gramaticais que modalizam o conteúdo pragmático e semântico, respectivamente. Um exemplo é o tempo verbal (*tense*), que é um operador que atua no âmbito do Estado-de-Coisas (*State-of-Affaires*) (que é uma das camadas do Nível Representacional).

Os primitivos relativos à Codificação serão abordados quando tratarmos dos Níveis Morfossintático e Fonológico.

Até aqui observamos de forma bem geral os itens de representação da GDF, detendo-nos um pouco mais nos primitivos, porém, tanto os componentes, quanto as operações e organização interna em camadas dos níveis, serão repisadas nas próximas subseções, quando abordaremos em mais detalhe cada um dos níveis.

---

<sup>24</sup> Para um estudo mais aprofundado da natureza gramatical ou lexical das preposições, ver Pezatti e Camacho (2009), assim como Comparini e Guiraldelli (2009).

### 1.4.1. O Nível Interpessoal

A nomenclatura escolhida para esse nível revela a sua essência: registrar os elementos do discurso que influem diretamente na gramática e que advêm da relação (interação) entre falante e ouvinte. A estrutura hierárquica das unidades que compõem este nível é assim delineada na teoria que ora estudamos:

---

#### Estrutura Hierárquica do Nível Interpessoal

$(\pi M_1: [$	Movimento
$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_{\Phi}$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_{\Phi}$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\pi T_1: [. . . ] (T_1): \Sigma (T_1))_{\Phi}$	Subato Adscritivo
$(\pi R_1: [. . . ] (R_1): \Sigma (R_1))_{\Phi}$	Subato Referencial
$] (C_1): \Sigma (C_1))_{\Phi}$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1))_{\Phi}$	Ato Discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

---

QUADRO 8: Estrutura Hierárquica do Nível Interpessoal, adaptado de García Velasco (2011a)

A tal representação faz-se corresponder também uma representação linear, do tipo:

$$(2) \quad ((M_1 : [(A_1 : [(F_1)(P_1)_S (P_2)_A (C_1 : [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}} \dots (R_{1+N})_{\{\Phi\}}](C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}](M_1))$$

Expliquemos alguns detalhes da formalização do modelo da GDF. Este formato especular da formalização deve-se ao fato de ser mais fácil de localizar a qual unidade um terminado bloco de parênteses (ou colchetes) se refere; por isso, convencionou-se sempre registrar, novamente ao fechar-se parênteses (ou colchetes), a unidade que se representa naquele âmbito. Como podemos ver, as unidades são grafadas com maiúsculas neste nível, sendo que no próximo nível que observaremos, o representacional (semântico), serão usadas letras minúsculas para as unidades principais. As letras gregas pi ( $\pi$ ) e sigma ( $\Sigma$ ), que antecedem as unidades, simbolizam modificadores (modalizadores lexicais) ou operadores (modalizadores gramaticais) destas mesmas unidades. A marca do falante é o subíndice S (do inglês *speaker*) e a de ouvinte é o subíndice A (do inglês *addressee*), a adscrição é simbolizada pela letra “T” e a referenciação pela letra “R”. A letra F é reservada na GDF geralmente para (a predicação de) propriedades, tanto pragmática (ilocução), quanto semântica (propriedades configuracionais e lexicais, conforme veremos quando do Nível Representacional). A letra grega fi ( $\Phi$ ) representa as funções pragmáticas (tópico, foco, etc.) neste nível.

Vejam-se agora alguns tópicos relativos à formalização que se dá neste nível da gramática, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 15). As unidades de análise do Nível Interpessoal são o Movimento (M), que pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Cada Ato Discursivo contém uma Ilocução (F), que especifica uma relação entre os participantes (P; o Falante S e o Ouvinte, A) e (com exceção dos Expressivos) o Conteúdo Comunicado, que, por sua vez, contém um número variável de Subatos Adscritivos (T) e Referenciais (R). Entre estas duas últimas unidades não existe uma hierarquia (donde o uso dos colchetes na formalização).

Examinando o primeiro dos conceitos, o de *movimento*, tem-se que este é siglado com a letra (M), constituindo a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical. Aqui convém repetir-se que a GDF não se baseia num conceito amplo e geral de discurso, mas fixa-se nos aspectos do discurso que motivam uma codificação formal (morfossintática),

em outras palavras, do discurso importa o que toca à uma análise gramatical. Assim, ter-se-ia obviamente níveis mais altos de discurso, como texto, conjuntos de texto, gêneros textuais, etc. Porém, serão considerados tão somente na medida em que não constituírem elementos com uma contraparte gramatical. Parte-se na GDF, portanto, da noção de *movimento*, que pode ser definida como aquela unidade do discurso que constitui em si própria, de forma independente, uma contribuição à estruturação discursiva, ou seja, é uma porção do discurso que podemos divisar como uma proposta (de um interlocutor/falante) de reação (por parte do interlocutor/ouvinte) ou como uma resposta (do interlocutor/ouvinte) a uma provocação de reação emitida (por outro interlocutor/falante) (GARCÍA VELASCO, 2011a).

No que tange à extensão de um Movimento, esclareça-se que esta não é fixa, podendo variar enormemente de acordo com o discurso em questão, ou, em outras palavras, de acordo com as intenções comunicativas em um dado momento da interação linguística. Assim, a uma dada provocação do interlocutor 1 pode-se seguir, por parte do interlocutor 2, desde uma pausa – que, do ponto de vista comunicativo, muitas vezes é tão expressiva quanto uma série de argumentos – até uma longa resposta. Em geral, corresponderia o Movimento, na modalidade oral, a cada um dos turnos de conversação e, na modalidade escrita, aos parágrafos de um texto. Segundo, Mackenzie e García Velasco (2005, p. 2)<sup>25</sup>:

Em GDF, a comunicação verbal é vista como consistindo de uma sucessão de *movimentos*. Cada movimento consiste em um ou mais atos de enunciação. Algumas destas enunciações são puramente interacionais, como acontece com a primeira parte da enunciação do movimento (1) abaixo, que serve tão somente para indicar anuência (*Yes*); outros combinam interação com material proposicional, como no caso da segunda parte da enunciação de (1):  
(1) *Yes, the train has arrived.*

Os limites não fixos do Movimento têm uma razão de ser. Afastando-se das concepções formalistas que tomam a oração como a unidade básica da investigação linguística, e sempre perseguindo a adequação pragmática que deveria orientar a pesquisa

---

<sup>25</sup> Tradução nossa do original inglês: “In FDG, verbal communication is seen as consisting of a succession of moves. Each move consists of one or more acts of utterance. Some of these utterances are purely interactional, as with the first utterance recorded in the move (1), which serves merely to indicate assent (*Yes*). Others combine interaction with propositional material, as with the second utterance recorded in (1): (1) *Yes, the train has arrived.*”

funcionalista, os teóricos da GDF primaram por ressaltar que a unidade básica de análise de sua pesquisa linguística corresponde a uma unidade abstraída no *fluxo discursivo*, e não a uma forma preestabelecida (oração/enunciado). Esta é uma primeira crítica ao modelo dikiano, que não elevava a orientação pragmática/discursiva ao patamar que a GDF lhe reservou. O caminho que vai da estrutura formal à pragmática (via aplicação de regras sintáticas / semânticas / pragmáticas, necessariamente nesta ordem), também chamado de orientação *bottom-up* da GF, foi substituído por aquele que parte do nível pragmático (dito interpessoal) em direção à articulação fonética, passando necessariamente pelos níveis semântico, morfossintático e fonológico, orientação da GDF dita *top-down*. Esta reorientação foi comandada pelo rigor (com que a GDF foi elaborada) no cumprimento da adequação pragmática esboçada ainda nos tempos da GF e reflete-se já na definição da unidade básica, de onde partirá todas as demais representações. Justifica-se, assim, a variação nos limites da categoria Movimento, pois se fazia necessário concebê-lo como podendo ser tanto menor quanto maior que uma oração, de forma que, com tal flexibilidade, pudesse-se bem representar a multiplicidade e complexidade inerentes ao discurso. García Velasco e Rijkhoff (2008, p. 9-11), na introdução à obra que reúne estudos sobre o sintagma nominal no âmbito das pesquisas discursivo-funcionalistas, citam que a unidade de análise central da GDF (Movimento) é definida seguindo-se Kroon (1997, p. 20), segundo a qual Movimento (M) corresponde “à unidade livre mínima do discurso que é capaz de entrar numa estrutura de troca [de turnos]”<sup>26</sup>. Ainda de acordo com os autores referidos, os movimentos estariam ligados à realização gramatical de intenções comunicativas, tais como convites, propostas, pedidos, entre outros. Citando Mackenzie (2004, p. 183, *apud* GARCÍA VELASCO; RIJKHOFF, 2008, p. 10), García Velasco e Rijkhoff trazem um exemplo no qual existe um Movimento e 3 Atos Discursivos, representado como abaixo:

- (3) Oh my God, it’s on fire, my hair.  
 (4) (M<sub>1</sub>: [(A<sub>1</sub>), (A<sub>2</sub>), (A<sub>3</sub>)] (M<sub>1</sub>) )

---

<sup>26</sup> “The minimal free unit of discourse that is able to enter into an exchange structure.”

Conforme mostram García Velasco e Rijkhoff (2008, p. 10), este é um bom exemplo para observarmos a não paridade entre o domínio da oração e o do discurso, com seus Movimentos e Atos Discursivos. Disso segue que o Movimento sempre terá uma estrutura interna, constituída de um ou mais Atos Discursivos, conforme se abstrai na formulação abaixo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 52) :

$$(5) \quad (\pi M_1: [(A_1) \dots (A_{1+N}) (M_1): \Sigma (M_1) ]), \text{ sendo } n \geq 0$$

Os Movimentos, como podemos observar, podem estar acompanhados de elementos (no caso,  $\pi$  e  $\Sigma$ ) que àqueles se adjungem a fim de matizarem o seu conteúdo. Quando são itens lexicais, são chamados de Modificadores do Movimento – ou modificadores interpessoais ( $\Sigma$ ). Sua função básica é indicar, segundo a opinião do interlocutor que o profere ou registra, o *status* que um dado Movimento ostenta no âmbito da situação comunicativa em que se insere, ou seja, o papel de um dado Movimento no discurso. Exemplos comuns são os adjuntos adverbiais que traduzem o julgamento do falante acerca do movimento que está para ser manifestado: “em suma”, “para terminar”, “enfim”, “para encurtar a história”, “de mais a mais”, etc. Muitas vezes, esta mesma função é desempenhada por instrumentos gramaticais, e não por formas lexicais, no sentido de lexemas como formas livres, pois, ainda que certos operadores tenham uma aparência de palavra, na GDF, são entendidos como operadores gramaticais. Exemplo disso é a palavra *however* (“entretanto”), entendida por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 59) como partícula gramatical, e não elemento lexical, por não poder ela mesma ser passível de modificação. Citemos um exemplo dos referidos autores em que *however* contrasta dois Movimentos distintos (grifamos em negrito o operador):

The Federal Trade Commission’s (‘FTC’) recent promulgation of the amended Telemarketing Sales Rule (‘TSR’) has served to cement regulatory compliance as the number one issue for companies that engage in telemarketing. The triple threat posed by the FTC’s new ‘national’ Do Not Call list, the Caller ID transmission rules, and the three percent abandonment rate for predictive dialers promises to further complicate an already confusing array of state and federal telemarketing regulations. **However**, another issue, one that has been lurking in the background since the advent of the first Do Not Call list law in 1989, is also gradually moving to the front burner for major corporations that oversee complex telemarketing operations. Today, with the majority of states having passed DNC registry laws and the FTC federal list looming on the horizon, the importance of reviewing the issue of liability for Do Not Call violations in the outsourced call center scenario cannot be

understated. Be it under federal or state law, when it comes to enforcement of Do Not Call rules, there is no distinction made between the seller of the goods or services in question and the outsourced call center hired to provide telemarketing services. (Internet) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 59)

Seguindo a descrição dos elementos do Nível Interpessoal, define-se Ato Discursivo como a menor unidade do comportamento comunicativo. Em sendo uma unidade discursiva, não encontra uma correspondência necessária com nenhuma unidade estrutural. Um determinado Movimento pode apresentar um ou mais atos discursivos, podendo haver entre estes últimos relações que correspondem, em geral, às noções de coordenação (núcleo + núcleo) e subordinação (núcleo + dependente), denominadas na GDF equipolência e dependência. Tipos específicos destas são motivação, concessão, orientação e correção. Vejamos os exemplos para o espanhol peninsular de García Velasco (2011a):

Ato discursivo	
Motivação	<i>Ten cuidado, <u>porque habrá preguntas engañosas en el examen.</u></i>
Concessão	<i>Aprobé, <u>aunque hubo preguntas engañosas</u> (conc).</i>
	<i><u>Hubo preguntas engañosas</u> (conc), pero aprobé.</i>
Orientação	<i><u>Mi hermano</u>, le he comprado el coche.</i>
Correção	<i>Le he comprado el coche, <u>a mi hermano.</u></i>

QUADRO 9: Atos Discursivos. Fonte: García Velasco (2011a)

Estruturalmente, o Ato Discursivo apresenta quatro componentes, a saber: ilocução, simbolizada por (F<sub>1</sub>); Falante, simbolizado por (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>; Ouvinte (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub> e Conteúdo Comunicado (C<sub>1</sub>), conforme a representação abaixo:

$$(6) \quad (A_I: [(F_1 : \blacklozenge (F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1)] (A_I))$$

Uma importante informação de notação: o sinal  $\blacklozenge$  simboliza um lexema.

Veja-se brevemente uma tipologia dos atos discursivos. Estes podem ser de diferentes naturezas, consoante a função comunicativa a que se prestam. Um primeiro tipo é o dos Atos Discursivos Expressivos, que apresentam apenas as posições Ilocução ( $F_1$ ) e Falante ( $P_1$ )<sub>S</sub>, não apresentando posições para Ouvinte nem para Conteúdo Comunicado. Ou seja, este tipo de Ato Discursivo representa a expressão direta dos sentimentos do falante (poder-se-ia aqui talvez traçar um paralelo com as célebres funções da linguagem de Roman Jakobson, sendo, portanto, os Atos Discursivos Expressivos próximos da representação da função emotiva, centrada no eu (no falante)). Na GDF, tem-se a seguinte formalização para a expressão interjetiva “ai!”<sup>27</sup>:

(7) Ai!

(8) ( $A_I$ : [( $F_1$ :  $Ai_{int}(F_1)$ ) ( $P_1$ )<sub>S</sub>] ( $A_I$ ))

Além, dos Atos Discursivos Expressivos, há os de tipo interativo e informativo, os quais também se aproximam das funções jackobsonianas correspondentes (função conativa e referencial). Os interativos pressupõem a existência do Conteúdo Comunicado e uma Ilocução lexical ou abstrata. Os interativos correspondem a material lexical invariável e muitas vezes “ritualizado” (expressivos, vocativos).

(9) Parabéns! ( $A_I$ : [( $F_1$ : /,pa.ra.'beĩs/ ( $F_1$ ) ( $P_1$ )<sub>S</sub> ( $P_J$ )<sub>A</sub>] ( $A_I$ ))

Ainda citando os exemplos de García Velasco (2011a), mencionemos mais um tipo de Ato Discursivo: o informativo, que implica um Conteúdo Comunicado e uma Ilocução (F), lexical ou abstrata, conforme se vê abaixo:

(10) Prometo que estarei ahí mañana

(11) ( $A_I$ : [( $F_1$ : /pro'met ( $F_1$ ) ( $P_1$ )<sub>S</sub> ( $P_J$ )<sub>A</sub> ( $C_I$ )] ( $A_I$ ))

---

<sup>27</sup> “Ouch!”, no exemplo de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 63).

(12) Estaré ahí mañana

(13) (A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>J</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>)] (A<sub>I</sub>))

Dando continuidade à explanação do Nível Interpessoal, alcança-se neste ponto o elemento *Ilocução*. O núcleo da Ilocução é representado por (F<sub>I</sub>) e pode ser de natureza lexical (sendo representando pelo próprio item lexical), no caso dos verbos performativos, ou abstrata (quando a representação é feita pela notação ILL (ilocução)). Em ambos os casos, há uma grande variabilidade de possibilidades semântico-funcionais para o preenchimento da posição da Ilocução, pois esta terá a natureza do item lexical que vier a desempenhar tal papel ou, no caso do núcleo abstrato, da força ilocutória da expressão (na verdade, da intenção do falante) em si.

Expõem-se no quadro abaixo os tipos de Ilocução abstrata, apresentando-se alguns dos exemplos de García Velasco (2011a), que adaptamos ao português brasileiro:

DECLarativo	Não tenho dinheiro
INTERrogativo	Tens dinheiro?
IMPERativo	Vai.
PROHibitivo	Não vás.
OPTativo	Deus te guarde.
HORTativo	Vamos embora?
DISHORTativo	Menos!
ADMONitivo	Te cuida!

QUADRO 10: Tipos de Ilocução. Fonte: García Velasco (2011a)

A relação entre os Atos Discursivos pode ser de equipolência ou de dependência. Relações de dependência proeminentes, indicadas como uma função retórica no Ato Discursivo dependente, são a Motivação, a Concessão, a Orientação e a Correção. No Movimento seguinte temos um exemplo de releção de dependência:

(14) Tome cuidado, pois haverá perguntas capciosas no exame.

O segundo Ato Discursivo (entonacionalmente distinto) com uma Ilocução Declarativa serve para indicar a motivação que levou o Falante a proferir uma ilocução imperativa no primeiro Ato Discursivo.

Após a Ilocução, devemos mencionar as unidades Participantes, que são autoexplicativas, correspondendo aos protagonistas da interação, (P1) e (P2), alternam-se como Falante e Ouvinte.

Na sequência, o Nível Interpessoal tem a talvez mais importante de suas camadas, chamada Conteúdo Comunicado. Este é responsável por abarcar a totalidade do que o Falante deseja evocar no seu Ouvinte com o seu ato comunicativo. E é nesta camada que acontecem os fundamentais atos, que, por pertencerem a uma camada mais alta denominada também de ato (Ato Discursivo), são denominados Subatos. Mediante os Subatos, o Falante evoca de duas formas: ou referindo uma entidade (Subato Referencial, representado por R) ou predicando (Subato Adscritivo, representado por T). Tais unidade, na verdade, são fundamentais para o que acontecerá no Nível Representacional, ou seja, as referências serão preenchidas com categorias do tipo indivíduo, por exemplo, enquanto as predicções em geral terão frequentemente sua expressão mediante as cateogiras verbos e adjetivos (predicados).

Cabe mencionarmos que não é tão incomum a prática de representar-se a referenciação e a predicção. Isto é a base de qualquer gramática, apenas aqui está com uma terminologia diferente. Porém, é muito inovador e eficaz a separação entre uma função semântica de atribuição de categoria de indivíduo separada de seu corresponde subato referencial, que fica no Nível Interpessoal, o mesmo valendo para o binômio adscrição/função predicativa. Este é um dos pontos de relevo da GDF, o que faz desta uma teoria importante não só para a linguística geral, de uma forma ampla, mas também para a semântica, de uma forma específica.

Nos termos de Hengeveld e Mackenzie (2010):

Existem dois tipos de Subato: um Subato Atributivo ( $T_1$ ) é uma tentativa do Falante de evocar uma propriedade, enquanto um Subato Referencial ( $R_1$ ) é uma tentativa do Falante de evocar um referente. Em certas línguas como, por exemplo, em samoano (Mosel; Hovdhaugen, 1992) e em tagalo (HIMMELMANN, 2008), o estatuto (T) ou (R) dos Subatos é marcado explicitamente. O núcleo de um ( $T_1$ ) é, em princípio, vazio (a Propriedade sendo indicada no Nível Representacional), mas ele pode ser modificado por itens como *alegadamente*, *felizmente*, *realmente*, e/ou pode estar sujeito a um operador aproximativo, expresso em português por *tipo*, *assim* ou *ai*. O núcleo de um ( $R_1$ ) é tipicamente um Subato Atributivo [...], mas pode ser um nome próprio (Maria) ou um núcleo abstrato (realizado como um pronome ou um afixo). Entre os modificadores de Subatos Referenciais estão formas tais como *pobre* em *pobre de mim*; os operadores principais são aqueles usados para especificidade ( $\pm s$ ) e identificabilidade ( $\pm id$ ). Um caso especial é a combinação {+id, -s}, que pode estar associada com a noção de *ignorative* (EVANS, 2003), em que o referente é considerado identificável para o Ouvinte, mas não para o Falante.

Uma vez observado o Nível Interpessoal, com suas camadas internas e principais unidades, vejamos o segundo, e, para a nossa tese, mais relevante nível de representação da GDF, o Nível Representacional (semântico).

#### 1.4.2. O Nível Representacional

Este nível de representação do modelo é o que mais nos importa, porque o tema da tese está imediatamente ligado à semântica, e sobretudo à forma como os fenômenos semânticos estão modelizados na GDF.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128) marcam que existe, na GDF, uma diferença clara entre o que é considerado pragmático e o que é considerado semântico. Primeiramente, situam a semântica encetada no modelo da GDF na tradição dos estudos funcionalistas, que remontam a Bühler (1934) e sua noção de *Darstellung* (“representação”, em alemão, donde talvez a própria nomenclatura *Nível Representacional*), que encontra eco no conceito de *ideação*, de Halliday. Neves (1997, p. 9) explana acerca da importante proposta de Karl Bühler, que desenvolveu a ideia de que há “três funções da linguagem, as quais se apresentam hierarquizadas, nos diferentes enunciados: a de representação (*Darstellungsfunktion*), a de exteriorização psíquica (*Kundgabefunktion*) e a de apelo (*Apellfunktion*)” e que “Roman Jakobson adiciona às três funções de Bühler outras [...]

[criando] uma série de seis funções da linguagem [...] ligada[s] ao contexto: função referencial; ao remetente: função emotiva; ao destinatário: função conativa; ao contato: função fática; ao código: função metalingüística; à mensagem: função poética.”

Assim, os conceitos de representação e semântica correspondem-se na história da linguística funcionalista, entendida esta última, por fim, como a forma com que as línguas se vinculam ao mundo extralingüístico que descrevem, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128). Estes autores demonstram que tal relação com o mundo extralingüístico define o conceito *semântica*, na medida em que elementos do Nível Interpessoal não podem ser negados, ou, em outras palavras, não podem ter sua existência extralingüística negada, uma vez que não possuem existência fora do discurso. Exemplificam, citando Boër e Lycan (1980) e Levinson (1983, p. 257), com o caso dos verbos performativos e dos advérbios que têm força ilocucionária, tais como *frankly*, *briefly*, *finally*, que, justamente por afetarem o discurso (e não representarem entidades extralingüísticas) são situados no Nível Interpessoal, e não no Representacional:

- (15) A: Frankly/Briefly/Finally, Sheila is ill.  
 (16) B: a. No. (She isn't.)  
 (17) b. \*No. (You are not being frank.)  
 (18) c. \*No. (That isn't brief.)  
 (19) d. \*No. (That isn't final.)

Como dissemos, o fato de não poderem ter sua existência (no mundo) negada prova que os elementos do exemplo têm uma natureza interpessoal, e não semântica, ou representacional, na terminologia funcionalista.

Além desta definição de semântica, os autores estabelecem que o termo *semântica* é restrito aos significados das unidades lexicais (semântica lexical) e das unidades complexas (semântica composicional) *isoladamente* das formas com que são usadas na comunicação. Para eles, os usos das unidades linguísticas são da alçada do Nível Interpessoal, através dos Atos e Subatos Discursivos que especificam as *funções* das unidades linguísticas.

Destaquemos tais argumentos de Hengeveld e Mackenzie, pois a eles tornaremos na análise que se dará nos capítulos em que trataremos da semântica lexical na GDF.

Esta última definição de *semântica* é demonstrada pelos autores com o exemplo “I saw a lion”, em relação ao qual avaliam a noção de referência: ou o falante se refere ao leão que ele está vendo ou a expressão se refere a um leão (em abstrato, digamos). No primeiro caso, teríamos a visão interpessoal e acional; já no segundo, a visão representacional, semântica. Os autores utilizam a noção de *referência* para o caso acional (lembramos que esta noção estará presente em uma das unidades do Nível Interpessoal – o subato referencial) e a noção de designação para o caso semântico.

A distinção parece ser fundamental, pois permite que uma mesma expressão seja utilizada ora referencialmente ora designativamente. Em “this animal is a lion”, “lion” é usado em uma adscrição (T), e não em uma referenciação (R):

R

(20) In the zoo I saw a lion.

T

(21) This animal is a lion.

O termo escolhido para descrever a natureza das unidades interpessoais é *evocação*, presa à noção de falante e pragmática, enquanto a natureza das unidades representacional é dita *designação*, em abstrato, ou seja, não presa ao falante, e semântica.

Designação dos seres do mundo extralinguístico, então, pressuporá um estudo das categorias ontológicas que têm representação gramatical. Porém, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 39) não consideram todas as oposições semânticas relevantes. Eles tomam um critério morfossintático para regradar quais categorias semânticas são relevantes para a descrição da linguagem em seu modelo teórico. Seguindo o que chamam de “form-oriented function-to-form approach to Grammar” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 39), ou

seja, abordagem da gramática que vai da função à forma, mas se orienta pela forma, estabelecem que, no campo da semântica, são relevantes apenas aquelas categorias que baseiam configurações morfossintáticas. Ficam excluídas as oposições puramente lexicais, bem como a expressão de operadores e a expressão de funções. No que toca às distinções no nível lexical, nas palavras dos autores, as classes e subclasses lexicais são formas de as categorias semânticas se manifestarem, mas o fato de que há palavras distintas para “horse” ou “cow” numa língua não os leva a querer distinguir entre uma classe de indivíduos ‘horse’ e outra ‘cow’.

Antes de adentrarmos o Nível Representacional em si, vejamos as quatro categorias ontológicas que, no âmbito da gramática, embasarão as categorias semânticas. Estas os autores da GDF vão buscar na clássica obra *Semantics* de Lyons (1977, pp. 442-7). Vejamos a tabela abaixo, que apresenta as categorias com os exemplos de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 131), acrescidos dos exemplos em português.

Categorias Semânticas			
Descrição	Variável	Exemplos	
Indivíduo	x	<i>chair</i>	<i>cadeira</i>
Propriedade	f	<i>colour</i>	<i>cor</i>
Estado-de-Coisas	e	<i>meeting</i>	<i>encontro</i>
Conteúdo Proposicional	P	<i>idea</i>	<i>ideia</i>

QUADRO 11: Categorias Semânticas. Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 131)

Citadas essas considerações gerais sobre semântica na GDF, vejamos em detalhe como é a organização interna do Nível Representacional. Hengeveld e Mackenzie (2008) centram como ponto de destaque da representação interna deste nível a camada do Estado-de-Coisas. Apresentamos abaixo o quadro completo das camadas:

---

 Estrutura Hierárquica do Nível Representacional

( $\pi$ p1:	Conteúdo Proposicional
( $\pi$ ep1:	Episódio
( $\pi$ e1:	Estado-de-Coisas
[( $\pi$ f1: [	Propriedade Configuracional
( $\pi$ f2: (f2): [ $\sigma$ (f2 ) $\varphi$ ])	Propriedade Lexical
( $\pi$ x1:	Indivíduo
[( $\pi$ f3: (f3): $\sigma$ (f3 ) $\varphi$ )	Propriedade Lexical
(x1 ) $\varphi$ ]: [ $\sigma$ (x1 ) $\varphi$ ]) $\varphi$	Indivíduo
( $\pi$ l1:	Lugar
[( $\pi$ f4: (f4): $\sigma$ (f4 ) $\varphi$ )	Propriedade Lexical
(l1 ) $\varphi$ ]: [ $\sigma$ (l1 ) $\varphi$ ]) $\varphi$	Lugar
( $\pi$ t1:[	Tempo
( $\pi$ f5: (f5): $\sigma$ (f5 ) $\varphi$ )	Propriedade Lexical
(t1 ) $\varphi$ ]: [ $\sigma$ (t1 ) $\varphi$ ]) $\varphi$	Tempo
](f1): [ $\sigma$ (f1 ) $\varphi$ ])	Propriedade Configuracional
(e1 ) $\varphi$ ]: [ $\sigma$ (e1 ) $\varphi$ ])	Estado-de-Coisas
(ep1 ): [ $\sigma$ (ep1 ) $\varphi$ ])	Episódio
(p1 ): [ $\sigma$ (p1 ) $\varphi$ ])	Conteúdo Proposicional

---

QUADRO 12: Estrutura Hierárquica do Nível Representacional, adaptado de García Velasco (2011a)

Mencionamos as categorias ontológicas de Lyons em que se baseiam os autores da GDF justamente porque é partir delas que se definirão as camadas do Nível Representacional. Exemplo é a categoria *indivíduo*, que redundará na categoria semântica

*Indivíduo*. Acima está representada a hierarquização das camadas delineadas a partir das categorias ontológicas.

Começemos pelos Conteúdos Proposicionais (p), as mais altas unidades do Nível Representacional, que, para os autores, correspondem a noções tais como conhecimentos ou desejos, que serão factuais quando representarem, de alguma forma, elementos do mundo real ou não factuais, quando estiverem em *Darstellung* de noções imaginárias. Cabe registrar que é interessante os teóricos da GDF salvaguardarem os elementos de mundos imaginários quando falam de sentido ou representação, pois o sentido desde Frege é entendido como não necessariamente factual e distinto, assim, da referência. Ou seja, a distinção fregeana é captada, na GDF, na diferença entre evocação e designação, ou entre interpessoal e representacional.

O Conteúdo Proposicional será de tipo vários, conforme a cor da noção que representam, podendo variar desde a certeza à descrença, passando pela dúvida, entre outras. Cabe aqui mencionar que o Conteúdo Proposicional de forma alguma equivale ao Conteúdo Comunicado, aquele está diretamente ligado à figura do falante, donde a nomenclatura interpessoal, já este tem uma natureza representacional e não corresponde à intenção posta em mensagem pelo falante, podendo ser um conteúdo em abstrato em relação à situação comunicativa, conforme observamos no exemplo de “I saw a lion”. Outra característica importante desta unidade do Nível Representacional é o fato de conter Episódios (ep), que são conjuntos de Estados-de-Coisas, que, por sua vez estão situados no tempo e no espaço. Em outras palavras um estado-de-coisas é o que normalmente atribuímos à semântica da oração, com um sujeito, objetos e predicado (pensemos num predicado verbal canônico), localizados no tempo e no espaço. Esta é uma visão simplista apenas para exemplificar a relação entre as unidades, que conforme já dissemos mais de uma vez, podem ter extensão variada (sobretudo se considerarmos a recursividade). Citemos Hengeveld e Mackenzie (2010), em que apresentam um exemplo do português para uma sequência de Estados-de-Coisas marcados com gerúndios e um verbo finito no último deles e que, no todo, formam um episódio.

(22) Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.

Um fator semântico-gramatical de relevância salientado pelos autores em relação a este exemplo é o de que o Episódio tem uma marcação de tempo absoluto (no caso acima, pretérito), enquanto os Estados-de-Coisas apresentam tempo relativo (no caso do exemplo, pretérito perfeito no último dos Estados-de-Coisas).

A próxima unidade da hierarquia a analisarmos é a Propriedade Configuracional (f), que se localiza no interior do Estado-de-Coisas. Segundo os autores (HENGEVELD; MACKENZIE, 2010), as propriedades configuracionais são de “natureza composicional e contêm uma combinação de unidades semânticas que não estabelecem uma relação hierárquica entre si”. Veremos que estas unidades são as propriedades léxicas, os indivíduos, lugar e tempo. Tais propriedades configuracionais correspondem aos moldes de predicação, representando a relação entre os argumentos semânticos de um dado Estado-de-Coisas, donde o nome *configuracional*: são a contraparte semântica da relação predicado/casas argumentais da sintaxe, estando, assim, o seu formato diretamente vinculado à valência dos predicados e apresentando uma grande gama de possibilidades, devido ao fato inequívoco de que as línguas do mundo se estruturam muito diversificadamente no que tange às valências quantitativas.

As unidades que as Propriedades Configuracionais albergam e que entram no jogo da predicação, como citamos acima, advêm das categorias ontológico-semânticas Indivíduo (x), ou seja, objetos situados na dimensão espacial; Propriedades Lexicais (f), como as demais propriedades do modelo da GDF, não independentes e observáveis apenas no âmbito de sua aplicação a outras unidades/entidades; Lugar (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Quantidade (q) (observe-se que nem todas estas últimas unidades constam em todas as línguas como formas morfossintaticamente materializadas, não entrando, assim, necessariamente no cômputo das categorias semânticas do Nível Representacional).

Em mais de um momento, Hengeveld e Mackenzie, tanto no texto de 2008 quando no de 2010, que ora estudamos, citam a nominalização como um critério de verificação para a

existência de uma dada categoria semântica, uma vez que a nominalização corresponde à consubstanciação morfológica que só se dá a partir de um *input* do Nível Representacional. Aqui já citamos as nominalizações sugeridas pelos autores com referência às categorias ontológicas mais cedo nesta subseção. Vejamos a lista para as mesmas categorias que os autores em estudo sugerem para as formas nominais derivadas, em inglês. Acrescentamos, à medida do possível, exemplos em português brasileiro correspondentes aos sufixos citados:

Nomes Derivados / Categorias Semânticas			
Tipo de Entidade	Variável	Exemplos	
Indivíduo	x	<i>writ-er</i> <i>employ-er</i> <i>sing-er</i> <i>inhabit-ant</i> <i>contest-ant</i>	<i>escrit-or</i> <i>emprega-dor</i> <i>cant-or</i> <i>habita-nte</i> <i>ocupa-nte</i>
Propriedade	f	<i>mean-ness</i> <i>kind-ness</i> <i>false-ness</i> <i>elastic-ity</i> <i>rapid-ity</i> <i>san-ity</i>	<i>mal-dade</i> <i>bon-dade</i> <i>falsi-dade</i> <i>elastici-dade</i> <i>rapid-ez</i> <i>sani-dade</i>
Estado-de-Coisas	e	<i>explora-tion</i> <i>deci-sion</i> <i>deple-tion</i> <i>break-age</i> <i>cover-age</i>	<i>explora-ção</i> <i>deci-são</i> <i>abaixa-mento</i> <i>desmont-agem</i> <i>cobert-ura</i>
Conteúdo Proposicional	p	<i>hope-∅</i> <i>wish-∅</i> <i>belief-∅</i>	<i>espera-nça</i> <i>desej-o</i> <i>cre-nça</i>

QUADRO 12: Nomes Derivados / Categorias Semânticas, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 132)

Como se vê dos exemplos, a nominalização é um parâmetro para a verificação das classes semânticas.

Vejamos agora, na próxima subseção, os níveis que se seguem ao Nível Representacional.

#### 1.4.3. Os Níveis Morfossintático e Fonológico

Não nos aprofundaremos nos Níveis Morfossintático e Fonológico, pois não estão no foco de nossas preocupações nesta tese, que pretende avaliar a relação, na GDF, dos lexemas com os Níveis Interpessoal e Representacional, mais do que com sua morfossintaxe ou fonologia, porém convém que façamos menção a estes Níveis para termos uma noção mais completa da arquitetura do modelo, sobretudo no que tange à morfossintaxe, pois esta sim é um parâmetro para medirmos a influência da semântica lexical, porém somente em casos específicos, não a morfossintaxe como um todo.

Como já mencionamos algumas vezes, na GDF, a ordem sintática é tida como decorrente do sentido e dos usos das expressões linguísticas. García Velasco e Rijkhoff (2008, p. 12), entretanto advertem para o fato de que nesta teoria também se admite independência relativa à sintaxe, uma vez que foi desenvolvido um Nível Morfossintático separado.

Vejamos qual tipo de primitivos está na base deste Nível. Trata-se dos *templates* sintáticos, que definem os *slots* a serem preenchidos pelas unidades lexicais. A independência dos níveis, que faz com que o modelo da GDF difira em muito do da GF, garantiu que fosse possibilitada a relação da semântica com as diferentes possibilidades sintáticas (diferentes *templates*), sem se fazer necessário lançar mão do recurso do movimento, tais como *raising*.

García Velasco (2011a) assim refere a organização hierárquica do Nível Morfossintático:

---

Estrutura Hierárquica do Nível Morfossintático

(Le <sub>1</sub> :	Expressão Lingística
(Cl <sub>1</sub> :	Oração
(Xp <sub>1</sub> :	Sintagma
(Xw <sub>1</sub> :	Palavra
(Xs <sub>1</sub> )	Raiz/Tema
(Aff <sub>1</sub> )	Afixo
(Xw <sub>1</sub> )	Palavra
(Xp <sub>1</sub> )	Sintagma
(Cl <sub>1</sub> )	Oração
(Le <sub>1</sub> )	Expressão Linguística

---

QUADRO 12: Estrutura Hierárquica do Nível Morfossintático, adaptado de García Velasco (2011a)

Na versão linear da representação, temos:

(23) (Le<sub>1</sub>: [Cl<sub>1</sub>: [(Xw) (Xp<sub>1</sub>: [(Xw) (Xp<sub>2</sub>) (Cl<sub>2</sub>)] (Xp<sub>1</sub>)) (Cl<sub>3</sub>)] (Cl<sub>1</sub>))] (Le<sub>1</sub>))

(24) Le = Expressão Linguística

(25) Cl = Cláusula

(26) X<sub>p</sub> = Sintagma (do tipo X)

(27) X<sub>w</sub> = Palavra (do tipo X)

Um exemplo de García Velasco (2011a) para o espanhol peninsular, em que se destaca o sintagma preposicional (Pp), é:

- (28) A: ¿Dónde vas??  
 (29) B: Al cine.  
 (30) (Le<sub>i</sub>: [ (Pp<sub>i</sub>: –al cine– (Pp<sub>i</sub>)) ] (Le<sub>i</sub>))

No Nível Morfossintático, uma unidade linguística é analisada em termos de seus constituintes sintáticos e morfológicos, desde a mais alta até a mais baixa das camadas: expressão linguística, (Le), cláusulas (Cl), sintagmas de vários tipos (Xp) e palavras de vários tipos (Xw). De fato, Hengeveld e Mackenzie (2008) apontam que não é necessário concatenar uma a uma as unidades pragmático-semânticas e as morfossintáticas. Como ressaltamos mais de uma vez, uma determinada unidade pragmática, como o Ato Discursivo ou o Movimento, podem ter várias extensões, correspondentes a vários tipos de unidade morfossintática (e não necessariamente oração ou palavra). Um outro exemplo são as predicções semânticas que são uma única unidade designando uma propriedade e duas unidades designando indivíduos: em algumas línguas podem ser materializadas em uma oração (ou cláusula) com três constituintes e em outras com uma única palavra. Este exemplo poderia ser expandido para todos aqueles existentes entre línguas morfológicamente diversas, como os que existem entre as línguas isolantes ou flexionais, de um lado, e as polissintéticas, de outro, por exemplo. Vejamos mais um exemplo do espanhol peninsular (língua flexional), citado por García Velasco (2011a):

- (31) *Lleg-ó* (llegar+IND+PAST.PFV.3.SG)  
 (32) NI: (M<sub>I</sub>: [(A<sub>I</sub>: [(F<sub>I</sub>: DECL (F<sub>I</sub>)) (P<sub>I</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>I</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>I</sub>: [(T<sub>I</sub>) (R<sub>I</sub> [-S-A] (R<sub>I</sub>)<sub>Top</sub>]□ (C<sub>I</sub>))] (A<sub>I</sub>))] (M<sub>I</sub>))  
 (33) NR: (past ep<sub>i</sub>: [(e<sub>i</sub>: [(perf f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: lleg-(f<sub>j</sub>)) (1x<sub>i</sub>)<sub>A</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>))] (ep<sub>i</sub>))]  
 (34) NM: (Cl<sub>i</sub>: [(Vp<sub>i</sub>: (Vw<sub>i</sub>: /lleg-/ (Vw<sub>i</sub>)) (Aff<sub>i</sub>: ind past pf 3sg (Aff<sub>i</sub>))] (Vw<sub>i</sub>)] (Vp<sub>i</sub>)] (Cl<sub>i</sub>))

Das camadas morfossintáticas, a mais importante para o nosso presente trabalho talvez seja a de palavra, que permite uma interface direta entre o Nível Morfossintático e o léxico. García Velasco (2011b) apresentou um estudo do comportamento dos sufixos –ismo e

–ista no espanhol peninsular, mostrando a relação entre os Níveis Representativo e Morfossintático e entre o Componente Conceitual e o Léxico. Nesta apresentação, foi dado relevo à camada da palavra, tendo-se mostrado que, na GDF, há uma distinção clara entre palavra e lexema. Palavras composicionais (nível morfológico) do espanhol peninsular como *lavacoche* (literalmente “lava-carros”) no nível semântico correspondem a dois lexemas distintos, conforme os exemplos abaixo:

(35) NR:  $(x_i: (f_i: [(f_j: \text{lavar } (f_j)) (x_j: \text{-coche- } (x_j))_{\cup}] (f_i)) (x_i))$

(36) NM:  $(Nw_i: \text{-lavacoche- } (Nw_i))$

Estudos como este que foram citados analisam fenômenos de derivação morfológico-lexical no âmbito da GDF, e esta é uma área fértil para os estudos em semântica lexical neste modelo, que observa como se dão os processos de formação lexical entre os Níveis Morfossintático e Representativo e os Componentes Conceitual e Contextual. Não entraremos aqui nas questões de derivação nem de criação lexical, mas gostaríamos de marcar que este é mais um campo de estudos relativos à semântica lexical e ao léxico.

Outra distinção, ligada a esta, é a de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401) acerca da diferença entre classe de palavra lexical e classe de palavra gramatical. Vejamos um quadro em que os autores cotejam as duas classes com exemplos de língua inglesa:

Correspondências entre Classes de Palavras Lexicais e Gramaticais			
Classe de Palavra Lexical	Exemplo	Classe de Palavra Gramatical	Exemplo
Verbo	<i>exterminate</i>	Verbo auxiliar	<i>must, should, be</i>
Nome	<i>horseshoe</i>	Pronome	<i>I, it, that</i>
Adjetivo	<i>terrific</i>	Pró-adjetivo	<i>Such</i>
Advérbio	<i>Aloft</i>	Pró-advérbio	<i>there, then</i>
Adposição	<i>under</i>	Adposição Gramatical	<i>of, at</i>
Conjunção	<i>while</i>	Conjunção Gramatical	<i>that, because</i>
Partícula	<i>hey, wow</i>	Partícula Gramatical	<i>just, even</i>

QUADRO 13: Palavras Lexicais e Gramaticais, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401)

A distinção explicitada no quadro reforça a diferença existente entre palavras e lexemas na GDF, uma vez que as palavras gramaticais fazem parte do repertório de operadores, diferentemente das classes lexicais, que constituem lexemas, listados nos primitivos interpessoais e representacionais. As palavras gramaticais são palavras morfológicas que não têm uma contraparte lexemática. Já os lexemas têm uma contraparte morfológica, ou seja, lexemas necessariamente têm uma representação lexical e uma representação morfológica (palavra), instrumentos gramaticais têm apenas representação final morfológica.

Vejamos, para finalizar esta subseção, brevemente, o Nível Fonológico, último dos níveis do Componente Gramatical. O Nível Fonológico, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008) constitui um nível específico das línguas, devido ao fato de que cada língua dispõe de um repertório de fonemas próprio. Este Nível contém tanto as representações fonológicas segmentais quanto as suprasegmentais de um enunciado, que é a maior unidade fonológica no âmbito da GDF. Abaixo, segue a representação linear da estrutura interna deste nível:

$$(37) \quad (\pi U_1 : [(\pi IP_1 : [(\pi PP_1 : [(\pi PW_1 [\pi F_1 : [(\pi S)^N]) (F_1)]) (PP_1)]) (IP_1)]) (U_1))$$

Cabe citarmos que a unidade mais alta é o enunciado (U, de *utterance*), que constitui a unidade fonológica mais ampla na GDF (e também em outros modelos fonológicos prosódicos). Neste nível, há ainda as camadas frase entonacional (IP, de *intonational phrase*), frase fonológica (PP, de *phonological phrase*), palavra fonológica (PW, de *phonological word*), pé (F, de *foot*) e sílaba (S).

Da mesma forma que acontece com os demais níveis e camadas, no Nível Fonológico, as unidades não devem necessariamente fazer-se corresponder biunivocamente àquelas pragmáticas, semânticas ou morfossintáticas, haja vista a independência dos níveis. Os autores da teoria exemplificam que em algumas línguas orações subordinadas participam

de uma frase entonacional distinta daquela da oração principal, enquanto, em outras línguas, tanto a principal quanto as suas subordinadas partilham a mesma frase entonacional.

### 1.5. Síntese do Capítulo

Com este capítulo, pretendemos apresentar a arquitetura geral do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, a fim de termos elementos para a análise de cunho semântico-lexical que nos propomos nesta tese. Em especial, salientemos que um importante conceito presente neste quadro geral da teoria é o de primitivos da operação denominada Formulação, pois, entre estes, estão os lexemas no modelo. Naturalmente é também de suma importância a relação entre os lexemas e o Nível Representacional, que, como bem expressa esta nomenclatura advinda da terminologia Bühleriana, alberga a *representação* dos fenômenos e categorias extralinguísticas no âmbito do modelo linguístico, sendo tal representação instanciada mediante as categorias de ordem semântico-ontológica. Em relação a este último tópico, importam sobremaneira as duas definições de semântica que os idealizadores do modelo consideram como pano-de-fundo para a concepção do referido nível de representação. Outrossim, cabe ainda repisar a distinção entre o pragmático e o semântico, materializada no modelo mediante a independência entre os Níveis Interpessoal e Representacional, diferença esta que é muito debatida em semântica em geral e em semântica lexical em particular.

Em síntese, quisemos apresentar um quadro geral do modelo da GDF, a partir de suas origens na GF, visando a explicitar seus componentes (gramatical, contextual e conceitual), níveis de representação (interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico), operações (formulação e codificação), bem como primitivos (operadores, *frames*, lexemas). A literatura em GDF é vasta, portanto, estamos longe da intenção de recobrirmos a pesquisa em GDF, pois tal empresa excederia os limites de um capítulo de tese, porém tivemos o propósito de traçar as suas linhas gerais. O capítulo que segue não deixa de ser uma extensão deste primeiro capítulo, pois ainda estaremos no âmbito da teoria da GDF, porém não mais estaremos fazendo um sobrevôo no modelo. Antes, estaremos nos aprofundando

num aspecto específico do modelo, a representação semântico-lexical. O referido tema será observado no contexto dos estudos do léxico na G(D)F, cujas concepções foram recebidas de forma crítica muitas vezes pelos estudiosos do funcionalismo holandês. Estas críticas também serão alvo de nossa análise, acrescidas de outras críticas que propomos aqui. Passemos, então, à exploração da representação semântico-lexical na GDF.

## 2. A REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NA GDF

Uma vez observada a arquitetura do modelo estudado, bem como a configuração geral do Componente Gramatical, com seus Níveis de Representação, Camadas, Unidades e Categorias, neste capítulo, buscaremos alcançar uma noção mais definida da questão da representação semântico-lexical no âmbito da GDF, que constitui o objetivo desta tese. A representação semântico-lexical é um dos aspectos da representação lexical num dado modelo linguístico. Assim, para lograr acercarmo-nos do nosso objetivo, refaremos o percurso entre a representação lexical da GF e a representação lexical da GDF, a fim de que tenhamos uma ideia mais clara do tratamento do léxico no funcionalismo holandês, bem como para termos acesso às bases sobre as quais se formou a concepção de lexema na GDF. A primeira subseção do capítulo conterà, assim, uma síntese da noção de léxico na GF, seguida da crítica que os próprios estudiosos da GDF fizeram a esta modelização. A segunda subseção, por sua vez, tratará uma descrição da representação lexical na GDF, à qual se seguirá uma crítica proposta nesta tese, justamente no que tange ao quesito representação semântico-lexical.

Cabe registrar que os estudos lexicais (tanto de semântica lexical quanto de classes lexicais) não são tão frequentes na pesquisa em G(D)F, ainda que exista uma considerável variedade de publicações tratando direta ou indiretamente do tema em comento. Entre outros, contam-se os seguintes estudos em GF:

Dik (1978)	<i>Stepwise Lexical Decomposition</i>
Bolkestein, Groot e Mackenzie (1985)	<i>Predicates and Terms in Functional Grammar</i>
Hengeveld (1992a)	<i>Parts of Speech</i>
Schack-Rasmussen (1994)	<i>Semantic Functions in Perspective – Reconsidering Meaning Definitions.</i>
Hengeveld (1997)	<i>Adverbs in Functional Grammar</i>
Olbertz, Hengeveld e S. García (1998)	<i>The Structure of the Lexicon in Functional Grammar</i>
Mairal Usón (2000)	<i>Reconsidering Lexical Representations in Functional Grammar</i>

Contam-se também os seguintes estudos em GDF, entre outros:

- |                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| García Velasco e Hengeveld (2002) | <i>Do we need predicate frames?</i>  |
| Mackenzie e García Velasco (2005) | <i>Predicates and Predication</i>  |
| García Velasco (2007)             | <i>Lexical Competence and Functional Discourse Grammar</i>   |
| Keizer (2007)                     | <i>The Lexical-Grammatical Dichotomy in Functional Discourse Grammar</i>   |
| Keizer (2008)                     | <i>English Prepositions in Functional Discourse Grammar</i>  |
| García Velasco e Rijkhoff (2008)  | <i>The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar</i>   |
| Hengeveld e van Lier (2008)       | <i>Lexical and Complex Heads in Functional Discourse grammar</i>   |
| Comparini e Guiraldelli (2009)    | <i>O Estatuto Lexical das Preposições Ante e Após sob a Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional</i>                |
| García Velasco (2009a)            | <i>Innovative Coinage: its Place in the Grammar</i>  |
| García Velasco (2009b)            | <i>Conversion in English and its Implications for Functional Discourse Grammar</i>                                       |
| Rijkhoff (2009)                   | <i>Parallels in NP-Clause Structure: Functional Categories</i>   |
| van Lier (2009)                   | <i>Parts of Speech and Dependent Clauses. A Typological Study.</i>   |
| Pezatti e Camacho (2009)          | <i>As Preposições Sob e Sobre da Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional</i>                                       |
| Honselaar e Keizer (2009)         | <i>A Functional Discourse Grammar Account of Set Nouns in Dutch and its Implications for Lexicography</i>                |
| Rijkhoff (2010)                   | <i>Functional Categories in the Noun Phrase: on Jacks-of-all-trades and One-trick-ponies in Danish, Dutch and German</i> |

Hengeveld e Valstar (2010)

*Parts of speech Systems and Lexical Subclasses*

García Velasco (no prelo)

*The Causative / Inchoative Alternation in Functional Discourse Grammar*

A maior parte do conteúdo referente às concepções de léxico, item lexical e representação semântico-lexical em G(D)F encontra-se, portanto, esparsa na literatura, não havendo uma obra que congregue um estudo mais geral sobre os estudos do léxico no funcionalismo holandês como um todo.

Vejamos, então, na próxima subseção a primeira parte do percurso do léxico na G(D)F: a representação lexical na GF.

### **2.1. A Representação Lexical no âmbito da GF**

Um bom apanhado da representação lexical na GF é-nos oferecido no estudo de Mackenzie e García Velasco (2005), *Predicates and Predication*. Segundo os autores, no modelo *standard* da GF, os predicados são associados, no chamado Fundo (*fund*, nos termos de Mackenzie e García Velasco (2005, p. 2)) (ou Fundo Lexical, como denominam Weigand e Hoppenbrouwers (1997) e Olbertz, Hengeveld e García (1998), entre outros), a um conjunto estruturado de cinco tipos de informação: a forma do predicado, a categoria do predicado, as valências qualitativa e quantitativa do predicado e a definição semântica (*meaning definition*). Ou seja, a representação dos itens lexicais, dos assim chamados predicados, vincula inextricavelmente a sua forma à sua morfologia (categoria), sintaxe (valência quantitativa) e semântica (valência qualitativa e definição). Tal concepção de item lexical bem se coadunava com a orientação *bottom-up* da GF, visto que o predicado, assim entendido, já porta propriedades linguísticas que servem de base (*bottom*) sobre a qual vêm a ser aplicadas as regras sintáticas, semânticas e pragmáticas, até alcançar-se (*up*) a completude da descrição linguística.

Uma importante distinção feita em GF é aquela entre léxico e fundo lexical. O léxico seria o conjunto das formas não derivadas, enquanto o Fundo corresponderia à totalidade das formas lexicais disponíveis para as operações linguísticas do modelo. Nos termos de Mackenzie e García Velasco (2005, p. 3), o léxico corresponde ao componente central do Fundo e contém todos os predicados básicos, não derivados por alguma espécie de procedimento, podendo ser tanto morfemas, palavras ou uma combinação de palavras (palavras compostas, complexas, ou poliléxicas). Esta centralidade do léxico em relação ao fundo se dá no sentido de que, sincronicamente, serve de estofo para os predicados derivados (compostos, etc.) e, diacronicamente, muitos nomes próprios (por exemplo, *a Casa Branca*) originam-se a partir de itens do léxico. Ainda se acrescenta que muitas palavras gramaticais (por exemplo, as chamadas preposições acidentais, em português) derivam dos predicados lexicais mediante processos de gramaticalização. Esta passagem do texto dos autores é relevante para a nossa discussão, pois pressupõe que, de alguma forma, há processos de formação lexical (de formas derivadas) a partir de lexemas mais primários. Estas serão denominadas pelos teóricos da GF de “predicate formation rules” (PFRs), ou Regras de Formação de Predicados (RFPs). As RFPs medeiam, portanto, um predicado simples e um derivado, tomando um e outro como *input* e *output*, respectivamente, mediante a afetação de pelo menos uma das cinco informações lexicais que o predicado ostenta: forma; categoria; valência quantitativa; valência qualitativa; definição. Vejamos abaixo como Mackenzie e García Velasco (2005) analisam cada uma dessas propriedades dos itens lexicais, investigando como os predicados têm suas propriedades (ou informações léxicas) afetadas pelas RFPs.

Em relação à forma do predicado, para os referidos autores, na GDF, os lexemas albergados no Fundo trazem uma especificação de suas propriedades morfológicas idiossincráticas, podendo ainda dar acesso a um paradigma lexical, em que constam formas irregulares (pensemos nos verbos do português), padrões léxico-colocacionais (pensemos nas colocações de Mel'čuk (MEL'ČUK *et al.*, 1984, 1988, 1992, 1999)). As mudanças operadas pelas RFPs na forma dos predicados são de natureza morfológica, passando por todos os tipos de derivação morfológica, desde prefixação e sufixação, até derivações regressivas, reduplicações, apofonias, etc.

As RFPs afetam a categoria do predicado na medida em que há no sistema os processos de nominalização, verbalização e adjetivação. Regras deste tipo são especialmente interessantes para a descrição de línguas que têm a chamada derivação imprópria da Gramática Tradicional, ou conversão, na terminologia linguística.

Em relação à valência quantitativa, os predicados podem variar quanto ao número de argumentos que requerem. Mackenzie e García Velasco (2005) apontam para o problema enfrentado pela GF relativo ao fato de diferenciar argumentos propriamente ditos de satélites (o que nos faz lembrar o problema enfrentado pela Gramática Tradicional ao não apresentar uma categoria do tipo complemento adverbial ou circunstancial para bem explicar o comportamento de certos verbos). Uma vez que satélites são considerados menos obrigatórios que os argumentos, chegou-se a pensar que, nos casos de ocorrência de objetos nulos, fossem estes satélites, em termos de GF, dada a possibilidade de serem omitidos, análise esta totalmente contraintuitiva (o exemplo dos autores é: A: Do you like? B: I love!). Da mesma forma que se deu com relação à categoria dos itens lexicais, as RFPs aqui afetam a valência do predicado, aumentando-a em números de argumentos, reduzindo-a ou preservando-a.

A valência qualitativa está vinculada às propriedades semânticas dos predicados que dizem respeito às funções semânticas dos argumentos, o que equivale ao que é denominado em outras teorias de papéis temáticos. Em GF, os argumentos são classificados nos tipos  $A_1$ ,  $A_2$  e  $A_3$ . Predicados monovalentes terão um argumento do tipo  $A_1$ ; os bivalentes,  $A_1$  e  $A_2$ , e assim por diante. Tais funções são determinadas pelos traços de controle e dinamismo do estado-de-coisas, conforme quadro abaixo, elaborado por Mackenzie e García Velasco (2005, p. 9):

Estado-de-coisas	$A_1$
[+controle, + dinamismo]	Agente
[+controle, – dinamismo]	Posicionador
[– controle, + dinamismo]	Processado ou força
[– controle, – dinamismo]	Zero

QUADRO 15: Traços de Controle e Dinamismo do Estado-de-Coisas. Fonte: Mackenzie e García Velasco (2005, p. 9)

Não entraremos no detalhamento dos demais argumentos, porque não nos interessa traçar todo o quadro valencial da GF, mas apenas salientarmos o escopo da aplicação das RFPs, que, sendo regras de derivação de predicados (itens lexicais), são de grande interesse para a nossa tese. O exemplo de Mackenzie e García Velasco (2005, p. 9), em relação à RFP que afeta a valência qualitativa dos predicados é o seguinte:

(38) a. Nora stuffed dresses into her suit case.

(39) b. Nora stuffed her suitcase with dresses.

De acordo com os autores, tanto *dresses* quanto *her suitcases* mudam de papel temático nesta alternância, passando de tema e locativo a afetado e tema, respectivamente. Um mesmo predicado pode ter a sua valência modificada ou preservada em uma dada derivação, e tal efeito é capturado pelas regras de formação de predicados que atuam sobre os itens lexicais no modelo da GF.

Ainda dentro da temática da valência qualitativa, para além do número de argumentos da valência quantitativa e dos possíveis papéis temáticos ostentados pelo item lexical, é necessário saber que tipo de argumento pode preencher uma determinada casa argumental, ou seja, é necessário conhecer quais são as *restrições de seleção semântica* de um determinado predicado. Mackenzie e García Velasco (2005, p. 10) asseveram que as restrições de seleção foram objeto de polêmica desde sua introdução na linguística por Katz e Postal (1964, p. 3), mas que, mesmo assim, Dik insistiu em que fizessem parte do marco predicativo. O exemplo (DIK, 1997a) é *blond* (loiro) cujo argumento deve necessariamente ser *cabelo* ou metonimicamente a pessoa que tem este tipo de cabelo. Este autor, entretanto, aponta para a possibilidade de violação das restrições, oportunidade que favorece as interpretações metafóricas. Dik (1997b, pp. 91-97 *apud* Mackenzie e García Velasco (2005)) ressalta a importância das restrições de seleção em relação ao marco predicativo, citando o enunciado “My car guzzles gasoline”, cujo verbo *guzzle*, em princípio, deveria selecionar um agente animado e um paciente edível.

Os autores cujo estudo estamos seguindo de perto nesta subseção não apresentam exemplos de RFP que afete as restrições de seleção semântica de itens lexicais. Porém podemos citar o próprio tema gramatical selecionado para esta tese: os adjetivos. *Blond* ou *loiro* são casos extremos, cujo sentido final, quando se adjungem a nomes que violam sua restrição de seleção semântica, só pode ser deduzido via metonímia ou metáfora, porém muitos são os casos de adjetivos que mudam sua restrição de seleção semântica, quando alteram sua posição sintática em relação ao núcleo nominal. O adjetivo *velho*, quando posposto, corresponde a *antigo*, porém, quando em anteposição, pode modificar a predicação relativa ao núcleo nominal, e não a extensão do núcleo nominal em si. Quando nesta posição e com esta nova configuração semântica, as restrições semânticas do adjetivo *velho* se alteram, podendo então ser aplicado, por exemplo, a nomes abstratos, diferentemente do *velho* posposto: “Uma velha questão” corresponde a algo como “uma questão que é debatida há muito tempo”. Já a posposição não parece natural para o português e, em todos os casos, não significaria que a questão literalmente tem uma dada idade: “(?) discutimos a questão velha”. Com nomes mais claramente abstratos, é ainda mais difícil a posposição. Comparem-se: velha intenção / ? intenção velha; velho afã / ? afã velho; velho desejo / ? desejo velho; velha bondade / ? bondade velha.

Em relação à *meaning definition*, Mackenzie e García Velasco (2005, pp. 11 e 16) comparam a definição semântica que os itens lexicais portam nos modelos da GF e da GDF (mas não na última versão do modelo (2008), pois o trabalho dos autores é anterior, de 2005). Segundo os autores, em GF, a definição semântica dá-se segundo a *stepwise manner* da já aqui citada obra de Dik (1978). Conforme comentamos *en passant* na Introdução à tese, este método de decomposição do sentido assemelha-se ao das obras lexicográficas ou da decomposição semântica proposta por Mel’čuk e Polguère (1995), no sentido de que não utiliza nenhuma metalinguagem (como semântica ontológica (Nirenburg e Raskin (2004), entre outros) nem faz uso de primitivos semânticos, como, entre outros, faz-se na *natural semantic metalanguage*, de Wierzbicka (1972) (também conforme Geeraerts (2010, pp. 127-137) e Lynne Murphy (2010, pp. 69-73)), preferindo definir um predicado sempre em função de outro(s) predicado(s), obviamente mais simples do que o primeiro, e assim sucessivamente, até alcançar predicados, que, por corolário, serão indefiníveis. Esta *démarche* tem o

empecilho de, para os termos indefiníveis ou primitivos, tê-los de defini-los com alguma metalinguagem ou considerá-los axiomáticos, primitivos, o que conduz o sistema *stepwise* ser dependente, ao final, de alguma espécie de metalinguagem ou da estipulação de primitivos. Este é o mesmo problema enfrentado por Mel'čuk, sobretudo no que se refere aos adjetivos não derivados, como mencionamos alhures. Um outro problema a este associado é que, se se opta por considerar os itens indefiníveis como primitivos, há que buscar determinar quais primitivos valem para uma determinada língua, enumerá-los e demonstrar como se relacionam a categorias ontológicas universais, o que redundaria na própria pesquisa de Wierzbicka, que visa a definir quais seriam os primitivos semânticos válidos universalmente.

### 2.1.1. Críticas à Representação Lexical na GF

O estudo de García Velasco e Hengeveld (2002) (*Do we need predicate frames?*) constitui a crítica mais importante à GF no que tange à sua opção de representação lexical, pois questiona a própria essência dos marcos predicativos da teoria dikiana.

A passagem do modelo da GF para a GDF foi marcada por esta importante alteração na concepção dos itens lexicais em relação à GF, quando do desenvolvimento do modelo discursivo-funcionalista. Na verdade, repisa-se com frequência a mudança da orientação *bottom-up* da GF para a *top-down* da GDF, mas não é frisado de forma tão assídua que há outra mudança fulcral nesta mudança de parâmetros teóricos: o abandono do *predicado* (*predicate*) e *marco predicativo* (*predicate frame*) da GF em função das noções de *lexema* (*lexeme*) e de *marco de predicação* (*predication frame*) da GDF.

Mackenzie e García Velasco (2005) argumentam em função do fato de ser preferível a proposta da GDF de separar os predicados de seus marcos predicativos, pois, assim, pode-se salvaguardar que um determinado lexema possa assumir mais de uma função (predicação, donde a noção de *predication frame*) quando inserido no processamento linguístico. Podemos exemplificar com os adjetivos, que, em português, podem ocupar tanto as posições (funções) de nome, adjetivo ou advérbio (exemplos: <com os **altos**<sub>N</sub> e baixos da

economia estadunidense>; < é um dos pontos **altos**<sub>ADJ</sub> do filme>; < argumentando **alto**<sub>ADV</sub> sobre o tempo de duração>).

No tocante à valência quantitativa, Mackenzie e García Velasco (2005) também a entendem como outro argumento a favor da separação do predicado de sua predicação, condição esta que garante que um determinado verbo não esteja necessária e fatalmente vinculado a uma transitividade específica. Poder, composicionalmente, unir-se a diversos marcos (com diversas transitividades) traduz-se em uma maior flexibilidade na análise e uma força explanatória mais ampla, sobretudo porque dá conta das alternâncias verbais incoativo/causativo.

No que tange ao quesito da valência quantitativa, em García Velasco e Hengeveld (2002), consta a proposta de representá-la na GDF, diferentemente do que em GF. Esta ocuparia a definição (semântica) abstrata, que traria a decomposição semântica acrescida dos argumentos semânticos, à semelhança do modelo de Jackendoff (1990). Para fins de cotejo, citemos um exemplo de definição semântica para o verbo *correr* em inglês dada por Jackendoff, conforme Geeraerts (2010, p. 139):

*run*  
V  
-<PPj>  
[event GO ([thing]i, [path]j)]

Como veremos adiante, a GDF optou, por fim, na sua versão mais recente (2008), por radicalizar a separação dos predicados e seus marcos predicativos, concebendo lexemas atomísticos, o que equivale a dizer que todas as informações morfossintático-semânticas da concepção antiga (da GF) de item lexical estarão desvinculadas do lexema formando *frames* à parte. Assim, a formalização jackendoffiana é acima descartada, passando os lexemas a não conterem uma definição abstrata.

Ainda no que tange à valência qualitativa, há que referir as *restrições de seleção semântica*. O citado exemplo de Dik, por ser um caso relacionado à restrição de seleção por parte de adjetivos, *blond*, é usado como argumento para a relevância de conservar-se, em GF

a noção de restrições de seleção semântica, devido aos seguintes fatores (Mackenzie e García Velasco, p. 10):

- a) há predicados como *blond*, cujo argumento deve referir-se a cabelo ou metaforicamente a cabelo;
- b) pode-se inferir aspectos relevantes do sentido de palavras pouco comuns a partir das restrições de seleção dos predicados que se lhes adjungem;
- c) gramaticalização geralmente envolve abrandamento das restrições de seleção, fato que não seria percebido caso estas não fizessem parte da gramática de uma língua;
- d) algumas regras de formação de predicados afetam apenas as restrições de seleção (lembremos nosso exemplo do adjetivo *velho* na subseção anterior).

A crítica dos autores aqui é que na GF era necessário considerar o sentido literal, em virtude do fato de o marco predicativo já trazer a valência qualitativa definida de antemão, para só então passar-se à dedução do sentido via metáfora. Fica implícito mais uma vez o valor atribuído aos autores à separação dos predicados de seus entornos de predicação, que possibilita, no caso, a leitura metafórica de uma forma mais imediata, já que o molde agente\_v\_edível, nesta perspectiva, não estará associado, na GDF, necessariamente a *guzzle* ou a qualquer outro predicado.

Adentremos, neste passo, a seara da definição semântica, último quesito da representação lexical da GF e o mais controverso. Uma importante crítica à perspectiva da *stepwise lexical decomposition* de Dik consta de Mairal Usón (2000), que a rejeita, segundo Mackenzie e García Velasco (2005, p. 10), em vista de não darem conta do caso das alternâncias verbais estudadas por Levin (1993). Os estudiosos Faber e Mairal Usón (FABER; MAIRAL USÓN, 1999), bem como Martín Mingorance (1998), de acordo com o apontado por Mackenzie e García Velasco, revisaram a proposta de Dik (1997a), culminando no desenvolvimento do Modelo Funcional-Lexemático. Opondo-se à supremacia do nível sintagmático na GF, Faber e Mairal Usón demonstraram que o nível paradigmático é muito relevante para a sintaxe, argumentado que a complementação dos verbos em inglês é predizível da posição dos mencionados verbos na hierarquia paradigmática. Este ponto é de

importante contribuição para a discussão de nossa tese, porque é um exemplo claro da inter-relação semântica lexical/sintaxe, e especificamente da relação definição semântica/configuração sintática. Nas palavras de Mackenzie e García Velasco (2005, p. 10)<sup>28</sup>:

A semântica está, neste sentido, diretamente ligada à forma sintática, de forma que a definição semântica se torna muito mais do que um simples apêndice ao marco predicativo. Na verdade, Faber e Mairal Usón propõem que se substitua o marco predicativo predominantemente sintagmático pelo ‘esquema predicativo’, no qual ambos os eixos recebem igual atenção.

Como vemos da citação, a perspectiva sintagmática do modelo lexical da GF garantia que o seu marco predicativo ostentasse um material léxico-morfológico (forma), semântico-morfológico (categoria) e semântico-sintático (valências quantitativa e qualitativa), e definitório-semântico decomposicional. Porém, um estudo aprofundado da semântica lexical remeteria a outras relações semânticas além da pura decomposição, como as relações paradigmáticas, que são também estudadas por Dixon (2004) do ponto de vista das taxonomias.

Desconsiderar uma representação semântico-lexical, no nosso entender, para além das relações paradigmáticas, impossibilita outras generalizações de ordem sintático-semântica. E justamente as generalizações que envolvem a configuração morfossintática constituem o ponto fulcral e são o critério utilizado em GDF para sinalar o que será considerado da alçada da teoria gramatical e o que não será. Não é demais lembrar a posição de Hengeveld e Mackenzie (2008): “for each language analysed, an account of only those interpersonal and representational phenomena which are reflected in morphosyntactic or phonological”) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 39). O próximo capítulo será reservado à análise pontual de uma destas generalizações sintático-semânticas.

Além do trabalho de Mairal Usón, de 2000, em 2002, García Velasco e Hengeveld propõem para as definições dos lexemas da nascente GDF um sistema lexical de

---

<sup>28</sup> Tradução nossa do original inglês: “Semantics is in this way directly linked to syntactic form, so that the meaning definition becomes much more than an appendage to the predicate frame. Indeed, Faber & Mairal Usón propose replacing the predominantly syntagmatic predicate frame with the ‘predicate schema’, in which both axes receive equal attention.”

decomposição *à la* Jackendoff (1990), nos termos de Mackenzie e García Velasco (2005, p. 10), cujo modelo de definição exemplificamos mais acima, no item relativo à valência qualitativa dos predicados da GF e no qual as categorias primitivas definem um conjunto limitado de relações ontológicas de uma natureza conceitual. Os autores acrescentam ainda que este liame entre a definição semântica e os conceitos, na esteira da *Conceptual Semantics* citada, bem se traduz no delineamento do Componente Conceitual da GDF, que é entendido como força geradora do processamento gramatical, considerando-se ainda o léxico como mediador entre as habilidades cognitivas (no sentido de conceituais) e linguísticas. Porém, estas noções pertencem mais à “filosofia” da GDF do que à representação que o modelo disponibiliza, sobretudo em Hengeveld e Mackenzie (2008), pois, ainda que concebido assim, não está demonstrado na teoria da GDF como os itens lexicais se relacionam com o Componente Conceitual, inclusive este encontra-se em disjunção em relação aos lexemas: a caixa dos Operadores Interpessoais e Representacionais (*locus* dos lexemas) não toca o Componente Conceitual nem há setas ligando as duas representações. Tanto o Componente Conceitual quanto o diagrama dos Operadores Interpessoais e Representacionais alimentam a Formulação, porém não há relação explícita entre eles. Ademais este é o ponto-chave da discussão de García Velasco (2011b), citada quando da explanação do Nível Morfossintático nesta tese, em que se analisam os sufixos *-ismo* e *-ista* no espanhol peninsular. A conclusão do referido trabalho é no sentido de acrescentar-se uma seta unindo o Componente Conceitual à caixa dos Operadores Interpessoais e Representacionais (e outra ainda entre os Componentes Conceitual e Contextual, mas a motivação desta última não está diretamente relacionada ao debate desta tese). Ainda podemos indagar se a definição semântica *à la* Jackendoff da proposta de Hengeveld e García Velasco (2002) não deveria ter sido mantida e incorporada na versão final do modelo da GDF (2008) na medida em que dá conta da representação de fenômenos linguísticos conceitualmente motivados e lexicalmente viabilizados para a análise gramatical. A importância de um estudo mais aprofundado do léxico na GDF é pormenorizada por Mackenzie e García Velasco (2005, p. 12)<sup>29</sup>:

Em suma, estas diferentes propostas convergem para a ideia de que se deveria dar muito mais importância às definições semânticas do que se admite na GF

---

<sup>29</sup> Tradução nossa do original inglês: “All in all, these different proposals converge on the Idea that meaning definitions should be given much more importance that orthodox FG seems willing to assume. However, it is also obvious that much more research is needed to establish conclusively the nature and structure of these representations and its overall place within the FDG model.”

ortodoxa. Entretanto, é óbvio que é necessário pesquisar muito mais para se estabelecer conclusivamente a natureza e a estrutura destas representações, bem como o seu lugar no modelo da GDF.

Nesta tese, propomos uma possível interpretação para parte do que tal lacuna poderia vir a significar no âmbito deste modelo, sobremaneira no que diz respeito à caracterização do conteúdo lexical que promove reflexos na sintaxe e que não foi contemplada nos estudos lexicais (discursivo-)-funcionais.

## 2.2. A Representação Lexical na GDF

Os fenômenos linguísticos motivados pela semântica lexical, no nosso entender, deveriam ocupar a atenção dos teóricos da GDF, uma vez que é dada uma importância sobrecomum ao papel dos níveis pragmático e semântico, justamente os níveis que são alimentados pelos lexemas. A GDF, como boa parte dos empreendimentos teóricos funcionalistas, e diferentemente dos de vertente cognitivista, apresenta uma separação entre o que é gramatical e o que é conceitual, bem como entre o que é gramatical e o que é lexical. Ruiz de Mendoza e Mairal Usón (2007, p. 1), no seu estudo *Levels of semantic representation: where lexicon and grammar meet*, atentam para o fato de que os modelos funcionalistas e cognitivistas (construcionistas) divergem acerca do lugar onde a gramática “encontra” o léxico, na medida em que a perspectiva funcionalista tem uma concepção projecionista do léxico, pois separa o léxico da gramática, enquanto em linguística cognitiva em geral, e em gramática da construção em especial, não há necessidade de se criarem regras de *linking*, uma vez que é utilizado o conceito de construção, que corresponde ao conjunto de todas as pares forma/significado em todos os níveis de descrição linguística. O projecionismo perseguido pelas abordagens funcionalistas (os autores referem-se à *Role and Reference Grammar*, de Van Valin e LaPolla (1997), mas podemos estender argumento também ao caso da GF) fundamenta-se no fato de que as estruturas morfossintáticas podem ser previstas nas informações codificadas na representação lexical juntamente com um conjunto de regras de *linking*.

Para a GDF, lembremos que os lexemas são inseridos nos Níveis Interpessoal e Representacional por meio da operação de Formulação. Em outras palavras, não se fazem

necessárias as regras de *linking* ou projeção presentes em outros modelos funcionalistas, pois as informações não estão codificadas nas entradas lexicais, à espera de serem projetadas para o nível da sintaxe. O trabalho dos níveis e a organização *top-down* dão conta das inserções, mediante formulação e codificação, dos primitivos (atômicos), sejam estes gramaticais ou lexemáticos. Porém, a GDF retém da GF e de outros modelos funcionalistas uma separação estrita entre os universos conceptual e gramatical, no que se aproximam de modelos estruturalistas e formalistas, na medida em que não consideram que o conteúdo enciclopédico adentre a configuração gramatical, mantendo como foco da (e crivo do que conta para a) investigação científica os processos e fenômenos gramaticais (pragmático-morfossintáticos, pragmático-morfofonológicos, semântico-morfossintáticos, semântico-morfofonológicos, sintáticos, morfológicos e fonológicos).

A Formulação antecipa a configuração morfossintática. Assim, a partir de sua intenção comunicativa, o falante produzirá uma formulação. É neste ponto que será inserido o item lexical. Porém, não se trata em GDF de uma inserção propriamente dita, que possa ser comparada a uma regra de *linking*, pois o item é selecionado de acordo com a informação já presente a partir da intenção do falante. Ou seja, o modelo não busca as informações listadas no léxico, mas chega à etapa de inserção lexical já com um corpo definido de informações às quais uma dada forma lexical irá bem corresponder, ou não. É muito enfatizado que a organização *top-down* inverte a direção morfossintaxe → semântica/sintaxe da GF, fazendo-a passar a pragmática → semântica → morfossintaxe → fonologia. Porém, não se comenta, em geral, o lugar do léxico nesta modificação de paradigma de investigação. Na GF, tínhamos o Fundo Lexical como o conjunto dos predicados ou termos de onde partia a derivação representacional como um todo. Assim,

Parte-se de uma organização

léxico → sintaxe → semântica → pragmática (GF)

para alcançar a seguinte disposição:

pragmática (léxico) → semântica (léxico) → morfossintaxe → fonologia (GDF)

QUADRO 16: Organização da G(D)F. Elaboração: Lara (2012), na presente tese.

Conforme mencionamos no Capítulo 1, em GDF, faz-se a distinção entre lexemas interpessoais (entre outros, interjeições, nomes próprios, advérbios ilocucionários, expressões performativas) e lexemas representacionais (as classes léxicas: nomes, adjetivos, verbos, alguns advérbios e algumas preposições). O fato de geralmente ser destacada a sequência *top-down* como pragmática → semântica → morfossintaxe → fonologia, não se mencionando o léxico, bem traduz que este não ganha um *status* de componente do modelo: subentende-se que os lexemas não são projetados, mas tão somente selecionados durante o curso da derivação representacional nos Níveis Interpessoal (etapa pragmática) e Representacional (etapa semântica).

Cabe ressaltar que, na versão mais ampla do modelo da GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008), não é mencionado o termo *fundo (lexical)* nem regras de formação de predicados ou lexemas (RFPs), responsáveis pela derivação de novos predicados a partir de predicados-base. Muñoz (2007) atenta para o fato de o fundo da GF, na GDF, estar distribuído ao longo dos níveis de representação do modelo<sup>30</sup>:

Outra importante diferença entre a GDF e a GF, no que diz respeito à formação de predicados, é que o fundo, onde (na versão *standard* da GF) se dava a formação de predicados, agora é realizada em componentes distintos pertencentes aos vários níveis (interpessoal, representacional, estrutural e acústico) (Hengeveld, 2004b). A ideia básica é de que, a cada nível do modelo, o fundo contém um conjunto de unidades básicas que são usadas para a construção daquele nível. (MUÑOZ, 2007, pp. 8-9)

As palavras de Muñoz reforçam a comparação que traçamos acima entre a GDF e outros modelos (compare-se com a Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993)), no sentido de não pressuporem um léxico enriquecido, nem definições semânticas, mecanismos

---

<sup>30</sup> Tradução nossa do original inglês: “Another important difference between FDG and FG as far as predicate formation is concerned is that the fund, where (in the standard FG version) predicate formation used to be handled, is now taken care of in separate components belonging to the various levels (interpersonal, representational, structural and acoustic) (Hengeveld 2004b). The basic idea is that for every level within the model the fund contains the set of basic units which are used to build up that level.” (MUÑOZ, 2007, pp. 8-9)

de *linking* (que são o esteio das teorias projetivas), nem regras de derivação de itens lexicais (no caso da GF, chamadas regras de formação de predicado).

A GDF parte, para a sua derivação linguística, de um nível mais imaterial, o do jogo de intenções que se dá entre os participantes do discurso (*interpessoal*), em que ainda não existem predicados ou lexemas, mas *intenções comunicativas*. Desde o topo da imaterialidade do pragmático-discursivo (*top*) descerá a GDF à materialidade das descrições, passando pela semântica até alcançar o nível mais baixo (*down*), ou mais material, das estruturas morfossintáticas e fonológicas. Neste trajeto, quando da representação dos níveis pragmático e semântico, far-se-ão necessárias as estruturas lexicais, que preencherão as necessidades da informação pragmática (advérbios, verbos performativos, etc.) e da maior parte da informação semântica (nos itens lexicais por excelência). Como descrito, os lexemas estão situados no modelo entre os primitivos que nutrem a operação de Formulação, que se dá nos Níveis Interpessoal e Representacional, ou seja, muito “antes” da ação da sintaxe, morfologia ou fonologia, cuja aplicação só se processará por intermédio da operação de Codificação, que ocorre nos Níveis Morfossintático e Fonológico. Os predicados estão intimamente ligados com a camada do Nível Representacional denominada Estado-de-Coisas (SoA), espaço da representação em que a referência ou predicação evocadas no âmbito do Nível Interpessoal encontram uma entidade ou um estado-de-coisas, respectivamente, para representá-las. Desvinculada da morfossintaxe, a nomenclatura de *predicado* não bem se adequava a esta categoria do modelo, que, na GDF, poderia ser tanto constitutiva de atos referenciais como de predicações, donde a preferência pelo termo *lexema*, conforme García Velasco e Hengeveld (2002).

Na GDF, entre os primitivos que alimentam a operação de Formulação estão os lexemas propriamente ditos (classes léxicas), que alimentarão o Nível Representacional, bem como os lexemas que alimentam o Nível Interpessoal (pragmático), que, em geral, indicam uma intenção interacional (como *yes* ou *well*, em inglês; ou *é* ou *olha* em português (como em “É, concordo!” ou “Olha, concordo!”), sendo, frequentemente, fórmulas ou itens pré-prontos, utilizados diretamente nos subatos de referência, cujos exemplos mais importantes são os nomes próprios. Afora os lexemas, temos as *frames* de predicação e os operadores, que corresponderiam aos instrumentos gramaticais ou palavras funcionais (conjunções,

preposições, etc.), como as preposições gramaticais (por exemplo, *by* em inglês, ou *de* e *por*, em português, responsáveis por marcar o agente da passiva) ou como o verbo *estar* em espanhol (e também português) quando marca o aspecto progressivo – talvez em português se poderia acrescentar o verbo *ir* marcando a futuridade.

Do que acabamos de observar, a GDF é um modelo funcionalista, mas não projecionista. Mais uma vez, repisemos que a informação que normalmente é listada nas entradas lexicais, na GF, encontra-se distribuída nos vários níveis, camadas e primitivos do componente gramatical da GDF. Guardadas as devidas proporções, poderíamos traçar aqui um paralelo com o modelo da Morfologia Distribuída, no que tange à destituição do componente lexical de toda a carga informacional que seus modelos-base (GF e Gramática Gerativa, respectivamente) lhe atribuem, redistribuindo-as entre as várias etapas (no caso da Morfologia Distribuída) ou níveis e camadas (no caso da GDF).

### 2.2.1. Uma Crítica à Representação Lexical na GDF

No modelo que precedeu a GDF e que lhe serve de base, a Gramática Funcional – GF –, o léxico tinha seu âmbito muito bem delimitado: o fundo lexical. Este corresponde, nesta teoria, ao repositório de todos os itens lexicais, que são chamados de *predicados*. Os *predicados* da GF diferenciam-se sobremaneira dos *lexemas* da GDF, por serem indissociáveis de sua estrutura argumental, denominada de marco predicativo (*predicate frame*). Ou seja, o termo não é propriamente um *item* lexical, mas uma estrutura que já apresenta sua configuração diatética. Muito diferentemente dos *predicados* dikianos, os *lexemas* não apresentam uma estrutura interna, uma vez que a predicação (esquema sintático-semântico) está, na teoria da GDF, separada dos itens lexicais: em GDF não há o conceito de marco predicativo (*predicate frame*), que é substituído pelo de marco de predicação (*predication frame*). Esta não é só uma mudança terminológica, mas confere um profundo câmbio na estrutura da representação linguística do modelo da GDF como um todo, pois separa o “corpo” do *lexema* (a sua forma e o seu registro entre os primitivos que serão selecionados quando da operação de formulação) da sua estrutura sintático-semântica, que têm um âmbito bem diferente em GDF do que aquele do fundo lexical da GF. Quando se

menciona que os lexemas em GDF são primitivos, quer-se também dizer que estes são unidades atômicas, não estruturadas, conforme veremos a seguir.

Conforme vimos na subseção em que citávamos a operação da Formulação na GDF, os marcos (*frames*) e os lexemas (*lexemes*) são dois tipos de primitivo distintos, que, mediante a Formulação, alimentam os Níveis Interpessoal (pragmático) e Representacional (Semântico). É entendido em GDF que, no processo de produção linguística, primeiramente, são escolhidos os marcos de predicação, para só então, escolher-se o lexema que melhor se adapta àquela intenção comunicativa, ordenamento este que salvaguarda que ao falante seja possibilitado o uso de lexemas diversos para a descrição de uma mesma categoria semântica (evento, entidade, indivíduo, propriedade, etc.). Acrescentemos, ainda, que esta flexibilidade em relação à predicação dos lexemas responde, também, ao caso das alternâncias verbais (incoativas/causativas, por exemplo).

Os itens lexicais na teoria dikiana (GF) apresentam cinco propriedades ou características: forma (ou seja, materialidade fonológica), categoria, valência quantitativa (em outras palavras, esquema argumental), valência qualitativa (em outras palavras, papéis temáticos) e definição semântica. Qual é o âmbito de cada uma destas cinco características na GDF, ou, em outros termos, quando da passagem da GF para a GDF, considerando-se que em GDF os lexemas são átomos, para onde foram tais características?

Ao desmembramento da dupla entidade dikiana de predicado/marco predicativo em dois tipos de unidade primitiva distintos, *frames* e lexemas, fez-se corresponder em GDF, de um lado, as valências quantitativa e qualitativa, que são a natureza das *frames*, e, de outro, a forma (fonológica), que constitui a própria unidade atômica (lexema), que, por convenção, como já citamos, é grafada como forma ortográfica nas representações da GDF.

Comentemos agora a característica *categoria* (chamada de classe de lexema na GDF) e a definição semântica. Quanto às classes de lexema, estas não são marcadas nos lexemas, mas deduzidas a partir das posições relativas dos lexemas nas representações dos Níveis Interpessoal e Representacional. Todo lexema é inserido, no Nível Representacional mediante a aplicação de uma categoria semântica específica: a propriedade lexical (grafada

com a letra f). Os lexemas são os núcleos de tais propriedades e são representados com o símbolo  $\diamond$ . Sua classe dependerá da posição em que ocupar na representação, levando-se em conta se é uma propriedade semântica vinculada ao subato de adscrição (T) ou de referência (R). Por exemplo, podemos ter uma propriedade modificando outra propriedade, como no caso dos modificadores de N em subato adscritivo, que na maioria das línguas será ocupado por lexemas adjetivos, conforme o exemplo de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 224), reproduzido abaixo:

T

(40)  $(f_1: \text{Noun } (f_1): [(f_2: \text{NAdjective } (f_2)) (f_1) ]_\varphi )$

De certa forma, fazer os predicados constarem separados dos seus marcos de predicação garantiu ao modelo da GDF dar conta das alternâncias verbais discutidas por Levin e Rappaport (1994) (conforme García Velasco, 2007, p. 181), bem como o lexema (na visão atomística da GDF) estar caracterizado apenas por sua forma fonológica, não devendo ostentar uma classe de lexema (ou categoria morfossintática) específica salvaguarda a adequação tipológica da GDF, uma vez que há línguas que carecem de determinadas classes léxicas, como é o caso do coreano, que não dispõe de uma classe adjetival propriamente dita. Para estas línguas, lexemas de outras classes farão o papel da classe ausente (no nosso exemplo, são os verbos que assumem o lugar dos adjetivos no coreano, conforme analisado em detalhe por Kim (2002) em seu estudo “*Does Korean Have Adjectives?*”. Hengeveld (1992a) e Hengeveld, Rijkhoff e Siewierska (2004) dedicam-se longamente a traçar uma tipologia translinguística das *parts of speech*, classificando as línguas em flexíveis e rígidas. As primeiras são aquelas em quem uma mesma classe lexical desempenha mais de um papel (como o mencionado coreano, e poderíamos até mesmo pensar no português ou alemão, que utilizam adjetivos tanto para funções adjetivais quanto para funções adverbiais, demonstrando serem flexíveis em certa medida), e as segundas são as que se valem de recursos sintáticos para compensar a falta de itens lexicais específicos para determinada função.

Explicitados o lugar da categoria, das valências quantitativa e qualitativa, bem como da forma dos itens lexicais na GDF, cabe perguntarmo-nos quanto à definição semântica, última das características dos predicados da GF. Pois bem, em termos de GDF, não

se reservou um espaço propriamente dito para a representação semântico-lexical, como chamamos nesta tese, ou *meaning definition*, nos termos dikianos. O preço de comprometer-se em especificar um determinado tipo de representação semântico-lexical parece ter sido muito alto para os teóricos da GDF, pois envolveria comprometerem-se com alguma espécie de postulado de sentido (como o fez Dik, na sua visão decomposicional do léxico na GF), cuja validade, pelo menos nos estudos semânticos de cunho filosófico, já há muito foi contestada, em função da refutação da distinção entre postulados analíticos e sintéticos, conforme citamos alhures nesta tese. Faber e Mairal Usón (1999) propuseram uma revisão da *Stepwise Lexical Decomposition* dikiana substituindo-a pelo recurso a outro tipo de metalinguagem, o que redundava mais uma vez em alguma espécie de postulado de sentido. Mas em GDF, não foi este o caso. Preferiu-se assumir uma versão muito reduzida de léxico, que nem ostenta este nome inclusive, pois não se trata de um léxico propriamente dito da GDF, mas sim de uma série de primitivos que alimentam os Níveis Interpessoal e Representacional, que apresenta, *entre outros*, é bom destacar, os lexemas, desprovidos de todo aquele conjunto de informações que estamos acostumados a encontrar nas representações lexicais dos modelos de léxico da semântica estruturalista, pós-estruturalista, gerativa e neogerativa (nos termos de Geeraerts, 2010). Antes, a opção dos teóricos da GDF é de minimizar o que seria o componente lexical à lista das formas lexemáticas atômicas, no que se aproximam muito da visão de léxico defendida por Fodor *et al.* (1980), com a ressalva de que o atomismo da GDF prescinde do conjunto de inferências que acompanham os itens lexicais nesta última perspectiva (para uma discussão mais aprofundada entre as concepções gerativa (Pustejovsky) e atomística (mentalês de Fodor) de léxico, veja-se Brauner (2003)). Tal posicionamento da GDF deve-se talvez ao fato de sua preocupação residir na produção linguística, e não tanto a interpretação das formas linguísticas ou talvez porque a “lei” geral da GDF, que dita levar em conta apenas aqueles aspectos semântico-pragmáticos que influem na morfossintaxe, tenha posto em primeiro plano os aspectos do léxico (em termos de fundo lexical dikiano) que mais diretamente estejam vinculados à sintaxe (categoria e valências), preferindo não adentrar a esfera da definição semântica, que realmente é um dos temas mais polêmicos, não só no âmbito da linguística, mas também no de outras disciplinas interessadas em semântica lexical, mormente filosofia e ciências da computação. Para além das disputas teóricas, a definição semântica está vinculada a temas de semântica, tais como polissemia, que não necessariamente possuem uma influência direta na sintaxe. Nesta tese, tomamos um partido

contrário a esta visão, entretanto, e, como argumentaremos nos próximos capítulos, acreditamos ser indispensável o papel da representação semântico-lexical na representação de alguns processos sintáticos.

Convém destacarmos o que se deduz da leitura de Marconi (1997, pp. 29-57), no que tange ao recurso aos postulados de sentido, ou em termos mais próximos à linguística, no que tange ao recurso a uma abordagem decomposicional dos itens lexicais: existe uma tensão entre o rigor da análise filosófica e as necessidades da linguística computacional. Aquela abandonou a distinção analítico/sintético a partir da crítica de Quine (1953), que evidenciou a redundância do que seriam os postulados analíticos (uma vez que a sinonímia se baseia nos postulados de sentido analíticos, que, em última instância, podem apenas ser definidos tomando como base a noção de sinonímia), o que invalida a distinção linguístico/enciclopédico (afinal, como estabelecer o que seja estritamente linguístico, sem nenhum recurso à aferição empírica (enciclopédica)?) Já a semântica computacional necessita, na prática, da separação da informação lexical semântica (linguística ou definicional) daquela enciclopédica (conceitual ou factual). Marconi (1997, p. 39) cita Brachman, Fikes e Levesque (1983), que pontuam que o projeto KRYPTON “distingue claramente entre informação definicional e factual”<sup>31</sup>, alegando que os léxicos computacionais não podem prescindir de definições semânticas, mesmo que não se saiba exatamente em que ponto um dado conteúdo deixa ser semântico e começa a ser factual. No mencionado projeto computacional, ainda segundo o autor citado, a separação inclusive é física, com dispositivos distintos para o armazenamento de cada tipo de informação.

Nossa reflexão é no sentido de que a linguística está a meio caminho entre as considerações de ordem filosófica e as necessidades da *praxis* da ciência da informação e de suas aplicações de base semântica, uma vez que a exclusão de todo e qualquer tipo de informação definicional acarreta deixar de considerar grande parte das generalizações a que a teoria semântica não pode se furtar. O léxico gerativo de Pustejovsky (1995) é um exemplo claro de que a perspectiva decomposicional não pode ser desprezada, pois as generalizações

---

<sup>31</sup> Tradução nossa do original inglês: “clearly distinguishes between definitional and factual information” (BRACHMAN, FIKES e LEVESQUE, 1983, p. 413, *apud* MARCONI (1997, p. 39).

quanto ao fenômeno da polissemia possibilitadas por esta teoria são difíceis de serem obtidas dentro de outras abordagens, sobretudo se nestas se opta por uma visão atomística do léxico.

Hengeveld e García Velasco (2002) aproximam a concepção de representação dos itens lexicais da GDF daquela de Jackendoff, porém, como citamos acima, entendemos que a versão de 2008 do modelo se aproxime mais à de Fodor, dado o seu caráter propriamente atomístico. Além do mais, Jackendoff propõe uma vinculação estrita entre o lexema e a representação conceitual (geralmente de cunho visual ou sensorio-locomotor), enquanto, no modelo de 2008 da GDF apresentado em Hengeveld e Mackenzie (2008), não está explícito se os lexemas podem apresentar uma interface com o componente conceptual (na arquitetura geral do modelo, estas são entidades desvinculadas, conforme observamos no Capítulo 1 desta tese). No tocante ao *frame* predicativo, García Velasco (2007, p. 178), citando García Velasco e Hengeveld (2002), afirma que a proposta de distinção dos *frames* dos *lexemes* se daria com a substituição da *predicate frame* da GF pela combinação de uma *predication frames* de um lado e de *lexemes* de outro, que ostentariam definições semânticas abstratas, bem como um mecanismo de *linking*. Neste sentido, esta seria uma representação lexical bem próxima à de Jackendoff realmente. Citemos o exemplo de García Velasco (2007, p. 178), com o item lexical *open* e sua definição semântica abstrata, seguido de sua inserção num marco de predicação (*predication frame*):

*open* [V]  
 [f<sub>1</sub>: [CAUSE (x<sub>1</sub>) [BECOME **open** (x<sub>2</sub>)]]]

( $\pi$  e<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: *open* (f<sub>1</sub>)) (x<sub>1</sub>)<sub>Ag</sub> (x<sub>2</sub>)<sub>Pat</sub> (e<sub>1</sub>)])

Em relação a esta definição abstrata, realmente se aproxima do modelo de Jackendoff, por já trazer em sua representação a estrutura argumental, bem como por propor uma decomposição em unidades semânticas mais simples. Na teoria de Jackendoff, como sabemos, tais primitivos estarão diretamente ligados à representação conceitual. Porém, esta espécie de decomposição lexical parece não ter sido posta em prática quando da redação da versão final do modelo da GDF (Hengeveld e Mackenzie, 2008), que, como observamos anteriormente, não concebe os itens lexicais como apresentando uma definição semântica ou marcação de classe de lexema, nem mesmo mecanismos de *linking*.

Aqui cabe voltar à menção ao tratamento dado por Pustejovsky à polissemia nominal. Aproveitemos as ideias do referido autor e pensemos num caso comum, do português brasileiro, de polissemia adjetival a que tornaremos no Capítulo 3, adaptado de Lara (2005):

- |  |                                     |
|--|-------------------------------------|
| (41) Recebe mensalmente um <i>belo</i> salário.                              | [ <i>belo</i> = <i>alto</i> ]       |
| (42) Recebe mensalmente um <i>baixo</i> salário.                             | [ <i>belo</i> ≠ <i>baixo</i> ]      |
| (43) Ele ocupa agora um <i>belo</i> cargo.                                   | [ <i>belo</i> = <i>importante</i> ] |
| (44) Ele ocupa agora um cargo mediano.                                       | [ <i>belo</i> ≠ <i>mediano</i> ]    |
| (45) Talvez tenha sido aquele o mais <i>belo</i> período de nossas vidas.    | [ <i>belo</i> = <i>feliz</i> ]      |
| (46) Talvez tenha sido aquele o mais <i>infeliz</i> período de nossas vidas. | [ <i>belo</i> ≠ <i>infeliz</i> ]    |
| (47) Com aquele <i>belo</i> professor, foi fácil aprender a matéria.         | [ <i>belo</i> = <i>estético</i> ]   |
| e/ou   | [ <i>belo</i> = <i>capaz</i> ]      |
| (48) Com aquele professor <i>feio</i> , foi difícil aprender a matéria.      | [ <i>belo</i> ≠ <i>feio</i> ]       |
| (49) Com aquele professor <i>mediocre</i> , foi difícil aprender a matéria.  | [ <i>belo</i> ≠ <i>mediocre</i> ]   |

Se tomarmos uma perspectiva atomística, teremos de conceber tantos lexemas *belo* (*belo*<sub>1</sub>, *belo*<sub>2</sub>, etc.) quantos os casos registrados acima – sendo que estaremos fadados a aumentar esta lista caso as dimensões do *corpus* analisado sejam estendidas. Que alternativa temos, na esfera de uma abordagem atomística, para a representação dos variados sentidos que o adjetivo *belo* assume conforme o contexto linguístico (ou cotexto) em que se insere? A alternativa é relegar a diferenciação para uma pragmática geral, ou seja, para uma interpretação *a posteriori*, da mesma forma que outros fenômenos de variação semântica são tratados em modelos formalistas muitas vezes (visão da semântica dita *interpretativa*). Ainda não entraremos no mérito de que a GDF consiste num modelo funcionalista e que deveria tratar a interpretação semântica diferentemente dos modelos formalistas (deixemos esta discussão para mais tarde, porém antecipemos que esta é evidenciada em García Velasco (2007)). Voltando ao nosso exemplo de polissemia adjetival, temos de atentar para o fato de que relegar aos recursos pragmáticos ou interpretativos não seria um bom método neste caso, pois há implicações sintáticas que não podemos perder de vista. Podemos tanto antepor quanto pospor o adjetivo *belo* nos casos em que corresponde a *estético* ou *feliz*:

- (50) Com aquele *belo* professor, foi fácil aprender a matéria.  
 (51) Com aquele professor *belo*, foi fácil aprender a matéria.

(52) Talvez tenha sido aquele o mais *belo* período de nossas vidas.

(53) Talvez tenha sido aquele o período mais *belo* de nossas vidas.

Porém, só a anteposição é permitida para os demais casos (em que *belo* corresponde, respectivamente, a *alto* e *importante*):

(54) Recebe mensalmente um *belo* salário.

(55) \*Recebe mensalmente um salário *belo*.

(56) Ele ocupa agora um *belo* cargo.

(57) \*Ele ocupa agora um cargo *belo*.

Ressalte-se, ainda, que, dos dois casos em que são permitidas a anteposição e posposição, o adjetivo *belo* apresenta ambiguidade apenas no caso em que tem o sentido de *estético* e está em anteposição. Posposto, ou temos a leitura de *estético* nos dois casos, e forçosamente no primeiro caso, uma vez que o nome que modifica é uma entidade concreta. Alguns teóricos entendem que, em “ele é um belo professor”, quando o sentido é de “um professor que desempenha bem suas funções”, o adjetivo modifica a referência, e não o referente (Hengeveld e Mackenzie dirão que se trata, em GDF, de casos de modificação de propriedade, em vez de modificação de referência (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 231)). Assim, teríamos que há a alternância modificação de referência / modificação de referente somente quando o adjetivo significa “estético”, o que aponta para a possibilidade de que seja este um sentido mais básico, de onde derivem os demais sentidos alternantes.

Desta breve análise, podemos argumentar que a representação semântico-lexical dos adjetivos do português ganharia em expressividade se fosse estruturada de forma que evidenciasse como estas alternâncias de sentido afetam a colocação adjetival, ou seja, parece que a qualidade semântica serve de restrição para as possibilidades sintáticas, o que força a abordagem atomística do léxico a enumerar tal variedade de pares sintático-semânticos como uma variedade de pares formas-colocações (pois o semântico não tem um âmbito próprio, uma vez que a representação semântico-lexical foi preterida). Teríamos, portanto, uma série de formas-colocações *belo*<sub>1</sub> (colocação sintática *y*<sub>1</sub>), *belo*<sub>2</sub> (colocação sintática *y*<sub>2</sub>), etc. Estar-se-ia arriscando, ao não efetuar tal enumeração, a perder-se de contabilizar entre as formas do

português vários itens lexicais (agora, no sentido de pareamento forma-colocação). A enumeração de formas tornaria o conjunto de unidades atômicas bem mais numeroso do que possa parecer à primeira vista, se pensarmos em recobrir todos os casos polissêmicos que tenham contrapartida sintática, o que não é econômico do ponto de vista da modelização linguística. Por isso, argumentamos em favor de abrir-se espaço na GDF para a representação semântico-lexical frente à inegável simetria que há, pelo menos nos adjetivos do português, entre semântica lexical e sintaxe colocacional.

### 2.3. Síntese do Capítulo

Neste capítulo, visamos traçar um apanhado das concepções de representação semântico-lexical na G(D)F. A primeira destas é a de *meaning definition* dikiana (DIK, 1978, 1997 a, b), emoldurada no quadro nocional do predicado da GF, situado no léxico, que por sua vez é situado no Fundo Lexical do modelo, e que se pauta por ter uma perspectiva decomposicional (*stepwise lexical decomposition*). Em seguida, observamos uma série de críticas em relação à GF e sua modelização de léxico, que portaram a uma concepção intermediária, entre a GF e a GDF, de item lexical (HENGEVELD; GARCÍA VELASCO, 2002), que apresentava uma configuração próxima à do modelo de Jackendoff (1990) e que, por causa disso, ostentava uma definição abstrata, com uma decomposição em primitivos semânticos representados num entorno argumental-temático. Culminamos a discussão com a proposta da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), cuja concepção de item lexical muito se distanciou da decomposição semântica, optando por uma visão atomística dos lexemas, somente possibilitada pela separação estrita dos lexemas de suas *frames* de predicação e pela exclusão do modelo da possibilidade de os primitivos lexicais apresentarem uma definição semântica abstrata.

Ao final do capítulo, consideramos esta última concepção de lexema de uma forma crítica, argumentando no sentido de que há fenômenos de ordem sintática que parecem depender diretamente da semântica lexical. Nossa tarefa é provar este argumento, que constitui o objetivo da tese e será explorado em maior detalhe no próximo capítulo, que trata especificamente da interface sintaxe-semântica dos adjetivos do português

brasileiro como fundamento para a relevância de uma representação semântico-lexical no âmbito da GDF.

### 3. CARACTERIZAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS DO PB

No presente capítulo, estaremos revisando a literatura acerca da caracterização dos adjetivos, centrando nosso estudo na distribuição sintática dos adjetivos do português brasileiro.

Como anunciado na Introdução a esta tese, tomamos como ponto de análise para a questão da representação semântico-lexical na GDF o caso dos adjetivos no português brasileiro. Nossa hipótese está orientada no sentido de que o recurso a uma representação semântico-lexical seria o mais adequado para captar as variações de sentido dos adjetivos, que podem ser detectadas e discriminadas mediante a observação das suas correspondentes variações de comportamento sintático.

Por que nos fixamos neste ponto para definir o objetivo da tese? Porque acreditamos que a contribuição da semântica lexical para a descrição linguística, e não só da semântica frasal, deve ser levada em conta. Da mesma forma que a semântica frasal, a semântica lexical apresenta interfaces tanto com a morfossintaxe quanto com a pragmática. Porém, a concepção atomística dos lexemas na GDF não dá margem a que possamos visualizar estas duas interfaces, na medida em que não existe uma representação semântico-lexical no modelo.

Poderíamos ter questionado o papel do léxico (e, por consequência, da representação ((semântico-)lexical) na GDF na sua interface com a pragmática, ou seja, avaliando *o uso dos itens lexicais*, possivelmente representado pelas interfaces (que inexitem no modelo da GDF) dos lexemas com os Componentes Conceptual e Contextual. Esta é a abordagem de um interessante estudo lexicológico da GDF: *A Competência Lexical e a Gramática Discursivo-Funcional (Lexical Competence and Functional Discourse Grammar)* (GARCÍA VELASCO, 2007). Todavia, preferimos, nesta tese, optar pela outra interface (também possível, mas inexistente no modelo da GDF) entre semântica lexical e morfossintaxe, devido ao fato de ser este nível o crivo último das pesquisas em GDF.

Reiteradas vezes, chamamos a atenção para a importância dada à configuração morfossintático-fonológica no referido modelo teórico: são os fenômenos de ordem morfossintática ou fonológica que ditam quais fenômenos semânticos e pragmáticos são considerados como de interesse para a teoria. Não é demais repisar o ponto de vista de Hengeveld e Mackenzie (2008, pp. 38-39)<sup>32</sup>:

Que tipo de modelo linguístico é a GDF? É uma característica fundamental das gramáticas funcionalistas procurarem relacionar a forma linguística com a função linguística. As abordagens que tentaram detectar as funções subjacentes às distinções formais feitas das línguas, como a GF, devem, devido a isso, ser classificadas como “forma para função”: procuram dar conta das propriedades formais das unidades sintáticas em termos de suas funções comunicativas. A GDF, entretanto, toma um posicionamento um pouco mais complexo, que podemos chamar de uma abordagem “forma para função” orientada pela forma. Orienta-se segundo a forma no sentido de que dá conta, para cada língua analisada, **apenas daqueles fenômenos interpessoais e representacionais que têm reflexo na forma morfossintática** ou fonológica. É “função para forma” porque contempla toda uma gama de funções que fluem desde as intenções comunicativas do Falante – por exemplo, um conjunto de Ilocuções específico de uma dada língua. [grifamos]

Ou seja, se queremos estudar a representação semântico-lexical, que consiste na representação de um fenômeno semântico específico (o fato de os lexemas terem conteúdo), teremos de verificar quais fenômenos da ordem da Codificação (sintáticos, morfológicos ou fonológicos) que podem licenciá-lo. Não tendo observado registros na literatura consultada de nenhum aspecto da fonologia dos adjetivos portugueses que fosse diretamente condicionado pelo conteúdo semântico e considerando que os aspectos morfológicos de motivação semântica, na nossa visão, necessitariam um estudo à parte – dada a envergadura que semelhante pesquisa teria –, optamos pela análise dos aspectos sintáticos dos adjetivos.

A literatura acerca dos adjetivos é vasta e não visamos aqui a ser exaustivos na caracterização adjetival, pois este não é o intuito do capítulo. Ao contrário, só serão trazidos à cena para discussão aqueles fenômenos e aquelas configurações sintáticas que possam ter

---

<sup>32</sup> Tradução nossa do original inglês: “What kind of a language model is FDG? It is a fundamental characteristic of functionalist grammars that they seek to relate language form to language function. Those approaches that have attempted to detect the functions underlying the formal distinctions made in language, such as FG, may for this reason be classified as ‘form-to-function’: they seek to account for formal properties of syntactic units in terms of their functions in communication. FDG, however, takes a rather more complex position, what we might call a form-oriented ‘function-to-form’ approach. It is form-oriented in providing, for each language analysed, an account of only those interpersonal and representational phenomena which are reflected in morphosyntactic or phonological form. It is ‘function-to-form’ in positing a range of functions flowing from the Speaker’s communicative intentions, for example a language-specific set of Illocutions.”

motivação no conteúdo dos adjetivos observados. Esta é a restrição que os postulados da GDF nos impõem; então, não arrolaremos todas as diversificadíssimas classificações dos adjetivos ofertadas pelos estudiosos desta categoria lexical, entre elas um bom número de classes lógico-semânticas, que não apresentam uma manifestação sintática explícita.

O capítulo está estruturado em duas subseções. Na primeira, apresentaremos uma caracterização dos aspectos sintático-distributivos dos adjetivos portugueses, enquanto, na segunda, estaremos concentrados na semântica adjetival.

### 3.1. Sintaxe Adjetival

No estudo *Para uma Gramática do Adjectivo*, Rio-Torto (2006) aponta que os adjetivos são marcados por constituírem uma classe de palavras de natureza essencialmente gregária, o que equivale a dizer *adjuntiva*, devendo estar sempre e necessariamente associados a um nome (ex.: <belas imagens de ligações entre sequências>) ou a um verbo (ex.: <Definitivamente, a alma não é bela.>), ou, para outros autores, a um nome mediante um verbo de cópula. Tais condições é que garantem, de um ponto de vista sintático, a um item lexical dado o seu pertencimento à classe dos adjetivos e, de um ponto de vista semântico, o fato de modificarem tais nomes. Veremos ao longo da exposição que esta definição sintático-semântica é um tanto simplória, deixando de abarcar muitos exemplos. Como observaremos, a distribuição sintática não é uniforme entre os adjetivos, havendo, por exemplo, alguns que são apenas predicativos; de outro lado a semântica dos adjetivos entendida como modificação do nome também não basta, sobretudo se considerados aqueles casos em que os adjetivos modificam propriedades, e não extensões dos nomes a que se adjungem. Contudo, tomemos esta definição como ponto de partida.

Ainda segundo a autora mencionada acima, outro critério sintático para definir os adjetivos é o fato de estes não apresentarem compatibilidade com determinantes ou especificadores, no que se diferem sobremaneira dos substantivos. Acrescente-se que, nos casos em que se veem adjetivos acompanhados de determinantes e especificadores, tem-se, na verdade, sintagmas nominais cujos núcleos estão sendo modificados pela constelação de

determinantes e especificadores que os cinge, aí inclusos os modificadores do tipo adjetival (exemplos.: <uma linda menção>, <uma mulher linda>), que formam, estes três últimos, a classe funcional denominada de *adjunto adnominal* na tradição gramatical. Outro caso possível é de encontrar adjetivos não seguidos de nomes e antecidos de determinantes ou especificadores, aqui se tem adjetivos substantivados, ou seja, adjetivos cuja função está mais próxima àquela de um nome do que à de adjetivo propriamente dito (ex.: <talvez até os baixinhos percebam tais furos no desenrolar da diversão.>. Porém, muito distintamente dos substantivos, a modificação do adjetivo dá-se mediante o uso de modificadores adverbiais antepostos (ex.: < por ser demasiado humano>) ou pospostos (ex.: <um filme distante demais>) ou de complementos, geralmente pospostos (ex.: <julgando-se responsável pela morte de três pessoas>).

Rio-Torto (2006) continua a caracterização dos adjetivos, realçando que a principal função destes é a predicação, que corresponderia à:

capacidade que ele activa de atribuir e/ou de modificar uma determinada propriedade ao denotado pelo nome a que se encontra associado. É essencialmente pela sua predicatividade que o adjectivo se distingue do substantivo, cuja função típica é a de denominar.<sup>33</sup>

Na GDF, tal função dos adjetivos é entendida como Subato de Adscrição (T), e aquela função considerada como de *denominar* pela autora corresponde ao Subato Referencial (R), que se dão no Nível Interpessoal, conforme observamos no Capítulo 1.

Vejam-se os seguintes exemplos:

R            T  
(58) <Filme meticuloso>

R            T  
(59) <o filme é estético>

---

<sup>33</sup> Eventuais diferenças na ortografia dos trechos assinalados como de autoria de Rio-Torto deve-se ao fato de terem sido exarados em português europeu.

Se compararmos os dois exemplos acima, os adjetivos em função predicativa (T) aproximam-se muito da função desempenhada pelos verbos, que são os protagonistas mais frequentes do ato de predicação (ou adscrição).

Adjetivos geralmente entram na representação como modificadores de Indivíduos no Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 266<sup>34</sup>), posição esta que os definem enquanto adjetivos:

Todos os tipos de unidade que designam Indivíduos podem em princípio ser qualificados com modificadores, exceto aqueles que têm um núcleo vazio. Podemos distinguir entre modificadores lexicais e complexos. Em línguas com adjetivos, muitos se encontram na posição de núcleo de modificadores lexicais em unidades designadoras de indivíduos, cf. (630), já que esta é a posição que define os adjetivos, cf. 3.7.2.2.

Conforme citamos no Capítulo 2, a determinação da classe lexical é derivada da posição relativa na representação interpessoal-representacional na GDF. Os autores citam os exemplos abaixo, em que analisam a expressão “the rich old man”. Os dois pontos entre o nome e o adjetivo (na verdade, entre as funções que atribuem N a x e A a x) separam a unidade modificada e o modificador – no caso, o adjetivo.

(630) (1x<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: man<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]) ‘the man’  
 (631) (1x<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: man<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]: [(f<sub>i</sub>: old<sub>A</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]) ‘the old man’  
 (632) (1x<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: man<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]: [(f<sub>i</sub>: old<sub>A</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]: [(f<sub>i</sub>: rich<sub>A</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]) ‘the rich old man’

Tratando, ainda, das classes lexicais na GDF, Hengeveld e Mackenzie (2008, pp. 224-225) apresentam as possibilidades abaixo para as línguas que diferenciam *maximally*, no sentido de que dispõem de elementos lexicais para cada especificação funcional que precisam representar (os autores ressaltam que os superíndices marcam subclasses de lexemas modificadores, de acordo com o núcleo modificado):

In Independent Subacts:

T

<sup>34</sup> Tradução nossa do original inglês:

All types of Individual-designating unit may in principle be qualified by modifiers, except for those with an absent head. We may distinguish between lexical and complex modifiers. In languages with adjectives, many are found as the head of lexical modifiers in Individual-designating units, cf. (630), since this is the position that defines adjectives, cf. 3.7.2.2.

(533) (f<sub>1</sub>: Verb (f<sub>1</sub>): [(f<sub>2</sub>: <sup>V</sup>Adverb (f<sub>2</sub>)) (f<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(534) (f<sub>1</sub>: Noun (f<sub>1</sub>): [(f<sub>2</sub>: <sup>N</sup>Adjective (f<sub>2</sub>)) (f<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(535) (f<sub>1</sub>: Adjective (f<sub>1</sub>): [(f<sub>2</sub>: <sup>Adj</sup>Adverb (f<sub>2</sub>)) (f<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(536) (f<sub>1</sub>: Adverb (f<sub>1</sub>): [(f<sub>2</sub>: <sup>Adv</sup>Adverb (f<sub>2</sub>)) (f<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

R

(537) (v<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: Noun (f<sub>2</sub>)) (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>]: [(f<sub>2</sub>: <sup>V</sup>Adjective (f<sub>2</sub>)) (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(538) (f<sub>1</sub>: [ . . . . . ] (f<sub>1</sub>): [(f<sub>2</sub>: <sup>f</sup>Adverb (f<sub>2</sub>)) (f<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(539) (e<sub>i</sub>: [ . . . . . ] (e<sub>i</sub>): [(f<sub>1</sub>: <sup>e</sup>Adverb (f<sub>1</sub>)) (e<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(540) (epi : [ . . . . . ] (epi): [(f<sub>1</sub>: <sup>ep</sup>Adverb (f<sub>1</sub>)) (ep<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

T

(541) (pi: [ . . . . . ] (pi): [(f<sub>1</sub>: <sup>p</sup>Adverb (f<sub>1</sub>)) (pi)<sub>φ</sub>])

And in Embedded Subacts:

R T T R

(542) (v<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: [ (f<sub>2</sub>: Noun(f<sub>2</sub>)) (v<sub>2</sub>)<sub>φ</sub>] (f<sub>1</sub>)) (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>]: [σ (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

R T T R

(543) (v<sub>1</sub>: [(f<sub>1</sub>: Noun (f<sub>1</sub>)) (v<sub>1</sub>): [(f<sub>1</sub>: [ (f<sub>2</sub>: <sup>f</sup>Adjective (f<sub>2</sub>)) (v<sub>2</sub>)Ref] (f<sub>1</sub>)) (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

R T T R

(544) (v<sub>1</sub>: [ . . . . . ] [(f<sub>1</sub>: [ (f<sub>2</sub>: Adposition (f<sub>2</sub>)) (v<sub>2</sub>)Ref] (f<sub>1</sub>)) (v<sub>1</sub>)<sub>φ</sub>])

(HENGEVELD; MACKENZIE , 2008, pp. 224-225)

No exemplo (534) da citação, temos o adjetivo modificando um nome, donde o superíndice N, que por sua vez está também num subato de adscrição, pois todas as classes são funções atribuídas a alguma entidade. Quando temos um nome, não temos um nome somente, mas uma propriedade nome, que se aplicará a um indivíduo ou a alguma outra unidade. Um nome abstrato, por exemplo, não pode ser aplicado a um indivíduo. Já no exemplo (535) da citação, temos um adjetivo (ou propriedade lexical adjetiva), sendo modificado por um advérbio.

Rio-Torto (2006, p. 105), da mesma forma que os autores definem adjetivo nesta representação acima, aduz que o adjetivo desempenha essencialmente funções predicativas (correspondentes a “T”, adscrição, na GDF), “entendendo-se por predicção a capacidade que ele activa de atribuir e/ou modificar uma determinada propriedade ao denotado pelo nome a que se encontra associado”.

No fechamento da introdução ao seu estudo, em face das variadas possibilidades sintáticas e semânticas dos adjetivos, conclui a autora que não constituem uma classe homogênea. Abstrai-se daí que, sob a máscara da uniformidade morfológica (sobretudo no que tange à flexão genérica) e, em certo sentido sintática (concordância), estão albergados itens lexicais de semântica, sintaxe e morfologia (sobretudo no que tange à rica gama de sufixos derivacionais para os adjetivos portugueses) muito diversas.

Um bom apanhado das características gerais desta classe encontra-se em Bouillon e Viegas (1999). As autoras, pesquisadoras em semântica lexical computacional, descrevendo os adjetivos com vistas ao processamento da linguagem natural (PLN), analisam o que chamam de *polimorfismo (ou comportamento polimórfico) dos adjetivos*. Ou seja, outra forma de referir-se à não homogeneidade da classe adjetival, também observada por Rio-Torto (2006). Estas autoras cotejam as principais linhas de pesquisa em semântica lexical: a relacional, das Wordnets; a gerativa, do léxico gerativo; e a ontológica, das teorias MikroKosmos. Não entraremos aqui nas representações de cada uma destas teorias, pois nosso objetivo não é tratar de formalismos específicos de outros modelos além do da G(D)F, mas de reunir/citar as principais características básicas dos adjetivos, sobretudo aquelas que podem estar relacionadas com alguma motivação semântica das configurações sintáticas. A classificação geral do polimorfismo adjetival proposta pelas estudosas também contribuirá para o nosso estudo dos adjetivos, ainda que seja um estudo dos adjetivos ingleses.

Tendo apresentado uma caracterização geral da classe adjetival, bem como explicitado as nossas fontes teóricas, passemos ao estudo da interface sintaxe-semântica dos adjetivos do português brasileiro, conforme anunciado no início deste capítulo.

Bouillon e Viegas (1999) não deixam de citar a categoria da graduabilidade, porém elencam-na entre as categorias semânticas dos adjetivos. Preferimos listá-la aqui, por entendermos tratar-se de uma categoria morfossemântica (no caso dos adjetivos com grau expresso de forma sintética), bem como morfossintático-semântica (no caso dos adjetivos com grau expresso de forma analítica).

A função (ou distribuição) sintática dos adjetivos pode ser de dois tipos: *atributiva*, quando o adjetivo se adjunge ao nome que modifica e com que forma um determinado sintagma nominal, e *predicativa*, quando serve de complemento de verbos tais como *ser*, *estar*, *parecer*, *considerar*<sup>35</sup> (os três primeiros verbos são representantes dos chamados verbos de ligação ou de cópula, sendo que a tradição gramatical reserva para a função dos adjetivos que os complementam a nomenclatura de *predicativo do sujeito*; já o último verbo da lista, além de função copulativa, é representante daqueles complementados por um objeto ao qual pode seguir-se um adjetivo, cuja função corresponde ao caso que a tradição gramatical denomina de *predicativo do objeto*. Vejam-se alguns exemplos do *corpus* da tese de cada um desses casos:

Em função atributiva (adjunto adnominal):

(60) <Um fato interessante é que Consciências Mortas>

(61) <O que me parece interessante>

Em função predicativa (predicativo do sujeito):

(62) <a experiência de assistir a essas duas montagens é interessante.>

Em função predicativa (predicativo do objeto):

(63) <Ele considera seus amigos desinteressantes>

---

<sup>35</sup> Os exemplos de Bouillon e Viegas (1999) são aqui traduzidos para o português brasileiro e os exemplos que são frases são substituídos por ocorrências do *corpus* da tese (sempre entre aspas angulares).

Este critério sintático permite distinguir três tipos de adjetivos: os que podem ser exclusivamente predicativos, os que podem ser exclusivamente atributivos e os centrais (nomenclatura utilizada por Bouillon e Viegas (1999), nem sempre citada por outros autores), que podem assumir ambas as posições (funções) sintáticas. Quando atributivos, os adjetivos podem tanto ser pós-nominais (em posposição em relação núcleo nominal) quanto pré-nominais (em anteposição quanto ao núcleo nominal).

Vejamos de forma mais detalhada cada uma destas possibilidades de distribuição sintática, buscando identificar sua possível motivação no conteúdo dos correspondentes itens lexicais adjetivais.

### 3.1.1. *Adjetivos Centrais*

Os adjetivos centrais podem tanto figurar em posição atributiva quanto predicativa, e, conforme o que descrevemos no quadro geral acima, não podem, na posição atributiva, ser exclusivamente pré- ou pós-nominais. O exemplo de Bouillon e Viegas (1999) é:

(64) O homem alto / O homem é alto<sup>36</sup>

Ao qual podemos acrescentar a possibilidade da posição pré-nominal em português:

(65) Alto homem.

Da mesma forma que Bouillon e Viegas (1999), Rio-Torto (2006, p. 106) analisa a sintaxe-semântica dos adjetivos. Segundo ela, em relação aos adjetivos atributivos, há aqueles para os quais a mudança de ordem sintática não corresponde a nenhuma alteração de ordem semântica. Um exemplo é “ovação estrondosa”, que alterna com “estrondosa ovação”, sem que haja diferenças semânticas acentuadas entre as duas formas. Porém, esta mesma

autora comenta mais adiante em seu texto que, mesmo nestes casos, pode-se vislumbrar certa diferença no sentido que o falante pretende com a anteposição. Exemplificando com o par “crianças lindas” e “lindas crianças”, diz a autora que há neste caso “diferentes orientações na natureza das operações lógico-semânticas activadas”. Diz-se dos adjetivos intersectivos, que correspondem à intersecção entre o conjunto das entidades representadas pelo nome com o do conjunto das entidades representadas pelo adjetivo. Assim, um *vestido azul* tanto participa do conjunto dos vestidos quanto das “coisas” azuis, encontrando-se justamente onde ambos os conjuntos se sobrepõem. A autora traz um argumento muito interessante, diferenciando “crianças lindas” de “lindas crianças” como se fossem formas distintas de ver a citada intersecção: no primeiro caso, a perspectiva é das crianças, ou seja, estamos falando de um tipo de criança, as que são lindas; no segundo caso, o tema são os seres lindos, em que se incluem as crianças. Então, deixemos o espaço da dúvida mesmo para os exemplos que são em princípio considerados flexíveis, pois mesmo para estes a diferença sintática parece traduzir uma diferença de perspectivização (semântica).

Cabe trazeremos à discussão a análise de Rio-Torto (2006) para complementar a classificação de Bouillon e Viegas (1999), porque aquela autora estuda os adjetivos de língua portuguesa, que apresentam uma sutileza a mais em relação aos adjetivos ingleses, tratados por estas autoras, qual seja: a possibilidade da dupla colocação sintática para os adjetivos atributivos, pré- e pós-nominal, característica não só português, mas também de outras línguas neolatinas, sobretudo no que tange à anteposição, que marca de forma especial o sentido destas formas. Adensando esta questão dos adjetivos atributivos, chegamos aos exemplos em que Rio-Torto (2006, p. 107) considera seja a posição pré-nominal a forma marcada em relação à neutra, em posposição, mencionando ainda que a posposição é a ordem canônica. Já em inglês, ao contrário, a ordem canônica é a anteposição na maioria das ocorrências, ao que podemos acrescentar também que é o caso do alemão de forma ainda mais acentuada (pois em inglês há a possibilidade da posposição em casos específicos – o exemplo de Bouillon e Viegas (1999) é “rivers navigable” –, enquanto em alemão a regra é geral e irrestrita, conforme Helbig e Buscha (2001, p. 280)). Para as variantes em anteposição, teríamos um sentido literário ou poético, não esperado. Exemplos são os pares *céu nublado / nublado céu* ou *casaco verde / verde casaco*.

---

<sup>36</sup> “The tall man, the man is tall”, no original inglês.

Outro ponto destacado no estudo de Rio-Torto (2006, p. 108), ainda em relação às posições dos adjetivos atributivos, são as formas em que há lexicalização do grupo nominal (adjetivo + nome) ou fixidez relativa (*formes figées*, conforme Gross (1996)). Cita a autora que há um princípio idiomático de colocação preferencial padronizada, sendo que o adjetivo pode ser tanto anteposto como posposto, porém sempre fixo em relação ao nome. Exemplos são “bom dia”, “livre arbítrio”, “amor livre” e “registro civil”.

Cabe ressaltar o tipo de adjetivo que mais nos interessa na presente tese: o adjetivo que, em posição pré-nominal, faz mais do que agregar uma perspectivização, tendo o seu conteúdo mais seriamente alterado. Rio-Torto (2006, p. 109) cita exemplos dos valores distintos, explicitados entre parênteses abaixo, que certo tipo de adjetivos do português pode ter conforme a sua ocorrência em relação ao nome:

- (66) um velho amigo (antigo) vs um amigo velho (idoso)
- (67) um pobre homem (sem sorte, pobre de espírito) vs um homem pobre (sem recursos)
- (68) um grande homem (grandeza moral, intelectual, homem notável) vs um homem grande (grandeza física, de elevada estatura)
- (69) um alto funcionário (estatuto hierárquico) vs um funcionário alto (dimensão física)
- (70) uma certa decisão (determinada) vs uma decisão certa (acertada)

### 3.1.2. Adjetivos Exclusivamente Predicativos

Os exemplos de adjetivos exclusivamente predicativos são em número bem reduzido em inglês (*\*afraid people/people are afraid, \*alive man, the man is alive*, etc.) e, como veremos no Capítulo 5, os equivalentes portugueses de tais adjetivos também parecem permitir apenas a posição predicativa. Vejamos os exemplos:

### 3.1.3. Adjetivos Exclusivamente Atributivos

A literatura denomina-os, em geral, adjetivos de relação ou relacionais. Tais adjetivos, são, em geral, de natureza denominativa.

Segundo Rio-Torto (2006, p. 121), os adjetivos relacionais denominais são parafraseáveis em relação aos nomes de que derivam de diversas maneiras:

“para N”	–	<i>literatura infantil, literatura juvenil</i>
“de N”	–	<i>coroa real</i>
“que contém N”	–	<i>água gasosa</i>

Características marcantes destes adjetivos são:

- o fato de seres passíveis de graduação (*\*coroa mais real, \*literatura infantilíssima*);
- o fato de não serem em geral predicativos (*\*esta literatura é infantil, \*a coroa será real, \*esta literatura está infantil, \*a coroa está real*);
- o fato de não ocorrerem em posição pré-nominal.

Esta última característica é a mais importante para a nossa discussão, na medida em que marca uma posição sintática específica que é permitida para tais adjetivos frente às demais, que são interdidadas. Castilho (2010, p. 532) apresenta alguns exemplos deste tipo adjetival:

São adjetivos de verificação classificadores itens como *legislativo* (em *assembleia legislativa*), *civil* (em *casamento civil, código civil*), *religioso* (em *casamento religioso*), *universitária* e *solar* (como em *reforma universitária, energia solar*). Esses adjetivos sempre se pospõem ao substantivo, vedada a anteposição (*\*legislativa assembleia, \*civil código, \*religioso casamento, \*solar energia*, etc.).

Rio-Torto (2006, p. 122) destaca o fato de que:

a designação de ‘denominativos’ teria a vantagem de [...] se restringir a adjetivos que delimitam uma subclasse daquilo que o nome de base denota, ou seja, as base de que o adjetivo deriva representam o domínio relativamente ao qual se estabelece uma indicação objetiva de uma subclasse expressa pelo adjetivo.

Em outro momento de seu texto, a mesma autora corrobora que os adjetivos de relação não funcionam em contexto predicativo, sobretudo quando o verbo de ligação é *estar*

(\*o ski está aquático), e que têm uma correspondência em nível morfológico, sendo passíveis de prefixação de natureza numérica (*bidimensional, bimestral, multicontinental, multirracial, policromática*), com os prefixos *pós-, pré-, inter-, extra-, anti-* (*pós-nuclear, pré-escolar, intercontinental, perímetro extrapolar, antinuclear*).

Os adjetivos predicativos não possuem tais possibilidades morfológicas, conforme vemos nos exemplos abaixo, que, por sua vez, são passíveis de prefixação com *in-* e *des-*:

- a) com prefixos numéricos (*\*bifeliz, \*bileal, \*multicontente, \*multifeliz, \*polileal*), com os prefixos *pós-, pré-, inter-, extra-, anti-* (*\*pós-feliz, \*pré-leal, \*intercontente, \*extrafeliz, \*antileal*);
- b) *infeliz, desleal, descontente*.

Na presente tese, não escolhemos considerar a relação entre a semântica dos adjetivos e os seus processos morfológicos, mas cabe ressaltar que estes e outros aspectos sintáticos além da distribuição sintática, tais como alternâncias sintáticas e complementação, são provavelmente relacionados com o conteúdo semântico adjetival, como aponta o comportamento morfológico dos adjetivos exclusivamente atributivos.

Um último ponto ressaltado por Rio-Torto (2006, p. 117) é que os adjetivos de relação podem, em contextos especiais, perderem a sua restrição sintática de serem exclusivamente atributivos. Tais contexto, em geral, tendem a ser do tipo comparativo ou contrastivo, como no exemplo “este motor é eléctrico, não manual”.

### 3.2. Semântica Adjetival

Do ponto de vista da função semântica, Rio-Torto (2006) traça dois tipos de conteúdo que o adjetivo, num primeiro exame, pode portar. Em muitos casos, a função é de natureza restritiva, quando o adjetivo delimita a extensão do nome ao qual se adjunge (ex.: <Mas Nehle Franke não se prende a fronteiras rígidas.>; porém, há adjetivos que permitem

que sejam expressas propriedades já pertencentes ao nome, evidenciando, assim, um conteúdo inerente e redundante (ex.: *a neve branca / a lebre veloz / a raposa matreira*<sup>37</sup>).

Além das subclasses sintáticas, Bouillon e Viegas citam um segundo conjunto de elementos caracterizadores dos adjetivos em geral: as classes lógicas (semânticas). Segundo o seu ponto de vista, os adjetivos podem pertencer a três diferentes classes, que diferem em seu comportamento lógico, de acordo com a seguinte tipologia:

- Absolutos (ou intersectivos). São geralmente considerados predicados, denotando propriedades. No caso, a denotação das construções nome-adjetivo representa a intersecção da denotação do adjetivo e do nome (*esta mesa é vermelha* equivale a *isto é uma mesa e isto é vermelho*).
- Modificadores de propriedades, quando a intersecção não pode dar conta do resultado semântico da construção N+Adj ou Adj+N (*o antigo arquiteto*): não podemos entender tal exemplo como equivalente a *\*ele é antigo e arquiteto*.
- Relativos (ou escalares), por alguns outros autores chamados de subsectivos (ver Raskin e Nirenburg (1995)), são os que atribuem a propriedade ao nome, mas esta só vale dentro de certo parâmetro. O exemplo mais conhecido é o do adjetivo *baixo*: um jogador de basquete baixo (com 1,80m de altura) não é necessariamente um homem baixo (em geral), ele é baixo para um jogador de basquete. Da mesma forma, uma *formiga grande* não é grande da mesma forma que um *elefante grande* o é.

Bouillon e Viegas (1999) reservam uma subsecção de seu estudo para o caso das outras classes semânticas de adjetivo. Consoante o que observam as autoras, os adjetivos podem ser classificados com respeito a outros parâmetros (citam Quik *et al.* 1994), tais como aspecto (Rio-Torto (2006) denomina as subclasses adjetivais aspectuais de *adjetivos de fase* e de *adjetivos de indivíduos*, enquanto as autoras agora estudadas chama-nos de *stage-level* (literalmente, do nível do estágio) ou *individual-level* (literalmente, do nível do indivíduo).

---

<sup>37</sup> Exemplos de Rio-Torto (2005, p. 105).

*Bêbado, feliz, disponível* são condições transitórias, já *ser alto, ser inteligente*, são características que, em princípio pelo menos, são perenes para um dado N.

Outra subclasse semântica adjetival de importância é a dos adjetivos categorêmaticos *versus* os sincategoremáticos. Rio-Torto (2006, p. 115) exemplifica com “se N é pianista e escritor, e se N é um pianista famoso” não quer dizer que N seja um escritor famoso. Exemplos como estes são clássicos nos estudos dos adjetivos categorêmaticos (ver Borges Neto, 1991). Segundo a autora (RIO-TORTO, 2006, p. 115):

As propriedades inferenciais habitualmente usadas como identificativas destas duas classes [...] quando ocorre um adjetivo categorêmico, N1 é N2 A (O João é um piloto parapléxico) é separável em “N1 é N2” e “N1 é A”. Assim, não acontece quando o adjetivo é sincategoremático, pois que “N1 é N2 A” (O João é um piloto exímio) não é separável em “N1 é N2” e “N1 é A”, porquanto o João só é exímio enquanto piloto.

Raskin e Nirenburg (1995) e Nirenburg e Raskin (2004, p. 107) identificam muitos casos de uma suposta modificação adjetival que não correspondem a uma modificação no nível semântico da combinação nome mais adjetivo, da mesma maneira que se dá com os intersectivos. Exemplos são *pizza ocasional*, em que o adjetivo não corresponde a uma qualidade inerente ou atribuída ao objeto *pizza*, mas sim à noção mais próxima à de um adjunto adverbial (“alguém come pizza ocasionalmente”) ou *filme bom*, expressão que mais bem traduz o fato de que “alguém assiste ao filme e aprecia-o”. No caso do português brasileiro, esta não paridade entre as modificações sintática e semântica resta eclipsada nas descrições dos adjetivos que os entendem como exclusivamente modificadores do substantivo a que se adjungem, como é o caso de Bechara (2002)<sup>38</sup>, que concebe o adjetivo como uma classe de lexema que se caracteriza “por constituir a *delimitação* do substantivo, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando *delimitativamente* a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado” [grifo do autor].

Ainda quanto à característica geral da classe adjetival, Bouillon e Viegas (1999) apontam, para além das subclassificações sintáticas, morfossintáticas e lógicas, que os adjetivos podem ser classificados segundo taxonomias, que são diferentes categorias

---

<sup>38</sup> BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

semânticas que podem expressar. As autoras citam Raskin e Nirenburg (1995) e Dixon (1991), e gostaríamos de acrescentar a estes também Nirenburg e Raskin (2004) e Dixon (2004). Em Dixon (2001), segundo as autoras, a taxonomia dos adjetivos tem o seguinte formato:

- DIMENSÃO: grande, pequeno, etc.
- PROPRIEDADE FÍSICA: forte, doente, etc.
- VELOCIDADE: rápido, veloz, etc.
- IDADE: novo, velho, etc.
- COR: vermelho, preto, etc.
- VALOR: bom, mau, belo, feio, etc.
- DIFICULDADE: fácil, dificuldade, etc.
- QUALIFICAÇÃO: DEFINIÇÃO (provável), POSSIBILIDADE (possível), HABITUALIDADE (usual), PROBABILIDADE (provável), CERTEZA (certo, seguro) CORREÇÃO (apropriado).
- PROPENSÕES HUMANAS: EMOÇÕES (ciumento, zangado), INTELIGÊNCIA (inteligente).
- SEMELHANÇA: parecido, similar, diferente.

Ainda segundo as autoras, citando Dixon (1991, p. 10), esta taxonomia de Dixon é importante, na medida em que cada classe taxonômica especifica o comportamento sintático dos adjetivos. O exemplo é o adjetivo *eager*<sup>39</sup>:

Para cada classe, Dixon especifica o comportamento sintático de cada adjetivo, como para a classe EAGER: “EAGER apresenta como complemento um NP ou um complemento THAT ou Modal (FOR) TO, por exemplo, *I’m eager for the fray, I’m eager that Mary should go, I’m eager (for Mary) to go. Ready* pode apenas tomar um NP ou uma cláusula modal (FOR) TO (nunca um complemento encabeçado por THAT), enquanto *willing* exige complementação via cláusulas encabeçadas pro THAT ou por Modal (FOR) TO, ou seja, não pode ser seguido de uma preposição mais NP.” ((Dixon, 1991), p. 83).

<sup>39</sup> Tradução nossa do original inglês:

“For each class, Dixon specifies the syntactic behavior of each adjective, as follows for the EAGER class: ‘EAGER takes an NP or a THAT or Modal (FOR) TO complement, e. g. *I’m eager for the fray, I’m eager that Mary should go, I’m eager (for Mary) to go. Ready* may only take an NP or a Modal (FOR) TO clause (not a THAT complement) while *willing* must take a THAT or Modal (FOR) TO clause, i. e. it cannot be followed by preposition plus NP.’” ((Dixon, 1991), p. 83).

O trabalho de Dixon (2004) constitui uma investigação translinguística (tipológica) de um grande número de línguas do mundo. Dixon aponta que algumas línguas não dispõem de adjetivos, sendo o que corresponderia à semântica adjetival (das línguas que deles dispõem) sendo veiculado pelas formas verbais em geral. Ainda, um dado interessante é o fato de que minimamente, as línguas do mundo convergem quanto à escala taxonômica, ou seja, há quatro classes taxonômicas que estão presentes em todas línguas que possuem adjetivos, ou, dito de outra forma, há quatro classes semânticas adjetivais universais: dimensão (pequeno/grande); idade (novo/velho); cor (branco/preto); avaliação (bom, belo, ruim, feio). A menção ao trabalho de Dixon é devida ao fato de que sua atenção está nas classes semânticas de adjetivos, e tais classificações e observações podem-no ser úteis quando da análise, sobretudo no que tange à descrição da definição semântica dos lexemas na GDF.

Em relação à análise translinguística de Dixon (2004), podemos dizer que ela é corroborada pelos estudos em GDF, que também visam a recobrir um vasto universo translinguístico/tipológico, pois, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 224<sup>40</sup>), nem todas as línguas do mundo têm necessariamente classes de lexemas especializadas para todas as funções linguísticas, senão vejamos:

As línguas não têm necessariamente classes de lexemas especializadas para todas as funções listadas aqui. Algumas línguas usam uma única classe de lexemas em mais de uma função. Outras carecem de itens lexicais para certa função e têm de recorrer a soluções sintáticas. As primeiras são chamadas de “flexíveis”, e as últimas, de “rígidas” em Hengeveld (1992) e Hengeveld *et al.* (2004). (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, pp. 224)

Quanto à ausência das classes lexicais, da mesma forma que Dixon, Hengeveld e Mackenzie também citam essa variabilidade de possibilidade, que vai desde a inexistência da classe até a caracterização complexa (como temos para os adjetivos nas línguas indo-europeias, por exemplo).

---

<sup>40</sup> Tradução nossa do original inglês: Languages do not necessarily have specialized lexeme classes for all the functions listed here. Some languages use a single class of lexemes in more than one function. Others lack lexical items for a certain function and have to resort to syntactic solutions instead. The former are called ‘flexible’, the latter ‘rigid’ in Hengeveld (1992) and Hengeveld *et al.* (2004). (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, pp. 224)

### 3.3. Síntese do Capítulo

Neste capítulo, tencionamos oferecer um estudo da distribuição sintática dos adjetivos do português brasileiro, com vistas a investigar uma possível motivação semântica para o comportamento polimórfico desta categoria lexical. Para tanto, na primeira subseção do capítulo, focalizamos uma caracterização geral dos adjetivos baseada na comparação de duas fontes teóricas: Bouillon e Viegas (1999), que apresentam um estudo dos adjetivos ingleses, e Rio-Torto (2006), que delinea uma detalhada análise dos adjetivos do português europeu. Numa segunda etapa, observamos em que classes semânticas geralmente os adjetivos são classificados. No Capítulo 5, buscaremos encontrar, de um ponto de vista analítico, um reflexo das generalizações que acabamos de arrolar acima, bem como nos concentraremos em determinar quais fatores semânticos influenciam na restrição da distribuição sintática dos adjetivos portugueses.

Mas, antes disso, passemos, no capítulo que se segue, à descrição do *corpus* selecionado para a análise.

#### 4. DADOS DA PESQUISA

O tema da pesquisa desta tese, por se tratar da análise da representação semântico-lexical na GDF tomando por base o caso dos adjetivos do português brasileiro, conduziu-nos naturalmente à seleção de *corpora* em português brasileiro que privilegiassem o uso de adjetivos.

Os dados coletados constituem um *corpus* composto por 216.680 palavras, distribuídas em 9.311 sentenças e com 15.304 ocorrências de adjetivos.

Este *corpus* da tese consta dos anexos impressos que acompanham a tese, formando um segundo volume. Ainda, contamos com um anexo em formato digital, reunindo os dados do *corpus* já pré-organizados a partir dos resultados das pesquisas estatísticas que encetamos.

As pesquisas estatísticas realizadas foram etiquetação, mediante o programa PoSTree-Tagger, que será apresentado a seguir, seguida da análise quantitativa mediante contadores. Denominamos de Base do *Corpus* os dados reorganizados e prontos para serem submetidos à fase de etiquetação e análise quantitativa, sendo que os resultados desta também constam do material em formato digital. Como a Etiquetação do *Corpus* (que já tem um número elevado de sentenças) acaba por gerar um grande número de linhas de análise (222.744), que ocupam 4.952 páginas do editor de texto, seria inviável a impressão de todo este material, ao qual ainda se somam as análises estatísticas. Dessa forma, optamos por gravar a Etiquetação e as Análises em um CD, que acompanha cada exemplar da tese, juntamente com os anexos impressos.

Feitos estes esclarecimentos iniciais, passamos a descrever os procedimentos metodológicos adotados para a seleção das fontes documentais e para a recolha de dados.

Efetuamos uma busca às fontes na *internet* que nos possibilitassem a recolha de dados textuais. Tomamos como crivo textos que tivessem um caráter avaliativo, tais como as críticas e resenhas. A opção, por fim, recaiu nas críticas de teatro e de cinema, ricas nas adjetivações tanto no sentido da descrição dos espetáculos ou filmes, como dos atores, figurinos, recepção da assistência, etc. (que faz recurso ao uso de adjetivos de dimensão, cor, emocionais (nos termos de Goy (2000)), etc.), como na apreciação valorativa da obra sob observação (que faz uso de adjetivos avaliativos do tipo *bom, ruim, belo*, etc.).

Em relação às críticas teatrais, temos dois tipos de texto. De um lado, críticas jornalísticas já consideradas clássicas na história do teatro brasileiro e publicadas em edições renomadas e que recobrem espetáculos apreciados na década de 1960, sendo 09 destas da autoria de Barbara Heliodora e 06 da autoria de Yan Michalski, famoso crítico, ator e diretor teatral polonês-brasileiro. De outro, 105 ensaios críticos de fôlego constantes na publicação *Questão de Crítica*, Revista eletrônica de críticas e estudos teatrais lançada no Rio de Janeiro em março de 2008 – parte do *corpus* esta que recobre os anos 2008-2010, cujos autores são Daniele Avila, editora, colaboradora e idealizadora da publicação, crítica de teatro, tradutora e mestranda em História Social da Cultura (PUC-Rio), graduada em Teoria do Teatro na UniRio; Dinah Cesare, colaboradora, editora e idealizadora da publicação, Bacharel e mestranda em Teoria do Teatro pela Unirio, atriz com formação na CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), arte-educadora e pedagoga, tendo atuado como professora da disciplina Cena e Dramaturgia na UFRJ; e Humberto Giancristofaro, colaborador, escritor e roteirista, graduado em Filosofia na UFRJ, com formação em teatro no Departamento de Artes e Filosofia da Universidade Saints-Denis Paris VIII.

Em relação às críticas de cinema, selecionaram-se 120 críticas de autores diversos, não especialistas em crítica artística, que fazem parte de um acervo de quase 1000 críticas constante no *site* Cineplayers, consistindo numa das maiores bases de crítica fílmica da *internet* em português brasileiro, em 2011.

Os três blocos foram idealizados com o intuito de contemplar uma considerável variação temporal (três épocas distintas) e de registro (ensaístico/acadêmico/arte-pedagógico (*Questão de Crítica*)), jornalístico culto (Heliodora e Michalski) e não especializado (entre

uma variante mais coloquial e um registro informal típico da *internet*, com alguns elementos de registro escrito da oralidade (Cineplayers)).

Identificamos cada um dos blocos de críticas do *Corpus* com a seguinte codificação:

Códigos do <i>Corpus</i>		
Código	Crítica (Fonte)	Exemplo
Críticas Teatrais		
BH	<b>Barba Heliodora</b>	BH007: A estréia de um diretor
YM	<b>Yan Michalski</b>	YM006: Um Bonde Chamado Desejo (II)
CC	<i>Corpus</i> da Questão de Crítica	CC020: Beckett sem rótulos
Críticas de Cinema		
CNP	<b>Cineplayers</b>	CNP113: Déjà Vu

QUADRO 18: Codificação do *Corpus*

O *corpus*, no total, reúne os dois blocos de críticas, cada um contando 120 textos, compondo uma base com 240 críticas, perfazendo 216.680 palavras, distribuídas em 9.038 sentenças. Estas sentenças foram abstraídas do *corpus* e listadas ordenadamente e numeradas, marcadas com aspas angulares simples (< >), tendo-se desprezado o material extravagante do *corpus* (como repetição do títulos, nomes dos autores, ilustrações, datas e estatísticas repetidas, grade de avaliações (notas e pontuações)), para compor o que denominamos de Base do *Corpus*. Cabe repetirmos, conforme mencionamos na Introdução, que os exemplos retirados do *corpus* sempre apresentarão, sendo excertos da Base, ao longo da tese, as aspas angulares, para diferenciá-los dos exemplos dos autores citados na bibliografia, que são grafados em itálico quando transcritas isoladamente ou mantidas no grifo escolhido pelo autor quando das citações longas.

A Base, então, ficou com o seguinte formato, de que apresentamos um excerto (da crítica BH006: Tragédia Musicada em Nova York abaixo, comparando-o com a sequência original do *Corpus*:

<i>Corpus</i>	<i>Base do Corpus</i>
<p>West Side Story é baseada no esquema de Romeo and Juliet e os personagens são membros de duas gangues de delinquentes juvenis pertencentes a dois grupos raciais inimigos. A heroína chega de Porto Rico e, desconhecendo as inimizades tradicionais de certas zonas da cidade de Nova York, se apaixona por um jovem polonês-americano que conhece numa festa. É correspondida, mas isso não impede que haja conflito entre os “Sharks”, gangue dos porto-riquenhos, e os “Jets”, a dos poloneses. A luta ia ser de soco, mas saltam as navalhas, e, com inevitabilidade clássica, o namorada mata o irmão da namorada. Por sua vez, um parente de Julieta mata o moderno Romeu e finalmente as duas gangues se reúnem para carregar os dois caixões. Julieta sobrevive, mas a tragédia está consumada da mesma maneira.</p>	<p>&lt;West Side Story é baseada no esquema de Romeo and Juliet e os personagens são membros de duas gangues de delinquentes juvenis pertencentes a dois grupos raciais inimigos.&gt;          &lt;A heroína chega de Porto Rico e, desconhecendo as inimizades tradicionais de certas zonas da cidade de Nova York, se apaixona por um jovem polonês-americano que conhece numa festa.&gt;          &lt;É correspondida, mas isso não impede que haja conflito entre os “Sharks”, gangue dos porto-riquenhos, e os “Jets”, a dos poloneses.&gt;          &lt;A luta ia ser de soco, mas saltam as navalhas, e, com inevitabilidade clássica, o namorada mata o irmão da namorada.&gt;          &lt;Por sua vez, um parente de Julieta mata o moderno Romeu e finalmente as duas gangues se reúnem para carregar os dois caixões.&gt;          &lt;Julieta sobrevive, mas a tragédia está consumada da mesma maneira.&gt;          &lt;Diz mais adiante o Wolcott Gibbs:&gt;</p>

#### QUADRO 19: Excerto do *Corpus* e da Base do *Corpus*

A Etiquetação do *Corpus* Geral deu-se mediante o *tagger* para português disponibilizado na *internet* por Pablo Gamallo Otero, pesquisador em Processamento da Linguagem Natural junto ao grupo ProLNat@GE, da Universidad de Santiago de Compostela, acessível no *site* <http://gramatica.usc.es/~gamallo/tagger.htm> ou no subdiretório Linguistic Tools da *webpage* do referido pesquisador, *link* PoSTree-Tagger. A partir da Base do *Corpus*, temos o seguinte formato de *output* do mencionado *tagger*, conforme vemos no excerto abaixo (para a lista completa, ver nos anexos Etiquetação do *Corpus*):

<b>Código da Ocorrência</b>	<b>Registro na Base</b>	<b>Output do PoSTree-Tagger</b>
BH001: Nasce uma companhia	<Pareceu-nos encarar o projeto com um desafio vitalizador, e entregar-se aos problemas de corpo e alma, vibrando a cada vitória que abre o caminho à realização deste sonho comum a todo o grupo.>	<Pareceu-nos V+P parecer encarar V encarar o DET o projeto NOM projeto com PRP com um DET um desafio NOM desafio vitalizador ADJ , VIRG , e CONJ e entregar-se V+P entregar aos PRP+DET a problemas NOM problema de PRP de corpo NOM corpo e CONJ e alma NOM alma , VIRG , vibrando V vibrar a DET a

		cada P cada vitória NOM vitória que PR que abre V abrir o DET o caminho NOM caminho à PRP+DET a realização NOM realização deste PRP+P de sonho NOM sonho comum ADJ comum a PRP a todo ADJ todo o DET o grupo.> NOM
--	--	--

QUADRO 20: Etiquetagem com PoSTree-Tagger

A partir da etiquetagem, foi possível extrair, se não todos, pelo menos grande parte dos adjetivos, pois o *tagger* não tem 100% de acerto, sobretudo em relação a certas predicções verbais/adjetivais e mesmo em relação a nomes, algumas vezes, o que bem traduz os casos limítrofes entre as classes no português. Ainda em relação ao *tagger* em questão, há que se mencionar que os pronomes indefinidos estão todos codificados como adjetivos, o que aumenta em muito o número de ocorrências no *output* final do *tagger*. Passemos, então, à correção da extração, para eliminar essas ocorrências, visto que desbordam da classe adjetival em si, sobretudo no contexto da GDF, em que tais categorias mais bem cabem como itens gramaticais/quantificadores, etc., não propriamente lexicais, de qualquer modo. Uma prova estatística da sua natureza gramatical é a frequência, que excede em muito à dos adjetivos, lexicais por excelência. Se considerássemos que os indefinidos pertencem à classe dos adjetivos, teríamos forçosamente de chegar à conclusão de que seriam, no universo dos adjetivos, aqueles de ocorrência mais frequente. Esta, é claro, é uma questão mais para a linguística computacional do que para a linguística teórica em si, porém quisemos mencioná-la em função de haver trabalhos em GDF que justamente avaliam o limite entre o gramatical e o lexical para certos itens lexicais. Entre outros, veja-se o trabalho de Keizer (2007) acerca da dicotomia lexical-gramatical no âmbito da GDF.

Após a correção da extração dos adjetivos detectados com o *tagger*, obteve-se um conjunto de 15.304 ocorrências adjetivais. Exemplificamos no excerto abaixo, com as 180 últimas ocorrências da referida lista:

1. vestidos	46. viscerais	91. visuais	136. vivo
2. veterano	47. visceral	92. visuais	137. vivo
3. veterano	48. visceral	93. visuais	138. vivo
4. veterano	49. visceral	94. visuais	139. vivo
5. viável	50. visíveis	95. visuais	140. vivos
6. viável	51. visíveis	96. visuais	141. vivos
7. viciado	52. visíveis	97. visuais	142. vivos
8. viciados	53. visíveis	98. visuais	143. vivos
9. vigente	54. visíveis	99. visuais	144. vivos
10. vigilante	55. visíveis	100. visuais	145. vivos
11. vigorosa	56. visível	101. visual	146. vivos
12. vigorosa	57. visível	102. visual	147. vivos
13. vigoroso	58. visível	103. visual	148. vivos
14. vigorosos	59. visível	104. visual	149. vivos
15. vilão	60. visível	105. visual	150. vivos
16. vilão	61. visível	106. visual	151. vivos
17. vilão	62. visível	107. visual	152. vivos
18. vilão	63. visível	108. vitais	153. vivos
19. vilão	64. visível	109. vital	154. vizinhos
20. vilão	65. visível	110. vital	155. voadoras
21. vilões	66. visível	111. vitorioso	156. voadoras
22. vilões	67. visível	112. viva	157. voadoras
23. vilões	68. visível	113. viva	158. voadoras
24. vingador	69. visível	114. viva	159. vocabular
25. violenta	70. visível	115. viva	160. vocais
26. violenta	71. visível	116. viva	161. vocais
27. violenta	72. visível	117. viva	162. vocal
28. violenta	73. visível	118. viva	163. vocal
29. violento	74. visível	119. viva	164. vocal
30. violento	75. visível	120. vivas	165. vocal
31. violento	76. visível	121. vivas	166. vocal
32. violentos	77. visível	122. vívida	167. vocal
33. violentos	78. visuais	123. vivo	168. vocal
34. violentos	79. visuais	124. vivo	169. vocal
35. viperina	80. visuais	125. vivo	170. vocal
36. virado	81. visuais	126. vivo	171. vocal
37. viril	82. visuais	127. vivo	172. vocálicos
38. viril	83. visuais	128. vivo	173. volúvel
39. virtual	84. visuais	129. vivo	174. vulgar
40. virtual	85. visuais	130. vivo	175. vulneráveis
41. virtual	86. visuais	131. vivo	176. western
42. virtual	87. visuais	132. vivo	177. xenófobas
43. virtual	88. visuais	133. vivo	178. zelosa
44. virtual	89. visuais	134. vivo	179. zoológico
45. virtuosa	90. visuais	135. vivo	180. zoológico

#### QUADRO 22: Excerto dos Resultados do PoSTree-Tagger

A fim de mapear os resultados sem as repetições, usamos três tipos de contadores: o Word Frequency Counter, o Wordcounter e o Mechanic Words, que recebem apenas *input*

em extensões .txt, donde termos nos anexos à tese o resultado da extração posto neste formato. Na sequência, usamos os mesmos contadores para ordenar e gerar listas com os adjetivos mais frequentes, já tendo sido eliminadas as repetições. Os resultados da primeira das *tools* são os seguintes:

*Output* do Word Frequency Counter a partir do *input* da correção da extração em extensão .txt:

Word frequency counter	
Unregistered version. Only 20 words will be written to the file.	
I:\Leandro\Tese\Corpora da Tese\adjetivos do corpus - base para testes.txt	
Words scanned 15309	
Distinct words 4141	
Word	Frequency
grande	221
mesmo	181
possível	153
própria	128
melhor	123
bom	120
próprio	115
mesma	115
maior	111
boa	98
interessante	93
certo	93
novo	91
grandes	87
certa	82
final	79
nova	69
diferentes	68
teatral	66
importante	65

QUADRO 20: *Output* da ferramenta Word Frequency Counter

A conta de 4.141 *distinct words* é uma cifra interessante de se levar em conta se a compararmos com os 15.000 adjetivos mencionados Dias-da-Silva e Moares (2003) como constantes na base lexical para a construção do Thesaurus Eletrônico para a Língua Portuguesa, antecessora da Wordnet.br (Wordnet, versão brasileira), encetada pelo próprio Dias-da-Silva e sua equipe, que alberga em torno de 16.000 adjetivos, número que se

aproxima da pesquisa da Wordnet original americana, aproximadamente 20.000, dados estes de Dias-da-Silva (2005, p. 13). Haja vista que o *corpus* da tese não é extenso em comparação às bases da pesquisa em Wordnet, a cifra aponta que a amostragem é de qualidade consideravelmente boa.

Os resultados do segundo contador, Wordcounter, é o seguinte:

<b>Word</b>	<b>Frequency</b>
grande	221
mesmo	181
melhor	168
possível	153
maior	147
própria	128
bom	120
mesma	115
próprio	115
boa	98
interessante	93
certo	93
novo	91
grandes	87
certa	82
final	79
nova	69
diferentes	68
teatral	66
importante	65
simples	64
principal	57
difícil	57
real	54
diferente	54
única	54
comum	52
última	52
presente	50
original	50
diversas	50
menor	50
forte	49
longa	48
capaz	47
longo	47
pequena	46
diversos	45
especial	45
poucos	44
preciso	43
sonora	43
único	43
humano	41
bela	37
vários	36
pequeno	36

<b>inicial</b>	35
<b>pequenos</b>	35
<b>velho</b>	34
<b>impossível</b>	34
<b>cênico</b>	33
<b>várias</b>	33
<b>determinado</b>	33
<b>anterior</b>	33
<b>geral</b>	33
<b>social</b>	33
<b>certos</b>	32
<b>próprias</b>	31
<b>novos</b>	31
<b>principais</b>	31
<b>cênica</b>	31
<b>inteligente</b>	31
<b>bons</b>	30
<b>pessoal</b>	29
<b>último</b>	29
<b>interessantes</b>	28
<b>atual</b>	28
<b>evidente</b>	28
<b>clássico</b>	28
<b>próprios</b>	27
<b>ótimo</b>	27
<b>sutil</b>	26
<b>claro</b>	26
<b>alto</b>	26
<b>possíveis</b>	26
<b>artística</b>	26
<b>humana</b>	26
<b>clara</b>	25
<b>importantes</b>	25
<b>física</b>	25
<b>cultural</b>	24
<b>próximo</b>	24
<b>popular</b>	24
<b>carioca</b>	24
<b>últimos</b>	23
<b>cômico</b>	23
<b>visuais</b>	23
<b>americano</b>	23
<b>suficiente</b>	23
<b>boas</b>	22
<b>brilhante</b>	22
<b>excelente</b>	22
<b>pequenas</b>	22
<b>máximo</b>	22
<b>contrário</b>	22
<b>especiais</b>	22
<b>verdadeiro</b>	22
<b>visível</b>	22
<b>crítico</b>	22
<b>particular</b>	21
<b>constante</b>	21
<b>necessário</b>	21
<b>fácil</b>	21
<b>cheio</b>	21
<b>ruim</b>	20
<b>pio</b>	20

<b>dito</b>	20
<b>dramática</b>	20
<b>comuns</b>	19
<b>determinada</b>	19
<b>natural</b>	19
<b>belo</b>	19
<b>nacional</b>	19
<b>próxima</b>	19
<b>livre</b>	19
<b>perfeito</b>	19
<b>incrível</b>	19
<b>enorme</b>	19
<b>apresentada</b>	19
<b>mesmos</b>	18
<b>leve</b>	18
<b>artístico</b>	18
<b>estética</b>	18
<b>brasileira</b>	18
<b>jovem</b>	18
<b>jovens</b>	18
<b>perfeita</b>	18
<b>recente</b>	18
<b>branca</b>	18
<b>responsável</b>	17
<b>italiano</b>	17
<b>verde</b>	17
<b>tradicional</b>	17
<b>clássicos</b>	17
<b>famoso</b>	17
<b>política</b>	17
<b>novas</b>	17
<b>divertido</b>	17
<b>vivo</b>	17
<b>literário</b>	17
<b>só</b>	17
<b>brasileiro</b>	17
<b>distintos</b>	17
<b>familiar</b>	17
<b>estranho</b>	16
<b>realista</b>	16
<b>emocional</b>	16
<b>rico</b>	16
<b>negra</b>	16
<b>complexo</b>	16
<b>impecável</b>	16
<b>técnica</b>	16
<b>convencional</b>	16
<b>psicológico</b>	16
<b>interna</b>	16
<b>sério</b>	16
<b>fortes</b>	16
<b>passado</b>	16
<b>nu</b>	16
<b>contemporânea</b>	15
<b>óbvio</b>	15
<b>cinematográfica</b>	15
<b>superior</b>	15
<b>moderno</b>	15
<b>dramático</b>	15
<b>curtas</b>	15

velha	15
<b>total</b>	15
<b>fundamental</b>	15
<b>central</b>	15
<b>cotidiano</b>	15
<b>físico</b>	15
<b>histórico</b>	15
<b>certas</b>	15
<b>bonito</b>	14
<b>ótima</b>	14
<b>público</b>	14
<b>completo</b>	14
<b>feliz</b>	14
<b>colateral</b>	14
<b>previsível</b>	14
<b>dramáticas</b>	14
<b>vivos</b>	14
<b>agradável</b>	14
<b>primeiros</b>	14
<b>curioso</b>	14
<b>artificial</b>	14
<b>delicado</b>	14
<b>temporal</b>	14
<b>tamanha</b>	13
<b>sexual</b>	13
<b>cheia</b>	13
<b>iniciais</b>	13
<b>sociais</b>	13
<b>político</b>	13
<b>linda</b>	13
<b>seguinte</b>	13
<b>extremo</b>	13
<b>frágil</b>	13

QUADRO 21: *Output* da ferramenta Word Counter

Estes dois contadores não computam todos os dados do *input*, deixando de fora dados que forem repetidos menos de 65 vezes, no caso do Word Frequency Counter, e menos 13 vezes, no caso do Word Counter. São linhas de corte que tais *counters* têm. Vê-se que ambos contadores apresentam uma linha de corte bem aquém da extensão máxima dos termos computados, sendo a do Word Frequency Counter ainda mais alta (o que equivale a dizer *com menos resultados*) do que a do Wordcounter. Por isso, resolvemos testar um terceiro programa, Mechanic Words, que não tem linha corte e que contabiliza e organiza a integralidade dos dados do *input*. Novamente, pela grande quantidade de dados resultados da testagem, listamos o *output* do Mechanic Words somente nos anexos, no formato digital. Como nosso intuito é o de comparar as alternâncias de sentidos dos adjetivos do *corpus*, necessitamos, para cada exemplo, minimamente duas ocorrências, a fim de que tenhamos, pelo menos, dois contextos comparáveis. Então, em vista de termos a integralidade do *input*

no *output* do Mechanic Words, estipulemos uma linha de corte de duas (2) ocorrências para salvar o cotejo de contextos.

A marca das 4.141 *distinct words* do Word Frequency Counter é corroborada pelo *output* completo do Mechanic Words, de 4.139. A diferença entre os dois *outputs* é de tão somente 2, o que evidencia a exatidão das duas ferramentas, haja vista que o *input* é o mesmo para os dois, sendo a sua quantidade de dados muito alta, 15.304 ocorrências.

Tendo estipulado a linha de corte mencionada acima, o resultado do Mechanic Words fica reduzido ao conjunto de 1.897 exemplos, que vão desde as 221 ocorrências do adjetivo *grande* até as 2 ocorrências de cada um dos 714 últimos adjetivos da lista, e equivale aos 4.319 exemplos subtraídos de 2.242 ocorrências únicas (54,16%) do *corpus*. Vejamos a seleção resultante abaixo:

Word	Freq	%	Rank
Grande	221	1,4437	1
Mesmo	181	1,1824	2
Possível	153	0,9995	3
Própria	128	0,8362	4
Melhor	123	0,8035	5
bom	120	0,7839	6
próprio	115	0,7512	7
mesma	115	0,7512	8
maior	111	0,7251	9
boa	98	0,6402	10
interessante	93	0,6075	11
certo	93	0,6075	12
novo	91	0,5945	13
grandes	87	0,5683	14
certa	82	0,5357	15
final	79	0,5161	16
nova	69	0,4507	17
diferentes	68	0,4442	18
teatral	66	0,4311	19
importante	65	0,4246	20
simples	64	0,4181	21
principal	57	0,3724	22
difícil	57	0,3724	23
real	54	0,3528	24
diferente	54	0,3528	25
única	54	0,3528	26
comum	52	0,3397	27
última	52	0,3397	28
presente	50	0,3266	29
original	50	0,3266	30
diversas	50	0,3266	31
forte	49	0,3201	32
longa	48	0,3136	33
longo	47	0,3070	34
pequena	46	0,3005	35
melhores	45	0,2940	36
especial	45	0,2940	37

diversos	45	0,2940	38
poucos	44	0,2874	39
sonora	43	0,2809	40
preciso	43	0,2809	41
único	43	0,2809	42
menor	41	0,2678	43
humano	41	0,2678	44
bela	37	0,2417	45
vários	36	0,2352	46
pequeno	36	0,2352	47
maiores	36	0,2352	48
pequenos	35	0,2286	49
inicial	35	0,2286	50
capaz	35	0,2286	51
velho	34	0,2221	52
impossível	34	0,2221	53
várias	33	0,2156	54
social	33	0,2156	55
geral	33	0,2156	56
determinado	33	0,2156	57
cênico	33	0,2156	58
certos	32	0,2090	59
principais	31	0,2025	60
próprias	31	0,2025	61
novos	31	0,2025	62
inteligente	31	0,2025	63
cênica	31	0,2025	64
bons	30	0,1960	65
pessoal	29	0,1894	66
último	29	0,1894	67
interessantes	28	0,1829	68
evidente	28	0,1829	69
clássico	28	0,1829	70
atual	28	0,1829	71
próprios	27	0,1764	72
ótimo	27	0,1764	73
sutil	26	0,1698	74
possíveis	26	0,1698	75

humana	26	0,1698	76
claro	26	0,1698	77
artística	26	0,1698	78
alto	26	0,1698	79
importantes	25	0,1633	80
física	25	0,1633	81
clara	25	0,1633	82
próximo	24	0,1568	83
cultural	24	0,1568	84
carioca	24	0,1568	85
anterior	24	0,1568	86
visuais	23	0,1502	87
suficiente	23	0,1502	88
cômico	23	0,1502	89
últimos	23	0,1502	90
americano	23	0,1502	91
visível	22	0,1437	92
verdadeiro	22	0,1437	93
pequenas	22	0,1437	94
máximo	22	0,1437	95
excelente	22	0,1437	96
especiais	22	0,1437	97
crítico	22	0,1437	98
contrário	22	0,1437	99
brilhante	22	0,1437	100
boas	22	0,1437	101
popular	21	0,1372	102
necessário	21	0,1372	103
fácil	21	0,1372	104
constante	21	0,1372	105
cheio	21	0,1372	106
ruim	20	0,1307	107
dramática	20	0,1307	108
dito	20	0,1307	109
próxima	19	0,1241	110
perfeito	19	0,1241	111
particular	19	0,1241	112
natural	19	0,1241	113
nacional	19	0,1241	114
livre	19	0,1241	115
incrível	19	0,1241	116
enorme	19	0,1241	117
determinada	19	0,1241	118
comuns	19	0,1241	119
belo	19	0,1241	120
apresentada	19	0,1241	121
recente	18	0,1176	122
perfeita	18	0,1176	123
mesmos	18	0,1176	124
leve	18	0,1176	125
jovens	18	0,1176	126
jovem	18	0,1176	127
estética	18	0,1176	128
brasileira	18	0,1176	129
branca	18	0,1176	130
artístico	18	0,1176	131
vivo	17	0,1111	132
verde	17	0,1111	133
tradicional	17	0,1111	134
responsável	17	0,1111	135
política	17	0,1111	136
novas	17	0,1111	137
literário	17	0,1111	138
italiano	17	0,1111	139

famoso	17	0,1111	140
divertido	17	0,1111	141
distintos	17	0,1111	142
clássicos	17	0,1111	143
brasileiro	17	0,1111	144
técnica	16	0,1045	145
só	16	0,1045	146
sério	16	0,1045	147
rico	16	0,1045	148
realista	16	0,1045	149
psicológico	16	0,1045	150
passado	16	0,1045	151
nu	16	0,1045	152
negra	16	0,1045	153
interna	16	0,1045	154
impecável	16	0,1045	155
fortes	16	0,1045	156
estranho	16	0,1045	157
emocional	16	0,1045	158
convencional	16	0,1045	159
complexo	16	0,1045	160
velha	15	0,0980	161
total	15	0,0980	162
moderno	15	0,0980	163
histórico	15	0,0980	164
fundamental	15	0,0980	165
físico	15	0,0980	166
dramático	15	0,0980	167
curtas	15	0,0980	168
cotidiano	15	0,0980	169
contemporânea	15	0,0980	170
cinematográfica	15	0,0980	171
certas	15	0,0980	172
central	15	0,0980	173
óbvio	15	0,0980	174
vivos	14	0,0915	175
temporal	14	0,0915	176
primeiros	14	0,0915	177
previsível	14	0,0915	178
público	14	0,0915	179
dramáticas	14	0,0915	180
delicado	14	0,0915	181
curioso	14	0,0915	182
completo	14	0,0915	183
colateral	14	0,0915	184
bonito	14	0,0915	185
artificial	14	0,0915	186
agradável	14	0,0915	187
ótima	14	0,0915	188
tamanha	13	0,0849	189
sociais	13	0,0849	190
sexual	13	0,0849	191
seguinte	13	0,0849	192
político	13	0,0849	193
mínimo	13	0,0849	194
linda	13	0,0849	195
iniciais	13	0,0849	196
impressionante	13	0,0849	197
frágil	13	0,0849	198
extremo	13	0,0849	199
cheia	13	0,0849	200
verdadeira	12	0,0784	201
tradicionalis	12	0,0784	202
superior	12	0,0784	203

sensível	12	0,0784	204
pura	12	0,0784	205
pior	12	0,0784	206
narrativa	12	0,0784	207
mesmas	12	0,0784	208
juntos	12	0,0784	209
gestual	12	0,0784	210
excepcional	12	0,0784	211
espacial	12	0,0784	212
escrito	12	0,0784	213
envolvidos	12	0,0784	214
engraçado	12	0,0784	215
eficiente	12	0,0784	216
distintas	12	0,0784	217
capazes	12	0,0784	218
americana	12	0,0784	219
vazio	11	0,0719	220
teatrais	11	0,0719	221
semelhante	11	0,0719	222
repleto	11	0,0719	223
religioso	11	0,0719	224
profissional	11	0,0719	225
próximos	11	0,0719	226
poucas	11	0,0719	227
políticas	11	0,0719	228
poética	11	0,0719	229
morto	11	0,0719	230
interno	11	0,0719	231
inteligentes	11	0,0719	232
inúmeros	11	0,0719	233
imediato	11	0,0719	234
humanos	11	0,0719	235
francesa	11	0,0719	236
fraco	11	0,0719	237
exemplar	11	0,0719	238
espetacular	11	0,0719	239
direto	11	0,0719	240
direta	11	0,0719	241
corporal	11	0,0719	242
coerente	11	0,0719	243
citados	11	0,0719	244
baixo	11	0,0719	245
baixa	11	0,0719	246
antigos	11	0,0719	247
antiga	11	0,0719	248
altos	11	0,0719	249
vocal	10	0,0653	250
recentes	10	0,0653	251
realizado	10	0,0653	252
profundo	10	0,0653	253
presentes	10	0,0653	254
policial	10	0,0653	255
perceptível	10	0,0653	256
notável	10	0,0653	257
negro	10	0,0653	258
militar	10	0,0653	259
material	10	0,0653	260
local	10	0,0653	261
inteiro	10	0,0653	262
fria	10	0,0653	263
formal	10	0,0653	264
familiar	10	0,0653	265
estético	10	0,0653	266
específico	10	0,0653	267

escuro	10	0,0653	268
complexa	10	0,0653	269
comercial	10	0,0653	270
coadjuvante	10	0,0653	271
cinematográfico	10	0,0653	272
cênicos	10	0,0653	273
bonita	10	0,0653	274
belas	10	0,0653	275
atuais	10	0,0653	276
apresentados	10	0,0653	277
alta	10	0,0653	278
aberto	10	0,0653	279
ótimos	10	0,0653	280
surpreendente	9	0,0588	281
seco	9	0,0588	282
quente	9	0,0588	283
provável	9	0,0588	284
paulista	9	0,0588	285
nítida	9	0,0588	286
natal	9	0,0588	287
mundial	9	0,0588	288
menores	9	0,0588	289
mau	9	0,0588	290
marcante	9	0,0588	291
linear	9	0,0588	292
internacional	9	0,0588	293
intensa	9	0,0588	294
intelectual	9	0,0588	295
inesquecível	9	0,0588	296
inúmeras	9	0,0588	297
imaginário	9	0,0588	298
homônimo	9	0,0588	299
histórica	9	0,0588	300
fiel	9	0,0588	301
feliz	9	0,0588	302
fantástico	9	0,0588	303
fantástica	9	0,0588	304
famosos	9	0,0588	305
famosa	9	0,0588	306
externo	9	0,0588	307
exata	9	0,0588	308
estranhos	9	0,0588	309
estranha	9	0,0588	310
estéticas	9	0,0588	311
essencial	9	0,0588	312
esquecido	9	0,0588	313
escrita	9	0,0588	314
eficaz	9	0,0588	315
econômica	9	0,0588	316
divertida	9	0,0588	317
dita	9	0,0588	318
determinados	9	0,0588	319
contemporâneo	9	0,0588	320
conhecido	9	0,0588	321
completa	9	0,0588	322
cênicas	9	0,0588	323
cômica	9	0,0588	324
brasileiros	9	0,0588	325
bizarro	9	0,0588	326
belíssima	9	0,0588	327
autoral	9	0,0588	328
apresentado	9	0,0588	329
últimas	9	0,0588	330
antigo	9	0,0588	331

anteriores	9	0,0588	332
ambas	9	0,0588	333
alternativo	9	0,0588	334
absurdos	9	0,0588	335
absoluta	9	0,0588	336
ágil	9	0,0588	337
viva	8	0,0523	338
temporais	8	0,0523	339
técnico	8	0,0523	340
suspenso	8	0,0523	341
referida	8	0,0523	342
pouca	8	0,0523	343
piores	8	0,0523	344
pesado	8	0,0523	345
permanente	8	0,0523	346
necessária	8	0,0523	347
narrativo	8	0,0523	348
mortas	8	0,0523	349
moral	8	0,0523	350
maravilhosa	8	0,0523	351
magistral	8	0,0523	352
médio	8	0,0523	353
limitada	8	0,0523	354
interior	8	0,0523	355
inglês	8	0,0523	356
infantil	8	0,0523	357
indicado	8	0,0523	358
imaginária	8	0,0523	359
grave	8	0,0523	360
frio	8	0,0523	361
fraca	8	0,0523	362
filme	8	0,0523	363
fascinante	8	0,0523	364
excessivo	8	0,0523	365
exato	8	0,0523	366
dura	8	0,0523	367
doido	8	0,0523	368
desnecessária	8	0,0523	369
descontraída	8	0,0523	370
culturais	8	0,0523	371
crescente	8	0,0523	372
correto	8	0,0523	373
convincente	8	0,0523	374
competente	8	0,0523	375
clássica	8	0,0523	376
cenográfica	8	0,0523	377
cômicos	8	0,0523	378
cômicas	8	0,0523	379
breve	8	0,0523	380
aparente	8	0,0523	381
afetiva	8	0,0523	382
absoluto	8	0,0523	383
visual	7	0,0457	384
triste	7	0,0457	385
trágico	7	0,0457	386
técnicos	7	0,0457	387
sutis	7	0,0457	388
suficientes	7	0,0457	389
suave	7	0,0457	390
sonoros	7	0,0457	391
seguintes	7	0,0457	392
realizados	7	0,0457	393
rápida	7	0,0457	394
promissor	7	0,0457	395

profunda	7	0,0457	396
preto	7	0,0457	397
pobres	7	0,0457	398
peçoais	7	0,0457	399
mera	7	0,0457	400
marcantes	7	0,0457	401
maravilhoso	7	0,0457	402
média	7	0,0457	403
lento	7	0,0457	404
internos	7	0,0457	405
interessado	7	0,0457	406
ingênuo	7	0,0457	407
inegável	7	0,0457	408
incomum	7	0,0457	409
imenso	7	0,0457	410
imensa	7	0,0457	411
igual	7	0,0457	412
horrível	7	0,0457	413
gigantes	7	0,0457	414
genial	7	0,0457	415
francês	7	0,0457	416
feminina	7	0,0457	417
feio	7	0,0457	418
feia	7	0,0457	419
familiares	7	0,0457	420
distante	7	0,0457	421
discreto	7	0,0457	422
diferenciado	7	0,0457	423
diferenciada	7	0,0457	424
desenvolvida	7	0,0457	425
decadente	7	0,0457	426
dado	7	0,0457	427
curto	7	0,0457	428
curta	7	0,0457	429
criativo	7	0,0457	430
crível	7	0,0457	431
confuso	7	0,0457	432
chato	7	0,0457	433
branco	7	0,0457	434
bacana	7	0,0457	435
autônomo	7	0,0457	436
artísticas	7	0,0457	437
apaixonado	7	0,0457	438
amargo	7	0,0457	439
visíveis	6	0,0392	440
virtual	6	0,0392	441
vilão	6	0,0392	442
vazia	6	0,0392	443
usado	6	0,0392	444
tratado	6	0,0392	445
tenso	6	0,0392	446
típico	6	0,0392	447
superficial	6	0,0392	448
solitário	6	0,0392	449
sentimental	6	0,0392	450
sentados	6	0,0392	451
seguida	6	0,0392	452
sólida	6	0,0392	453
romântico	6	0,0392	454
romântica	6	0,0392	455
rica	6	0,0392	456
relevante	6	0,0392	457
referente	6	0,0392	458
razoável	6	0,0392	459

raro	6	0,0392	460
racional	6	0,0392	461
puro	6	0,0392	462
positivo	6	0,0392	463
poderoso	6	0,0392	464
pobre	6	0,0392	465
pleno	6	0,0392	466
plena	6	0,0392	467
peculiar	6	0,0392	468
parecido	6	0,0392	469
paralelas	6	0,0392	470
norte-americano	6	0,0392	471
musical	6	0,0392	472
morta	6	0,0392	473
masculina	6	0,0392	474
mágica	6	0,0392	475
má	6	0,0392	476
literal	6	0,0392	477
justo	6	0,0392	478
irresistível	6	0,0392	479
irregular	6	0,0392	480
intenso	6	0,0392	481
inteira	6	0,0392	482
instigante	6	0,0392	483
ingênuo	6	0,0392	484
independente	6	0,0392	485
humanas	6	0,0392	486
grandioso	6	0,0392	487
formais	6	0,0392	488
forçado	6	0,0392	489
finais	6	0,0392	490
ficcional	6	0,0392	491
feminino	6	0,0392	492
feitos	6	0,0392	493
físicos	6	0,0392	494
falso	6	0,0392	495
falsa	6	0,0392	496
existencial	6	0,0392	497
executada	6	0,0392	498
excessiva	6	0,0392	499
eventuais	6	0,0392	500
eterno	6	0,0392	501
estabelecido	6	0,0392	502
espectador	6	0,0392	503
específicos	6	0,0392	504
específica	6	0,0392	505
espaciais	6	0,0392	506
escura	6	0,0392	507
errado	6	0,0392	508
elaborada	6	0,0392	509
dramáticos	6	0,0392	510
diretrizes	6	0,0392	511
direita	6	0,0392	512
difíceis	6	0,0392	513
dialógica	6	0,0392	514
determinadas	6	0,0392	515
desnecessário	6	0,0392	516
desconhecida	6	0,0392	517
cruel	6	0,0392	518
crucial	6	0,0392	519
criados	6	0,0392	520
cotidiana	6	0,0392	521
contida	6	0,0392	522
confidencial	6	0,0392	523

compreensível	6	0,0392	524
claras	6	0,0392	525
cativante	6	0,0392	526
casado	6	0,0392	527
caro	6	0,0392	528
brancas	6	0,0392	529
belos	6	0,0392	530
básico	6	0,0392	531
básica	6	0,0392	532
Último	6	0,0392	533
apaixonados	6	0,0392	534
amoroso	6	0,0392	535
aberta	6	0,0392	536
ótimas	6	0,0392	537
óbvia	6	0,0392	538
épico	6	0,0392	539
vermelha	5	0,0327	540
verdadeiros	5	0,0327	541
variados	5	0,0327	542
vagabundo	5	0,0327	543
válida	5	0,0327	544
urbana	5	0,0327	545
universal	5	0,0327	546
terrível	5	0,0327	547
temática	5	0,0327	548
típicos	5	0,0327	549
suposto	5	0,0327	550
soltos	5	0,0327	551
simbólico	5	0,0327	552
significativo	5	0,0327	553
separados	5	0,0327	554
sentado	5	0,0327	555
sensacional	5	0,0327	556
sagrado	5	0,0327	557
risível	5	0,0327	558
reduzido	5	0,0327	559
recorrente	5	0,0327	560
rara	5	0,0327	561
radical	5	0,0327	562
rápidos	5	0,0327	563
rápido	5	0,0327	564
protagonista	5	0,0327	565
proposital	5	0,0327	566
problemático	5	0,0327	567
problemática	5	0,0327	568
portuguesa	5	0,0327	569
poético	5	0,0327	570
plásticas	5	0,0327	571
passadas	5	0,0327	572
parcial	5	0,0327	573
paralelo	5	0,0327	574
paralela	5	0,0327	575
péssimo	5	0,0327	576
organizado	5	0,0327	577
opostos	5	0,0327	578
oposta	5	0,0327	579
nobre	5	0,0327	580
negativo	5	0,0327	581
moderna	5	0,0327	582
misteriosa	5	0,0327	583
marciais	5	0,0327	584
múltiplas	5	0,0327	585
louco	5	0,0327	586
longos	5	0,0327	587

literária	5	0,0327	588
lúdico	5	0,0327	589
isolados	5	0,0327	590
irritante	5	0,0327	591
internas	5	0,0327	592
intacto	5	0,0327	593
inevitável	5	0,0327	594
improvável	5	0,0327	595
implícito	5	0,0327	596
imediata	5	0,0327	597
humorado	5	0,0327	598
históricos	5	0,0327	599
históricas	5	0,0327	600
habitual	5	0,0327	601
gratuito	5	0,0327	602
gratuita	5	0,0327	603
ganha	5	0,0327	604
fundo	5	0,0327	605
frontal	5	0,0327	606
fracos	5	0,0327	607
felizes	5	0,0327	608
fatal	5	0,0327	609
falado	5	0,0327	610
extraordinário	5	0,0327	611
expressivo	5	0,0327	612
expressiva	5	0,0327	613
explícita	5	0,0327	614
experiente	5	0,0327	615
exagerada	5	0,0327	616
evidentes	5	0,0327	617
eventual	5	0,0327	618
estadunidense	5	0,0327	619
esquerda	5	0,0327	620
esquecida	5	0,0327	621
direito	5	0,0327	622
digno	5	0,0327	623
desnecessárias	5	0,0327	624
delicada	5	0,0327	625
dísparos	5	0,0327	626
corporais	5	0,0327	627
coral	5	0,0327	628
contundente	5	0,0327	629
contido	5	0,0327	630
contemporâneos	5	0,0327	631
conhecidas	5	0,0327	632
composto	5	0,0327	633
complicado	5	0,0327	634
coletivo	5	0,0327	635
coletiva	5	0,0327	636
circular	5	0,0327	637
centrais	5	0,0327	638
cenográfico	5	0,0327	639
caricatos	5	0,0327	640
caras	5	0,0327	641
bobo	5	0,0327	642
baseada	5	0,0327	643
atraente	5	0,0327	644
assustador	5	0,0327	645
ínfimo	5	0,0327	646
ampla	5	0,0327	647
americanos	5	0,0327	648
ambiente	5	0,0327	649
alemão	5	0,0327	650
afim	5	0,0327	651

adulta	5	0,0327	652
adequado	5	0,0327	653
absurdo	5	0,0327	654
absurdas	5	0,0327	655
abstrato	5	0,0327	656
zoológico	4	0,0261	657
voadoras	4	0,0261	658
violenta	4	0,0261	659
verossímil	4	0,0261	660
velhos	4	0,0261	661
variada	4	0,0261	662
utilizados	4	0,0261	663
utilizado	4	0,0261	664
ultrapassado	4	0,0261	665
transparente	4	0,0261	666
transbordante	4	0,0261	667
textual	4	0,0261	668
terminal	4	0,0261	669
temático	4	0,0261	670
tecnológicos	4	0,0261	671
talentosa	4	0,0261	672
tônica	4	0,0261	673
suposta	4	0,0261	674
subjetivas	4	0,0261	675
sozinha	4	0,0261	676
solitária	4	0,0261	677
sofisticado	4	0,0261	678
simbólica	4	0,0261	679
sexuais	4	0,0261	680
sólido	4	0,0261	681
séria	4	0,0261	682
românticas	4	0,0261	683
risíveis	4	0,0261	684
revolta	4	0,0261	685
respectivos	4	0,0261	686
regular	4	0,0261	687
recomendável	4	0,0261	688
reais	4	0,0261	689
pungente	4	0,0261	690
proposto	4	0,0261	691
prontas	4	0,0261	692
profundas	4	0,0261	693
previsíveis	4	0,0261	694
preta	4	0,0261	695
prestes	4	0,0261	696
presos	4	0,0261	697
prematura	4	0,0261	698
preferido	4	0,0261	699
precisos	4	0,0261	700
precário	4	0,0261	701
português	4	0,0261	702
políticos	4	0,0261	703
poderosa	4	0,0261	704
pertinentes	4	0,0261	705
pensada	4	0,0261	706
pedante	4	0,0261	707
passional	4	0,0261	708
parecida	4	0,0261	709
públicos	4	0,0261	710
onírico	4	0,0261	711
obsuro	4	0,0261	712
nostálgico	4	0,0261	713
norte-americana	4	0,0261	714
normais	4	0,0261	715

nítido	4	0,0261	716
narrativos	4	0,0261	717
musicais	4	0,0261	718
mortal	4	0,0261	719
misterioso	4	0,0261	720
meros	4	0,0261	721
meras	4	0,0261	722
melancólica	4	0,0261	723
maus	4	0,0261	724
masculino	4	0,0261	725
malvada	4	0,0261	726
maduro	4	0,0261	727
máxima	4	0,0261	728
leves	4	0,0261	729
lenta	4	0,0261	730
legal	4	0,0261	731
lançado	4	0,0261	732
lógica	4	0,0261	733
junto	4	0,0261	734
japonês	4	0,0261	735
italiana	4	0,0261	736
isolada	4	0,0261	737
inusitado	4	0,0261	738
interpretativa	4	0,0261	739
interessantíssimo	4	0,0261	740
interessados	4	0,0261	741
intensas	4	0,0261	742
insuficiente	4	0,0261	743
inovadora	4	0,0261	744
inferior	4	0,0261	745
individuais	4	0,0261	746
incríveis	4	0,0261	747
incontáveis	4	0,0261	748
incapaz	4	0,0261	749
incômodo	4	0,0261	750
incômoda	4	0,0261	751
iminente	4	0,0261	752
identificável	4	0,0261	753
ideal	4	0,0261	754
homossexual	4	0,0261	755
história	4	0,0261	756
gravada	4	0,0261	757
grávida	4	0,0261	758
gráfica	4	0,0261	759
gay	4	0,0261	760
frustrado	4	0,0261	761
franceses	4	0,0261	762
frágeis	4	0,0261	763
formada	4	0,0261	764
financeiros	4	0,0261	765
final	4	0,0261	766
fechados	4	0,0261	767
físicas	4	0,0261	768
fantasiosa	4	0,0261	769
famosas	4	0,0261	770
fabuloso	4	0,0261	771
fáceis	4	0,0261	772
extrema	4	0,0261	773
extravagante	4	0,0261	774
externas	4	0,0261	775
extensa	4	0,0261	776
expressivos	4	0,0261	777
explorado	4	0,0261	778
existentes	4	0,0261	779

existente	4	0,0261	780
excelentes	4	0,0261	781
estrangeiros	4	0,0261	782
espanhola	4	0,0261	783
espalhados	4	0,0261	784
erótica	4	0,0261	785
envolvidas	4	0,0261	786
enormes	4	0,0261	787
engraçada	4	0,0261	788
encontradas	4	0,0261	789
duro	4	0,0261	790
duplo	4	0,0261	791
documentário	4	0,0261	792
ditas	4	0,0261	793
distantes	4	0,0261	794
dispostos	4	0,0261	795
dispostas	4	0,0261	796
dialética	4	0,0261	797
determinante	4	0,0261	798
desgastado	4	0,0261	799
deliciosa	4	0,0261	800
delicados	4	0,0261	801
curtos	4	0,0261	802
crua	4	0,0261	803
criativa	4	0,0261	804
críveis	4	0,0261	805
convincentes	4	0,0261	806
convexo	4	0,0261	807
constantes	4	0,0261	808
consciente	4	0,0261	809
conjugal	4	0,0261	810
concretos	4	0,0261	811
competentes	4	0,0261	812
coeso	4	0,0261	813
coerentes	4	0,0261	814
coadjuvantes	4	0,0261	815
clandestino	4	0,0261	816
chamada	4	0,0261	817
causal	4	0,0261	818
católica	4	0,0261	819
carismático	4	0,0261	820
caricatural	4	0,0261	821
caricato	4	0,0261	822
caricata	4	0,0261	823
careca	4	0,0261	824
característicos	4	0,0261	825
calcado	4	0,0261	826
caipira	4	0,0261	827
cíclico	4	0,0261	828
côncavo	4	0,0261	829
britânico	4	0,0261	830
brilhantes	4	0,0261	831
bobas	4	0,0261	832
belíssimo	4	0,0261	833
belíssimas	4	0,0261	834
banal	4	0,0261	835
atentos	4	0,0261	836
artificiais	4	0,0261	837
apurada	4	0,0261	838
útil	4	0,0261	839
íntima	4	0,0261	840
antigas	4	0,0261	841
amplo	4	0,0261	842
ímpar	4	0,0261	843

ameaçado	4	0,0261	844
alegre	4	0,0261	845
aleatória	4	0,0261	846
adequadas	4	0,0261	847
adequada	4	0,0261	848
adaptado	4	0,0261	849
acompanhados	4	0,0261	850
absurda	4	0,0261	851
óbvios	4	0,0261	852
ácido	4	0,0261	853
visceral	3	0,0196	854
violentos	3	0,0196	855
violento	3	0,0196	856
vilões	3	0,0196	857
veterano	3	0,0196	858
vermelho	3	0,0196	859
vermelhas	3	0,0196	860
velhas	3	0,0196	861
válido	3	0,0196	862
urbano	3	0,0196	863
tratados	3	0,0196	864
translúcido	3	0,0196	865
transitório	3	0,0196	866
transformado	3	0,0196	867
tomado	3	0,0196	868
tocante	3	0,0196	869
tocados	3	0,0196	870
tensionado	3	0,0196	871
tenebrosas	3	0,0196	872
tedioso	3	0,0196	873
típica	3	0,0196	874
tímida	3	0,0196	875
talentoso	3	0,0196	876
surreal	3	0,0196	877
surpreendentes	3	0,0196	878
superiores	3	0,0196	879
sulista	3	0,0196	880
sujo	3	0,0196	881
sozinho	3	0,0196	882
sombria	3	0,0196	883
singular	3	0,0196	884
sincero	3	0,0196	885
simultâneas	3	0,0196	886
simpático	3	0,0196	887
simbólicos	3	0,0196	888
significativa	3	0,0196	889
separado	3	0,0196	890
sensual	3	0,0196	891
seguro	3	0,0196	892
segura	3	0,0196	893
seguido	3	0,0196	894
secundário	3	0,0196	895
satisfeito	3	0,0196	896
satisfatório	3	0,0196	897
satisfatória	3	0,0196	898
sarcástico	3	0,0196	899
salvo	3	0,0196	900
sóbrio	3	0,0196	901
sérias	3	0,0196	902
rigoroso	3	0,0196	903
ridículo	3	0,0196	904
revolucionária	3	0,0196	905
resultante	3	0,0196	906
restante	3	0,0196	907

responsáveis	3	0,0196	908
respectivas	3	0,0196	909
resolvido	3	0,0196	910
representativo	3	0,0196	911
repleta	3	0,0196	912
repetitivo	3	0,0196	913
relevantes	3	0,0196	914
refletores	3	0,0196	915
refinada	3	0,0196	916
referido	3	0,0196	917
reconhecíveis	3	0,0196	918
recheado	3	0,0196	919
raros	3	0,0196	920
raras	3	0,0196	921
questionável	3	0,0196	922
questionáveis	3	0,0196	923
química	3	0,0196	924
psicológica	3	0,0196	925
provocante	3	0,0196	926
proveniente	3	0,0196	927
proposta	3	0,0196	928
pronta	3	0,0196	929
promissora	3	0,0196	930
profundos	3	0,0196	931
primeiro	3	0,0196	932
primeiras	3	0,0196	933
prejudicial	3	0,0196	934
precária	3	0,0196	935
próximas	3	0,0196	936
potente	3	0,0196	937
positivas	3	0,0196	938
positiva	3	0,0196	939
populares	3	0,0196	940
pontuais	3	0,0196	941
polêmico	3	0,0196	942
polêmica	3	0,0196	943
plural	3	0,0196	944
plausível	3	0,0196	945
pitorescos	3	0,0196	946
perversa	3	0,0196	947
perturbador	3	0,0196	948
pertinente	3	0,0196	949
personagem	3	0,0196	950
perigosa	3	0,0196	951
periféricos	3	0,0196	952
performática	3	0,0196	953
pensado	3	0,0196	954
peca	3	0,0196	955
patriarcal	3	0,0196	956
paterna	3	0,0196	957
patética	3	0,0196	958
passível	3	0,0196	959
péssima	3	0,0196	960
ousado	3	0,0196	961
ousada	3	0,0196	962
originais	3	0,0196	963
oriental	3	0,0196	964
oposto	3	0,0196	965
oportuna	3	0,0196	966
opaca	3	0,0196	967
oficial	3	0,0196	968
ocidental	3	0,0196	969
obsessivo	3	0,0196	970
nua	3	0,0196	971

novato	3	0,0196	972
norte-americanas	3	0,0196	973
normal	3	0,0196	974
nordestinos	3	0,0196	975
nervoso	3	0,0196	976
necessários	3	0,0196	977
muda	3	0,0196	978
mortos	3	0,0196	979
montado	3	0,0196	980
mirabolante	3	0,0196	981
mexicano	3	0,0196	982
mental	3	0,0196	983
mentais	3	0,0196	984
mediócras	3	0,0196	985
mediocre	3	0,0196	986
mecânicos	3	0,0196	987
mística	3	0,0196	988
múltiplos	3	0,0196	989
mínimos	3	0,0196	990
maiúsculo	3	0,0196	991
magnífico	3	0,0196	992
mórbida	3	0,0196	993
longas	3	0,0196	994
longínquo	3	0,0196	995
loiro	3	0,0196	996
limpa	3	0,0196	997
limitado	3	0,0196	998
ligados	3	0,0196	999
legítimo	3	0,0196	1000
latente	3	0,0196	1001
lúdica	3	0,0196	1002
lançados	3	0,0196	1003
judiciário	3	0,0196	1004
irreal	3	0,0196	1005
invejável	3	0,0196	1006
intrigante	3	0,0196	1007
intocável	3	0,0196	1008
intimista	3	0,0196	1009
internacionais	3	0,0196	1010
intermináveis	3	0,0196	1011
interessada	3	0,0196	1012
intensos	3	0,0196	1013
intencional	3	0,0196	1014
integral	3	0,0196	1015
insuportável	3	0,0196	1016
instável	3	0,0196	1017
inspirada	3	0,0196	1018
insistente	3	0,0196	1019
inominável	3	0,0196	1020
inocente	3	0,0196	1021
infinito	3	0,0196	1022
infiel	3	0,0196	1023
infeliz	3	0,0196	1024
inesperados	3	0,0196	1025
inesperado	3	0,0196	1026
indiferente	3	0,0196	1027
independentes	3	0,0196	1028
indefinido	3	0,0196	1029
incessante	3	0,0196	1030
incansável	3	0,0196	1031
improváveis	3	0,0196	1032
impressionantes	3	0,0196	1033
impressa	3	0,0196	1034
impróprio	3	0,0196	1035

imperceptível	3	0,0196	1036
imparcial	3	0,0196	1037
iguais	3	0,0196	1038
idiota	3	0,0196	1039
ideais	3	0,0196	1040
humilde	3	0,0196	1041
homônima	3	0,0196	1042
habituais	3	0,0196	1043
grandiosa	3	0,0196	1044
global	3	0,0196	1045
gestuais	3	0,0196	1046
futuros	3	0,0196	1047
futuro	3	0,0196	1048
fundamentais	3	0,0196	1049
fundada	3	0,0196	1050
funcional	3	0,0196	1051
fugidia	3	0,0196	1052
frios	3	0,0196	1053
fracassado	3	0,0196	1054
fotográfica	3	0,0196	1055
formado	3	0,0196	1056
fixos	3	0,0196	1057
firme	3	0,0196	1058
financeira	3	0,0196	1059
filosófico	3	0,0196	1060
filosófica	3	0,0196	1061
femininos	3	0,0196	1062
femininas	3	0,0196	1063
fantásticos	3	0,0196	1064
facial	3	0,0196	1065
faciais	3	0,0196	1066
extremas	3	0,0196	1067
exterior	3	0,0196	1068
expansivo	3	0,0196	1069
excêntricos	3	0,0196	1070
excêntrico	3	0,0196	1071
exóticos	3	0,0196	1072
eternos	3	0,0196	1073
eterna	3	0,0196	1074
estruturada	3	0,0196	1075
estrondoso	3	0,0196	1076
estúpida	3	0,0196	1077
estabelecida	3	0,0196	1078
estéticos	3	0,0196	1079
estável	3	0,0196	1080
espectadores	3	0,0196	1081
escolhidas	3	0,0196	1082
errada	3	0,0196	1083
engenhoso	3	0,0196	1084
enfadonho	3	0,0196	1085
encenada	3	0,0196	1086
emocionais	3	0,0196	1087
econômicos	3	0,0196	1088
duvidosa	3	0,0196	1089
dupla	3	0,0196	1090
divino	3	0,0196	1091
divertidas	3	0,0196	1092
disponíveis	3	0,0196	1093
dirigido	3	0,0196	1094
diretamente	3	0,0196	1095
digital	3	0,0196	1096
difícilimo	3	0,0196	1097
despojada	3	0,0196	1098
descritos	3	0,0196	1099

depressiva	3	0,0196	1100
deixada	3	0,0196	1101
debochado	3	0,0196	1102
cuidadosa	3	0,0196	1103
cronológico	3	0,0196	1104
crítica	3	0,0196	1105
cotidianos	3	0,0196	1106
corriqueiro	3	0,0196	1107
correta	3	0,0196	1108
corporativo	3	0,0196	1109
corajoso	3	0,0196	1110
conversa	3	0,0196	1111
convencionais	3	0,0196	1112
conturbada	3	0,0196	1113
contrária	3	0,0196	1114
contínuo	3	0,0196	1115
contínua	3	0,0196	1116
construídos	3	0,0196	1117
consequentes	3	0,0196	1118
consequente	3	0,0196	1119
conhecidos	3	0,0196	1120
confusa	3	0,0196	1121
conduzida	3	0,0196	1122
condenada	3	0,0196	1123
compatível	3	0,0196	1124
comovente	3	0,0196	1125
claustrofóbico	3	0,0196	1126
citado	3	0,0196	1127
científica	3	0,0196	1128
cheios	3	0,0196	1129
charmoso	3	0,0196	1130
chão	3	0,0196	1131
cenográficas	3	0,0196	1132
carismáticos	3	0,0196	1133
cariocas	3	0,0196	1134
caracterizado	3	0,0196	1135
característico	3	0,0196	1136
cúmplices	3	0,0196	1137
canadense	3	0,0196	1138
calcada	3	0,0196	1139
brutal	3	0,0196	1140
bonitinho	3	0,0196	1141
bonitas	3	0,0196	1142
bem-vinda	3	0,0196	1143
bem-sucedido	3	0,0196	1144
belíssimos	3	0,0196	1145
barato	3	0,0196	1146
búlgaro	3	0,0196	1147
banais	3	0,0196	1148
azul	3	0,0196	1149
avesso	3	0,0196	1150
audível	3	0,0196	1151
atravessado	3	0,0196	1152
atrapalhado	3	0,0196	1153
atorial	3	0,0196	1154
atores	3	0,0196	1155
atento	3	0,0196	1156
atemporal	3	0,0196	1157
assustadoras	3	0,0196	1158
articulado	3	0,0196	1159
arrogante	3	0,0196	1160
arquitetada	3	0,0196	1161
argentino	3	0,0196	1162
aparentes	3	0,0196	1163

apaixonada	3	0,0196	1164
antropofágico	3	0,0196	1165
antojuvenil	3	0,0196	1166
animados	3	0,0196	1167
amorosa	3	0,0196	1168
amigos	3	0,0196	1169
ambicioso	3	0,0196	1170
amarelo	3	0,0196	1171
alternativa	3	0,0196	1172
alheias	3	0,0196	1173
alemã	3	0,0196	1174
aleatório	3	0,0196	1175
aleatórias	3	0,0196	1176
alcançada	3	0,0196	1177
africanas	3	0,0196	1178
afetado	3	0,0196	1179
adultos	3	0,0196	1180
acelerada	3	0,0196	1181
acadêmico	3	0,0196	1182
abrangente	3	0,0196	1183
vocais	2	0,0131	1184
vivas	2	0,0131	1185
vital	2	0,0131	1186
viril	2	0,0131	1187
vigorosa	2	0,0131	1188
viável	2	0,0131	1189
vertiginosa	2	0,0131	1190
vasto	2	0,0131	1191
vasta	2	0,0131	1192
variadas	2	0,0131	1193
utilizada	2	0,0131	1194
utópica	2	0,0131	1195
usuais	2	0,0131	1196
usadas	2	0,0131	1197
universos	2	0,0131	1198
universitário	2	0,0131	1199
unidos	2	0,0131	1200
tremendo	2	0,0131	1201
tremenda	2	0,0131	1202
travada	2	0,0131	1203
tratadas	2	0,0131	1204
trash	2	0,0131	1205
transgressor	2	0,0131	1206
transferível	2	0,0131	1207
tranquilos	2	0,0131	1208
tranquilo	2	0,0131	1209
traçados	2	0,0131	1210
trágicos	2	0,0131	1211
totalizante	2	0,0131	1212
tola	2	0,0131	1213
tocantes	2	0,0131	1214
terríveis	2	0,0131	1215
terno	2	0,0131	1216
terna	2	0,0131	1217
tentativas	2	0,0131	1218
tensionar	2	0,0131	1219
tensionada	2	0,0131	1220
tensa	2	0,0131	1221
tendencioso	2	0,0131	1222
tempo	2	0,0131	1223
temáticos	2	0,0131	1224
televisivos	2	0,0131	1225
tela	2	0,0131	1226
tecnológico	2	0,0131	1227

teatro	2	0,0131	1228
tamanho	2	0,0131	1229
talentosos	2	0,0131	1230
tênués	2	0,0131	1231
tênué	2	0,0131	1232
suscitadas	2	0,0131	1233
surrealista	2	0,0131	1234
supracitados	2	0,0131	1235
suportável	2	0,0131	1236
superficiais	2	0,0131	1237
sujas	2	0,0131	1238
suja	2	0,0131	1239
sugestivos	2	0,0131	1240
sufocante	2	0,0131	1241
sucessivos	2	0,0131	1242
sucessivas	2	0,0131	1243
sucedida	2	0,0131	1244
subliminar	2	0,0131	1245
sublime	2	0,0131	1246
subjativos	2	0,0131	1247
subjativa	2	0,0131	1248
sonoras	2	0,0131	1249
sonhador	2	0,0131	1250
solitárias	2	0,0131	1251
sociológico	2	0,0131	1252
sinceras	2	0,0131	1253
simultânea	2	0,0131	1254
simpáticos	2	0,0131	1255
similar	2	0,0131	1256
severo	2	0,0131	1257
serial	2	0,0131	1258
separadas	2	0,0131	1259
sentimentais	2	0,0131	1260
sentido	2	0,0131	1261
sentida	2	0,0131	1262
sentada	2	0,0131	1263
sensoriais	2	0,0131	1264
sensíveis	2	0,0131	1265
sensata	2	0,0131	1266
semelhantes	2	0,0131	1267
seca	2	0,0131	1268
saudável	2	0,0131	1269
satisfatórios	2	0,0131	1270
satírica	2	0,0131	1271
sagrada	2	0,0131	1272
sacana	2	0,0131	1273
sóbria	2	0,0131	1274
sérios	2	0,0131	1275
sãs	2	0,0131	1276
russo	2	0,0131	1277
ruins	2	0,0131	1278
romano	2	0,0131	1279
romances	2	0,0131	1280
romance	2	0,0131	1281
românticos	2	0,0131	1282
rivais	2	0,0131	1283
ritualísticos	2	0,0131	1284
ridículas	2	0,0131	1285
ridícula	2	0,0131	1286
revolucionário	2	0,0131	1287
revoltante	2	0,0131	1288
revoltado	2	0,0131	1289
retumbante	2	0,0131	1290
retos	2	0,0131	1291

restrito	2	0,0131	1292
respeitado	2	0,0131	1293
resignada	2	0,0131	1294
reservado	2	0,0131	1295
repreensível	2	0,0131	1296
repetitiva	2	0,0131	1297
repetidas	2	0,0131	1298
repetida	2	0,0131	1299
renomado	2	0,0131	1300
remoto	2	0,0131	1301
religiosos	2	0,0131	1302
religiosa	2	0,0131	1303
relacionadas	2	0,0131	1304
reiterativas	2	0,0131	1305
reflexivos	2	0,0131	1306
reflexivo	2	0,0131	1307
reflexiva	2	0,0131	1308
refinado	2	0,0131	1309
referentes	2	0,0131	1310
referencial	2	0,0131	1311
redundante	2	0,0131	1312
reconhecido	2	0,0131	1313
recluso	2	0,0131	1314
receptivo	2	0,0131	1315
recém-ordenado	2	0,0131	1316
razoáveis	2	0,0131	1317
raso	2	0,0131	1318
rasgada	2	0,0131	1319
ranzinza	2	0,0131	1320
rala	2	0,0131	1321
rígidos	2	0,0131	1322
rígidas	2	0,0131	1323
querida	2	0,0131	1324
quebrados	2	0,0131	1325
puritana	2	0,0131	1326
psicológicos	2	0,0131	1327
psicóloga	2	0,0131	1328
psíquicas	2	0,0131	1329
provocativa	2	0,0131	1330
provocadora	2	0,0131	1331
provocadas	2	0,0131	1332
provinciana	2	0,0131	1333
provenientes	2	0,0131	1334
protestante	2	0,0131	1335
propostos	2	0,0131	1336
proporcionadas	2	0,0131	1337
pronto	2	0,0131	1338
profissionais	2	0,0131	1339
proferidos	2	0,0131	1340
produtora	2	0,0131	1341
processada	2	0,0131	1342
privilegiado	2	0,0131	1343
privado	2	0,0131	1344
primoroso	2	0,0131	1345
primorosa	2	0,0131	1346
primordial	2	0,0131	1347
primeira	2	0,0131	1348
primária	2	0,0131	1349
pretas	2	0,0131	1350
prescindível	2	0,0131	1351
preparado	2	0,0131	1352
preocupado	2	0,0131	1353
preocupada	2	0,0131	1354
premiado	2	0,0131	1355

precoce	2	0,0131	1356
precioso	2	0,0131	1357
praticáveis	2	0,0131	1358
praça	2	0,0131	1359
prévio	2	0,0131	1360
pré-adolescente	2	0,0131	1361
práticas	2	0,0131	1362
pouquíssima	2	0,0131	1363
potencial	2	0,0131	1364
postos	2	0,0131	1365
posta	2	0,0131	1366
portador	2	0,0131	1367
porcaria	2	0,0131	1368
polonês	2	0,0131	1369
poéticos	2	0,0131	1370
plenos	2	0,0131	1371
plástico	2	0,0131	1372
plástica	2	0,0131	1373
pitoresca	2	0,0131	1374
pintados	2	0,0131	1375
piegas	2	0,0131	1376
pessimista	2	0,0131	1377
pesados	2	0,0131	1378
pesada	2	0,0131	1379
perturbado	2	0,0131	1380
pertencentes	2	0,0131	1381
personagens	2	0,0131	1382
perigoso	2	0,0131	1383
performático	2	0,0131	1384
performáticas	2	0,0131	1385
perdido	2	0,0131	1386
perceptíveis	2	0,0131	1387
penetrante	2	0,0131	1388
penetrável	2	0,0131	1389
penal	2	0,0131	1390
paulistas	2	0,0131	1391
patético	2	0,0131	1392
pastel	2	0,0131	1393
particulares	2	0,0131	1394
paralelos	2	0,0131	1395
palpável	2	0,0131	1396
palatável	2	0,0131	1397
pálidos	2	0,0131	1398
pálido	2	0,0131	1399
originária	2	0,0131	1400
ordinário	2	0,0131	1401
oral	2	0,0131	1402
oportunista	2	0,0131	1403
oníricas	2	0,0131	1404
oferecido	2	0,0131	1405
oferecida	2	0,0131	1406
ocupado	2	0,0131	1407
ocidentais	2	0,0131	1408
ocasional	2	0,0131	1409
obscuros	2	0,0131	1410
obrigatória	2	0,0131	1411
oblíqua	2	0,0131	1412
nus	2	0,0131	1413
nojento	2	0,0131	1414
neurótico	2	0,0131	1415
nervosa	2	0,0131	1416
negros	2	0,0131	1417
negativas	2	0,0131	1418
necessárias	2	0,0131	1419

nazista	2	0,0131	1420
naturais	2	0,0131	1421
nascido	2	0,0131	1422
narrativas	2	0,0131	1423
nacionalistas	2	0,0131	1424
nacionais	2	0,0131	1425
mutante	2	0,0131	1426
mudos	2	0,0131	1427
mordaz	2	0,0131	1428
moralizante	2	0,0131	1429
montagem	2	0,0131	1430
monótona	2	0,0131	1431
momentânea	2	0,0131	1432
modesto	2	0,0131	1433
modernas	2	0,0131	1434
mocinhos	2	0,0131	1435
minuciosos	2	0,0131	1436
miméticos	2	0,0131	1437
mero	2	0,0131	1438
mencionados	2	0,0131	1439
mencionado	2	0,0131	1440
mencionada	2	0,0131	1441
memoráveis	2	0,0131	1442
melodramáticas	2	0,0131	1443
mecânico	2	0,0131	1444
míticas	2	0,0131	1445
marginal	2	0,0131	1446
maravilhosos	2	0,0131	1447
mútua	2	0,0131	1448
magra	2	0,0131	1449
magníficos	2	0,0131	1450
maduras	2	0,0131	1451
madura	2	0,0131	1452
maciça	2	0,0131	1453
mágico	2	0,0131	1454
loucos	2	0,0131	1455
louca	2	0,0131	1456
longe	2	0,0131	1457
locais	2	0,0131	1458
livres	2	0,0131	1459
liso	2	0,0131	1460
limpo	2	0,0131	1461
lida	2	0,0131	1462
libertina	2	0,0131	1463
liberada	2	0,0131	1464
letal	2	0,0131	1465
lentos	2	0,0131	1466
lendário	2	0,0131	1467
lembrado	2	0,0131	1468
legista	2	0,0131	1469
laterais	2	0,0131	1470
latentes	2	0,0131	1471
lírica	2	0,0131	1472
largos	2	0,0131	1473
larga	2	0,0131	1474
lúcidos	2	0,0131	1475
lógico	2	0,0131	1476
jurídicos	2	0,0131	1477
julgado	2	0,0131	1478
japonesa	2	0,0131	1479
itinerante	2	0,0131	1480
italianas	2	0,0131	1481
isolado	2	0,0131	1482
irritantes	2	0,0131	1483

irregulares	2	0,0131	1484
irreconhecíveis	2	0,0131	1485
irônica	2	0,0131	1486
invisível	2	0,0131	1487
inventivo	2	0,0131	1488
inusitados	2	0,0131	1489
inusitadas	2	0,0131	1490
intrincada	2	0,0131	1491
intimistas	2	0,0131	1492
interrompidas	2	0,0131	1493
interpretativo	2	0,0131	1494
interminável	2	0,0131	1495
inteiros	2	0,0131	1496
intacta	2	0,0131	1497
insuficientes	2	0,0131	1498
inspiradíssima	2	0,0131	1499
insondáveis	2	0,0131	1500
inquieta	2	0,0131	1501
inocentes	2	0,0131	1502
inigualável	2	0,0131	1503
infantis	2	0,0131	1504
inexorável	2	0,0131	1505
inesquecíveis	2	0,0131	1506
inesperadas	2	0,0131	1507
inelutável	2	0,0131	1508
indubitável	2	0,0131	1509
individual	2	0,0131	1510
indispensável	2	0,0131	1511
indireta	2	0,0131	1512
indeláveis	2	0,0131	1513
indígena	2	0,0131	1514
incontrolável	2	0,0131	1515
inconstante	2	0,0131	1516
inconsciente	2	0,0131	1517
incompletos	2	0,0131	1518
incompletas	2	0,0131	1519
inadequado	2	0,0131	1520
inacessível	2	0,0131	1521
inédito	2	0,0131	1522
imprevisíveis	2	0,0131	1523
impostas	2	0,0131	1524
imposta	2	0,0131	1525
imponente	2	0,0131	1526
imperdoável	2	0,0131	1527
imbecis	2	0,0131	1528
imaginativa	2	0,0131	1529
imaginários	2	0,0131	1530
imagético	2	0,0131	1531
iluminada	2	0,0131	1532
íleso	2	0,0131	1533
idiossincrática	2	0,0131	1534
idealista	2	0,0131	1535
humilhante	2	0,0131	1536
humanística	2	0,0131	1537
horríveis	2	0,0131	1538
horizontal	2	0,0131	1539
honesto	2	0,0131	1540
hilariantes	2	0,0131	1541
hilários	2	0,0131	1542
hilária	2	0,0131	1543
hermético	2	0,0131	1544
híbrida	2	0,0131	1545
hábil	2	0,0131	1546
grotescos	2	0,0131	1547

grotesco	2	0,0131	1548
gritante	2	0,0131	1549
gratuitas	2	0,0131	1550
grandiosos	2	0,0131	1551
gostoso	2	0,0131	1552
gigantesco	2	0,0131	1553
gerais	2	0,0131	1554
geniais	2	0,0131	1555
garantido	2	0,0131	1556
gaúcha	2	0,0131	1557
futuristas	2	0,0131	1558
futuras	2	0,0131	1559
futura	2	0,0131	1560
furiosos	2	0,0131	1561
fulminante	2	0,0131	1562
frutífero	2	0,0131	1563
frias	2	0,0131	1564
frenéticos	2	0,0131	1565
francesas	2	0,0131	1566
forçados	2	0,0131	1567
forçadas	2	0,0131	1568
folclórico	2	0,0131	1569
fluxo	2	0,0131	1570
fixa	2	0,0131	1571
filosóficos	2	0,0131	1572
filosóficas	2	0,0131	1573
filósofo	2	0,0131	1574
figurativa	2	0,0131	1575
fictício	2	0,0131	1576
fictícia	2	0,0131	1577
ficcionalizante	2	0,0131	1578
fervorosa	2	0,0131	1579
ferrenha	2	0,0131	1580
fenomenal	2	0,0131	1581
feminista	2	0,0131	1582
federal	2	0,0131	1583
fechadas	2	0,0131	1584
fechada	2	0,0131	1585
favorito	2	0,0131	1586
favorável	2	0,0131	1587
fantasmagórica	2	0,0131	1588
fantasmáticas	2	0,0131	1589
fanático	2	0,0131	1590
falsos	2	0,0131	1591
falido	2	0,0131	1592
falho	2	0,0131	1593
falecido	2	0,0131	1594
fértil	2	0,0131	1595
externos	2	0,0131	1596
externa	2	0,0131	1597
extenso	2	0,0131	1598
expressa	2	0,0131	1599
exposto	2	0,0131	1600
explorados	2	0,0131	1601
explicativa	2	0,0131	1602
explícito	2	0,0131	1603
explícitas	2	0,0131	1604
experimental	2	0,0131	1605
experimentais	2	0,0131	1606
exigentes	2	0,0131	1607
exercida	2	0,0131	1608
exclusivo	2	0,0131	1609
exímio	2	0,0131	1610
exagerado	2	0,0131	1611

européu	2	0,0131	1612
européias	2	0,0131	1613
européia	2	0,0131	1614
estruturais	2	0,0131	1615
estressante	2	0,0131	1616
estrelada	2	0,0131	1617
estreante	2	0,0131	1618
estratégico	2	0,0131	1619
estranhas	2	0,0131	1620
estrangeiro	2	0,0131	1621
estrangeiras	2	0,0131	1622
estúpido	2	0,0131	1623
estéril	2	0,0131	1624
esquerdo	2	0,0131	1625
esquecidos	2	0,0131	1626
espontânea	2	0,0131	1627
esplendorosa	2	0,0131	1628
espetáculo	2	0,0131	1629
esperto	2	0,0131	1630
espanhol	2	0,0131	1631
escolhidos	2	0,0131	1632
escolar	2	0,0131	1633
equilibradas	2	0,0131	1634
enxuto	2	0,0131	1635
envolvente	2	0,0131	1636
envelhecida	2	0,0131	1637
entendido	2	0,0131	1638
engraçados	2	0,0131	1639
engraçadas	2	0,0131	1640
enforcados	2	0,0131	1641
encantadora	2	0,0131	1642
encantado	2	0,0131	1643
empregado	2	0,0131	1644
empolgante	2	0,0131	1645
emocionante	2	0,0131	1646
emocionado	2	0,0131	1647
embargada	2	0,0131	1648
emaranhado	2	0,0131	1649
elitista	2	0,0131	1650
elevados	2	0,0131	1651
elevado	2	0,0131	1652
eletrônica	2	0,0131	1653
eficazes	2	0,0131	1654
efetivo	2	0,0131	1655
educada	2	0,0131	1656
econômicas	2	0,0131	1657
duvidoso	2	0,0131	1658
duros	2	0,0131	1659
duras	2	0,0131	1660
duplicadas	2	0,0131	1661
dominadora	2	0,0131	1662
doméstico	2	0,0131	1663
doida	2	0,0131	1664
documental	2	0,0131	1665
doce	2	0,0131	1666
divisória	2	0,0131	1667
divertidos	2	0,0131	1668
diverso	2	0,0131	1669
distanciada	2	0,0131	1670
dissonante	2	0,0131	1671
dissociáveis	2	0,0131	1672
disposta	2	0,0131	1673
disponível	2	0,0131	1674
disperso	2	0,0131	1675

dispersas	2	0,0131	1676
dispensável	2	0,0131	1677
dirigidos	2	0,0131	1678
diretor	2	0,0131	1679
diretas	2	0,0131	1680
diminutas	2	0,0131	1681
digna	2	0,0131	1682
digitais	2	0,0131	1683
digerível	2	0,0131	1684
difuso	2	0,0131	1685
diferenciados	2	0,0131	1686
didática	2	0,0131	1687
dialético	2	0,0131	1688
diáfana	2	0,0131	1689
devido	2	0,0131	1690
detalhado	2	0,0131	1691
desprovido	2	0,0131	1692
despreocupada	2	0,0131	1693
desorientada	2	0,0131	1694
desolador	2	0,0131	1695
deslumbrantes	2	0,0131	1696
deslumbrante	2	0,0131	1697
deslocada	2	0,0131	1698
desgastadas	2	0,0131	1699
desfigurado	2	0,0131	1700
desfavorável	2	0,0131	1701
desenvolvidos	2	0,0131	1702
desconhecido	2	0,0131	1703
desconcertante	2	0,0131	1704
descalça	2	0,0131	1705
desagradável	2	0,0131	1706
derrotado	2	0,0131	1707
deprimente	2	0,0131	1708
depressivo	2	0,0131	1709
dependente	2	0,0131	1710
denso	2	0,0131	1711
densa	2	0,0131	1712
demorado	2	0,0131	1713
democrática	2	0,0131	1714
delirante	2	0,0131	1715
delinquentes	2	0,0131	1716
delicioso	2	0,0131	1717
deixadas	2	0,0131	1718
deitada	2	0,0131	1719
decisivo	2	0,0131	1720
debochada	2	0,0131	1721
datado	2	0,0131	1722
díspar	2	0,0131	1723
dúbia	2	0,0131	1724
daninhas	2	0,0131	1725
danado	2	0,0131	1726
dada	2	0,0131	1727
culto	2	0,0131	1728
cuidadoso	2	0,0131	1729
cruciais	2	0,0131	1730
cristã	2	0,0131	1731
criminoso	2	0,0131	1732
crônico	2	0,0131	1733
cortado	2	0,0131	1734
cortadas	2	0,0131	1735
convicto	2	0,0131	1736
convexas	2	0,0131	1737
contrastantes	2	0,0131	1738
contrastante	2	0,0131	1739

contraditório	2	0,0131	1740
contagante	2	0,0131	1741
constrangedor	2	0,0131	1742
constituído	2	0,0131	1743
considerável	2	0,0131	1744
conservadores	2	0,0131	1745
consagrados	2	0,0131	1746
consagrado	2	0,0131	1747
consagradas	2	0,0131	1748
conquistador	2	0,0131	1749
conhecida	2	0,0131	1750
congelado	2	0,0131	1751
confusos	2	0,0131	1752
confortável	2	0,0131	1753
condizentes	2	0,0131	1754
condizente	2	0,0131	1755
condenável	2	0,0131	1756
concretas	2	0,0131	1757
concomitante	2	0,0131	1758
concentrados	2	0,0131	1759
comprometida	2	0,0131	1760
composta	2	0,0131	1761
comportamentais	2	0,0131	1762
complicada	2	0,0131	1763
complexos	2	0,0131	1764
complexas	2	0,0131	1765
completas	2	0,0131	1766
complementar	2	0,0131	1767
comerciais	2	0,0131	1768
coloquial	2	0,0131	1769
colombiana	2	0,0131	1770
coletado	2	0,0131	1771
cognitiva	2	0,0131	1772
civil	2	0,0131	1773
citadas	2	0,0131	1774
cirúrgica	2	0,0131	1775
cinematográficas	2	0,0131	1776
cindido	2	0,0131	1777
cindida	2	0,0131	1778
ciganos	2	0,0131	1779
chuvosa	2	0,0131	1780
chocantes	2	0,0131	1781
chocante	2	0,0131	1782
chapada	2	0,0131	1783
centradas	2	0,0131	1784
cenográficos	2	0,0131	1785
celulares	2	0,0131	1786
cega	2	0,0131	1787
causada	2	0,0131	1788
cativantes	2	0,0131	1789
casual	2	0,0131	1790
casuais	2	0,0131	1791
carreira	2	0,0131	1792
carregados	2	0,0131	1793
carregada	2	0,0131	1794
carnal	2	0,0131	1795
carimbadas	2	0,0131	1796
característica	2	0,0131	1797
cansados	2	0,0131	1798
cansado	2	0,0131	1799
cansada	2	0,0131	1800
cínico	2	0,0131	1801
calmo	2	0,0131	1802
calculado	2	0,0131	1803

caótico	2	0,0131	1804
caçula	2	0,0131	1805
cética	2	0,0131	1806
célebre	2	0,0131	1807
côncavas	2	0,0131	1808
burocrático	2	0,0131	1809
burguesa	2	0,0131	1810
brutos	2	0,0131	1811
bruto	2	0,0131	1812
bruscas	2	0,0131	1813
breves	2	0,0131	1814
brasileiras	2	0,0131	1815
borracha	2	0,0131	1816
bonitos	2	0,0131	1817
bonitinhas	2	0,0131	1818
boliviano	2	0,0131	1819
biográfico	2	0,0131	1820
bidimensional	2	0,0131	1821
bem-sucedidos	2	0,0131	1822
bem-sucedida	2	0,0131	1823
batidos	2	0,0131	1824
batidas	2	0,0131	1825
baseado	2	0,0131	1826
barroca	2	0,0131	1827
barrado	2	0,0131	1828
bancário	2	0,0131	1829
baixos	2	0,0131	1830
baixíssimo	2	0,0131	1831
bíblicas	2	0,0131	1832
bíblica	2	0,0131	1833
autobiográficos	2	0,0131	1834
autobiográfica	2	0,0131	1835
autêntico	2	0,0131	1836
autêntica	2	0,0131	1837
autônoma	2	0,0131	1838
austero	2	0,0131	1839
ausente	2	0,0131	1840
aurática	2	0,0131	1841
atuante	2	0,0131	1842
atropelado	2	0,0131	1843
atriz	2	0,0131	1844
atravessada	2	0,0131	1845
atenciosa	2	0,0131	1846
assustado	2	0,0131	1847
associadas	2	0,0131	1848
Última	2	0,0131	1849
artísticos	2	0,0131	1850
arriscada	2	0,0131	1851
arrebatedora	2	0,0131	1852
aristotélico	2	0,0131	1853
apurado	2	0,0131	1854
aproveitado	2	0,0131	1855
apropriada	2	0,0131	1856
aprofundado	2	0,0131	1857
aprofundada	2	0,0131	1858
apreensível	2	0,0131	1859
apreciada	2	0,0131	1860
apelativa	2	0,0131	1861
apático	2	0,0131	1862
únicos	2	0,0131	1863
íntimo	2	0,0131	1864
angustiante	2	0,0131	1865
anacrônico	2	0,0131	1866
anônimos	2	0,0131	1867

ambos	2	0,0131	1868
ambientes	2	0,0131	1869
ambígua	2	0,0131	1870
amarrado	2	0,0131	1871
amarelos	2	0,0131	1872
amarela	2	0,0131	1873
amador	2	0,0131	1874
altíssimo	2	0,0131	1875
alheios	2	0,0131	1876
alheia	2	0,0131	1877
alegórica	2	0,0131	1878
agudo	2	0,0131	1879
agressivo	2	0,0131	1880
agressiva	2	0,0131	1881
afetivos	2	0,0131	1882
adotivo	2	0,0131	1883
adolescentes	2	0,0131	1884
admirável	2	0,0131	1885
adequados	2	0,0131	1886
acordado	2	0,0131	1887
acontecido	2	0,0131	1888
acertada	2	0,0131	1889
acelerado	2	0,0131	1890
aceitável	2	0,0131	1891
abstrata	2	0,0131	1892
abertos	2	0,0131	1893
ético	2	0,0131	1894
ética	2	0,0131	1895
épica	2	0,0131	1896
árabe	2	0,0131	1897

QUADRO 22: *Output* da ferramenta Mechanic Words

Comparando os três *outputs* pela linha de corte mais alta (65), do Word Frequency Counter, temos o seguinte quadro. Em negrito, as estatísticas concordantes.

Rank	Word Frequency Counter		Word Counter		Mechanic Words	
	Word	Frequency	Word	Frequency	Word	Freq
<b>1</b>	<b>grande</b>	<b>221</b>	<b>grande</b>	<b>221</b>	<b>grande</b>	<b>221</b>
<b>2</b>	<b>mesmo</b>	<b>181</b>	<b>mesmo</b>	<b>181</b>	<b>mesmo</b>	<b>181</b>
3	possível	153	melhor	168	possível	153
4	própria	128	possível	153	própria	128
5	melhor	123	maior	147	melhor	123
6	bom	120	própria	128	bom	120
7	próprio	115	bom	120	próprio	115
<b>8</b>	<b>mesma</b>	<b>115</b>	<b>mesma</b>	<b>115</b>	<b>mesma</b>	<b>115</b>
9	maior	111	próprio	115	maior	111
<b>10</b>	<b>boa</b>	<b>98</b>	<b>boa</b>	<b>98</b>	<b>boa</b>	<b>98</b>
<b>11</b>	<b>interessante</b>	<b>93</b>	<b>interessante</b>	<b>93</b>	<b>interessante</b>	<b>93</b>
<b>12</b>	<b>certo</b>	<b>93</b>	<b>certo</b>	<b>93</b>	<b>certo</b>	<b>93</b>
<b>13</b>	<b>novo</b>	<b>91</b>	<b>novo</b>	<b>91</b>	<b>novo</b>	<b>91</b>
<b>14</b>	<b>grandes</b>	<b>87</b>	<b>grandes</b>	<b>87</b>	<b>grandes</b>	<b>87</b>
<b>15</b>	<b>certa</b>	<b>82</b>	<b>certa</b>	<b>82</b>	<b>certa</b>	<b>82</b>
<b>16</b>	<b>final</b>	<b>79</b>	<b>final</b>	<b>79</b>	<b>final</b>	<b>79</b>
<b>17</b>	<b>nova</b>	<b>69</b>	<b>nova</b>	<b>69</b>	<b>Nova</b>	<b>69</b>
<b>18</b>	<b>diferentes</b>	<b>68</b>	<b>diferentes</b>	<b>68</b>	<b>diferentes</b>	<b>68</b>
<b>19</b>	<b>teatral</b>	<b>66</b>	<b>teatral</b>	<b>66</b>	<b>Teatral</b>	<b>66</b>
<b>20</b>	<b>importante</b>	<b>65</b>	<b>importante</b>	<b>65</b>	<b>importante</b>	<b>65</b>

QUADRO 23: Comparação dos *Outputs* das três ferramentas

Os 6 exemplos abaixo apresentam não coincidência (nos três contadores) no ordenamento. Apesar da discrepância no ordenamento, são coincidentes no número de ocorrência, com exceção dos resultados do Word Counter para *melhor* e *maior* ocupam, conforme se vê abaixo:

Exemplo	Word Frequency Counter	Word Counter	Mechanic Words
<b>possível</b>	<b>153</b>	<b>153</b>	<b>153</b>
<b>própria</b>	<b>128</b>	<b>128</b>	<b>128</b>
melhor	<b>123</b>	168	<b>123</b>
<b>bom</b>	<b>120</b>	<b>120</b>	<b>120</b>
<b>próprio</b>	<b>115</b>	<b>115</b>	<b>115</b>
maior	<b>111</b>	147	<b>111</b>

## QUADRO 24: Ordenamentos não Coincidentes

Como não estamos analisando os aspectos propriamente morfológicos dos dados do *corpus*, e considerando que estes (derivação, grau, etc.) devem ter um estudo à parte quanto à interface representação semântico-lexical/morfologia, podemos retirar estes dois itens do nosso cômputo. O resultado comum, ou seja, dos números coincidentes, selecionados a partir da linha de corte mais alta são os seguintes 18 exemplos, então:

Rank	Word Frequency Counter		Word Counter		Mechanic Words	
	Word	Frequency	Word	Frequency	Word	Freq
1	grande	221	grande	221	grande	221
2	mesmo	181	mesmo	181	mesmo	181
3	possível	153	possível	153	possível	153
4	própria	128	própria	128	própria	128
5	bom	120	bom	120	bom	120
6	próprio	115	próprio	115	próprio	115
7	mesma	115	mesma	115	mesma	115
8	boa	98	boa	98	boa	98
9	interessante	93	interessante	93	interessante	93
10	certo	93	certo	93	certo	93
11	novo	91	novo	91	novo	91
12	grandes	87	grandes	87	grandes	87
13	certa	82	certa	82	certa	82
14	final	79	final	79	final	79
15	nova	69	nova	69	nova	69
16	diferentes	68	diferentes	68	diferentes	68
17	teatral	66	teatral	66	teatral	66
18	importante	65	importante	65	importante	65

QUADRO 25: Exemplos Comuns aos *Outputs*

Descontando-se as flexões de gênero e de número, teríamos o seguinte ordenamento:

Rank	Exemplos				
	Palavra	Flexões		Frequência somadas	Frequência total
1	grade	grande	grandes	221 + 87	308
2	mesmo	mesmo	mesma	181 + 115	296
3	próprio	própria	próprio	128 + 115	283
4	bom	bom	boa	120 + 98	218
5	certo	certo	certa	93 + 82	175

6	novo	novo	nova	91 + 69	160
7	possível	-	-	-	153
8	interessante	-	-	-	93
9	final	-	-	-	79
10	diferentes	-	-	-	68
11	teatral	-	-	-	66
12	importante	-	-	-	65

QUADRO 26: Resultados Reordenados em função das Flexões

Acrescentando as variações de flexões faltantes, obtemos o quadro final dos adjetivos selecionados a partir da linha de corte mais alta e coincidentes nos *outputs* do processamento das três ferramentas escolhidas para o tratamento dos dados:

Rank	Exemplos						Frequência total
	Palavra	Flexões				Frequência somadas	
01	mesmo	mesmo	<b>mesmos (18)</b>	mesma	<b>mesmas (12)</b>	181 + (131) + 115 + (12)	439
02	grande	grande		grandes		221 + 87	308
03	próprio	própria	<b>próprias (31)</b>	próprio	<b>próprios (27)</b>	128 + (31) + 115 + (27)	301
04	bom	bom	<b>bons (30)</b>	boa	<b>boas (22)</b>	120 + (30) + 98 + (22)	270
05	certo	certo	<b>certos (32)</b>	certa	<b>certas (15)</b>	93 + (32) + 82 + (15)	222
06	novo	novo	<b>novos (31)</b>	nova	<b>novas (17)</b>	91 + (31) + 69 + (17)	208
07	Possível	possível		<b>possíveis (26)</b>		153 + (26)	179
08	Diferente	diferentes		<b>diferente (54)</b>		68 + (54)	122
09	Interessante	interessante		<b>interessantes (28)</b>		93 + (28)	121
10	Importante	importante		<b>importantes (25)</b>		65 + (25)	90
11	final	final		<b> finais (6)</b>		79 + (6)	85
12	teatral	teatral		<b> teatrais (11)</b>		66 + (11)	77

QUADRO 27: Quadro dos Adjetivos mais Frequentes

Tomaremos como ponto de partida da nossa análise este conjunto de exemplos adjetivais, que, no âmbito do *corpus* da pesquisa, é o mais relevante do ponto de vista estatístico, consideradas os limites determinados pelas ferramentas utilizadas. Para simplificar a análise, utilizaremos a denominação de Quadro dos Adjetivos mais Frequentes para esta seleção dos resultados.

Descrito o *corpus* da tese, bem como os procedimentos estatísticos encetados, acrescidos dos seus resultados, recontagens e reordenamentos, passemos, no próximo capítulo, à Análise dos Dados, que também contará com seleções manuais do *corpus*.

#### **4.1. Síntese do Capítulo**

Neste capítulo, visamos a dar visibilidade à recolha, seleção e tratamento do *corpus* organizado para a análise da tese. Conforme observamos, foram reunidas 200 críticas de arte (100 críticas teatrais e 100 críticas fílmicas), cujos dados foram etiquetados e extraídos com o programa PoSTree-Tagger e, posteriormente, analisados em função da frequência de suas ocorrências com os contadores Word Frequency Counter, Word Counter e Mechanic Words.

A partir de uma análise estatística, buscamos determinar o conjunto dos adjetivos mais frequentes do *corpus*. Estes formaram o Quadro dos Adjetivos mais Frequentes, que, no próximo capítulo, serão utilizados para fins de comparação com os resultados da pesquisa de Dixon (2004).

Os dados do *corpus* também integrarão a pesquisa sintático-semântica que propomos a seguir e que visa a determinar quais fatores de ordem semântica influenciam na sintaxe colocacional dos adjetivos portugueses.

Passemos, então, ao quinto capítulo da tese, para as referidas análises.

## 5. ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA

Neste capítulo, voltaremos à descrição teórica do Capítulo 3, confrontando-a com os exemplos do *corpus*, a fim de delinear generalizações acerca da relação existente entre o conteúdo semântico dos adjetivos do português brasileiro e o seu comportamento sintático.

Seguindo o nosso objetivo teórico, caber-nos-á detectar fatores semânticos (nos termos de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 389)) motivadores de determinada configuração sintática. Uma vez determinados tais fatores, estes serão listados como restrições ou critérios semânticos dos adjetivos do português brasileiro. Tal corpo de critérios servir-nos-á de parâmetro para a discussão do Capítulo 6. Exemplificando, se constatarmos que um determinado traço semântico do conteúdo dos adjetivos pesquisados é de natureza aspectual e que este os constringe a uma distribuição sintática exclusivamente predicativa, aquele será arrolado como *fator aspectual*, a ser corroborado. No capítulo seguinte, faremos um cotejo entre os fatores detectados na presente análise com aqueles elencados por Hengeveld e Mackenzie (2008, pp. 387-389) como determinadores do ordenamento sintático dos adjetivos.

Antes da análise sintático-semântica, gostaríamos de completar a análise estatística que fizemos no último capítulo com uma de ordem estatístico-semântica. O resultado final das análises estatísticas, e que conduziu ao Quadro dos Adjetivos mais Frequentes final, que listamos no encerramento do último capítulo, corrobora, de um ponto de vista quantitativo, os resultados da pesquisa translinguística que visou a determinar qual seria, universalmente, os adjetivos primitivos (Dixon, 2004). Ainda que Bouillon e Viegas (1999) listem um grande número de classes dixonianas, lembremos que as classes adjetivais universais são apenas quatro, ou seja, se uma determinada língua tiver um número mínimo de adjetivos, estes serão do tipo DIMENSÃO, IDADE, AVALIAÇÃO e COR. Comparemos com o Quadro dos Adjetivos mais Frequentes, que repetimos aqui por conveniência:

01	mesmo
02	grande
03	próprio
04	bom
05	certo
06	novo
07	possível
08	diferente
09	interessante
10	importante
11	final
12	teatral

QUADRO 28: Quadro dos Adjetivos mais Frequentes

DIMENSÃO: grande.

AVALIAÇÃO: bom, (possível), interessante, importante, (certo), (próprio), (teatral), diferente

IDADE/TEMPO: novo, final

COR: Ø

REFERÊNCIA: mesmo

Colocamos entre aspas aqueles adjetivos que não são propriamente de avaliação, mas que no *corpus* podem assumir este sentido em função do gênero textual de que se trata. Logicamente, a subclasse avaliação é a mais numerosa, por estarmos lidando com dados de um gênero avaliativo. Exceção é o adjetivo *mesmo*, que não pertence a nenhuma das classes básicas de Dixon. Porém, é relevante apontarmos que *grande*, *novo* e *bom* são três dos quatro adjetivos mais frequentes tanto translinguisticamente quanto no âmbito do considerável *corpus* adjetival da tese.

### 5.1. Adjetivos Centrais

Alguns adjetivos podem ocupar ambas as posições (pré- e posposição) e os chamaremos, nesta análise, de *flexíveis*, enquanto outros são restritos a apenas uma das posições, que denominaremos, por analogia, de *não flexíveis*.

Vejamos os exemplos para o português brasileiro extraídos do *corpus* da tese:

- (71) <Vasconcelos tem uma elegância natural>
- (72) <Vasconcelos tem uma natural elegância>
- (73) A elegância de Vasconcelos é natural.>

Adjetivos Centrais não flexíveis: predicativos e atributivos exclusivamente pós-nominais:

- (74) <sala cinza>
- (75) \*cinza sala
- (76) A sala é cinza.

Adjetivos Centrais não flexíveis: predicativos e atributivos exclusivamente pré-nominais:

Atributivos exclusivamente pré-nominais:

- (77) <através da encarnação de um suposto primo>
- (78) <Não é um simples suspense com final surpreendente.>
- (79) <Lulu não é reduzida a mero objeto de desejo>
- (80) <uma grata revelação>

Havíamos exemplificado a não possibilidade de anteposição com o sintagma, extraído do *corpus*, *sala cinza*. É bem verdade que aqui não é o caso de impossibilidade da

anteposição em absoluto, pois, ainda que incomum e antinatural, é possível, pelas regras do português, a anteposição, porém não se tratará então do mesmo e inequívoco adjetivo. Poderíamos aqui utilizar os índices dos lexicógrafos ou mesmo dos lexicólogos (Mel'čuk, por exemplo) para separar os diversos sentidos dos itens lexicais polissêmicos: teríamos aqui o caso de *cinza*<sub>1</sub> e *cinza*<sub>2</sub>, porquanto, como Rio-Torto destacou, o sentido na anteposição será um sentido diverso, ainda que derivado do primeiro, mas com uma carga semântica não prevista no sentido da forma em posposição.

Chamemos esta alternância de sentido de alternância de foco estilístico, por serem tais anteposições frequentes nos gêneros literários, sobretudo em poesia. Entretanto, gostaríamos de assinalar que tais mudanças de sentido também ocorrem na língua da vida cotidiana, como diriam Lakoff e Johnson (2004 (1980)). Quando um falante prefere dizer “inesperada surpresa” em vez de “surpresa inesperada”, está dando realce a um sentido não comum, não ordinário, ainda que não esteja querendo ser literário, na acepção mais concreta da palavra.

Poderíamos propor uma reorganização desta tipologia de Rio-Torto, alocando no mesmo patamar tanto os exemplos de “lindas crianças” (perspectivização da intersecção) quanto “verde casaco” (alternância do foco estilístico): ambas constituem o mesmo tipo de diferença na perspectivização da intersecção, porém aplicado a distintas variedades (de registro) da língua.

Outro tipo de exemplo é o do caso do par “uma rara ocasião” e “uma ocasião rara” ou do par “uma feliz coincidência” e “uma coincidência feliz”. Aqui a diferença não parece ser de natureza estilística, pois não é necessariamente literária a interpretação de “rara ocasião”. A opinião da autora é que aqui se trata de um efeito afetivo ou avaliativo que a anteposição permite traduzir. Segundo Rio-Torto (2006, p. 107),

a ordem pela qual organizamos a informação que pretendemos disponibilizar não é aleatória, a colocação do adjetivo na abertura do sintagma traduz uma relevância acrescida por parte do falante relativamente à (natureza da) informação veiculada pelo adjetivo. Assim, a anteposição do adjetivo obedece a uma estratégia de ênfase/focalização deliberada, que o torna mais saliente do ponto de vista informativo e/ou subjectivo.

Um bom estudo seria pesquisar os comerciais publicitários, que se pautam justamente por buscar no ouvinte movê-lo na sua relação afetiva com o produto. Um famoso anúncio publicitário veiculado na televisão brasileira justamente trazia, por coincidência, o exemplo de Rio-Torto: “um raro prazer”. Chamemos este último tipo de alteração na semântica dos adjetivos atributivos antepostos de alternância semântica de foco avaliativo.

Porém, mais uma vez, salientemos, sobretudo à luz da citação da autora reproduzida acima, que a anteposição está diretamente ligada a uma ênfase, ou focalização, ou perspectivização, como a queiramos chamar, e que esta pode ter qualidades avaliativas (abonatórias, depreciativas, avaliativas, etc.) e ser aplicada a diversas variedades e registros linguísticos (língua geral, língua de especialidade, gênero literário, etc.).

Combinando os traços de predicatividade e de flexibilidade, podemos conceber um quadro com todas as possibilidades distribucionais dos adjetivos. Como podemos ver abaixo, não são todas as possibilidades teóricas de combinação que, na prática, correspondem a categorias distribucionais dos adjetivos em português.

Analisemos, neste passo, os exemplos de Rio-Torto (2006, p. 109) do tipo *velho amigo* / *amigo velho*. Repetiremos exemplos abaixo para facilitar a análise:

- (81) um velho amigo (antigo) vs um amigo velho (idoso)
- (82) um pobre homem (sem sorte, pobre de espírito) vs um homem pobre (sem recursos)
- (83) um grande homem (grandeza moral, intelectual, homem notável) vs um homem grande (grandeza física, (de elevada) estatura)
- (84) um alto funcionário (estatuto hierárquico) vs um funcionário alto (dimensão física)
- (85) uma certa decisão (determinada) vs uma decisão certa (acertada)

Segundo a referida estudiosa, tais adjetivos apresentam valores distintos, conforme a sua ocorrência em relação ao nome. Chamaremos tais adjetivos de pseudoflexíveis no âmbito desta tese, uma vez que a sua anteposição não corresponde a uma mera mudança de perspectivização mas a uma alteração no sentido de proporções bem mais acentuadas, chegando até mesmo a beirar a antonímia, como no caso do adjetivo *certa* no exemplo acima.

## 5.2. Adjetivos Exclusivamente Predicativos

(86) Paula ficou magoad com o comentário e não falou mais com Henrique.

(87) \*Paula magoad não falou mais com Henrique.

Aqui, esperamos não uma posição atributiva do adjetivo, mas sim um aposto (explicativo):

(88) Paula, magoad, não mais falou mais com Henrique.

Sendo que este último exemplo poderia ter a seguinte paráfrase (69):

(89) Paula, agora que está magoad, não falou mais com Henrique.

O que nos leva novamente à posição predicativa. Tal fato deve-se, como veremos oportunamente, à direta vinculação entre os sentidos aspectuais do adjetivo e do verbo da posição predicativa (*estar*).

Para a análise dos adjetivos exclusivamente predicativos, convém considerarmos a explanação de Maxwell e Clanfield (2011), que não colocam no mesmo patamar os exemplos *afraid* e *alive*. Estes estudiosos dividem os adjetivos ingleses exclusivamente predicativos em dois grupos diferentes entre si tanto formalmente quanto em relação à sua motivação semântica. O primeiro destes grupos de adjetivos parece não poder ocupar a posição atributiva devido a fatores de ordem semântica: são os que expressam estados emocionais, tais como *afraid* (com medo), *content* (satisfeito), *glad* (contente), *ready* (pronto), *sure* (seguro), *sorry* (sentido) e *upset* (chateado). O segundo grupo é de adjetivos com o prefixo *a-*: *asleep* (adormecido), *alive* (vivo), *alone* (sozinho), *ashamed* (envergonhado), *awake* (acordado), *aware* (ciente). Este segundo grupo tem uma razão de ser etimológica, pois o prefixo *a-*, neste caso, advém historicamente da preposição *on* (que, em fases mais antigas da língua inglesa, era *an* – compare-se com a mesma preposição no alto alemão moderno, *an*), de acordo com Harper (2011) (ver verbetes *alive*, *aflutter* e *a-*), temos que este é um caso de lexicalização a partir de uma expressão adverbial: “to be on life” passou a “to be alive”, “to be on wake” passou a “to be awake”. Cabe registrar que, em português, temos justamente um tipo de

sintagma preposicional do mesmo tipo, geralmente com a preposição *com* (e outras vezes com a preposição *de*) que, em inglês, corresponde a formas adjetivais simples: *estar com fome / to be hungry; estar com sono / to be sleepy; estar com medo / to be afraid; estar de bebedeira / to be drunk*. Nas palavras de Harper (2011<sup>41</sup>), no verbete *a-*:

O elemento *a-* (1) em palavras nativas (derivadas do Inglês Antigo) designa comumente a preposição *an* do Inglês Antigo, que corresponde à preposição “on” (do Inglês Moderno) (veja *a-* (2)), como em *alive, asleep, abroad, afoot, etc.*, formando adjetivos e advérbios a partir de nomes; mas também pode corresponder ao *of* do Inglês Médio, como em *anew, abreast* (dos anos 1590); ou a uma forma reduzida do prefixo de particípio passado do Inglês Antigo *ge-*, como em *aware*; ou o elemento intensificador do Inglês Antigo *a-*, como em *arise, awake, ashame*, que marca um verbo como pontual, como um evento único. Em palavras oriundas das línguas românicas, geralmente representa um *ad-* latino, com o significado das preposições “para, em, a”.

Ainda que os exemplos de adjetivos exclusivamente predicativos mais citados na literatura dos adjetivos ingleses sejam justamente estes com o prefixo *a-*, pelo que podemos ver, esta subclasse adjetival é o resultado de uma formação lexical específica e, sendo a culminação de um processo de lexicalização, herda a colocação sintática do sintagma preposicional do qual historicamente deriva, que tanto inglês quanto em português tem posição *default* pós-nuclear. Temos, pois, uma colocação exclusiva, historicamente (talvez, se preferirmos dizer, lexicologicamente, se optarmos por uma visão estritamente sincrônica) condicionada. Sendo assim, podemos deixá-la à margem da nossa discussão, por não apresentar uma motivação semântica para a sua colocação idiossincrática. Entretanto, o primeiro grupo listado pelos autores mais acima é importante para a nossa pesquisa, pois se trata de adjetivos com uma colocação sintática motivada pela semântica dos itens em questão. E vale analisarmos estes exemplos do inglês, pois lançam luzes na análise dos adjetivos do português, na medida em que, sendo um condicionamento semântico, espera-se que o encontremos também em português. Analisemos brevemente os equivalentes portugueses, segundo Houaiss e Avery (1975), dos exemplos tidos como de posição exclusivamente predicativa semanticamente condicionada, citados por Maxwell e Clanfield (2011) (não confundir o *a-* que historicamente advém da preposição *on* com o *a* inicial de *afraid*; para

<sup>41</sup> Tradução e adaptação nossa do original inglês:

*a-* (1) in native (derived from O.E.) words, it most commonly represents O.E. *an* "on" (see *a-* (2)), as in *alive, asleep, abroad, afoot, etc.*, forming adjectives and adverbs from nouns; but it also can be M.E.<sup>41</sup> *of*, as in *anew, abreast* (1590s); or a reduced form of O.E. pp. prefix *ge-*, as in *aware*; or the O.E. intens. *a-*, as in *arise, awake, ashame*, marking a verb as momentary, a single event. In words from Romanic languages, often it represents L. *ad-* "to, at."

*afraid* a motivação é semântica, pois advém do francês antigo *esfreer*, sendo o seu *a-* inicial, portanto, apenas homônimo do prefixo germânico *a-* analisado):

- |      |                |   |                                    |
|------|----------------|---|------------------------------------|
| (90) | <i>afraid</i>  | - | amedrontado, assustado, apreensivo |
| (91) | <i>content</i> | - | contente, satisfeito               |
| (92) | <i>glad</i>    | - | alegre, contente, satisfeito       |
| (93) | <i>ready</i>   | - | pronto, preparado                  |
| (94) | <i>sorry</i>   | - | sentido                            |
| (95) | <i>sure</i>    | - | certo; seguro                      |
| (96) | <i>upset</i>   | - | perturbado; indisposto             |

Tomemos um dos equivalentes para a nossa análise. Em relação a *satisfeito*, temos de atentar para as duas possíveis leituras deste adjetivo, conforme Houaiss (2009):

satisfeito  
 adjetivo  
 Que se satisfaz.  
 1 contente do que se fez ou disse.  
 2 farto, saciado, repleto.

No que toca à acepção *satisfeito*<sub>1</sub>, não há restrição para a posição atributiva, como podemos constatar na designação da célebre figura construída por Ortega y Gasset: *o menino satisfeito* (*señorito satisfecho*). Porém, *satisfeito*<sub>2</sub> já apresenta outro comportamento. É difícil pensar num contexto em que o sentido de *saciado* seja usado na posição atributiva em vez da predicativa, pois a posição atributiva força uma leitura de que se está satisfeito ou saciado em função de algo decorrido, mas não simultâneo ou próximo ao ato da satisfação, que é expresso quando da posição predicativa. Comparem-se:

- (97) Agora, os convidados já estão satisfeitos e vão passar para a sala de estar.  
 (98) Agora, \*convidados já satisfeitos vão passar para a sala de estar.  
 (99) Agora satisfeitos, os convidados vão passar para a sala de estar.  
 (100) Maria está satisfeita e vai passar à sobremesa. / \*Maria satisfeita vai passar à sobremesa.  
 (101) O burguês satisfeito com as suas posses. / O burguês é uma pessoa satisfeita com as suas posses.

O adjetivo *satisfeito*<sub>2</sub>, dos convidados e de Maria, liga-se a ao verbo *estar* em colocações predicativas, enquanto o *satisfeito*<sub>1</sub>, do burguês, liga-se ao verbo *ser*, o que traduz a diferença aspectual entre ambos os sentidos adjetivais: *satisfeito*<sub>1</sub> traduz um estado que é a culminação de um processo passado, enquanto *satisfeito*<sub>2</sub> traduz um estado momentâneo (desvinculado de estados passados), que, se é culminância de um processo, é de um processo recém-ocorrido. Uma primeira comparação pode ser feita com a diferença aspectual entre o *present perfect* e o *past tense* dos verbos do inglês, em que vale para o primeiro, em geral, um processo que iniciou no passado e que surte efeitos na situação atual, enquanto o segundo é mais pontual e mais imediatamente próximo à situação presente. A mesma diferença aspectual também é encontrada na distinção entre o particípio passado e o particípio presente dos verbos portugueses. Como é sabido, o uso desta última forma verbal caiu em desuso no português, sobretudo no português brasileiro, tendo o seu sufixo característico (*-nte*) adquirido uma função de formador de adjetivos. Para a função verbal que o particípio presente desempenhava, em geral, utiliza-se hodiernamente o gerúndio (que, diga-se de passagem, teve e tem tido seu uso estendido a várias funções no português brasileiro). Observemos um conjunto de exemplos que demonstra a diferença semântica (aspectual) entre o particípio passado e o particípio presente no português:

(102) Particípio passado: água fervida

(103) Particípio presente (português europeu ou português brasileiro formal): água fervente

(104) Particípio presente (português brasileiro): água fervendo

Esta parece ser a mesma diferença entre *satisfeito*<sub>1</sub> e *satisfeito*<sub>2</sub>. “Água fervida” pressupõe um processo pelo qual a água passou (donde a designação de particípio passado), enquanto “água fervente” é uma porção d’água ou que ainda está no fogo (estado presente) ou que acaba de ter estado (estado passado proximamente ligado ao estado presente).

Sintetizemos, então, que, diferentemente do inglês, *satisfeito*, em apenas um de seus possíveis sentidos, pressupõe a exclusividade da posição predicativa (ligada ao verbo *estar*). Os demais equivalentes portugueses dos adjetivos ingleses de posição exclusivamente predicativa parecem apresentar a mesma configuração do adjetivo *satisfeito*, ou seja, dois sentidos aspectualmente distintos entre si, sendo aquele relacionado ao verbo *estar* (e de semântica mais diretamente vinculada ao momento presente) exclusivamente predicativo.

Ao contrário dos adjetivos exclusivamente predicativos, que são de sentido imperfectivo – como acabamos de observar –, quando em posição atributiva, assumem um carácter perfectivo, que se combina muito bem o verbo ser, quando predicativo: Assim, *Paula é uma pessoa assustada*, equivale a dizer em geral que *Paula é assustada*.

Façamos uma síntese das considerações até aqui encetadas:

Utilizaremos a seguinte notação: subíndice PERF: aspecto perfectivo; subíndice IMPERF: aspecto imperfectivo. A cada exemplo acrescentaremos uma glosa para facilitar a interpretação pretendida.

#### Aspecto Perfectivo

- (105) \*A *assustada*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é assustada]  
 (106) A criança *assustada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é assustada]  
 (107) Ela é uma criança *assustada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é assustada]  
 (108) \*A criança está *assustada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é assustada]  
 (109) A criança é *assustada*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é assustada]

#### Aspecto Imperfectivo

- (110) \*A *assustada*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está assustada]  
 (111) \*A criança *assustada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está assustada]  
 (112) \*Ela é uma criança *assustada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está assustada]  
 (113) A criança está *assustada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está assustada]  
 (114) \*A criança é *assustada*<sub>IMPERF</sub> [A criança está assustada]

Vejamos as definições de Houaiss (2009), que, da mesma forma que para *satisfeito*<sub>1</sub>, trazem as acepções discriminadas em relação aos caracteres aspectuais conforme analisamos.

Equivalentes dos Adjetivos de Maxwell e Clanfield (2011) (HOUAISS, 2009)		
Entrada	Acepções	
	Aspecto Perfectivo	Aspecto Imperfectivo
assustado		1 com um pouco de medo; amedrontado,

		atemorizado, intimidado 2 que demonstra susto ou medo; trêmulo, vacilante
contente	1 cujos desejos, aspirações, exigências etc. foram atendidos ou realizados; satisfeito	2 tomado por sentimento de alegria, de felicidade; alegre
pronto	1 inteiramente feito ou construído; terminado Exs.: a casa está p. o almoço está p.	2 com energia e vontade para (algo); disposto Ex.: está sempre p. para ajudar
seguro	2 que não oferece perigo algum; estável, inabalável; inviolável Ex.: lugar s.	1 posto a salvo; livre de perigo; garantido, abrigado, protegido Ex.: passou o perigo, eles já estão s.
sentido	1 que se ofende ou melindra facilmente; suscetível, sensível	3 repassado de mágoa; ressentido, magoado
perturbado	2 que se desnorтеou; desvairado	1 que passa ou passou por processo de perturbação

Façamos a mesma análise dos exemplos do adjetivo *assustado* para os demais listados no quadro acima:

#### Aspecto Perfectivo

- (115) \*A *satisfeita*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é satisfeita]  
 (116) A criança *satisfeita*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é satisfeita]  
 (117) Ela é uma criança *satisfeita*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é satisfeita]  
 (118) \*A criança está *satisfeita*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é satisfeita]  
 (119) A criança é *satisfeita*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é satisfeita]

#### Aspecto Imperfectivo

- (120) \*A *satisfeita*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está satisfeita]  
 (121) \*A criança *satisfeita*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está satisfeita]  
 (122) A criança está *satisfeita*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está satisfeita]  
 (123) \*A criança é *satisfeita*<sub>IMPERF</sub> [A criança está satisfeita]

#### Aspecto Perfectivo

- (124) \*A *contente*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é contente]  
 (125) A criança *contente*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é contente]  
 (126) Ela é uma criança *contente*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é contente]  
 (127) \*A criança está *contente*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é contente]

(128) A criança é *contente*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é contente]

#### Aspecto Imperfectivo

(129) \*A *contente*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está contente]

(130) \*A criança *contente*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está contente]

(131) \*Ela é uma criança *contente*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está contente]

(132) A criança está *contente*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está contente]

(133) \*A criança é *contente*<sub>IMPERF</sub> [A criança está contente]

#### Aspecto Perfectivo

(134) \*A *pronta*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é pronta]

(135) A criança *pronta*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é pronta]

(136) Ela é uma criança *pronta*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é pronta]

(137) \*A criança está *pronta*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é pronta]

(138) A criança é *pronta*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é pronta]

#### Aspecto Imperfectivo

(139) \*A *pronta*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está pronta]

(140) \*A criança *pronta*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está pronta]

(141) \*Ela é uma criança *pronta*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está pronta]

(142) A criança está *pronta*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está pronta]

(143) \*A criança é *pronta*<sub>IMPERF</sub> [A criança está pronta]

#### Aspecto Perfectivo

(144) \*A *segura*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é segura]

(145) A criança *segura*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é segura]

(146) Ela é uma criança *segura*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é segura]

(147) \*A criança está *segura*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é segura]

(148) A criança é *segura*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é segura]

#### Aspecto Imperfectivo

(149) \*A *segura*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está segura]

- (150) \*A criança *segura*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está segura]  
 (151) \*Ela é uma criança *segura*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está segura]  
 (152) A criança está *segura*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está segura]  
 (153) \*A criança é *segura*<sub>IMPERF</sub> [A criança está segura]

#### Aspecto Perfectivo

- (154) \*A *sentida*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é sentida]  
 (155) A criança *sentida*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é sentida]  
 (156) Ela é uma criança *sentida*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é sentida]  
 (157) \*A criança está *sentida*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é sentida]  
 (158) A criança é *sentida*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é sentida]

#### Aspecto Imperfectivo

- (159) \*A *sentida*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está sentida]  
 (160) \*A criança *sentida*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está sentida]  
 (161) \*Ela é uma criança *sentida*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está sentida]  
 (162) A criança está *sentida*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está sentida]  
 (163) \*A criança é *sentida*<sub>IMPERF</sub> [A criança está sentida]

#### Aspecto Perfectivo

- (164) \*A *perturbada*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é perturbada]  
 (165) A criança *perturbada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é perturbada]  
 (166) Ela é uma criança *perturbada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é perturbada]  
 (167) \*A criança está *perturbada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é perturbada]  
 (168) A criança é *perturbada*<sub>PERF</sub> [A criança, em geral, é perturbada]

#### Aspecto Imperfectivo

- (169) \*A *perturbada*<sub>IMPERF</sub> criança. [A criança está perturbada]  
 (170) \*A criança *perturbada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está perturbada]  
 (171) \*Ela é uma criança *perturbada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está perturbada]  
 (172) A criança está *perturbada*<sub>IMPERF</sub>. [A criança está perturbada]  
 (173) \*A criança é *perturbada*<sub>IMPERF</sub> [A criança está perturbada]

Devemos fazer uma última ressalva com relação a estes últimos exemplos. Poder-se-ia argumentar que o primeiro exemplo de cada série acima, que relistamos abaixo para facilitar nossa análise, tem uma possível interpretação e não é impossível de conferir-lhe sentido, como foi demonstrado. Ressaltamos que estas seriam todas interpretações com uma diferença em perspectivização, o que os teóricos denominaram *leitura poética* ou *literária*, conforme observamos alhures. Ou seja, cada um dos adjetivos analisados tem uma leitura imperfectiva, que é exclusivamente possível na distribuição predicativa, e outra, perfectiva, em que são adjetivos centrais (atributivos e predicativos com verbo *ser*) e flexíveis (pré- e pós-nominais), sendo a possibilidade pré-nominal infrequente e pouco usual na fala mais cotidiana, sendo aceita, porém, em contextos literários. Caso optemos por considerar a versão literária não possível, teríamos um outro quadro: de um lado, adjetivos imperfectivos (exclusivamente predicativos, não centrais) e, de outro, adjetivos perfectivos centrais, mas não flexíveis (exclusivamente pós-nominais). Marquemos esta dupla possibilidade com o símbolo ponto de interrogação. Em suma:

#### Aspecto Perfectivo

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| (174) ?A <i>satisfeita</i> <sub>PERF</sub> criança. | [A criança, em geral, é satisfeita] |
| (175) A criança <i>satisfeita</i> <sub>PERF</sub> . | [A criança, em geral, é satisfeita] |

#### Aspecto Perfectivo

- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| (176) ?A <i>contente</i> <sub>PERF</sub> criança. | [A criança, em geral, é contente] |
| (177) A criança <i>contente</i> <sub>PERF</sub> . | [A criança, em geral, é contente] |

#### Aspecto Perfectivo

- |   |                                 |
|---|---------------------------------|
| (178) ?A <i>pronta</i> <sub>PERF</sub> criança. | [A criança, em geral, é pronta] |
| (179) A criança <i>pronta</i> <sub>PERF</sub> . | [A criança, em geral, é pronta] |

#### Aspecto Perfectivo

- |   |                                 |
|---|---------------------------------|
| (180) ?A <i>segura</i> <sub>PERF</sub> criança. | [A criança, em geral, é segura] |
| (181) A criança <i>segura</i> <sub>PERF</sub> . | [A criança, em geral, é segura] |

#### Aspecto Perfectivo

- |  |                                  |
|--|----------------------------------|
| (182) ?A <i>sentida</i> <sub>PERF</sub> criança. | [A criança, em geral, é sentida] |
|--|----------------------------------|

(183) A criança *sentida*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é sentida]

Aspecto Perfectivo

(184) ?A *perturbada*<sub>PERF</sub> criança. [A criança, em geral, é perturbada]

(185) A criança *perturbada*<sub>PERF</sub>. [A criança, em geral, é perturbada]

### 5.3. Adjetivos Exclusivamente Atributivos

Com a análise que fizemos até aqui, recobrimos os adjetivos exclusivamente predicativos (semântica aspectual) e os centrais, que diferenciamos entre flexíveis (semântica de perspectivização) e pseudoflexíveis (alternância semântica). Restam, para fechar o nosso quadro distribucional, aqueles exclusivamente atributivos.

Segundo a teoria que observamos no Capítulo 3, este tipo adjetival tem a característica de ser, em geral, denominal. Em assim sendo, a maior parte destes adjetivos será construída por derivação (com sufixos formadores de adjetivos a partir de nomes). De acordo com Basilio (2004, pp. 54-55), os sufixos mais frequentes nestes casos são *-al*, *ico*, *-ês* (*ense*), *-ano*, *-ário* e *-oso*. Tomemos alguns exemplos do *corpus* para observar se a alegada exclusividade da posição atributiva é confirmada.

Como o exame de todos os adjetivos do *corpus* seria impraticável, tomemos uma frequência de ocorrência (nos resultados da ferramenta Mechanic Words) em torno do valor 10 para a seguinte série de adjetivos, em princípio, exclusivamente atributivos [entre parênteses a respectiva frequência]: mundial (09), comercial (10), estético (10), fantástico (09), inglês (08), francês (07), humanos (11), norte-americano (06), imaginário (9), necessária (08), religioso (11) e famosos (09).

Em princípio, nos contextos em que ocorrerem, serão tais exemplos parafraseáveis por *para N*, *de N* e *que contém N*. Vejamos, primeiramente, quais Ns correspondem neste caso:

mundial (mundo), comercial (comércio), estético (estética), fantástico (fantasia), inglês (Inglaterra), francês (França), humanos (homem), norte-americano (América do Norte), imaginário (imaginação), necessária (necessidade), religioso (religião) e famosos (fama).

Acrescentemos, para fim de cotejo, as definições lexicográficas destes adjetivos presentes em Houaiss (2009):

mundial (mundo)

relativo ao **mund**o como um todo

comercial (comércio)

relativo a **com**ércio

estético (estética)

relativo à **est**ética

fantástico (fantasia)

que ou aquilo que só existe na imaginação, na **fant**asia

inglês (Inglaterra)

relativo à **Ing**laterra

francês (**França**)

aquele que é natural ou habitante da França

humanos (homem)

relativo ao **hom**em ou próprio de sua natureza

norte-americano (Norte-América)

relativo aos Estados Unidos da América, ou o que é seu natural ou habitante; americano-do-norte, estadunidense

relativo à **Am**érica do Norte, ou o que é seu natural ou habitante

imaginário (imaginação)

criado pela **imag**inação e que só nela tem existência necessária (necessidade)

religioso (religião)

relativo a ou próprio da **rel**igião

famosos (fama)

que tem **fam**a

Podemos ver destas descrições que existem outras paráfrases para alguns dos exemplos, além das previstas por *para N*, *de N* e *que contém N*, tais como *relativo a N*, *que só existe em N*, *próprio de N*, *natural de N*, *habitante de N*, *criado por N*.

Observemos, então, os contextos de ocorrência no *corpus* de alguns dos exemplos:

mundial (09)

<grandes clássicos do cinema mundial>

<com vistas a exportação e o sucesso mundial>

<com vistas a exportação e o sucesso mundial>

<metida com o que havia de melhor na dança mundial>

<como um dos grandes novos nomes do cinema mundial>

A busca resultou em 5 ocorrências, sendo que havia 4 ocorrências de “mundialmente”, logo a ferramenta Mechanic Words lê os advérbios em –mente como adjetivo + mente, pois eram previstas 9 ocorrências no *corpus* pela marcação do *output*, conforme observamos no capítulo anterior. Corroboramos nos exemplos que a posição atributiva (e pós-nominal) aparece em todos os casos.

comercial (10 ocorrências)

<apesar de não ter sido sucesso comercial>

<imposto pelo estúdio para que este se tornasse mais comercial>

<o filme está sendo um sucesso comercial>

<acredita-se que a falta de grande sucesso comercial tenha>

<foi “um fracasso comercial e também artístico”>

<dentro do cinema comercial hollywoodiano>

<outro exemplo do cinema comercial americano atual>

<diretor interessante ao cinema comercial americano>

<o espaço é uma rua de Lisboa em um horário comercial>

<a frequentar peças de apelo comercial é que não há surpresas>

<presente no cinema comercial>

<sucesso crítico e bom sucesso comercial>

O resultado de 12 ocorrências é uma boa marca para os previstos 10, haja vista que havia também os advérbios *comercialmente* e as substantivizações *o comercial* que poderiam alterar os resultados do *output* do Mechanic Words. Há apenas uma exceção para a

posição atributiva, que é o exemplo <imposto pelo estúdio para que este se tornasse mais comercial>, que está em posição predicativa. Interessante observarmos que Houaiss (2009) sugere uma outra paráfrase para o sentido do adjetivo *comercial* nestes casos, que é a acepção 3 (que gera ou é passível de gerar lucros), muito distinto do sentido “no âmbito do comércio”, que sempre figura em posição atributiva. Assim, “fracasso comercial” é “um fracasso no âmbito do comércio”, “cinema comercial” é “cinema que gera lucros”. A prova destas diferenças é que não podemos inverter as definições: \**fracasso que gera lucros*; \**cinema no âmbito comercial*. Ressalte-se que a posição predicativa só é possível no sentido cuja paráfrase não ostenta o nome do qual o adjetivo deriva (N).

estético (10 ocorrências)

<elementos que prejudicam o evento estético>

<adaptação do romance [...] construída sob o patrocínio estético do autor>

<O apuro estético – intelectual – de Inveja dos Anjos>

<sem nenhuma tensão que possa remeter a um tratamento estético>

<Vigor físico e vigor estético são duas coisas diferentes>

<a sensação que temos é a de que o gesto estético se estende à coxia>

<mas a inexistência de qualquer efeito estético>

<tem um apuro estético “digno” de um clássico>

<Começa a se criar o nicho de um evento estético>

<No aspecto estético também falta beleza ao filme.>

<O trabalho estético neste filme é reticente e “invisível”>

Todos os exemplos do *corpus* marcam o adjetivo estético em posição *atributiva*. O exemplo do “patrocínio estético” é modelar para a impossibilidade da posição predicativa: \**o patrocínio é estético*.

francês (07 ocorrências)

<O empresário francês interessado>

<É a nona parceria [...] com o diretor francês Claude Chabrol>

<esse pode ser um dos mais acessíveis filmes do cineasta francês>  
 <venceram por duas vezes o festival francês>  
 <com o magistral figurino mutante do estilista francês Jean-Paul Gautier>  
 <é um dos mais dissecados do cinema francês>  
 <o cinema *noir* francês>  
 <Didi e Gogo disputam um pãozinho francês>  
 <que faria o deleite do teórico francês André Bazin>

Os exemplos do *corpus* excedem o previsto pelo *output* do Mechanic Words em muito, talvez pela questão da substantivação novamente. Este é um dos adjetivos chamados gentílicos, que tem um comportamento peculiar em relação aos outros exemplos que estamos analisando, por poderem ocupar a posição predicativa. Ressalte-se, entretanto, que, com o verbo *estar*, mantém-se a interdição. Comparem-se:

dança mundial / \*a dança é mundial / \*a dança está mundial  
 fracasso comercial<sub>1</sub> / ?o fracasso é comercial<sub>1</sub> / \*o fracasso está comercial<sub>1</sub>  
 o cinema americano comercial<sub>2</sub> / o cinema americano é comercial<sub>2</sub> / o cinema americano está  
 cada vez mais comercial<sub>2</sub>  
 o patrocínio estético / \*o patrocínio é estético / \*o patrocínio está estético  
 o diretor francês / o diretor é francês / \*o diretor está francês

Um adjetivo subsectivo, por sua vez, pode constar sem problema algum em todas estas posições:

o diretor bonito / o diretor é bonito / o diretor está bonito

A impossibilidade de \*o *diretor está francês* é cancelada quando se utiliza este tipo de adjetivo com um sentido subsectivo: *Hoje ele está mais francês do que ontem*. Na peça teatral *Closer*, de Patrick Marber, que também tem uma versão em filme), temos uma piada da personagem Anna baseada na possibilidade de um adjetivo gentílico ser tanto intersectivo quanto subsectivo conforme uma variação de contexto. A personagem Alice/Jane pergunta a

Anna se seu ex-marido é inglês. Em vez de sim ou não, Anna responde: muito. Transcrevemos um excerto do referido diálogo abaixo (MARBER, p. 25<sup>42</sup>):

ALICE: Quem foi seu último namorado?  
 ANNA: Meu marido  
 ALICE: Ele era inglês?  
 ANNA: Muito.

Esta é a diferença marcada entre os gentílicos e os demais exemplos exclusivamente atributivos (denominativos) registrados no *corpus* e analisados agora: os adjetivos relacionais são na sua maioria denominais, não predicativos e não intersectivos (o que acarreta que sejam não subsecutivos). São uma classe adjetival à parte pois na sua adjunção ao nome, uma intersecção de conjuntos de propriedades, mas um relação. A *capacidade mental* não é algo que é *capacidade* e é *mental*. Antes, é uma *capacidade relativa à mente*. Assim, os gentílicos são denominais, mas não necessariamente relacionais, visto a possibilidade predicativa (que traduz uma leitura inteselectiva e mesmo subsecutiva, como no exemplo de Marber). Entretanto, nos dados acima, temos um exemplo em que o adjetivo gentílico não pode ser nem intersectivo nem subsecutivo nem figurar em posição predicativa: é o caso de *pãozinho francês*: \*pãozinho muito francês, \*o pãozinho é francês, \*o pãozinho está francês, \*francês pãozinho. Aqui *francês* teria uma paráfrase do tipo *próprio (à moda de fazer pães) na França*, em que claramente figuraria um N. No exemplo de Marber, o adjetivo *English* teria uma paráfrase do tipo *like most English people are*, em que não figuraria um N. Esta análise indica que os gentílicos são um caso especial, que podem partilhar com os relacionais uma leitura (não intersectiva) e com os intersectivos uma leitura intersectiva, conforme o contexto em que figurem. Em todos os casos, quanto mais um adjetivo for (ou estiver num uso) relacional, tanto mais será parafraseável em função do N de que deriva.

Um último item para nossa análise nesta subseção é o caso dos adjetivos atributivos exclusivamente pré-nominais. Tomando como exemplo o adjetivo *mero*, temos os seguintes exemplos do *corpus*:

---

<sup>42</sup> Tradução nossa do original inglês:  
 “ALICE: Who was your last boyfriend?  
 ANNA: My husband.  
 ALICE: Was he English?”

<Lulu não é reduzida a mero objeto de desejo>

<E o primeiro desses pontos pode ser percebido [...] com meros 15 minutos de projeção>

<Mera tentativa.>

Como era de se esperar, pois estes são os mais clássicos exemplos de restrição colocacional dos adjetivos em português, todos os exemplos do *corpus* corroboram a exclusividade tanto da posição atributiva quanto da posição pré-nominal. Uma busca no *site Google* mostra que existem raríssimos exemplos de *mera* em posição pós-nominal. O exemplo mais frequente é “coisa mera”, no sentido de “coisa simplória”, “coisa sem valor”. Poderíamos supor que em estágios mais iniciais do português ou em algumas variações dialetais houvesse a possibilidade da posição atributiva posposta (posição não marcada), com o sentido (básico) de puro ou simples, tendendo a *trivial*, *simplório*, *vulgar* na posição anteposta (marcada). Como o referido adjetivo deixa de figurar na posição posposta, a posição predicativa também acaba não sendo permitida, pois não é o espaço do sentido derivado (conectado à anteposição), sendo seu papel “copiar” o sentido da posição não marcada, como observamos nos adjetivos centrais. Esta é uma especulação apenas, baseada no fato de o *merus* latino ser um adjetivo central, mas que teve na passagem para o português seu sentido e sua colocação sintática especializadas.

Cabe mencionarmos no que consiste esta especialização. Como podemos ver nas ocorrências do *corpus*, “mera tentativa”, por exemplo, não é algo que é “tentativa” e é “mero”. O adjetivo não faz intersecção com o sentido do nome, mas aplica-se sobre a própria predicação “ser tentativa”. Alguns autores (entre outros, Bouillon e Viegas (1999)), como já referimos, dizem que tais adjetivos modificam a referência (ser/estar N), e não o referente propriamente dito (N). Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 230), chamam tal processo de “propriedade de modificar propriedade”, exemplificando com o adjetivo *former* em *former neighbour*.

A propriedade que se aplica sobre uma propriedade é outro dos fatores semânticos, portanto, que ativa uma determinada posição sintática dos adjetivos portugueses.

#### 5.4. Síntese do Capítulo

Nossa intenção neste capítulo foi analisar os exemplos da teoria pesquisada e do *corpus* no sentido de detectar quais fatores semânticos atuam na motivação para a restrição de uma determinada colocação sintática para os adjetivos portugueses.

Um resumo das classificações que analisamos pode ser organizado como no quadro abaixo:

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS EM RELAÇÃO À DISTRIBUIÇÃO SINTÁTICA			
exclusivamente	CENTRAIS		exclusivamente
ATRIBUTIVOS	ATRIBUTIVOS	PREDICATIVOS	PREDICATIVOS
↓			
ADJETIVOS EM POSIÇÃO ATRIBUTIVA			
exclusivamente	FLEXÍVEIS		exclusivamente
ANTEPOSTOS	ANTEPOSTOS	POSPOSTOS	POSPOSTOS
NÃO FLEXÍVEIS			

QUADRO 30: Distribuição Sintática dos Adjetivos

A partir de tais posições sintáticas possíveis, visamos determinar os fatores semânticos motivadores daquelas. Um resumo desta análise se encontra no quadro a seguir:

Distribuições Sintáticas dos Adjetivos Portugueses e seus Fatores Semânticos	
<b>Exclusivamente Predicativos</b>	
o futuro está <u>seguro</u> (= está a salvo)	
*futuro <u>seguro</u>	
* <u>seguro</u> futuro	
FATOR ASPECTUAL	
<b>Centrais</b>	

Predicativos e Atributivos Flexíveis	Predicativos e Atributivos Não Flexíveis	
<p><i>elegância <u>natural</u></i>  <i><u>natural</u> elegância</i>  <i>sua elegância é <u>natural</u></i></p> <p>FATOR: PERSPECTIVIZAÇÃO</p>	<p>Predicativos e Atributivos Exclusivamente Pré-Nominais</p>	<p>Predicativos e Atributivos Exclusivamente Pós-Nominais</p>
	<p>-</p>	<p>Filme <u>francês</u>  <u>Francês</u> filme  O filme é <u>francês</u></p> <p>sala <u>cinza</u>  *<u>cinza</u> sala  A sala é <u>cinza</u></p> <p><u>O motor não é elétrico, mas manual.</u></p> <p>FATOR SEMÂNTICO:  (HISTORICAMENTE)  DENOMINAIS, PORÉM  NÃO RELACIONAIS,  MAS INTERSECTIVOS</p>
<p>FLEXÍVEIS</p> <p>ANTEPOSTOS</p> <p>Forma Marcada</p> <p>Sentido Focalizado</p> <p>Interpretação Perspectivizada</p> <p>POSPOSTOS</p> <p>Forma Não Marcada</p> <p>Sentido Neutro</p> <p>Interpretação Restritiva</p>		

Foco Intersectivo

“lindas crianças”

“crianças lindas”

Foco estilístico

“frondosa árvore”

“árvore frondosa”

Foco Avaliativo(Afetivo)

“Um raro prazer”

“Um prazer raro”

### PSEUDOFLEXÍVEIS

#### ANTEPOSTOS

Forma Marcada

Sentido Alterado

Interpretações não Previsíveis

#### POSPOSTOS

Forma Não Marcada

Sentido Neutro

Interpretação Restritiva

um velho amigo (antigo) (idoso)

um pobre homem (sem sorte)

um grande homem (homem notável)

um alto funcionário (estatuto hierárquico) uma certa decisão (indefinida)

um amigo velho

um homem pobre (sem recursos)

um homem grande (grandeza física)

um funcionário alto (dimensão física)

uma decisão certa (acertada)

Exclusivamente Atributivos		
Flexíveis	Não Flexíveis	
	Exclusivamente Pré-nominais	Exclusivamente Pós-nominais
-	<i>mero comentário</i> <i>*comentário mero</i> <i>seu comentário é mero</i>  FATOR: MODIFICAÇÃO DA REFERÊNCIA	<i>capacidade mental</i> <i>*mental capacidade</i> <i>*sua capacidade é mental</i>  FATOR: RELAÇÃO A N

QUADRO 29: Fatores Semânticos Motivadores das Restrições Sintáticas dos Adjetivos Portugueses

No próximo capítulo, compararemos os fatores semânticos aqui analisados com aqueles que são utilizados na teoria da GDF para explicar o mesmo ponto de nossa investigação: a sintaxe colocacional dos adjetivos. Como entendemos, a partir da presente análise, que tais são realmente os fatores que influenciam a sintaxe, argumentaremos no sentido de se considerar a possibilidade de agregar alguma espécie de representação semântico-lexical que contemple em sua descrição tais fatores.

Passemos, então, ao último capítulo da tese, com uma síntese das discussões.

## 6. DISCUSSÃO DA REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NA GDF

Neste capítulo, tencionamos fazer uma síntese das discussões levadas a efeito na tese. Partiremos, na primeira subseção, da proposta constante na teoria da GDF para tratar do problema da interface sintaxe-semântica (lexical); passando, na segunda subseção, pelas possíveis concepções de léxico que a GDF pode ostentar; até alcançarmos a nossa proposta de representação semântico-lexical na terceira e última subseção.

### 6.1. Nível Representacional e Nível Morfossintático em Inter-Relação

Vimos discutindo que, em GDF, ao não se supor definições para os lexemas, não há, pontualmente, uma semântica lexical, e, conseqüentemente, não há uma representação semântico-lexical. Porém, a relação sintaxe/semântica, bem como pragmática/semântica, é representada no modelo mediante a inter-relação entre o Nível Morfossintático e os Níveis Representacional e Interpessoal. Os lexemas não carregam uma descrição semântica, mas *frames* que alimentam o Nível Representacional e que contêm informação semântica. Conforme repisamos mais de uma vez, esta informação está relacionada mais diretamente com os elementos sintático-semânticos das estruturas sentenciais, tais como diátese, argumentos, valências, complementação, etc.).

Entretanto, há elementos semânticos que serão preenchidos por lexemas, que são as categorias semânticas (episódio, proposição, indivíduo, propriedade), que têm sua razão de ser em função de existir no mundo extralinguístico categorias ontológicas que as geram. Conforme veremos neste capítulo, alguns fenômenos semânticos serão explicados em termos de subtipos destas classes semânticas, ou seja, em subclasses semântico-ontológicas.

Como se dá a interação entre sintaxe e semântica na GDF? Dá-se segundo os seguintes princípios: iconicidade, integridade de domínio e estabilidade funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 283). Tais princípios dizem respeito à nossa

discussão, na medida em que são, todos, maneiras diversas de se dizer que existe um relacionamento não aleatório entre a organização das categorias semânticas e o ordenamento sintático.

O Princípio de Iconicidade relaciona-se com o fato de que muitos fenômenos linguísticos demonstram uma homologia entre forma e função. Assim, temos a tendência de marcar na ordem sintática, em geral, a ordem dos fatos de uma narrativa que estejamos contando. Já o Princípio da Estabilidade Funcional prediz que constituintes pragmático-semânticos tendem a assumir as mesmas posições sintáticas na maioria das línguas. Exemplo são as estruturas que marcam foco, que tendem a ocupar uma posição pré-cláusula. Deixamos por último o Princípio de Integridade de Domínio, mais diretamente ligado ao caso de nosso estudo. Nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 283)<sup>43</sup>:

Outro princípio que restringe o Nível Morfossintático a refletir a organização dos seus níveis de *input* é a integridade de domínio. Esta se refere à tendência translinguística de as unidades que se avizinham no Nível Interpessoal e Representacional figurarem justapostas no Nível Morfossintático. Em outras palavras, modificadores deveriam idealmente estar posicionados nas expressões próximos aos núcleos que modificam...

A este princípio vinculam-se as configurações sintáticas dos adjetivos em relação aos seus núcleos nominais. Se existe um princípio que liga o Nível Representacional e o Nível Morfossintático no que tange aos modificadores/núcleos, caberia aqui a seguinte pergunta: se na teoria discursivo-funcionalista, não se concebem nem definições nem representações semântico-lexicais, que tipo de informação do Nível Representacional pode dar conta dos fenômenos de configuração sintática dos adjetivos do português?

Em GDF, a influência do que chamaríamos de semântica lexical na sintaxe não é explicada em função de uma representação semântico-lexical, como observamos nos capítulos iniciais da tese. Tais processos geralmente são explicados em GDF em termos de um detalhamento mais fino das classes semânticas. Ou seja, entende-se que há diferentes tipos de

---

<sup>43</sup> Tradução nossa do original inglês: “Another principle that constrains the Morphosyntactic Level to reflect the organization of its input levels is domain integrity. This refers to the crosslinguistic preference for the units that belong together at the Interpersonal Level and at the Representational Level also to be juxtaposed to one another

subclasses semânticas, sendo que o *parâmetro definidor* de cada subclasse parece ser posto como o elemento motivador de determinado fenômeno sintático.

Um exemplo de estudo da importância de se diferenciar subclasses semânticas para bem representar o comportamento gramatical das formas, e que muito se assemelha ao tipo de estudo que fazemos na tese, na medida em que investiga a influência da semântica (lexical) na sintaxe, é o trabalho de Honselaar e Keizer (2009)<sup>44</sup>, que analisa as subclasses de Indivíduos no neerlandês (simples, de massa, de conjunto, coletivos), a fim de explicar o reflexo da semântica dos nomes na sintaxe de concordância. Nesta mesma linha, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 136<sup>45</sup>) identificam que há uma relação entre a aplicação do artigo e a concordância verbal motivada pelas diferentes subclasses de indivíduos (nomes) do inglês:

Quando uma língua distingue sistematicamente entre expressões contáveis, de massa e coletivas, podemos dizer que uma distinção ontológica é refletida no sistema gramatical e podemos representá-la mediante o uso de subclassificações das variáveis do tipo de entidade, indicadas com superscritos precedendo-as, como em:

(26) ( <sup>m</sup> x <sub>1</sub> )	mass	∅ water is scarce here.
(27) ( <sup>s</sup> x <sub>1</sub> )	set	The man is doing his job.
(28) ( <sup>c</sup> x <sub>1</sub> )	collective	The police are doing their job.

Como podemos ver na citação, os superíndices junto aos símbolos da categoria semântica Indivíduo demarcam as diferentes subclasses semânticas: Indivíduo de massa, Indivíduo de conjunto e Indivíduo coletivo. Trata-se de subclasses de entidades de primeira ordem (*first-order entity*), na nomenclatura de Lyons (1977), Dik (1997a, b) e Hengeveld e Mackenzie (2008)). No nosso caso, estamos estudando subclasses semânticas de entidades de ordem zero (*zero-order*) (adjetivos), que correspondem à categoria ontológica de *propriedade*. Da mesma forma que as subclasses de Indivíduos afetam a sintaxe de

---

at the Morphosyntactic Level. In other words, modifiers should ideally be placed in expression next to the heads that they modify...”.

<sup>44</sup> HONSELAAR, Wim; KEIZER, Evelien. A Functional Discourse Grammar account of set nouns in Dutch and its implications for lexicography. *International Journal of Lexicography*. N.º 22 (4). 2009. pp. 361-397.

<sup>45</sup> Tradução nossa do original inglês:

“Where a language systematically distinguishes between count, mass, and collective expressions, we can say that an ontological distinction is reflected in the grammatical system, and we can account for this through the use of subclassifications of entity type variables, indicated by superscripts preceding those variables, as in:

(26) ( <sup>m</sup> x <sub>1</sub> )	mass	∅ water is scarce here.
(27) ( <sup>s</sup> x <sub>1</sub> )	set	The man is doing his job.
(28) ( <sup>c</sup> x <sub>1</sub> )	collective	The police are doing their job.”

concordância no inglês e no neerlandês, como vimos discutindo em detalhe nesta tese, a semântica dos adjetivos, ou os parâmetros (superíndices da representação) de subclasses de propriedades ou entidades de ordem zero, afeta a sintaxe de colocação no português.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 137<sup>46</sup>) citam que há subclasses de entidades de ordem-zero, conforme vemos no seguinte excerto:

No que toca às entidades de ordem zero, as línguas podem, por exemplo, apresentar uma distinção sistemática entre Propriedades contingentes e permanentes:

(32) (<sup>c</sup>f<sub>1</sub>) Propriedade contingente

(33) (<sup>p</sup>f<sub>1</sub>) Propriedade permanente

O exemplo que estes autores analisam, na sequência, é da lingual espanhola: *la chica es guapa* (A menina é bonita) versus *la chica está guapa* (A menina está bonita). Esta é uma característica que distingue algumas das línguas neolatinas (português, espanhol e italiano, pelo menos) de outras línguas que não apresentam a diferenciação entre *ser* e *estar*. Naturalmente, a estrutura predicativa com verbo *ser* está acompanhando o adjetivo de tipo permanente, enquanto aquela com verbo *estar* se liga ao adjetivo de tipo contingente. Encontramos um paralelo com esta dupla possibilidade da propriedade (adjetivo) nos nossos exemplos de adjetivos exclusivamente predicativos, que, segundo a análise que encetamos, existe uma simetria entre aspectualidade do adjetivo (contingência e permanência, nos termos dos autores estudados) e do verbo.

Os exemplos que acabamos de citar constam de um subcapítulo específico (Subclasses Semânticas) do texto de Hengeveld e Mackenzie (2008), sendo tal tema retomado quando analisam a sintaxe colocacional na seção reservada ao Nível Morfossintático, mais especificamente na subseção “Ordering of non-hierarchically related units” (“Ordenamento de Unidades Relacionadas não hierarquicamente”), que integra o capítulo “Phrases”

---

<sup>46</sup> Tradução nossa do original inglês:

“As regards zero-order entities, languages may, for instance, make a systematic distinction between contingent and permanent Properties:

(32) (<sup>c</sup>f<sub>1</sub>) contingent Property

(33) (<sup>p</sup>f<sub>1</sub>) permanent Property.”

(“Sintagmas). Trata-se de um exemplo acerca da sintaxe colocacional dos adjetivos do francês (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 388<sup>47</sup>):

Em francês, alguns adjetivos que normalmente seguem o núcleo, precedem-no quando enfatizados, como nos seguintes exemplos:

(397)	une	voiture	rouge	superbe
	um	carro	vermelho	magnífico
(398)	une	SUPERBE	voiture	rouge
	um	magnífico	carro	vermelho
(399)		P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F-1</sup>
		une	voiture	rouge
				P <sup>F</sup>
				superbe
(399)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F+3</sup>
	une	SUPERBE	voiture	rouge

As abreviaturas P<sup>I</sup>, P<sup>M</sup>, P<sup>F</sup> indicam as posições relativas dos elementos da cláusula (Clause), definidas como “Clause-initial position (P<sup>I</sup>), the Clause-medial position (P<sup>M</sup>), and the Clause-final position (P<sup>F</sup>)” em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 312). Assim, o adjetivo *superbe* passa da posição final (P<sup>F</sup>) para a posição imediatamente subsequente à inicial (P<sup>I+1</sup>), devido, nas exatas palavras dos autores, a fatores semânticos, mais detalhadamente, quando estão *ênfáticos*. Lembremos nossa análise do fator perspectivização dos adjetivos flexíveis. Os autores, entretanto, não sugerem neste passo de sua teoria, um marcação de subclasse de propriedades (ou entidades de ordem-zero). Isso justifica-se em função do fato de não haver a classe dos “adjetivos enfáticos”. Tal “ênfase”, nesta análise, é um fator semântico. Mas cabe que perguntemos *de que forma* é este um fator semântico, já que não é inerente ao item lexical ou à classe semântico-ontológica das propriedades/entidades de ordem zero. No nosso ponto de vista, este fator semântico pode ser *assumido* por um dado adjetivo flexível, em função da vontade do falante e do contexto. Porém, só pode ser assumido se pressupusermos que há um

<sup>47</sup> Tradução nossa do original inglês e francês:

“In French some adjectives that normally follow the head, precede it when emphasized, as in the following examples:

(397)	une	voiture	rouge	superbe
	a	car	red	magnificent
(398)	une	SUPERBE	voiture	rouge
	a	magnificent	car	red
(399)	P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F-1</sup>	P <sup>F</sup>
	une	voiture	rouge	superbe
(399)	P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F+3</sup>
	une	SUPERBE	voiture	rouge”

adjetivo-base *superbe*, que é polissêmico e que altera sua semântica, passando de um sentido neutro (básico) a outro enfático (derivado). Quando se fala em sentido neutro, fala-se em definição do adjetivo e, quando se fala em sentido derivado, fala-se em polissemia. Entendemos que este é um ponto importante da crítica que aqui tecemos: há fatores semânticos que motivam o ordenamento sintático, e um análise apurada da natureza destes fatores leva, inevitavelmente, a supor que haja definições, a fim de que se possa dizer que um dado item lexical ora seja encarado como básico e ora como derivado. Em resumo, os fatores semânticos são vários e não correspondem *necessariamente* a uma subclasse de ordem ontológica que se manifesta semanticamente na categoria lexical expressa por lexemas (atômicos).

Vejamos outro exemplo da relação fator semântico/ordenamento sintático trazidas por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 389<sup>48</sup>):

Fatores semânticos também podem desempenhar um importante papel na ordem dos modificadores.

Em inglês, adjetivos avaliativos precedem os objetivos. Se ambos estiverem presentes, os adjetivos de idade vão entre eles. Assim, (401) é correta, mas (402) não:

(401) a nice old black car  
(402) \*a black nice old car

Ou seja, *fatores semânticos* são os responsáveis pelo ordenamento dos modificadores, sendo que não podemos antepor *black* ao também adjetivo *nice*. Em inglês, quando mais de um adjetivo é aplicado a um mesmo núcleo nominal, não podemos ter uma ordem aleatória. Ao contrário, esta ordem é muito rígida, tanto quanto a regra de ordenamento TMLK dos adjuntos adverbiais alemães: tempo, modo, lugar e causa devem suceder-se *necessariamente* nesta ordem. Esta é uma característica da sintaxe germânica, fixar ordem dos modificadores adjetivais e adverbiais segundo um critério semântico. Vejamos a causa

---

<sup>48</sup> Tradução nossa do original inglês:

“Semantic factors, too, may play an important role in the ordering of modifiers.

In English evaluative adjectives precede objective ones. If both are present, age adjectives go in the middle. Thus, (401) is correct but (402) is not:

(401) a nice old black car

(402) \*a black nice old car”

provável que Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 389<sup>49</sup>) identificam para os ordenamentos de *black, nice e old*:

Tais ordenamentos podem ser explicados em termos da designação do adjetivo, como indicado em:

$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{I+2}$	$P^{I+3}$	$P^{F+4}$
A	nice <sup>EVAL</sup>	old <sup>AGE</sup>	black <sup>OBJV</sup>	car <sup>50</sup> .

Ou seja, a causa é explicada “em termos da designação do adjetivo”. *Designação* aqui se refere aos superíndices dos adjetivos no exemplo acima. O adjetivo *nice* tem, por exemplo, o superíndice EVAL (*evaluative*, avaliativo, em inglês). Pelo que vimos acompanhando da discussão dos teóricos discursivo-funcionalistas até este passo da teoria, podemos concluir, ainda que não esteja explícito, que os adjetivos podem ser subclassificados em tipos de designação, ou seja, em função das entidades extralinguísticas que designam. *Avaliativos* e de *idade* são justamente, entre outros, os termos utilizados por Dixon (2004), e devemos entender que são na GDF, tal qual no estudo do referido autor, também subclasses semântico-ontológicas.

O último dos exemplos da seção citada de Hengeveld e Mackenzie é o de *navigable rivers*. Não é mera coincidência ser este o mesmo exemplo de Bouillon e Viegas (1999), mencionado no Capítulo 3, constituindo este, portanto, um exemplo modelar da literatura dos adjetivos ingleses (HENGEVELD; MACKENZIE, p. 389<sup>51</sup>):

(404) a. the navigable deep rivers  
b. the deep rivers navigable

<sup>49</sup> Tradução nossa do original inglês:

“These orderings can be explained in terms of the designation of the adjective, as indicated in:

$P^I$	$P^{I+1}$	$P^{I+2}$	$P^{I+3}$	$P^{F+4}$
A	nice <sup>EVAL</sup>	old <sup>AGE</sup>	black <sup>OBJV</sup>	car.”

<sup>50</sup> Manteremos aqui a notação dos autores para as subclasses semântico-ontológicas dos adjetivos, atentando para o significado das abreviações: EVAL advém do vocábulo inglês *evaluative* (avaliativo); AGE corresponde a *idade*, em inglês.; e OBJV advém do vocábulo inglês *objective* (objetivo).

<sup>51</sup> Tradução nossa do original inglês:

“(404) a. the navigable deep rivers  
b. the deep rivers navigable

In (404a) the adjective *navigable* precedes the head and designates a permanent Property. In (404b) it occurs in the final position also used for complex modifiers, and designates a contingent Property.”

Em (404a), o adjetivo *navigable* precede o núcleo e designa uma Propriedade permanente. Em (404b), ocorre na posição final, também usada para modificadores complexos e designa uma Propriedade contingente.

Como podemos observar da citação, novamente o fator semântico detectado como motivador do posicionamento não canônico (no caso, posposição, pois, ao contrário das línguas neolatinas, os adjetivos germânicos são canonicamente antepostos) é a subclassificação da semântica adjetival em *permanente* e *contingente*.

Este é o quadro geral do tratamento do tema do ordenamento dos modificadores adjetivais na GDF. Primeiramente, pauta-se pelo reconhecimento de que há fatores semânticos determinadores da colocação sintática dos lexemas pertencentes à referida classe lexical, como se lê nas próprias palavras dos autores<sup>52</sup>:

parece que, numa larga proporção, o inglês está organizado semanticamente no que toca ao posicionamento dos modificadores no âmbito do sintagma nominal. Em suma, demonstramos nesta seção que o ordenamento de unidades tais nos sintagmas pode ser sensível a fatores interpessoais, **representacionais** e morfossintáticos” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389) [grifamos].

Na próxima subseção, avaliaremos com mais vagar esta proposta de inter-relação dos Níveis Representacional e Morfossintático à luz das análises desenvolvidas nesta tese.

## 6.2. Duas Concepções de Léxico

Já mencionamos, em alguns momentos da tese, que existem duas tendências fortemente reivindicadas para a concepção de léxico numa dada teoria linguística: uma de caráter minimalista, no sentido de entender o léxico como o conjunto das formas lexicais de uma língua e não muito além disso, denominada na literatura filosófica e linguística de teoria atomística do léxico. Nesta visão, o léxico é destituído de grande parte ou mesmo de todo tipo

---

<sup>52</sup> Tradução nossa do original inglês:

“it thus seems that to a large extent English is semantically organized as regards the positioning of modifiers within the Noun Phrase.

In all, we have shown in this section that the ordering of units of like ranks within Phrases may be sensitive to interpersonal, **representational**, and morphosyntactic factors” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389) [grifamos].

de informação linguística, sendo o conhecimento semântico que o falante detém acerca das formas lexicais entendido como parte do seu conhecimento inferencial, e não precisamente de seu conhecimento semântico-lexical. Assim, os itens lexicais são átomos, ou seja, não são divisíveis: em termos mais próprios à linguística, não são estruturados.

De tal visão aproxima-se o estudo de Fodor *et al.* (1980), que é diametralmente oposta ao entendimento do léxico como um todo organizado, ou seja, estruturado. Esta seria “the view of a richly structured lexicon” (nas palavras de Asher e Lascardes (1973)<sup>53</sup>), que pressupõe um menor número de lexemas, porém com uma descrição interna de toda a sua gama de variações polissêmicas. Um caso especial de estudo nesta linha é o de Pustejovsky (1995), que, visando a dar conta da polissemia lexical, concebe uma análise dos itens lexicais capaz de representar seus câmbios de sentido nos diversos contextos (linguísticos) em que se insere. Entretanto, tais variações são, em geral, observadas pelas suas manifestações sintáticas. Nas palavras de Chishman (2000, pp. 22-23):

Ao trazer para o debate a representação do contexto, Pustejovsky está situando a semântica lexical em um quadro mais amplo, em que diferentes níveis semânticos contribuem para o processo de interpretação. Nesse sentido, a semântica lexical deve ser articulada de uma forma compatível com a estrutura do discurso [...]

Pustejovsky (1995a) declara-se favorável à idéia de que o significado não pode ser completamente dissociado da estrutura, esclarecendo ainda que as distinções gramaticais são uma métrica útil para avaliar teorias semânticas concorrentes. A essa afirmativa, que à primeira vista pode sugerir que o modelo siga a Visão Restritiva de semântica, está associada a própria concepção de interface sintaxe-semântica sustentada pela teoria...

Para Pustejovsky, um léxico estruturado é mais do que um léxico com definições e com informações linguísticas de ordem diatética, etc.: no seu entendimento, as interpretações, em contexto (linguístico, frise-se), polissêmicas são *geradas* a partir da combinação das informações lexicais dos itens lexicais relacionados numa dada sentença, donde a designação de *gerativo*.

Não visamos aqui a traçar uma explanação em detalhe da teoria pustejevskiana, pois redundaria impraticável, dadas a sua extensão e complexidade. Indicamos, entre outros, para um apanhado mais detalhado do tema, o estudo sobre a discussão entre léxico atomístico

e léxico gerativo de Brauner (2003), a análise de todo um corpo de críticas à Teoria do Léxico Gerativo, da já citada tese de Chishman (2000), o minucioso estudo sobre a teoria fodoriana contraposta à noção de *meaning postulates*, que se encontra na tese do britânico Horsey (2006), bem como o estudo de Pulnan (2005), em que apresenta uma síntese do debate das teses contra e a favor da *decomposição lexical*. Um estudo comparativo de tais análise demandaria uma tese à parte, porém citamos tal contraposição entre o atomismo e o decomposicionalismo (que tem como uma de suas vertentes o léxico gerativo), pois visamos situar a GDF entre estas duas possíveis interpretações<sup>54</sup> de que como o léxico é concebido nas mais importantes teorias que o incorporam como parte de sua representação.

Mais de uma vez mencionamos que a GDF revoluciona o funcionalismo holandês, entre outros motivos, por negar a decomposição lexical de Dik (1978, 1997a, b). Nossa crítica à GDF vai no sentido de que, em Hengeveld e Mackenzie (2008), no entanto, não existe uma clara definição do que seja o léxico. Dessume-se do texto que os lexemas sejam atomísticos, pois não apresentam definição semântica nem mesmo é mencionado que alguns fenômenos sintáticos podem estar vinculados a uma possível *meaning definition* em si. Por outro lado, no modelo, não há menção a como se representa o conhecimento semântico-lexical do tipo *bachelor = unmarried man*.

Marconi (1997, p. 13-56) debate longamente o clássico exemplo de Carnap, em que o problema da analiticidade é, em princípio, resolvido mediante *meaning postulates* do tipo *para todo x (bachelor (x)) está contido em (~ married (x))*. Marconi analisa que, mesmo que não seja ponto pacífico impróprio o uso dos postulados de sentido, dada a discussão de Quine, faz parte do conhecimento inferencial de todo falante o acarretamento que o *meaning postulate* que citamos acima evidencia. Onde, na visão atomística, tal conhecimento fazer parte da capacidade inferencial geral do falante, e não da representação teórica dos itens lexicais. Parece que a GDF retira dos lexemas sua definições ou postulados de sentido, mas não explica em que medida os itens do léxico se relacionam inferencialmente.

---

<sup>53</sup> ASHER, Nicholas; LASCARIDES, Alex. *Logics of Conversation*. Studies in Natural Language Processing. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

A visão atomística dos itens lexicais da GDF, como já apontamos algumas vezes, terá de situar todos os processos de derivação deste tipo em algum outro espaço da representação gramatical, uma vez que não se pode derivar lexemas a partir de lexemas mais primários, como é o caso da GF. No tocante a este aspecto, cabe salientarmos que a distinção fundo lexical / léxico da GF é muito útil para derivar formas que são diferentes entre si apenas devido a terem categorias diversas. Em GDF, os processos derivacionais estarão situados no Nível Morfossintático, o que novamente corrobora que não há processos que derivam lexemas de lexemas. Porém, a certa altura, é mencionado que processos derivacionais que impliquem derivação semântica serão tratados no *lexicon*:

Such derivational processes, with a semantic import that goes beyond the adaptation of a lexeme to a slot, will be dealt with in the *lexicon*, as a process of extending the set of primitives, and not in the grammar, as a process of preparing lexemes for morphosyntax. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 230)

Entendemos como incongruente esta menção dos autores, pois não é citada em nenhum momento da teoria a existência de um *lexicon*, e muito menos que este albergue processos de extensão do conjunto de primitivos. No modelo, define-se *lexema* como primitivo, mas não se refere que este tipo de primitivo esteja situado num *lexicon*, e muito menos que este *lexicon* disponha de regras de formação lexical.

Surpreendentemente, no capítulo em que os referidos autores discorrem sobre o Nível Fonológico, novamente é mencionada a noção de *lexicon*, que estaria fazendo parte da teoria:

The formation of the past form of a verb will be dependent upon a distinction indicated in the **lexicon** between regular and irregular verbs. In the **lexicon**, a regular verb has only one phonological form; an irregular verb has several. Thus the lexical verb sing is in effect shorthand for the options {/siŋg/, /sæŋg /, /suŋg/} plus a statement of the conditions for the use of each. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 448) [grifamos]

Em mais quatro momentos do texto, mencionam-se as seguintes noções relativas à semântica lexical e ao léxico:

---

<sup>54</sup> Marconi (1997), no seu *Lexical Competence*, discorre longamente sobre as possibilidades atomística, molecularista e holística de interpretação do léxico, porém, para fins de simplificação da análise, estaremos neste capítulo opondo tão somente atomismo e decomposicionalismo.

<i>léxico</i>	<p>2.3.3 Modifiers          Moves can be modified lexically, i.e. by elements from the <b>lexicon</b> that specify the Move's role in the ongoing discourse. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 58)</p>
	<p>(iii) each head can be further modified by one or more modifiers again either drawn from the <b>lexicon</b>, or internally complex... (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 48)</p>
<i>semântica lexical</i>	<p>(ii) The term 'semantics' is restricted to the <b>meanings of lexical units (lexical semantics)</b> and complex units (compositional semantics) in isolation from the ways these are used in communication. The use that is made of linguistic units is dealt with at the Interpersonal Level, in terms of Discourse Acts and Subacts that specify the functions of linguistic units. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 129)</p>
<i>conteúdo semântico</i>	<p>Although many proper names are historically derived from <b>semantic material</b> (e.g. Baker, Dances with Wolves, Le Havre), they have no <b>semantic content</b> and as such they will be assigned to the Interpersonal rather than the Representational Level. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 117)</p>

QUADRO: Termos Semântico-Lexicais em GDF

Entretanto, *semântica lexical*, *conteúdo semântico*, *significados das unidades lexicais*, da mesma forma que o conceito de *léxico*, são noções citadas nestas únicas ocasiões e não são propriamente definidas na teoria, sendo que todas, no que toca a uma possível definição, correspondem, até onde pudemos observar, ao conceito de classes e subclasses semânticas.

Assim, da leitura que fizemos da teoria, abstraímos que lhe carece um posicionamento mais claro e detalhado acerca da sua visão do *léxico*, pois há ambiguidades que possibilitam mais de uma interpretação do que seja este posicionamento possível, que é presumido, mas não evidenciado propriamente.

Se a visão estritamente atomística for a defendida, há os seguintes problemas a serem tratados:

- a) Os acarretamentos que os itens lexicais promovem (conhecimento semântico do falante) serão entendidos como pertencentes a sistemas inferenciais (talvez situados no Nível Representacional), como fazem as demais teorias atomísticas?
- b) Se o léxico atomístico é enumerativo, como explicar os fenômenos de polissemia? Poder-se-ia argumentar, simplesmente, que, se há uma diferença semântica o adjetivo *fast* de *fast car* e de *fast typist*, bastaria listar-se nos primitivos da GDF dois lexemas diferentes *fast*<sub>1</sub> e *fast*<sub>2</sub> no rol dos primitivos lexemáticos. Porém, estaríamos perdendo com isso uma importante distinção semântica, que há entre polissemia e homonímia, pois *fast* (jejum) seria apenas um *fast*<sub>3</sub> (pensemos nos polissêmicos *perturbado*<sub>1</sub> (agitado) e *perturbado*<sub>2</sub> (iterativamente inquieto) e postos no mesmo patamar de *perturbado*<sub>3</sub> (maluco). Lembremos que, se se preferir uma organização do tipo *perturbado*<sub>1a</sub>, *perturbado*<sub>1b</sub> e *perturbado*<sub>2</sub>, à la Mel'čuk, para salvaguardar a distinção polissemia/homonímia, já não se estará sendo estritamente atomístico, pois o léxico terá inequivocamente uma estrutura de derivação polissêmica inerente.
- c) Se o léxico é atomístico (não decomponível e não gerativo), o que equivale a dizer “sem definições semânticas para os lexemas”, como explicar que os fatores semânticos que motivam alternâncias sintáticas nos adjetivos do português (e com certeza naqueles de outras línguas neolatinas), são capturáveis na decomposição lexical (definição semântica) de tais formas?

Para fechar nossa discussão, vejamos, na próxima subseção, em vista destes problemas elencados, argumentos a favor da necessidade de uma representação semântico-lexical para o modelo da GDF.

### 6.3. Por uma Representação Semântico-Lexical

Acreditamos que os três problemas elencados no final da última subseção são resolvidos se assumirmos que os lexemas na GDF podem ostentar alguma espécie de dispositivo decomposicional, seja este definitório, postulado de sentido, ou alguma outra forma de metalinguagem que venha a ser escolhida.

O primeiro problema listado prende-se a uma difícil questão para um modelo funcionalista: o conhecimento do falante. Muitas vezes, fala-se na teoria da GDF que o falante tem intenções, e o esquema modelar de Levelt (1989) serve para dar conta, no nosso entender, apenas de parte da adequação psicológica tida como fundamental na teoria discursivo-funcional. A teoria dikiana da GF focalizou a adequação tipológica, analisando um número surpreendente de línguas morfologicamente muito diferenciadas entre si. A GDF herdou esta habilidade e também se pauta por apresentar estudos tipologicamente ricos. Mas tencionou ir além, na direção da adequação pragmática. E a organização *top-down*, como demonstram Hengeveld e Mackenzie (2008), na sua vasta obra, fundamenta a sua teoria de uma forma singular, pois, a partir do desenvolvimento de tal noção e de tudo o que implica, nunca o funcionalismo holandês foi tão funcionalista. Nossa crítica diz respeito ao terceiro *standard*: a adequação psicológica. A semântica lexical, e sobretudo este primeiro problema que elencamos, pressupõe que a representação do conhecimento inferencial e lexical do falante requer muito mais do que a representação de Levelt (1989) ou as categorias semântico-ontológicas de Lyons (1977) são capazes. Talvez a investigação semântica da filosofia da mente e da psicologia ultrapassem ou se desviem da meta de uma teoria funcionalista, mas, então, por que deveríamos pressupor uma adequação psicológica para tal modelo? Acreditamos que a semântica das inferências e mesmo da referência apresentam muitos fenômenos que não são da alçada da adequação psicológica da GDF. Levar a cabo a adequação psicológica de forma mais veemente talvez implique demonstrar de que forma o Componente Conceitual se relaciona com o léxico e com a semântica na GDF. Este não dinamismo entre o Componente Gramatical e o Conceitual é bem expresso na crítica de

García Velasco (2011b) de que existe um paradoxo na GDF, na medida em que se supõe um modelo dinâmico, porém é muito fixa<sup>55</sup>:

A GDF integra-se numa teoria da interação verbal. Paradoxo: esta teoria é necessariamente dinâmica. A gramática na GDF é estática. A introdução de neologismos demonstra que, ao menos, a relação com os componentes adjacentes há de ser dinâmica.

O segundo problema diz respeito à qualidade enumerativa (ou gerativa) do léxico. Aqui devemos novamente trazer à discussão a noção de polissemia, pois é muito difícil levar a cabo uma pesquisa que determine com exatidão quais adjetivos são avaliativos, ou não, em português, por exemplo. E acreditamos que a polissemia explicaria de forma mais simples tais generalizações. Mais uma vez, repitamos que a polissemia pressupõe um léxico não atomístico e a presença de definições (representações semântico-lexicais, em termos teóricos).

Pensemos nos seguintes exemplos do *corpus* da pesquisa, para os quais encontramos uma ocorrência de designação EVAL, em termos da notação de Hengeveld e Mackenzie (2008), mas que correspondem, minimamente, a duas definições lexicográficas diversas (HOUAISS, 2009), ou seja, de tipos designativos (novamente nos termos de Hengeveld e Mackenzie (2008)) distintos: dimensão (convencionemos como DIMS) e EVAL.

*Grande*: <Um retrato da solidão e ao mesmo tempo um **grande**<sup>EVAL</sup> filme sobre a esperança.>  
 DIMS: cujas dimensões são maiores que o normal  
 EVAL: de qualidade superior; excelente; magnífico, soberbo

*Magnífico*: <Os cenários são **magníficos**<sup>EVAL</sup>>  
 DIMS: que ostenta largueza, fartura  
 EVAL: extremamente bom e belo; formidável

*Grandioso*: <Consciências Mortas é um **grandioso**<sup>EVAL</sup> exemplar dos gêneros *western*/drama.>  
 DIMS: muito grande; gigantesco  
 EVAL: magnífico, suntuoso, faustoso

*Elevado*: <valores mais **elevados**<sup>EVAL</sup>>  
 DIMS: que se eleva ou elevou  
 EVAL: que transcende; superior, sublime

---

<sup>55</sup> Tradução nossa do original espanhol:

“La GDF se integra en una teoría de la interacción verbal. Paradoja: Esa teoría es necesariamente dinámica. La gramática en la GDF es estática. La introducción de neologismos demuestra que, al menos, la relación con los componentes adyacentes ha de ser dinámica.”

*Sublime*: <E assim, desfazendo o **sublime**<sup>EVAL</sup> símbolo da bela alma>  
 DIMS: que em relação a outros está em posição superior  
 EVAL: superlativamente belo

Em relação a esta noção de subclasse designativa, poderíamos tecer a seguinte crítica: como definir uma classe avaliativa se são variáveis entre as línguas, e mesmo dentro de uma só língua, as possibilidades de adjetivos que ocupem tal subclasse? É justamente devido a este fato que os discursivo-funcionalistas argumentariam a favor da posição da GDF: melhor não ter lexemas que tragam definições que digam que aqueles pertencem a esta ou essa classe, pois não é previsível a sua aplicação linguística. Da mesma forma que se separaram os lexemas de suas *frames* sintático-semânticas, é preferível diferenciar de um lado os lexemas e de outro as classes e subclasses semânticas, que pertencem ao Nível Representacional, que são motivadas ontologicamente e figuram na derivação linguística antes mesmo da inserção dos lexemas, que vão ser selecionados não a partir de suas *meaning definitions*, mas das necessidades de uma dada (sub-)classe semântica. Ou seja, sendo a necessidade designativa EVAL, escolha-se um lexema qualquer que se coadune com este fator.

No nosso entender, tal visão enumerativa do léxico geraria o seguinte incômodo: será que todos os lexemas poderiam ser testados para uma dada subclasse, por exemplo, a designativa? Tal fato não geraria o mesmo problema que as teorias semânticas holísticas (nos termos de Marconi (1997, p. 46-55)) têm de enfrentar? Ademais disso, estaríamos perdendo importantes generalizações semântico-lexicais, como, por exemplo, as listadas nos últimos exemplos acima. Em português (e possivelmente translíngüisticamente, deveríamos pesquisar tal ponto), existe um paralelo entre as subclasses semânticas adjetivais. O exemplo que elencamos é a relação semântico-lexical entre as subclasses de dimensão (DIMS) e de avaliação (EVAL): as descrições lexicográficas anexadas aos exemplos são prova de que é recursivo o uso dos adjetivos de dimensão para necessidades designativas do tipo avaliação. Este é um processo tão assíduo em inglês e português, por exemplo, que se traduz até mesmo em processos de lexicalização, entendida aqui como o caso extremo da extensão de sentido (polissemia): os usos avaliativos de adjetivos tais como *magnificente* e *magnífico* sincronicamente excedem em muito os usos do seu sentido dimensional. Inclusive, o equivalente inglês de *grande* em seu sentido avaliativo é *great*, que não tem (mais) sentido

dimensional sincronicamente. O adjetivo *great* assume o sentido de *grande* apenas nos casos de modificação de nomes abstratos (*great difficulty*) – quando aplicado a nomes concretos, a leitura avaliativa é inequívoca, sendo vetada a leitura dimensional (exemplo: *a great car*). Porém, sem dúvida tal adjetivo advém historicamente da palavra do germânico comum que designava *grande, de grandes proporções ou dimensões*, corroborada no cotejo com seus cognatos alemão (*groß*) e neerlandês (*groot*).

Ora, não seria mero acaso que as expressões dimensionais tivessem, em sua maioria, sempre a possibilidade da extensão de sentido para o valor semântico de avaliação. Porém, supor subclasses semânticas “anteriores” aos lexemas atomísticos não retira a possibilidade de uma evidência das generalizações polissêmicas entre os itens lexicais. Em outros termos, entendemos que as classes semânticas “não estão simplesmente lá”, à espera dos lexemas possíveis de expressá-las. Acreditamos, antes, que é no próprio jogo entre os lexemas que se evidencia que certas classes semânticas podem estar em inter-relação. É no processo histórico que formou as línguas que os lexemas designando classes semânticas distintas foram aproximando-se, afastando-se. A orientação *top-down* talvez não capte o universo dos sentidos lexicais, justamente por antepor as possibilidades de classes e subclasses semânticas antes dos lexemas. Não é demais nos lembrarmos que só sabemos que em inglês há uma subclasse EVAL porque existem os lexemas avaliativos.

O adjetivo *belo* do português advém do *bellus* (belo) latino, que, por sua vez, advém do *bonellus* (bonzinho) do latim arcaico, derivado de *bonus* (bom). Em espanhol e português, temos um outro adjetivo EVAL que é *bonito*, que advém de *bon* + *ito* (bonzinho). Não é acidental que dois processos de formação de adjetivos EVAL estéticos (*belo* e *bonito*) advenham historicamente de adjetivos EVAL éticos (por historicamente advirem da noção de *correção, adequação a princípios*) (*bom* e *bonus*) mediante o mesmo processo morfológico (aplicação dos sufixos derivacionais ligados às noções de grau e avaliação (*ello* e *ito*)). Ambos os casos são processos de formação lexical a partir da polissemia do adjetivos-base idênticos, apesar de estarem situados em línguas distintas (*latim* e *neolatinas*). As pesquisas de Dixon (2004) apontam que, se uma língua tem um número mínimo de adjetivos avaliativos, estes são *bom* e *ruim*. Ou seja, a pesquisa tipológica corrobora a pesquisa teórica quanto aos processos de formação lexical, a categoria ontológica de avaliação estética pode muito bem estar

ausente numa língua e parece que, quando está presente, seus itens lexicais são sempre derivados de itens típicos de outras classes semânticas básicas (*bom, grande, etc.*). Entendemos que uma dada classe ou subclasse ontológica pode inclusive não ter representação semântico-lexical numa determinada língua. Fato este que não impede que os itens lexicais desta língua passem a desempenhar outros papéis (outros valores semânticos) quando novas classes ontológicas do mundo extralinguístico estiverem ativas e demandarem novos lexemas para novos conceitos. Entretanto, será a criação lexical mediante os processos de extensão de sentido que conferirão novos lexemas, e não o contrário: novas (sub)classes que selecionem lexemas quaisquer. É a lógica (polissêmica) interna aos lexemas que derivará novos lexemas, mas sempre segundo certos parâmetros. Não se criarão adjetivos estéticos a partir de adjetivos de velocidade. Há uma coerência, traduzida em generalizações (que acreditamos ser mesmo translinguística) entre certos tipos de subclasse semântica de adjetivos e outros.

Hengeveld e Mackenzie não negam o fato de que a motivação do ordenamento sintático dos adjetivos (ingleses, no caso) se deve a *fatores semânticos*, no próprio dizer dos autores. E também não negam que tais fatores são da ordem da semântica lexical, pois os explicam em termos de subclasses semântico-ontológicas. Contudo, conforme analisamos acima, em relação aos adjetivos centrais e flexíveis, em que há algum tipo de perspectivização ou ênfase, pensamos que se torna difícil delimitar uma categoria semântico-ontológica. A motivação aqui parece ser de fundo pragmático, dada a própria noção de *ênfase*, porém o enfoque em si que um dado adjetivo assumirá depende da sua semântica interna e variará de exemplo a exemplo. Um caso analisado por Teixeira (2001, p. 06), semanticista português, é o de “alto mar” em que “alto” assume o sentido de *profundo*, que é quase antônimo ao seu sentido neutro. Houaiss (2009) define esta possibilidade semântica de *alto* como “afastado da costa”. A posposição do adjetivo em “mar alto” pode gerar uma ambiguidade entre “mar profundo” e “mar que se eleva alto” (por exemplo, numa tempestade), mas “alto mar” será inequivocamente um “mar profundo, distante da costa”. A posposição (colocação canônica) deixa margens à dupla interpretação, como vemos na primeira acepção de Houaiss (2009) para *alto*, “de grande dimensão vertical”, que, por óbvio, pode ser tanto vertical para cima quanto vertical para baixo. Já a anteposição realça a perspectivização e afasta-se de um sentido possivelmente neutro como o da segunda acepção de Houaiss (2009) para *alto*:

“consideravelmente acima do solo”, rumando para as possíveis leituras polissêmicas, que só serão determinadas pontualmente, conforme o contexto linguístico, em outras palavras, conforme o nome a que o adjetivo se adjunge, como explicita de forma tão minuciosa o tratamento gerativo da polissemia de Pustejovsky (1995).

Para este quadro dos adjetivos centrais, que fator semântico poderíamos pensar que pudesse ocupar o superíndice da representação da GDF? Ênfase é uma noção muito vaga e não constitui uma subclasse semântico-lógica, e os superíndices parecem apenas aceitar subclasses semântico-lógicas. Nosso entendimento é que dispensaríamos os superíndices caso o léxico fosse estruturado de forma a conter lexemas que variam seus sentidos conforme as necessidades contextuais, mediante a sua inerente capacidade polissêmica. Porém, o fato de que *belo* e *bonito* (subclasse avaliativo-estética) podem metamorfosear-se em *grande* (subclasse de dimensão), *grande* e *magnificante* (subclasse de dimensão) em *belo* e *alto* e *baixo* (subclasse de altura) em *profundo* e em *raso* (subclasse de profundidade), respectivamente, indica que há regularidades polissêmicas entre as classes semânticas que um dado modelo deve captar na sua teorização.

Este constitui o cerne do nosso argumento contrário à visão atomística dos lexemas da GDF, pois é inegável que, para certos casos, um determinado sentido possível para o adjetivo na anteposição, como *certa* “determinada” (às vezes, até mesmo, “indeterminada”) (contraposta a “correta”), não pode se verificar na posposição. Tal fato acarreta que os sentidos dos adjetivos estão em distribuição complementar em relação às posições destes mesmos adjetivos. Afirmar que se trata de uma mesma forma que terá a determinação de sua semântica em outro lugar que não o léxico, ou seja, *a posteriori*, no curso da derivação representacional, ou, na pior das hipóteses, apenas numa pragmática pós-linguística não parece ter guarida frente ao fato de as posições sintáticas serem inequívocas. Em suma, lexema, léxico e classe semântica possuem estrutura interna, e a prova disso são as generalizações vistas nestes últimos exemplos e na discussão da tese como um todo.

O terceiro problema elencado diz respeito à possibilidade da existência ou não de definições semânticas para os itens lexicais no modelo da GDF. Começamos nossa discussão lembrando que, no período entre a publicação do estudo de Dik (1997a, b) e Hengeveld e

Mackenzie (2008), que alhures chamamos informalmente período entre a GF e a GDF (na verdade, esta é só uma divisão didática, pois a GF continua a ser estudada), houve publicações que formularam/sugeriram que os lexemas da GDF portassem uma definição semântica, como o já citado estudo de Hengeveld e García Velasco (2002). A aproximação destes foi com o modelo jackendoffiano, como analisamos alhures. Porém, estes não foram os únicos a conceber uma definição lexical na GDF. Keizer (2008), no estudo *English prepositions in functional discourse grammar*, ao argumentar em favor de considerar-se as preposições como elementos lexicais, pondera que estas devem estar listadas no léxico, acompanhadas de uma definição semântica, como podemos ver no seguinte excerto de seu texto: “prepositions are lexical elements; they are predicates sorted in the lexicon”. Note-se que a publicação deste estudo é de 2008, porém seu conteúdo é referente a uma apresentação na 1ª Conferência Internacional em Gramática Funcional, realizada em Gijón, Espanha, em 2004, conforme Pezatti e Camacho (2010, p. 97). Ou seja, quatro antes da publicação do texto de Hengeveld e Mackenzie (2008), em que se obliteram possíveis menções a uma definição semântica para os lexemas.

Como diversas vezes anunciado, tendemos a acreditar que uma concepção de léxico próxima daquela encetada na fase intermediária recém-referida, que postula a existência de uma *meaning definition*, ou seja, de uma representação semântico-lexical, explica de forma mais direta e satisfatória o problema que abordamos nesta tese. Nosso argumento diz respeito aos adjetivos relacionais ou denominais.

Conforme observamos no Capítulo 5, os adjetivos denominais nem sempre são relacionais: exemplos como *francês* e *elétrico* apresentados no quadro final da análise podem ter leituras intersectivas (*pão francês; motor elétrico, mas não manual*). Por outro lado, adjetivos relacionais tendem a ser denominais e parafraseáveis em função do N de que derivam.

Então, cabe aqui a mesma pergunta que fizemos há pouco em relação aos adjetivos centrais, qual tipo de superíndice usaríamos em GDF para marcar as restrições sintáticas no caso dos adjetivos relacionais? Os adjetivos *mundial, comercial, estético, fantástico, humano, norte-americano, imaginário, necessário, religioso e famoso* não formam

nenhuma classe ou subclasse semântico-lógica passível de ser representada por um dado superíndice, prova de que não são somente as categorias e subcategorias semântico-lógicas as responsáveis pelas restrições de variação sintática adjetival conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 389) postulam. O que reúne todos estes adjetivos é que não podem ser antepostos ao núcleo nominal (restrição sintática) e são parafraseáveis (definíveis) em função do N de que derivam. Assim, argumentamos a favor de os lexemas ostentarem uma definição (*meaning definition*) ou representação semântico-lexical, que modelize a sua relação com os possíveis Ns. Acreditamos que, mesmo em GDF, seria possível o acréscimo deste tipo de informação lexical aos lexemas adjetivais e que não há impedimentos teóricos em ter-se a separação dos marcos de predicação em outro compartimento de primitivos (como foi feito), mantendo-se o diálogo com lexemas estruturados de forma a apresentarem definições e terem a possibilidade de uma variação interna ao componente lexical de acordo com as correspondentes variações polissêmicas dependendo não só dos marcos como também do próprio nome (contexto de variação) a que se adjungem os adjetivos.

#### **6.4. Síntese do Capítulo**

Neste capítulo da tese, procuramos comparar os fatores semânticos motivadores de interferências na sintaxe colocacional dos adjetivos do português elencados ao final do capítulo anterior com as razões propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008) para o referido problema. Para tal, partimos de um análise da proposta dos referidos autores, que se basearam em especificações de subclasses semântico-ontológicas para explicar a variação sintática em adjetivos ingleses e franceses. Tais subclasses são anotadas em superíndices nos lexemas adjetivais, quando de sua representação da inter-relação dos Níveis Representacional e Morfossintático.

Convergimos a nossa discussão no sentido de que tal representação não é suficiente para retratar o caso dos adjetivos portugueses, que, como vimos ao longo da tese, apresentam um comportamento sintático que sofre influência não só em função das subclasses semântico-ontológicas a que pertençam, mas também em virtude de fatores semânticos outros. Estes de ordem aspectual, de perspectivização (que pressupõe leituras polissêmicas), de modificação

de propriedades outras (também chamada de modificação de referência) e definicional (no caso dos adjetivos relacionais, que só mantêm a sua interpretação relacional, não “caindo” numa leitura intersectiva quando podem ser vinculados a uma definição que refira o N do qual derivam).

Assim, esperamos ter discorrido argumentos suficientes para propor que, em GDF, haja um componente lexical, cujos lexemas tenham uma representação semântico-lexical que contemple, minimamente, os seguintes fatores semânticos, pelo menos para a representação dos adjetivos portugueses:

<b>Representação Semântico-Lexical</b>	<b>Distribuição Sintática</b>
Definição Semântica (polissemia) Aspecto: contingente x permanente	Exclusivamente Predicativos
Definição Semântica (polissemia) Perspectivização	Centrais e Flexíveis
Definição Semântica (de/para N)	Exclusivamente Atributivos (Relacionais)
Definição Semântica Leitura intersectiva x relacional	Centrais não Pré-nominais (Denominais não Relacionais)
Definição Semântica Propriedade modificando propriedade	Exclusivamente Pré-nominais

Tendo apresentado os argumentos para a questão proposta na tese, passemos à conclusão, que se seguirá das referências bibliográficas.

## CONCLUSÃO

Nesta tese, visamos a apresentar uma análise da questão da representação semântico-lexical no âmbito do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, tomando como argumento o caso da distribuição sintática dos adjetivos do português brasileiro.

Partimos no Capítulo 1 de uma visão da arquitetura geral da teoria escolhida para estudo, que contou com a especificação dos vários elementos que compõem o modelo. Entre estes, estão os Componentes Gramatical, Contextual e Conceitual; os Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico; as operações de Formulação e Codificação, os primitivos Interpessoal-Representacionais, os primitivos morfossintáticos e os primitivos fonológicos.

O Capítulo 2 foi dedicado ao estudo de um dos tipos de primitivos Interpessoal-Representacionais: os lexemas, tema da nossa tese. Porém, para investigar o *status* que ocupam na GDF, recorreremos a um passeio histórico, para fins de comparação da noção de léxico da Gramática Funcional, de Dik (1997), e da Gramática Discursivo-Funcional (entre outros, HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as duas versões mais importantes da pesquisa do Funcionalismo Holandês. Buscamos observar quais críticas foram feitas ao modelo lexical dikiano e demonstramos que a passagem da Gramática Funcional para a Discursivo-Funcional, no que tange ao léxico, não se deu de forma estanque, mas passou por propostas intermediárias. A mudança mais notável foi a que levou os itens lexicais (decomposicionais) do modelo de Dik (chamados predicados e estruturados em um marco predicativo) a ganharem uma nova configuração na Gramática Discursivo-Funcional, a saber, a de lexemas (atômicos: não decomposicionais) não vinculados aos seus marcos (agora entendidos como marcos de predicação). Na sequência, sugerimos uma primeira crítica à noção de lexema não decomposicional, em função do fenômeno que tomamos como parâmetro de nossas análises: a sintaxe colocacional dos adjetivos portugueses e a sua possível motivação semântico-lexical.

Em função do argumento escolhido para a crítica à noção de lexema no modelo discursivo-funcionalista, no Capítulo 3, empreendemos uma revisão da literatura acerca da

sintaxe e da semântica adjetivais, a fim de termos os conceitos necessários para a análise dos dados do *corpus*, cuja recolha, organização e tratamento automático foram explanados no Capítulo 4.

No Capítulo 5, os dados do *corpus* foram analisados, tendo-se buscado detectar se há, de fato, fatores semânticos que influenciem as restrições colocacionais dos adjetivos em português brasileiro. Os fatores divisados são de natureza variada e vão desde subclasses semântico-ontológicas até as possíveis paráfrases definicionais, passando por perspectivizações e modificação de referência. Foi este passo da tese também o momento para debater se os dados estatísticos do Capítulo 4 bem representavam as classes semânticas estudadas no Capítulo 3.

Os fatores detectados no Capítulo 5 foram tomados como ponto para a discussão final, que se deu no Capítulo 6, quando, então, compararam-se os fatores semânticos detectados na pesquisa com aqueles elencados na teoria da Gramática Discursivo-Funcional. A conclusão a que chegamos é a de que o comportamento sintático dos adjetivos portugueses não é bem representado numa concepção de léxico enumerativo, em que os lexemas sejam unidades atomísticas (sem uma definição semântica) e não polissêmicas, sobretudo se o modelo ainda não contar com uma explicação para as inferências semântico-lexicais gerais. A teoria discursivo-funcional, ainda que não defina o conceito de *léxico* propriamente, parece conceber os lexemas da forma descrita. Nossos dados e análise são no sentido de que uma representação semântico-lexical que contemple os fatores semânticos delineados no Capítulo 5 é uma solução para o problema da colocação sintática dos adjetivos do português brasileiro. Neste sentido, acreditamos que a adequação psicológica tida como um dos *standards* de investigação científica da Gramática Discursivo-Funcional deva ser estendida de forma que venha a incluir também o conhecimento inferencial (sobretudo semântico-lexical) do falante.

Para além da relação sintaxe / semântica lexical, indicamos que outros trabalhos viriam a acrescentar à descrição das generalizações lexicais no modelo da Gramática Discursivo-Funcional, sobremaneira que venham a traduzir a relação léxico / morfofonologia, pois há muitas outras possíveis (e não analisadas) interfaces entre o léxico e fenômenos morfológicos tais como criação (derivação lexical), formação morfolexical (estrutura

poliléxica dos itens lexicais), etc., como os estudos léxico-morfológicos de cunho discursivo-funcionalista de García Velasco (2009a, b e 2011b).

## REFERÊNCIAS

ASHER, Nicholas; LASCARIDES, Alex. *Logics of Conversation*. Studies in Natural Language Processing. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

AUWERA, Johan van der; BRISARD, Frank. Kees Hengeveld e J. Lachlan Mackenzie. Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure. *Functions of Language*. 17:2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. pp. 266–275.

BARQUE, L. *Opérations Sémantiques sur une Base de Définitions Sens-Texte*. Mémoire de DEA. Paris: UFR de Linguistique, Paris 7, 2003.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BASILIO, Margarida. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucema, 2001.

BERTOLDI, Anderson; CHISHMAN, R. L. O. A Semântica dos Adjetivos e os Sistemas de Extração na Web. *Letras de Hoje*. v. 44. n.º 144. pp. 44-55. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

BASILIO, Margarida. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BIERWISH, M.; SCHREUDER, R. From Concepts to Lexical Items. In: LEVELT, W. J. *Lexical Access in Speech Production*. Oxford: Blackwell. 1992. pp. 23-60.

BISOL, Leda (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2. edição. Revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BLUTNER, Reinhard. Lexical Semantics and Pragmatics. *Linguistische Berichte, Sonderheft: Semantics*. v. 10. pp. 27-58. Ed. by Fritz Hamm and Thomas Ede Zimmermann. 2002.

BOËR, Steven E.; LYCAN, William G. A performatox in truth-conditional semantics. *Linguistics and Philosophy* 4.1. pp. 71–100. 1980.

BOLKESTEIN, A. M.; GROOT, C.; MACKENZIE, J. L. (Eds.) *Predicates and Terms in Functional*. Functional Grammar Series 2. Dordrecht: Foris Publications, 1985.

BORGES NETO, J. *Adjectivos. Predicados extensionais. Predicados intensionais*. Campinas: UNICAMP, 1991.

BOUILLON, Pierrette; VIEGAS, Evelyn. The Description of Adjectives for Natural Language Processing: Theoretical and Applied Perspectives. In BOUILLON, Pierrette; VIEGAS, Evelyn (eds.). *Atelier Thématique TALN 1999. Workshop on Description des Adjectifs pour les Traitements Informatiques*. Cargèse, Corse, France, 1999.

BRACHMAN, Ronald J.; LEVESQUE, Hector J. KRYPTON: Integrating Terminology and Assertion. *AAAI 1983*. 1983. pp. 31-35.

BRAGA, Claudia. (Org.) *Barbara Heliodora: Escritos sobre Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAUNER, Gustavo. *Sobre a Teoria Semântica Lexical: Fodor & Lepore X Pustejovsky*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Jorge Campos da Costa. 2003.

BRISCOE, Edward J.; COPESTAKE Ann.; BOGURAEV, Bran. Enjoy the Paper: Lexical Semantics via Lexicology. Proceedings of COLING '90. Helsinki, Finland, 1990. pp. 42-47.

BROUSSEAU, Anne-Marie; ROBERGE, Yves. *Syntaxe et Sémantique du Français*. Québec: Éditions Fides, 2000.

BÜHLER, K. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: G. Fischer, 1934.

BUTLER, C. S. *From Conceptualisation to Morphosyntax in a Cognitively Adequate FDG: the Role of Predication Frames*.

CAMACHO, Roberto Gomes. Funcionalismo Holandês: da Gramática Funcional à Gramática Funcional do Discurso. *Signótica*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Volume Especial. 2008. pp. 167-180.

COMPARINI, Ana Maria Paulino; GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. *O Estatuto Lexical das Preposições Ante e Após sob a Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. Seminário do GEL, 57., 2009. Ribeirão Preto: GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5444-09>>.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: Noções Básicas e Exercícios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto: 210.

CHISHMAN, R. L. O. *A Teoria do Léxico Gerativo: uma Análise Crítica*. Tese de Doutorado. PUCRS, 2000.

COMPARINI, Ana Maria Paulino; GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. O Estatuto Lexical das Preposições *Ante* e *Após* sob a Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. In: SEMINÁRIO DO GEL, 57. Ribeirão Preto (SP): GEL. 2009.

CROFT, W. Event structure in argument linking. *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Miriam Butt e Wilhelm Geuder (eds.). pp. 01-43. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1998.

CROFT, W. Functional approaches to grammar. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Neil J. Smelser e Paul B. Baltes (eds.). pp. 6323-30. Oxford: Elsevier Sciences, 2001.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DI FELIPPO, A. *Representação Linguístico-Computacional dos Adjetivos Valenciais do Português*. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2004. 108p. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística e Língua Portuguesa).

DIAS-DA-SILVA, B. C.; MOARES, H. R. A Construção de um Thesaurus Eletrônico para o Português do Brasil. In: *Alfa*. São Paulo, 47 (2): 101-115. 2003.

DIAS-DA-SILVA, B.C. A construção da base da Wordnet.Br: conquistas e desafios. In.: III Workshop em Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana. 2005.

DIK, Simon. C. *Coordination: its Implications for the Theory of General Linguistics*. Amsterdã: North-Holland, 1968.

DIK, S.C. *Stepwise Lexical Decomposition*. Lisse: The Peter de Ridder Press, 1978.

DIK, S.C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: the Structure of the Clause. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S.C. *The theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

DIXON, Robert M. W. Where have all the adjectives gone? DIXON, Robert M. W. *Where have all the adjectives gone? and other Essays in Semantics and Syntax*. Berlin; New York: Mouton, 1982.

DIXON, R. M. W. *A New approach to English Grammar, on Semantic Principles*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

DIXON, R. M. W. Adjective Classes. Chapter 1. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Orgs.) *Adjective Classes*. Oxford, England: Oxford University Press, 2004. pp. 1-75.

DÖLLIG, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. Verb Meaning: How Much Semantics is in the Lexicon? in *Interface and Interface Conditions*. Andreas Späth (ed.): Berlin-New York: Mouton de Gruyter. 2007. pp. 33-75.

ESCRIBANO, J. L. G.; GARCÍA VELASCO, D.; MIGUEL, F.; LÓPEZ, A. I. O.; WEGENER, C. G. *La Competencia Semántica de los Hablantes: Estudio de sus Estereotipos y de su Capacidad Referencial y Inferencial*. Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística. 2005. pp. 813-830.

EVANS, V. *Lexical Concepts, Cognitive Models and Meaning-Construction*. *Cognitive Linguistics*, v.17, n.4, p.491-534, 2006.

FABER, P.; MAIRAL USÓN, R. *Constructing a Lexicon of English Verbs*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

FILLMORE, C. *Frame Semantics*. In: The Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II: Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

FODOR, J. *Language of Thought*. New York: Crowell, 1975.

FODOR, J. Functional structure, quantifiers and meaning postulates. *LINGUISTIC INQUIRY*, 11, 4. 1980.

FODOR, J.; GARRETT, M.; WALKER, E.; PARKES, C. Against definitions. *Cognition* 8. 1980. pp. 263-367.

FODOR, J. *Concepts: Where Cognitive Science went wrong*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

FODOR, J. A.; LEPORE, E. *The Emptiness of the Lexicon: Reflections on James Pustejovsky's The Generative Lexicon*. *Linguistic Inquiry*, v.29, p. 269-288, 1998.

GARCÍA VELASCO, D. Lexical Competence and Functional Discourse Grammar. *Alfa: Revista de Linguística. Advances in Functional Discourse Grammar*. v. 51. São Paulo: UNESP, 2007.

GARCÍA VELASCO, D. Innovative Coinage: its Place in the Grammar. In Butler, C. and Martín Arista, J. (eds.) *Deconstructing Constructions*. Amsterdam: Benjamins, 2009a. pp. 3-24.

GARCÍA VELASCO, D. Conversion in English and its Implications for Functional Discourse Grammar. In: *Lingua*. 19. pp. 1.164-1.185. Special issue of on Semantic Representation in Functional Discourse Grammar. 2009b.

GARCÍA VELASCO, D. *On the Adequacy of Prototype Theory: a Spanish View*. Seminário (abstract). Universidade de Amsterdam, 2009c.

GARCÍA VELASCO, D. *Introducción a la Gramática Discursivo-Funcional*. Apresentação Oral. .Curso apresentado de 04 a 06 de abril por ocasião da Conferencia sobre los Estudios Descriptivos de la Lengua Española. (06 a 08 de abril de 2011). 2011a.

GARCÍA VELASCO, D. *Lingüistas y Milleuristas: sobre la Creación de Neologismos con los Sufijos -ismo/-ista en el Español*. Conferencia sobre los Estudios Descriptivos de la Lengua Española. Apresentação Oral. 06 a 08 de abril. 2011b.

GARCÍA VELASCO, D. The Causative / Inchoative Alternation in Functional Discourse Grammar. In Guerrero Medina, Pilar (ed.) *Morphosyntactic Alternations in English. Functional and Cognitive Perspectives*. London: Equinox (no prelo).

GARCÍA VELASCO, D.; HENGEVELD, K. Do we need predicate frames? In: MAIRAL USÓN, R.; PÉREZ QUINTERO, M. J. *New Perspectives on Argument Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. pp. 95-123.

GARCÍA VELASCO, D.; RIJKHOFF (Eds.). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

GEERAERTS, Dirk; GRONDELAERS, Stefan; BAKEMA, Peter. *The structure of lexical variation: Meaning, naming, and context*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1994.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of Lexical Semantics*. Oxford University Press, 2010.

GENOUVRIER, Emile. PEYTARD, Jean. *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Science*. 2003.

GOLDBERG, Adele E. Relationships between verbs and constructions. In VERSPOOR, M.; SWEETSER, E. (eds.). *Lexicon and Grammar in Cognitive Linguistics*. John Benjamins, 1998.

GOY, A. Lexical Semantics of Emotional Adjectives. In: Feist, S; Fix, S.; Hay, J.; Moore, J. (editors). *Linguistics in Cognitive Science: Proceedings of Student Conference in Linguistics 10*. MIT Working Papers in Linguistics 37. MIT Press. 2000.

GROSS, Gaston. *Les Expressions Figées en Français: Noms Composés et autres Locutions*. Collection L'essentiel Français. Paris: Ophrys, 1996.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In *The View from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. pp. 111–176.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirwood. *On Language and Linguistics*. Editores Jonathan J. Webster. 3<sup>o</sup> v. Série Collected Works of M.A.K. Halliday. Londres, Nova Iorque: Continuum, 2003.

HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. <http://www.etymonline.com>. 2011.

HELBIG, Gerhard; BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik: ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin, München, Wien, Zürich e New York: Langenscheidt, 2001.

HENGEVELD, K. *Layers and operators in Functional Grammar*. Journal of Linguistics. V. 25.1, 1989, p. 127-157.

HENGEVELD, K. Parts of Speech. In: FORTESCUE, M. et al. *Layered Structure and Reference in a Functional Perspective*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 1992a.

HENGEVELD, K. *Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony* (Functional Grammar Series 15). Berlin: Mouton de Gruyter, 1992b.

HENGEVELD, K. Adverbs in Functional Grammar. In WOTJAK, G. (org.) *Hacia una Lexicología Funcional*. Frankfurt: Peter Lang, 1997.

HENGEVELD, K. *The Architecture of a Functional Discourse Grammar*. Preliminary version. Department of Linguistics, University of Amsterdam, 2000.

HENGEVELD, K. The Architecture of Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE J. L. & GÓMEZ-GONZÁLEZ. M. A. (orgs.). *A New Architecture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004a.

HENGEVELD, K. The Epilogue. In: MACKENZIE J. L. & GÓMEZ-GONZÁLEZ. M. A. (orgs.). *A New Architecture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004b.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. In: BOOJ, G. et al. (orgs.). *Morphology – An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004c.

HENGEVELD, K. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C. de; HENGEVELD, K. (orgs.). *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar* (Functional Grammar Series 27). Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Interpersonal Functions, Representational Categories and Syntactic Templates in Functional Discourse Grammar. In: GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. & MACKENZIE, J. L. (orgs.). *Studies in Functional Discourse Grammar* (Linguistic Insights 26). Bern: Peter Lang, 2005. pp. 09-27.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: BROWN, K. (org.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd. Edition, v. 4. pp. 668-676. Oxford: Elsevier, 2006.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford University Press: 2008.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan, Gramática Discursivo-Funcional. In: Edson Rosa Francisco de Souza (ed.). *Gramática, Texto e Discurso: Diálogos Possíveis, Novas Perspectivas*. Tradução de Marize Mattos Dall'Aglio Hattner. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HENGEVELD, Kees; RIJKHOFF, Jan; SIEWIERSKA, Anna. *Parts of Speech Systems and Word Order*. *Journal of Linguistics* 40.3. 2004. pp. 527-570.

HENGEVELD, Kees; VALSTAR, M. *Parts of Speech Systems and Lexical Subclasses*. In: *Linguistics in Amsterdam* 3.1. 2010.

HENGEVELD, K.; VAN LIER, E. *Lexical and Complex Heads in Functional Discourse grammar*. In: *Studies in Language* 32:3. 2008. pp. 753-785.

HOLMES, Jasper. *Lexical Properties of English Verbs*. Ph.D. London: UCL, 2005.

HONSELAAR, Wim; KEIZER, Evelien. A Functional Discourse Grammar Account of Set Nouns in Dutch and its Implications for Lexicography. *International Journal of Lexicography*. n.º 22 (4). 2009. pp. 361-397.

HORSEY, Richard Samuel. *The Content and Acquisition of Lexical Concepts*. Tese de Doutorado. University College London. 2006.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUAISS, Antônio; AVERY, Catherine B. *Novo Dicionário Balsa das Línguas Inglesa e Portuguesa*. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts, 1975.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B., HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972. pp. 269-293.

ILARI, Rodolfo. GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JACKENDOFF, Ray. *Consciousness and the Computational Mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

KATZ, J. J.; POSTAL, P. *An integrated theory of linguistic description*. MIT Press, 1964.

KEIZER, E. The Lexical-Grammatical Dichotomy in Functional Discourse Grammar. Alfa: Revista de Linguística. *Advances in Functional Discourse Grammar*. v. 51. São Paulo: UNESP, 2007. pp. 35-56.

KEIZER, E. English Prepositions in Functional Discourse Grammar. In: *Functions of Language*. 15 (2). 2008. pp. 216-256.

KIM, Min-Joo. *Does Korean have adjectives?* MIT Working Papers in Linguistics 43, 71-89. 2002.

KROON, Karoline. Discourse Markers, Discourse Structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, John H.; VISMANS, Roel M.; BUTLER, Christopher S.; GATWARD, Richard A. (Eds.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. pp. 17-32. (Functional Grammar Series 18). Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la Vida Cotidiana*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v.1.

LARA, L. Z. *Da Descrição Lexicográfica: o Caso dos Adjetivos Estéticos no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

LAURENCE, S.; MARGOLIS, E. *Concepts and Cognitive Science*. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (Ed.). *Concepts*. Cambridge: MIT Press, 1999. pp. 03-81.

LEECH, G. *Semantics*. Harmondsworth: Penguin, 1974.

LEMMENS, M. *Lexical Perspectives on Transitivity and Ergativity: Causative Constructions in English*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins, 1998.

LEVELT, W. J. *Speaking: from Intention to Articulation*. Cambridge: MIT Press, 1989.

LEVIN, B. *English Verb Classes Alternations: a Preliminary Investigation*. University of Chicago Press. 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. *A Preliminary Analysis of Causative Verbs in English*. *Lingua*, v. 92, pp. 35-77. 1994.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LYNNE MURPHY. M. *Lexical Meaning*. Cambridge University Press, 2010.

LYONS, John. *Semantics*. Volumes 1 e 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

MAIRAL USÓN, Ricardo. *Reconsidering Lexical Representations in Functional Grammar*. 9<sup>th</sup> International Conference on Functional Grammar. 20-23 de setembro de 2000.

MACKENZIE, J. L.; GARCÍA VELASCO, D. Predicates and Predication: Updated Version. in BULCAEN, C.; BLOMMAERT J.; VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, J.-O. (eds.). *Handbook of Pragmatics Online*. Amsterdam: Benjamins, 2005.

MARBER, Patrick. *Closer* (First edition ed.). London: Methuen Drama, 1999.

MARCONI, D. *Lexical Competence*. Cambridge: MIT Press, 1997.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

MARTÍN MINGORANCE, Leocadio. *El Modelo Lexemáticofuncional*. Amalia Marín Rubiales (ed.). [Preface: Gerd Wotjak]. Granada: Editorial Universidad de Granada, 1998.

MAXWELL, Kerry G; CLANDFIELD, Lindsay. *Adjectives and Noun Modifiers in English*. <http://www.onestopenglish.com/grammar/grammar-reference/adjectives/adjectives-and-noun-modifiers-in-english-article/144843.article>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

MEL'ČUK, I. A. et al. *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain. Recherches Lexico-Sémantiques*. vol. I, II, III, IV. Montréal, Les Presses de l'Université de Montreal, 1984, 1988, 1992, 1999.

MEL'ČUK, Igor; CLAS, André; A; POLGUÈRE, Alain. *Introduction à la Lexicologie Explicative et Combinatoire*. Collection Champs Linguistiques / Universités Francophones. Louvain-la Neuve, Bélgica: Editions Duculot/AUPELF-UREF, 1995.

MICHALSKI, Yan. *Reflexões sobre o Teatro Brasileiro no Século XX*. Fernando Peixoto (Org.) Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

MODESTO, Ataxerxes Tiago Tácito. Abordagens Funcionalistas. *Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 03, n.º 04, 1º Semestre de 2006.

MUÑOZ, Carmen Portero. *English 'NOUN+NOUN' Sequences: their Place in Functional Discourse Grammar*. Web Papers in Functional Grammar. Universidad de Córdoba, Espanha. 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NIRENBURG S.; RASKIN V. *Ten Choices for Lexical Semantics*. New Mexico State University, Computing Research Laboratory, 1996.

NIRENBURG S.; RASKIN V. *Ontological Semantics*. Cambridge: The MIT Press, 2004.

OLBERTZ, Hella; HENGEVELD, Kees; SÁNCHEZ GARCÍA, Jesús. (Eds.) *The Structure of the Lexicon in Functional Grammar*. Studies in Language Companion. Series 43. 312 pp. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de Semântica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Revolta das Massas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

PERINI, Mário A. *Princípios de Linguística Descritiva: Introdução ao Pensamento Gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEZATTI, Erotilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. As Preposições *Sob* e *Sobre* da Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. In: SEMINÁRIO DO GEL, 57. Ribeirão Preto

(SP): GEL, 2009.

PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido*. Tradução de Fernando Py. (À la Recherche du Temps Perdu) II – O caminho de Guermantes (Le côté de Guermantes), Sodoma e Gomorra (Sodome et Gomorrhe). Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

PULMAN S. G. Lexical Decomposition: For and Against. TAIT, John I (Editor). *Charting a New Course: Natural Language Processing and Information Retrieval: Essays in Honour of Karen Sparck Jones*. Dordrecht, Kluwer Academic / Springer, 155-174. 2005.

PUSTEJOVSKY, J. The generative lexicon. *Computational Linguistics*. 17 (4), pp. 409–441. 1991.

PUSTEJOVSKI, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London, New York: Longman, 1994.

QUINE, W. Two Dogmas of Empiricism. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (eds.). *Concepts*. Cambridge: MIT Press, (1953) 1999. pp. 153-169.

RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RASKIN, V., and S. NIRENBURG. *Lexical Semantics of Adjectives: A Microtheory of Adjectival Meaning*. Memoranda in Computer and Cognitive Science MCCA-95-288. New Mexico State University: Computing Research Laboratory, 1995.

REY, G. *Concepts and Stereotypes*. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. (Ed.). *Concepts*. Cambridge: MIT Press, 1999. p. 177-187.

RIJKHOFF, Jan. *Parallels in NP-Clause Structure: Functional Categories*. Workshop on Clausal and Nominal Parallels. 20 e 21 de novembro. Aarhus University, 2009.

RIJKHOFF, Jan. Functional Categories in the Noun Phrase: on Jacks-of-all-trades and One-trick-ponies in Danish, Dutch and German. In: *Deutsche Sprache*. Vol. 2010, n.º 2. 2010. pp. 97-124.

RIO-TORTO, Graça. Para uma Gramática de Usos do Adjectivo. *Alfa*. 50 (2). Volume de homenagem a Maria Tereza Biderman. pp. 103-129. 2006.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

RUIZ DE MENDOZA, F. J.; MAIRAL, R. Levels of Semantic Representation: where Lexicon and Grammar Meet. *Interlingüística*, 17. 2007.

PERLMUTTER, David. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Proceedings of the annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 4. pp. 157-189. 1978.

PUSTEJOVSKY, J. *Semantics and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

PUSTEJOVSKY, J.; BOGURAEV, B. Introduction: Lexical Semantics in Context. *Journal of Semantics*. 12. pp. 1-14. 1995.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge. Massachusetts: The MIT Press, 1995.

RAPPAPORT, M.; LEVIN, B. What to Do with Theta-Roles?, in WILKINS W. (ed.) *Syntax and Semantics 21: Thematic Relations*. pp. 07-36. Nova Iorque: Academic Press, 1988 ()

SAGER, J. C. *Essays on Definition*. Amsterdã: John Benjamins Publicação Co., 2000.

SCHACK-RASMUSSEN, L. Semantic Functions in Perspective – Reconsidering Meaning Definitions. In: ENGBERG-PEDERSEN, E.; FALSTER JACOBSEN, L.; SCHACK-

RASMUSSEN, L. *Function and Expression in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994. pp. 41-63.

SILVA, Augusto Soares da. *A Linguística Cognitiva: uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Linguística*. Braga: Universidade Católica. [jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11\\_silva.html](http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/05-11_silva.html)

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, Significados e Conceitos: o Significado Lexical na Mente, na Cultura e na Sociedade. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*. n.º 41. Rio de Janeiro: 2010. pp. 27-53.

SINCLAIR, J. *The Empty Lexicon*. International Journal of Corpus Linguistics. v. 1. pp. 99-119. 1996.

SOUZA, Edson Rosa Francisco. A Noção de Discurso em Modelos Teóricos. *Signum: Estud. Ling.* Londrina. n.º 11/1. pp. 237-256. julho. 2008.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. Gramática Funcional: da Oração ao Discurso. *Domínios de Lingu@gem. Revista Eletrônica de Linguística*. Ano 2, n.º 1. 1º Semestre de 2008.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. *Gramaticalização dos Itens Linguísticos Assim, Já e Aí no Português Brasileiro: um Estudo sob a Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 260 páginas. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

TAYLOR, J. R. *On Running and Jogging*. Cognitive Linguistics, v.7. pp. 21-34. 1996.

TEIXEIRA, José de Souza. *A verbalização do espaço: modelos mentais de frente/trás*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2001.

TRAUGOTT. From propositional to textual and expressive meanings: some semanticpragmatic aspects of grammaticalization. In LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982, p. 245-271.

TRAUGOTT, E. & KÖNIG. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Benjamins, 1991.

VAN LIER, Eva. *Parts of Speech and Dependent Clauses. A Typological Study*. Dissertation. Series n.º 221. Utrecht. 2009.

VAN VALIN, Robert D., Jr.; LAPOLLA, Randy J. *Syntax: Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WEIGAND, Hans; HOPPENBROUWERS, Stijn. *The Dynamic Lexicon from a functional perspective*. Infolab, Tilburg University. 1997.

WIERZBICKA, Anna. *Semantic Primitives*. Frankfurt: Athenaeum, 1972.

WIERZBICKA, Anna. The semantics of English causative constructions in a universal-typological perspective. In: Michael Tomasello (ed.) *The New Psychology of Language: Cognitive and functional approaches to language structure*. pp. 113-153. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.